UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE

BRUNO FARIA ROHDE

A UMBANDA TEM FUNDAMENTO, E É PRECISO PREPARAR:
ABERTURA E MOVIMENTO NO UNIVERSO UMBANDISTA

Salvador
2010

Sistema de Bibliotecas da UFBA

Rohde, Bruno Faria.

A umbanda tem fundamento, e é preciso preparar : abertura e movimento no universo umbandista / Bruno Faria Rohde. - 2011.

154 f. : il.

Inclui apêndices.

Orientador: Prof. Dr. Renato José Amorim da Silveira.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador, 2010.

BRUNO FARIA ROHDE

A UMBANDA TEM FUNDAMENTO, E É PRECISO PREPARAR:
ABERTURA E MOVIMENTO NO UNIVERSO UMBANDISTA

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia.

Orientador: Prof. Dr. Renato José Amorim da Silveira

Salvador
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA & SOCIEDADE

BRUNO FARIA ROHDE

A umbanda tem fundamento, e é preciso preparar: abertura e movimento no universo umbandista

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Cultura e Sociedade, na Linha de Pesquisa Cultura e Identidade, em 03 de dezembro de 2010, foi aprovada pela comissão formada pelos professores:

Prof. Dr. Renato José Amorim da Silveira

Profa Dra Luciana Duccini

Prof. Dr Ordep Trindade Serra

Em oferenda à cigana Agnara

Em homenagem à Thsara Universalista de Umbanda Reino dos Ciganos

AGRADECIMENTOS

A Grande Mãe Natureza, que me faz vivo, aos sagrados orixás e entidades de umbanda, da esquerda e da direita, que abrem e guiam meus caminhos, em especial o exu Tranca-Ruas do Mato e o caboclo Tibiriçá;

A todos os membros, humanos e espirituais, da Thsara Universalista de Umbanda Reino dos Ciganos, em especial a cigana Agnara, o caboclo Ogum das Matas e a cabocla Pena Dourada, que abriram as portas de sua casa para minha convivência e pesquisa;

Aos meus ancestrais e minha primeira família, Norma, Rony e Ronise, por absolutamente tudo - vocês são o arco de minha flecha existencial;

A minha segunda família, Beatriz, João Batista e Imaruí, pelo acolhimento sem tamanho em suas vidas, e por possibilitarem e incentivarem meu estudo na Thsara;

A minha companheira Thayná, por ter apresentado tudo que me interessa, o amor e a fé, e por apoiar cada passo que tenho dado em minha caminhada;

A Renato da Silveira, pela amizade e pela inspiração e orientação intelectual livre e encantada;

Aos professores, colegas e funcionários do Pós-Cultura, que participaram, cada qual a sua maneira, deste processo coletivo de construção do conhecimento;

E a todos os irmãos-amigos que caminham junto comigo, e que ajudaram a expandir meus pensamentos, especialmente Matheus, Durval, Fernando, Leandro e Nilmar.

Salve! Espero que tenha conseguido, *chico*, esclarecer e lhe auxiliar no seu *trabajo*, que é um *trabajo* de muita luz, filho, de muita sabedoria, e o senhor vai ter um grande sucesso... Como diz? No início, o senhor vai ser olhado como os filhos diz na Terra, um ser extra-planetário. Mas não te importa! Uma vez perguntaram pra Agnara se ser extra-terrestre existia... E eu disse: "sim, eu sou *uno*", eu sou um ser espiritual, eu não tô materializado na Terra... Então é a mesma coisa, *chico*: se olharem pra o senhor como estranho, dá um sorriso, mas nunca deixa que seu trabalho não seja visto, que o senhor vai muito longe. O senhor vai muito mais longe do que o senhor imagina, pode ter certeza disto. Não tem importância que olhem pro senhor e achem que o senhor tá enlouquecido e que o que o senhor tá dizendo é bobagem. É bobagem praquele filho que não quer evoluir, é bobagem praquele filho que já tem uma idéia pré-concebida e que não quer abrir horizontes. Por que os filhos ainda têm a arrogância de sabedoria, são filhos que botam a arrogância acima do apreender, acima da sua própria sabedoria. Acham que aquilo que eles acreditam, só, é o verdadeiro. E todo caminho que leva o ser humano a mudar, a evoluir e a melhorar como ser vivente, é belo, não importa a fé que professe. É isto? Não esqueça nunca do que lhe disse essa cigana, tá *chico*?

Cigana Agnara, entrevista

ROHDE, Bruno Faria. *A umbanda tem fundamento, e é preciso preparar*: abertura e movimento no universo umbandista. 154 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

RESUMO

Esta pesquisa trata do processo histórico-cultural de constituição da umbanda, tendo como referência principal a perspectiva da Thsara Universalista de Umbanda Reino dos Ciganos, terreiro localizado em Santiago - RS. Alguns elementos, entendidos nesse contexto como os *fundamentos* da cosmovisão e da prática umbandista, são apresentados aqui numa problematização a respeito da demarcação discursiva hegemônica das *fronteiras* histórico-culturais da religião: o entendimento predominante entre adeptos e estudiosos de que a umbanda teria origem na iniciativa de um grupo de indivíduos de base ou inspiração kardecista, responsáveis pela organização e expansão da chamada *umbanda branca*, no Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX. Porém, esta demarcação exibe sua fragilidade quando contraposta ao modo pelo qual as pessoas e entidades da Thsara compreendem o processo de constituição da umbanda, já que os seus *fundamentos* básicos (espirituais/filosóficos e materiais/culturais) são anteriores ao movimento de organização, institucionalização e legitimação social da religião. O desenvolvimento da pesquisa teve início num levantamento bibliográfico de obras de autores umbandistas e estudos acadêmicos sobre a umbanda e sobre cultura, do qual derivou a formulação de hipóteses básicas. Depois, foi realizada uma viagem de campo para verificação e ajustamento das hipóteses, quando foram realizadas entrevistas com os responsáveis espirituais (as entidades cigana Agnara e caboclo Ogum das Matas) e materiais (a mãe-de-santo Beatriz e o cambono-chefe João Batista) pelos trabalhos da Thsara, além da coleta de documentos, anotações de campo, gravações em áudio e vídeo e fotografias. Por fim, a reflexão a partir das informações obtidas e da literatura acadêmica levou à formulação dos argumentos aqui apresentados. Os resultados deste estudo apontam para a necessidade de uma revisão dos critérios empregados na interpretação da história e das características culturais da umbanda por adeptos e acadêmicos, buscando a construção de um entendimento mais complexo e processual da constituição do universo umbandista.

Palavras-chave: umbanda; universo umbandista; fundamentos; processo de constituição.

ROHDE, Bruno Faria. *Umbanda has foundation, and preparation is needed***:** opening and movement in the umbanda universe. 154 f. 2010. Master Dissertation (in Cultura e Sociedade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

ABSTRACT

The present research deals with the historical and cultural formation of umbanda, using as its main reference the perspective from the Thsara Universalista de Umbanda Reino dos Ciganos, a terreiro located in Santiago - RS. Some elements, understood in this context as the foundation of the cosmovision and practice of umbanda, are presented here in a problematization concerning the hegemonic discourse demarcation of the historical and cultural borders of religion: the predominating understanding among followers and scholars that umbanda was originated in the initiative from a group of individuals with kardecist basis or inspiration, responsible for organizing and expanding the so-called *white umbanda* in Rio de Janeiro in the early decades of the twentieth century. However, this demarcation presents its fragility when opposed to the way in which Thsara people and entities understand the formation process of umbanda, since their basic foundation (spiritual / philosophical and material / cultural) are prior to the organization, institutionalization and social legitimation movement of the religion. The development of the research began with bibliography review of works by umbanda authors and scholarly studies about umbanda and culture, from which derived the formulation of basic hypotheses. Then, a field trip was conducted for verifying and adjusting the hypotheses, when interviews were performed with the responsible for the Thsara works, both spiritual (the gypsy entities Agnara and caboclo Ogum das Matas) and material (mother of saint Beatriz and cambono-in-chief João Batista), besides collecting documents, field notes, audio and video recordings and photographs. At last, the reflection from the obtained information and academic literature led to the formulation of the arguments presented here. The results of this study point to the need for a revision of the criteria adopted in the interpretation of the history and of the cultural characteristics of umbanda by followers and scholars, seeking to build a more complex and processual understanding of the constitution of the umbanda universe.

Keywords: umbanda; umbanda universe; foundations; formation process.

SUMÁRIO

1 DEFUMAÇÃO..... 8

1.1 VIVÊNCIA-REFLEXÃO-REGISTRO..... 21

2 A DEFINIÇÃO DAS FRONTEIRAS DISCURSIVAS DA UMBANDA..... 29

2.1 PRE-CON-TEXTO..... 29

2.2 O *MITO DE FUNDAÇÃO* E A *UMBANDA BRANCA*..... 35

2.3 INDÍCIOS DO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO UNIVERSO UMBANDISTA..... 49

3 O UNIVERSO UMBANDISTA NA PERSPECTIVA DA THSARA..... 56

3.1 PESSOAS E ENTIDADES NA CONSTITUIÇÃO DA THSARA UNIVERSALISTA DE UMBANDA REINO DOS CIGANOS..... 56

3.2 A ABERTURA AO PENSAMENTO CRÍTICO..... 67

3.3 BREVE RELATO DO CAMPO - FALA DA CABOCLA PENA DOURADA..... 75

3.4 A NOÇÃO DE *UNIVERSO UMBANDISTA*..... 79

4 REABERTURA..... 83

REFERÊNCIAS..... 86

APÊNDICES..... 91

1 - DEFUMAÇÃO

Corre ronda pai Ogum
Filhos quer se defumar
A umbanda tem fundamento
E é preciso preparar
Queima incenso e benjoim
Alecrim e alfazema
Ai defumai filhos de fé
Com as ervas da Jurema

Este é um *ponto cantado*[1] da primeira parte das sessões realizadas na Thsara Universalista de Umbanda Reino dos Ciganos[2], acompanhando a defumação com ervas dos *médiuns da casa* para sua limpeza espiritual e para que estejam preparados, afinizados, para o contato com as energias e entidades que serão invocadas durante o culto. Tal canto, dentro do rito propiciatório inicial, precede o início dos *trabalhos* com aquelas pessoas que vão a essa casa de umbanda pelos mais diversos motivos, nas mais diversas situações. As especificidades da utilização desse *ponto cantado,* porém, não são agora tão relevantes quanto duas frases que podem passar despercebidas ao olharmos para a cantiga/oração como um bloco funcional, mas que se tornaram – numa daquelas intuições que nos ocorrem no percurso de um estudo – a base e o caminho para grande parte das reflexões que farei ao longo deste trabalho: *a umbanda tem fundamento*, e *é preciso preparar*.

---

[1] Embora *ponto cantado* seja, especificamente, uma expressão de uso bastante disseminado, é necessário ter em conta que muitos dos elementos que compõem o universo umbandista, tanto em suas crenças quanto em suas práticas religiosas, têm nomes que variam de um lugar para outro, de uma casa para outra, até de uma pessoa para outra. Opto aqui por não elencar os muitos possíveis sinônimos para cada um deles, a não ser quando for necessário para esclarecer alguma questão, adotando neste texto a nomenclatura utilizada geralmente no contexto da Thsara Universalista de Umbanda Reino dos Ciganos. Isto porque estes nomes têm uma importância *relativa* na umbanda, ou seja, só têm importância fundamental em relação a cada contexto específico.

[2] Terreiro de umbanda localizado na cidade de Santiago - Rio Grande do Sul, minha casa, minha linhagem material e espiritual de umbanda, e que constitui o principal contexto de elaboração das reflexões que aqui apresento. É comandado no plano material pela mãe-de-santo Beatriz, e tem atualmente como cambono-chefe João Batista; ambos são os interlocutores humanos diretos neste trabalho. As duas entidades-chefe de trabalhos são a cigana Agnara e o caboclo Ogum das Matas, dos quais as entrevistas constituem os principais documentos da pesquisa. Adiante dou informações mais detalhadas a respeito da casa, com suas pessoas e entidades.

Fico especialmente emocionado quando ouço e *puxo* (canto) esse *ponto*, justamente por que essas duas frases me dizem muito, e inspiraram, direcionaram, muitas das minhas indagações sobre o que costumo chamar de *universo umbandista*. Por que essas duas afirmações, de que *a umbanda tem fundamento* e de que *é preciso preparar*, são, ao menos para mim, tão fortes, tão significativas? O que pode nos dizer sobre a umbanda a palavra *fundamento*, tão comumente utilizada no universo religioso de matriz afro-brasileira? E o que pode significar *preparar* a umbanda, algo que não é dispensável, mas *preciso*? Obviamente essas questões não serão respondidas como etapas a serem concluídas de modo a se alcançar um objetivo final arrematado; são apenas linhas-mestras, guias temporárias para caminhar no infinito... E essa constatação já faz parte do bom exercício metodológico de reconhecer e explicitar as muitas limitações, possibilidades, especificidades que caracterizam este estudo.

Normalmente, a primeira coisa esperada num trabalho sobre umbanda (ou qualquer assunto, qualquer objeto de estudo) é que se defina *o que é umbanda*, ou o que o autor entende por umbanda, para que se tome isso como referência na leitura, como pressuposto básico e como delimitação - no sentido pleno - da tarefa de pensamento. Ora, começarei este trabalho de um modo diferente, por que seus pressupostos e objetivos são diferentes e, para serem compreendidos, requerem um formato de apresentação específico. A definição de umbanda que ofereço neste trabalho (no sentido daquilo que entendo por umbanda) são as imagens mentais que dele podem fazer seus leitores - ela é apresentada ao longo de todos os textos, e de cada um, sob certos aspectos. Para ser sincero, em vez de *definir* a umbanda, me preocupo antes em a *desfinir*... Aqui, minha intenção de abalar certezas, injetar incertezas, abrir buracos, é evidente, como também precisa ser evidente a certeza das muitas chances que existem de que eu caia nos próprios buracos que abri – mas é só caindo que aprendemos a levantar, dizem.

Assim como acontece com alguns aspectos, por exemplo, da sociedade e da cultura brasileiras, diversas lógicas do universo umbandista, de suas esferas individual/psicológica e coletiva/sociológica/cultural/discursiva, já foram não só evidenciadas como também fartamente discutidas. Porém nenhuma dessas análises pode ser completa, acabada, dado o caráter absolutamente móvel do próprio universo observado, e vista a extrema dificuldade do pensamento acadêmico até hoje em considerar uma das esferas essenciais desse universo, que é a esfera espiritual, o astral – como chamam as entidades –, sem reduzi-la a um efeito de discurso, a uma teatralização, a um desvio psicológico, etc. Essas explicações que formulamos, em algum nível objetivas, surgem porque temos, no método científico que

conhecemos, necessidade de *definir* – no sentido de congelar, pôr fim ao fluxo – certas coisas em nossas formulações, constituindo com isso sempre uma redução frente ao infinito dinâmico da vida. É uma adequação do universo, da existência, à nossa capacidade cognitiva-intelectual, justamente o oposto do que é enunciado constantemente pelo discurso acadêmico. Entendo, por tudo isso, que devemos buscar definições o mais abertas possível do universo umbandista, mesmo que agudas e precisas em alguns pontos. Fórmulas mais de magia do que de aritmética, para explicar de uma das maneiras possíveis um universo que é de magia *e* matemática, de sonho *e* física, de espírito *e* matéria, de criatividade *e* estrutura, e assim por diante. E sempre com a consciência do limite inevitável dessa explicação.

Talvez soe demasiado *inseguro* tratar nestes termos um objeto de conhecimento no âmbito do fazer científico. Justo por isso tento demonstrar aqui por que fazer teoria por critérios outros que não os da *segurança* descritivo-conceitual, de uma *identidade* bem definida, da estabilidade forçada, parece-me mais adequado frente à *realidade* do fluxo do universo umbandista. Primeiro, penso que aquilo que mais importa na umbanda, e também que torna possível compreender esse universo de práticas e crenças espirituais-religiosas como uma *unidade múltipla* - o seu *fundamento espiritual* - reside não nas *diferenças* de manifestação, de expressão, do modo de fazer a espiritualidade, nem na sua identidade cultural formal estabelecida que embasa definições e recortes precisos, seguros, mas em noções e valores muito amplos que, em vez de isolar os tipos específicos de religiosidade, *dentro* ou *fora* do universo umbandista, aproxima-os todos salvaguardando suas liberdades de ser, suas singularidades. Há aspectos da existência em que a noção de *diferença*, de *distinção* como lógica de pensamento soberana apenas atrapalha nossos entendimentos, desviando nossas atenções para o que está na superfície. E segundo, o contato com entidades espirituais e energias sutis de diversas formas - das oferendas e pedidos à *incorporação* destas em médiuns -, que está na base da prática, da vivência umbandista, depende sempre de uma preparação específica, de certos procedimentos necessários para que se consiga tal contato, tal abertura de canal de comunicação e ação espiritual entre os seres humanos. Este conjunto de procedimentos é necessariamente mediado por referências culturais de cada contexto, ou seja, varia nos seus elementos e características de acordo com as necessidades e particularidades de cada grupo e indivíduo - mas sempre, em todos os contextos, *é preciso preparar* a umbanda.

Quando falo em *fundamentos* da umbanda, de modo algum quero definir os *verdadeiros* fundamentos, mas sim demonstrar como eu, enquanto umbandista, consigo compreender esses fundamentos, quais são eles; e esta não é uma compreensão isolada, uma criação pura e

simples de minha cabeça, ela é o resultado da vivência e percepção de um contexto particular – a Thsara Universalista de Umbanda Reino dos Ciganos –, é o reflexo de uma realidade onde pensar a umbanda nestes termos que penso não é um absurdo – bem pelo contrário, encontrei uma ampla concordância na verificação direta que fiz de minhas hipóteses, como é possível verificar nas transcrições das entrevistas que compõem os apêndices deste trabalho. Fundamentos, nesta perspectiva, são as bases sólidas e processualmente constituídas – numa metáfora arquitetônica –, tanto materiais/culturais como também espirituais/filosóficas, que caracterizam uma via espiritual-religiosa como a umbanda em sua complexidade e pluralidade. E fundamento também significa, em meu entendimento pessoal, a verdade, a beleza, a sinceridade, a objetividade de muitos aspectos que se manifestam nesse universo espiritual-religioso – nesse sentido, a umbanda é algo que *tem fundamento*, como costumamos dizer de algo que tem validade, e como está dito no ponto cantado que abre este trabalho de reflexão.

Portanto, existem os fundamentos culturais, a base material, as coisas de que se pode falar sobre, enfim, a ancestralidade dos códigos simbólicos, objetos de culto, práticas, etc., que caracterizam cada casa/linha de umbanda, que são fundamentais para cada lugar, para cada modo de fazer, como deixam claro as entidades e pessoas que entrevistei. E também existem os fundamentos filosófico-espirituais, as sabedorias, a cosmovisão básica, que é aquilo que esses mesmos interlocutores afirmam serem os fundamentos essenciais da umbanda quando perguntados a respeito – e que são coisas que podemos externar em uma fala, em um discurso, mas que só são compreendidas plenamente na vivência individual, no ser, no sentir e no agir de cada pessoa, aquém e além dos discursos. Trata-se, aqui, de uma visão aberta de fundamento, no sentido de compreender o movimento, a transformação, a fluidez, mas também a preservação relativa das noções centrais da cosmovisão e dos modos de fazer humanos, ou seja, de elementos das culturas pelos quais as pessoas prezam, inclusive por que, ao que parece, a tradição tem a propriedade de aumentar, expandir, plasmar a força, o fluxo vital, o axé dos modos de fazer a espiritualidade humana, de acordo com o que as entidades da terreira dizem.

Nesse entendimento, haveria então uma encruzilhada, entre muitas outras no universo umbandista, entre a *necessidade da cultura* e a *necessidade de superação/relativização da cultura*, no sentido da compreensão de que os fundamentos espirituais da religião estão para além das diferenças, das particularidades culturais. Isso não quer dizer, repito, que precisamos abrir mão dessas nossas particularidades, das maneiras de pensar e fazer a espiritualidade-

religiosidade, das vias culturais de manifestação do sentimento religioso. Bem pelo contrário, é justamente na manutenção, na conservação das características fundamentais de cada casa, de cada linha, de cada tradição, com relativa liberdade formal no fluxo dos acontecimentos, digamos assim, que se encontra a força vital – axé – dos indivíduos e grupos em sua relação com o universo espiritual. Não há contra-senso na manutenção da singularidade juntamente com a compreensão da liberdade e da dignidade das formas alheias de existir e pensar a existência, desde que se tenha como pressupostos sentimentos-noções como amor, abertura, movimento, liberdade, respeito. Palavras como essas, sem uma definição precisa, por não serem conceitos propriamente ditos, perdem um pouco sua validade quando evocadas num trabalho científico; porém, quando no âmbito da poesia, da imaginação, da fé, das coisas que fazem a espiritualidade, elas tornam-se centrais – é inevitável evocá-las e tratá-las com sutileza, pois se as deixamos de lado, provavelmente estamos tratando de ignorar consciente ou inconscientemente temas fundamentais de reflexão; por outro lado, se as tratarmos como quaisquer conceitos, com suas bordas definidas, com suas certezas e objetividades calculáveis, estaremos desconsiderando a principal característica delas: a vida – outra palavra infinita.

E que extraordinário esforço precisamos empenhar para nos referir à vida! Justamente por que ela corre por parâmetros que estão muito além de nossa capacidade de cognição e compreensão. Por maior que seja o empenho, sempre será parcial, no sentido talvez mais doloroso da palavra para aqueles que buscam o conhecimento; porém, exatamente na consciência dessa parcialidade talvez esteja a maior possibilidade de compreensão humana sobre sua humanidade e sobre o contexto vivo e infinito do qual faz parte. As certezas são fáceis de pensar, todos emitem julgamentos sobre elas, justamente por que nós mesmos as construímos; o desafio está em entendermos as incertezas, e entender não significa de forma alguma decodificá-las, mas sim aceitar seu fluxo, sua renovação constante, sua inexorabilidade, adequando nossos pensamentos e julgamentos a elas. Pensar o incerto com critérios de certeza absoluta não é lógico. E a vida é incerta, a humanidade é incerta, a umbanda é incerta – mesmo que nos permitam brincar com algumas certezas.

É como diz Teixeira Coelho (2008):

> Trabalhar com o que foge de si mesmo, com o que é fugaz e esquivo, é árduo e tende a ser uma operação posta de lado em meios intelectuais rígidos como costuma ser a universidade. E, claro, não é uma idéia nada oportuna para o ideólogo de partido que deve gerar chavões cuja finalidade primeira é ajudar seu grupo a conquistar o poder e, uma vez no poder, ali se perpetuar.

> Aprender a operar com o flexível, com o furtivo e o fugaz é essencial. Afinal, assim é nossa vida (COELHO, 2008, p. 15).

Um comentário de Antonio Risério (2007) a respeito da sociedade brasileira e das análises feitas sobre ela ilustra de bom modo minha perspectiva em relação às compreensões simplificadoras, redutoras, delimitadoras da umbanda que são apresentadas em grande parte do material científico, ao qual tive acesso, já produzido sobre a religião umbandista:

> [...] a sociedade brasileira é altamente contraditória. Não é "lógica", silogística, aristotélica. É complexa – e, se a sua complexidade não-cartesiana é inassimilável pela teoria acadêmica, pior para a teoria, não para o país. Este segue a sua vida, à espera de leituras mais centradas nele do que em si mesmas. Sejamos, portanto, menos acadêmicos e mais sensatos (RISÉRIO, 2007, p. 224-5).

Se substituirmos, no trecho acima, *sociedade brasileira* por *universo umbandista* e *país* por *umbanda*, teremos um bom resumo da inquietação principal de minha pesquisa. A umbanda é altamente complexa e contraditória, e por isso mesmo suas interpretações restritivas, guiadas apenas por métodos e conceitos previamente estabelecidos em cada disciplina, não assimilam essas contradições, as complexidades, os desvios, a maleabilidade e a abertura radicais, mesmo que muitas vezes apontem nessa direção, de modo meio hesitante[3]. E por isso penso que análises da umbanda *mais sensatas*, como sugere Risério, devem partir de uma inversão da polaridade *ciência/pressuposto → realidade observada*, para *realidade vivenciada/observada → ciência/conhecimento*. É neste sentido que considero fundamental uma revisão crítica sobre as definições e a história hegemônicas da umbanda.

É com o universo cotidiano das pessoas que vivem a umbanda que estou mais preocupado. Falo aqui de pessoas, e também de entidades que se manifestam no universo umbandista, ou seja, de vidas, de fluxos existenciais, e não de meros *discursos* produzidos quase que do nada e cheios de interesses sócio-políticos, embora eu observe, identifique, comente a especificidade das lógicas discursivas que realmente operam dentro desse universo religioso/espiritual na sua existência sócio-cultural. Ou seja, não se trata de negar que os discursos permeiam toda constituição da umbanda, mas sim de refletir sobre quais os papéis que eles cumprem nesse universo e também sobre os limites da utilização da noção de

---

[3] Evidente que a crítica que faço aqui é uma generalização, pois diz respeito a certas posturas teórico-metodológicas que estão presentes de modo desigual, ou não estão presentes, em cada trabalho específico. Então, a problematização que faço é sobre essas posturas, um tipo de abordagem e entendimento da umbanda que caracteriza muitos estudos que comentarei ao longo do texto, e não uma afronta a qualquer pesquisador. Até por que toda pesquisa, mesmo limitada (todas são) e que não assuma suas limitações (presumindo-se *explicação objetiva*), sempre é válida em certos aspectos.

discurso na interpretação da realidade umbandista em suas infinitas possibilidades de entendimento e vivência.

Óbvio que não podemos separar os circuitos sócio-discursivos maiores (a articulação identitária coletiva e as interpretações acadêmicas, que discuto aqui com ênfase) do ser e do fazer cotidiano umbandista e sua cosmovisão, pois eles são constitutivos um do outro. Mas justamente pelo fato de que religiões (ou quaisquer grupos sócio-culturais) não existem apenas a partir de seus enunciados, dos discursos que as permeiam e as tornam social e historicamente evidentes, mas sim, e principalmente, a partir da realidade complexa que suporta esses discursos, que não podemos ter um entendimento *sensato*, complexo da umbanda partindo apenas da análise academicamente restrita (ainda são poucos os trabalhos multi ou inter ou transdisciplinares sobre a umbanda) sobre processos discursivos e institucionalizantes específicos que a recortam de seu contexto e de seu fluxo e delimitam suas características, atores, estruturas.

Aliás, a noção de *cultura como estrutura* parece ser a que embasa as análises predominantes do universo umbandista, e até mesmo das religiões de matriz africana de um modo geral, em detrimento de uma noção de cultura como mediação para a *ação*, que comporta a atualização, a imprevisibilidade, a adequação dos sistemas simbólicos-religiosos à experiência e às necessidades específicas de cada ator (no sentido de quem *age*, não de quem *representa um texto*), local e momento, enfim, uma noção de cultura que comporte essas características evidentes do universo umbandista que chamo aqui de *abertura* e *movimento*. Cabem agora algumas considerações um pouco mais estendidas sobre essa questão, mesmo que o interesse não seja um debate exaustivo sobre este que é um tema muito amplo, abrangente, perpassando todas as assim chamadas ciências sociais e humanas. Para tanto, vamos partir de algumas considerações de Teixeira Coelho, no livro *A cultura e seu contrário* (2008), o qual apresenta uma excelente discussão a respeito dos significados e dos usos atribuídos historicamente à palavra *cultura*, evidenciando os limites epistemológicos e os perigos sócio-político-culturais que derivam "da passagem e da redução da *cultura como ação* à *cultura como estado*", operação de intelectuais e ideólogos que, segundo ele, acarreta nossas "tragédias culturais, existenciais, pessoais e coletivas" (COELHO, 2008, p.23):

> Procedendo por analogia ao redor de uma consideração de Nietzsche, a história, a crítica e a política cultural, em particular nas últimas décadas, têm-se contentado com conceitualizar a cultura a partir de sua dimensão exterior (das funções instrumentais imediatas que pode exercer, do papel que se lhe pode atribuir desde vários pontos de vista muito localizados) em lugar de vê-la e acioná-la ou estimulá-la, em todos seus recantos e componentes, a

> partir de suas contradições internas e próprias - o que quase significa dizer: *em lugar de vê-la como algo vivo* (COELHO, 2008, p.12).

Teixeira Coelho (2008) está preocupado com os *entendimentos normativos* da cultura, de qualquer cultura, que são produzidos e utilizados por ideólogos interessados na afirmação e na defesa de identidades específicas e também por intelectuais acadêmicos em suas análises, sempre aspirantes à *segurança* na definição de algum fenômeno social, o que é fundamental na carreira de um *especialista*. Ora, meu trabalho aqui é justamente demonstrar e questionar o modo pelo qual os ideólogos (para usar o termo de Coelho) e acadêmicos interessados na umbanda constroem, numa relação recursiva, a definição histórica e sócio-cultural-identitária relativamente estável e hegemônica que perpassa o entendimento de muitos adeptos (algo expresso, por exemplo, nos livros que embasam as principais correntes de pensamento umbandista e também nos meios de comunicação que veiculam informações e opiniões sobre a umbanda) e a grande maioria dos trabalhos científicos produzidos até agora sobre essa religião, mesmo que em todos os casos existam diferenças mais ou menos significativas de interpretação. Vejamos o que o próprio Coelho diz sobre os interessados na produção dos entendimentos da cultura como uma *imagem*, uma *fotografia*, uma *estrutura identificável e definível*:

> Quando me refiro aos ideólogos, penso nos defensores, de direita e esquerda (e no Brasil conhecemos as duas espécies ao longo do século 20, sobretudo em sua segunda metade), das teorias da identidade: a identidade pessoal, a identidade nacional, a identidade étnica, a identidade de sexo ou de gênero, a identidade cultural. Penso neles e em sua trágica defesa de uma identidade a ser encontrada, preservada, recuperada, elogiada e difundida como tal, como se fosse tal, *como se pudesse ser tal*. A "busca das raízes" foi uma operação que sempre cobrou seus tributos em sangue [...] (COELHO, 2008, p.15).

Mais adiante:

> E muitos dos estudos antropológicos, etnológicos e sociológicos frequentemente contribuem para essa tragédia ao proporem descrições culturais que se apresentam elas mesmas (explicitamente ou que como tais se propõem ou permitem serem consideradas) como programas de *reprodução cultural*, isto é: *esta* cultura estudada *nestas* condições e *neste* tempo *assim* se mostra, *assim é*, e portanto *assim deve ser*. Por vezes, esse tipo de enfoque nesses estudos é intencional: esse é o partido assumido conscientemente pelo pesquisador. Outras vezes, esse quadro surge como consequência do *método* empregado [...] (COELHO, 2008, p.23).

Edgar Morin (2005[a]) faz um comentário importante sobre aquilo que chama de *lógica dedudivo-identitária*, um princípio de inteligibilidade que está no cerne do paradigma científico ocidental, e que diz respeito ao problema metodológico na abordagem da cultura ressaltado por Teixeira Coelho (2008):

> A lógica dedutivo-identitária abre-se, não à compreensão do complexo e da existência, mas à inteligibilidade utilitária. Corresponde às nossas necessidades práticas de superação do incerto e do ambíguo para produzir um diagnóstico claro, preciso, sem equívoco. Corresponde, mesmo sob o risco de desnaturar os problemas, às nossas necessidades fundamentais de separar o verdadeiro do falso, de opor a afirmação à negação. A sua inteligibilidade repele a confusão e o caos. Por isso, essa lógica é intelectualmente necessária. Mas fraqueja justamente quando a ausência de ambigüidade engana, quando duas verdades opostas se unem, quando a complexidade só pode ser dissolvida à custa de uma mutilação do conhecimento ou do pensamento. De fato, a lógica dedutivo-identitária corresponde, não às nossas necessidades de compreensão, mas às nossas necessidades instrumentais e manipulatórias, quer se trate da manipulação dos conceitos ou da manipulação dos objetos (MORIN, 2005[a], p.233).

A questão central, então, é *como* enfrentar essa tendência própria do método científico ocidental, e ainda mais própria dos discursos de afirmação sócio-identitária, de abordar realidades culturais - neste caso o que de cultural tem o universo umbandista - recorrendo à estagnação, ao congelamento, à definição no sentido restrito do fenômeno observado:

> [...] a cultura como ação deveria ser apanhada, estudada por um *método em ação*, por um método-ação; ora, os métodos geralmente são um *estado* e o conflito entre eles e seu objeto, quando esse objeto é uma ação, torna-se inevitável. Deixar visível a *cultura como ação* requer um esforço metodológico suplementar, algo que frequentemente não se consegue e que ainda mais frequentemente não se quer conseguir... (COELHO, 2008, p.23).

É exatamente neste esforço metodológico proposto por Teixeira Coelho que venho empreendendo este estudo, o qual, como veremos adiante, é caracterizado pelo trinômio *vivência-reflexão-registro* e norteado pelas idéias-chave de *abertura* e *movimento* do universo umbandista. Desde os momentos iniciais da pesquisa, duas posturas metodológicas, duas *sensibilidades* vêm me ajudando a enfrentar a questão de pensar através de um *método-ação*: a *epistemologia da complexidade* e a *metodologia de abordagem dos contextos* com foco em seus *processos de constituição*.

A sensibilidade para a natureza complexa do fenômeno sócio-cultural-espiritual que abordo deriva principalmente do contato com as formulações de Edgar Morin, que defende, sobretudo em sua multifacetada obra *O Método*, o que chama de *pensamento complexo*. A obra completa, composta por seis volumes[4], é o resultado de uma longa reflexão e a apresentação de uma proposta articulada e defendida pelo autor de interligação dos saberes,

[4] Os volumes de *O método* que li integralmente e que uso como referência neste trabalho são o volume 4, dedicado às *Idéias* (2005[a]), e o volume 5, dedicado à *Humanidade da humanidade* (2005[b]). Além disso, para tratar de suas idéias, utilizo outros textos, publicados em coletâneas, e também anotações que fiz em uma palestra sua intitulada *Identidade terriana e cultura da paz*, a qual tive a oportunidade de assistir em Salvador - BA, no ano de 2008.

de restauração da complexidade das análises científico-filosóficas perdida no processo de fragmentação disciplinar que acompanhou a história do conhecimento humano a partir do Renascimento. Para tanto, Morin aborda de maneira interligada, recursiva, circular, as temáticas da *natureza da natureza*, *a vida da vida*, *o conhecimento do conhecimento*, *as idéias*, *a humanidade da humanidade* e *ética*, respectivamente. O autor acredita que "a revolução atual não se dá no terreno do combate mortal das boas e verdadeiras idéias contra as más e falsas, mas no campo da complexidade do modo de organização das idéias. Assim, pensar implica recusar de modo permanente o avanço das simplificações" (MORIN, 2005 [a ou b], p.09).

Isto que Morin chama de pensamento complexo não é um sistema de pensamento já pronto e bem articulado, precisamente conceitualizado e universalmente aplicável, um modelo de explicação padrão, uma metateoria acabada. Como ele mesmo afirma: "não posso eliminar a incerteza sobre a minha própria verdade, nem sobre o destino de toda verdade. Só posso fazer e assumir a minha aposta" (MORIN, 2005[a], p.126). Já eu me sinto convidado a uma brincadeira, e eu gosto dela. Embora nem sempre tratada a partir desse termo, a complexidade é tema de preocupação e método de pensamento de inúmeros indivíduos, intelectuais acadêmicos ou não, e pode ser formulada das mais diversas maneiras, pois comporta a multiplicidade e os contrastes.

> O pensamento complexo tenta religar o que o pensamento disciplinar e o compartimentado separou e parcelarizou. Ele religa não apenas domínios separados do conhecimento, como também – dialogicamente – conceitos antagônicos como ordem e desordem, certeza e incerteza, a lógica e a transgressão da lógica. É um pensamento da solidariedade entre tudo que constitui nossa realidade; que tenta dar conta do que significa originariamente o termo *complexus*: "o que tece em conjunto", e responde ao apelo do verbo latino *complexere*: "abraçar". O pensamento complexo é um pensamento que pratica o abraço. Ele se prolonga na ética da solidariedade (MORIN, 2002, p. 07).

Partindo de uma constatação da distinção operada no Ocidente entre a *cultura humanista* - florescida do Renascimento ao século XVIII, antropocentrada, preocupada com os grandes problemas colocados pelo espírito humano (filosofia, letras clássicas e uma parte das ciências humanas) - e a *cultura científica* - cujo desenvolvimento operou o corte epistemológico entre filosofia e ciência e uma ruptura ontológica entre cultura humanista e cultura científica -, Morin (2005[a]) chama a atenção para o fato de que essa separação significa a ruptura entre nossos conhecimentos e nossas existências, uma tragédia para a reflexão. Apenas a dialógica entre idéias a partir de saberes despedaçados não permite ao

conhecimento refletir sobre si mesmo, ampliando suas condições de autonomização relativa: nesta perspectiva, a ciência não conhece a si mesma, e menos ainda suas condições de auto-transformação.

Morin acredita (e não está sozinho nisso, muitos pensadores o acompanham nesse entendimento[5]) que há uma crise multiforme e multidimensional em pleno curso nos modos ocidentais de inteligibilidade da existência, principalmente a ciência, mesmo que as condições sócio-culturais-históricas para uma revolução paradigmática sejam logicamente impossíveis. "Mas assim nasceu a vida, assim nasceu o mundo, em condições logicamente impossíveis..." (MORIN, 2005[a], p.289). Como exemplo das transformações correntes, a simples tomada de consciência da noção de *paradigma* e o estabelecimento inicial de uma *paradigmatologia* já significa um escape do grande paradigma da ciência clássica em direção a um paradigma da complexidade que permitirá a saída da "idade de ferro planetária" e da "pré-história do espírito humano" (MORIN, 2005[a], p.292).

A grande questão em nossa situação cultural-histórica é, então, como salvaguardar os problemas fundamentais da humanidade engrenando uma na outra a reflexividade da cultura humanista e a objetividade da cultura científica, ultrapassando os limites cognitivos da especialização e ao mesmo tempo desenvolvendo as competências asseguradas por essa especialização. Isso sem esquecer de uma reestruturação da organização sócio-cultural de produção e transmissão dos conhecimentos (escolas e universidades). Morin observa que existem movimentos já em curso que permitem entrever um diálogo entre as *duas culturas* (humanista e científica), tornando possível a superação de "um dos mais graves desmembramentos" (MORIN, 2005[a], p.90) que o conhecimento já sofreu. Sobre essa perspectiva está fundado seu otimismo atento e atuante na busca de "integrar o conhecimento do conhecimento em todos os conhecimentos" (MORIN, 2005[a], p.91).

Uma das propostas de Morin para um conhecimento complexo é de que "as atividades auto-observadoras devem ser inseparáveis das atividades observadoras, as autocríticas, inseparáveis das atividades críticas, os processos reflexivos, inseparáveis dos processos de objetificação" (MORIN, 2005[a], p.304). Neste caminho, apresento os argumentos neste trabalho buscando sempre evidenciar minha localização, tanto na religião umbandista quanto

[5] Alguns outros autores importantes que já vi pessoalmente falarem sobre o assunto em palestras, e que tem obras publicadas sobre o tema, são Michel Maffesoli (2009), Boaventura de Souza Santos (2008) e Leonardo Boff (2005) - certamente existem muitos outros que poderiam ser lembrados, mas cito esses apenas como ilustração.

na academia, dois lugares de pensamento que constituem minha perspectiva. O objetivo é demonstrar como as especificidades desses lugares, juntamente com as minhas especificidades e com meu trajeto-fluxo existencial, constituem as condições de formulação e enunciação das idéias aqui expostas. Esta tentativa de auto-meta-análise parece-me muito importante, por que pode expandir o grau de compreensão e apropriação dos leitores e interlocutores das questões fundamentais que quero abordar, pois todas dizem respeito profundamente à realidade que vivo, ou ao modo como vivo e entendo a realidade. A iniciativa (que não garante o sucesso) da exposição franca de meus pressupostos, crenças, fés, impressões sobre a existência baseadas nas vivências que tive até agora é parte fundamental da metodologia que arrisco neste estudo.

A outra postura de resgate intelectual da complexidade analítica-interpretativa das dinâmicas culturais tomada aqui como referência para pensar a umbanda é a proposição de Renato da Silveira de uma *metodologia de abordagem dos contextos*, observando seus *processos de constituição*[6]. Sobre seu livro *O candomblé da Barroquinha: Processo de constituição do primeiro terreiro baiano de keto* (2006[a]), o autor afirma:

> Este estudo foi inspirado pela problemática marxiana do processo de constituição, que aborda o movimento das instituições, sua história, os sucessivos contextos onde elas surgiram, se desenvolveram, adaptaram-se, mudaram de forma e função. Como a constituição se processa no movimento do contexto social, sua problemática exige mais do que uma abordagem simultaneamente histórica e antropológica, melhor seria falar de uma abordagem multifacetada, que observa o movimento de todos os ângulos possíveis, na sincronia como na diacronia (SILVEIRA, 2006[a], p. 21).

Uma metodologia de abordagem dos contextos, para Silveira (2006[b]), supõe uma radicalização na compreensão dos múltiplos aspectos envolvidos no processo de constituição de uma situação particular. Aspectos como, por exemplo: as múltiplas polaridades que operam em toda cultura; a lógica das instituições no contexto; os mecanismos de legitimação e delegação/designação do poder; as mentalidades, que perduram por muito tempo, e estão ligadas a valores, crenças, fés; os valores, o imaginário, o simbolismo, individuais e coletivos; os mecanismos de credibilidade, de legitimidade, de prestígio; a presença dos intelectuais e artistas no contexto, sua importância, se são reconhecidos ou não, favorecidos ou

---

[6] Tomei conhecimento sobre o pensamento e a obra de Renato da Silveira a partir de um curso ministrado por ele em 2006 no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia, ainda antes de me tornar aluno e pesquisador desse Programa. O curso chamava-se *Os contextos da cultura*, e foi a partir daí, de sua influência, que comecei a delinear progressivamente minha abordagem atual da umbanda, tanto nos aspectos metodológicos como estilísticos. Não por acaso, ele se tornou orientador de minha pesquisa, quando do meu ingresso efetivo no Pós-Cultura/UFBA.

desprezados, marginalizados; os órgãos de repressão e punição, o policiamento; o(s) clero(s), os curandeiros, o âmbito religioso e seus profissionais; as modalidades de consenso, os pensamentos comuns, aceitos em cada grupo; a hegemonia, os mecanismos de veiculação do poder, as mídias de estabelecimento de comportamentos hegemônicos, de consentimento; a tecnologia e a dinâmica dos espetáculos em geral, as exibições de poder, desfiles, procissões, momentos de agrupamento direcionados a um fim específico, normalmente político; os locais de exaltação do prestígio; as doutrinas, ideologias; a ordem jurídica, se institucionalizada ou não, se obedecida ou não; a fiscalização; as lideranças, carismas, os fatores de liderança, as lideranças alternativas; as ações clandestinas e *semiclandestinas*; os excluídos, a marginalidade, que tem possibilidade de tornar-se oficialidade; as contra-hegemonias, hegemonias à margem da oficial; os rebeldes; as lacunas, descontinuidades, fragilidades de todos os tipos de ordem; entre outros possíveis.

Quando formos tratar das hegemonias discursivas que permeiam o universo umbandista a noção de processo de constituição será fundamental, pois um de seus principais efeitos é por em questão dois dos pilares de sustentação de discursos sócio-identitários que aspiram à hegemonia em certo grupo, que são o estabelecimento do marco inicial e das fronteiras distintivas do fenômeno social em questão. E veremos como estes dois pilares fundamentam também o discurso científico predominante a respeito da umbanda. A grande maioria dos trabalhos aos quais já tive acesso define os limites históricos desse universo religioso a partir da problemática noção de *nascimento*, de *fundação*, como discuto a frente, dedicando pouca ou nenhuma atenção aos processos constitutivos da umbanda anteriores ao período de sua institucionalização. Porém, como afirma Piotr Sztompka (1998) em sua obra sobre a *sociologia da mudança social*,

> O passado da sociedade não desaparece, pelo menos não inteiramente. Fragmentos dele permanecem, fornecendo uma espécie de ambiente para as fases subseqüentes, para a continuação do processo. Isso se dá por meio de dois mecanismos causais. Um é material, ou físico, o outro ideal, ou psicológico – e eles se reforçam mutuamente. [...] esses mecanismos sociais ou psicológicos explicam o fato notável da continuidade ou, para ser mais preciso, a mudança na continuidade e a continuidade na mudança. Por um lado, a mudança social nunca é absoluta ou completa, ela ocorre sobre um rico *background* de identidade. [...] Por outro lado, a continuidade nunca é absoluta, a herança é reformulada, distorcida, modificada ou enriquecida, e todo momento na vida de uma sociedade é diferente de qualquer momento anterior (SZTOMPKA, 1998, p. 112).

Dessa forma, é fundamental o esforço por perceber a umbanda não como uma continuidade simples iniciada em um momento impreciso da história colonial brasileira, e

também não como uma religião *nascida* praticamente do nada na virada do século XIX para o século XX, mas sim como derivada de um longo e complexo processo de constituição composto por diversas fases e momentos importantes de transformação.

As possibilidades de interpretação dos incontáveis aspectos implicados nas noções de *complexidade* e *processo de constituição* dizem respeito às mais diversas áreas do conhecimento, e pode parecer absurdo assumir a tarefa de observar uma realidade qualquer a partir desse tipo de meta-ponto de vista. Contudo, o que está em questão não é a utilização desses aspectos como uma lista obrigatória de estudos e observações a realizar. O que importa, a meu ver, é a consciência, a *sensibilidade* que podemos desenvolver sobre a radical complexidade dos processos de constituição dos contextos, e a partir disso, nos esforçarmos para adequar nossos modos de compreensão, de construção do conhecimento, a essa realidade. Isso implica, inicialmente, assumir nossos limites da razão, e reconhecer que o conhecimento é também pleno sentimento.

1.1 - VIVÊNCIA-REFLEXÃO-REGISTRO

Falo aqui sobre meu caminho, sobre minha via espiritual-religiosa, sobre meus sentimentos e experiências, tento relatar de uma maneira interessante as coisas que tenho vivido e pensado desde que passei a integrar plenamente o universo da umbanda e das religiões da natureza. Só que todas essas coisas que podem ser escritas não são suficientes para passar a mensagem na medida do que ela deveria significar. É bem sabido que a escrita é uma porta que podemos abrir de nossa alma para os curiosos e interessados, mas que a totalidade da casa de nossa alma não é mostrada no primeiro olhar do visitante... Então talvez sejam necessárias muitas palavras para dizer pouca coisa, ou então pouquíssimas palavras para dizer muita coisa, ou não dizer nada, para dizer tudo. O cientista passa por esse desafio: tem as coisas em sua cabeça, em sua alma, em seus sentimentos, em suas convicções, em seus movimentos, mas precisa, além de tê-los, mostrá-los de uma maneira codificada, cheia de critérios de padronização para obter um suposto entendimento-crítica de seus pares, uma leitura enfim. Num bloco de papel – já ele delimitado em volume, tamanho, divisão, organização por convenções – precisa estar registrado de modo extremamente coeso – algo que a mente humana não me parece ser – um conjunto de reflexões e argumentos que

propõem e defendem uma certa interpretação da realidade. Isso é o básico. Mas sou eu quem escreve *este* texto, e eu vivo.

Minha vida é uma partícula de universo que é universo inteiro - a parte está no todo e o todo está na parte, diz Edgar Morin (2005[a], 2005[b]). E minha experiência religiosa certamente é a perspectiva pela qual alcanço a maior amplitude de compreensão disso. Ela me mostra os maiores mistérios, que são as maiores verdades, que nada mais são que incertezas profundas. Aprender a pensar sobre minha existência é algo que me tem tomado muito tempo, a que dou muita importância, e a vivência daquilo que chamo provisoriamente de espiritualidade através da perspectiva umbandista – a minha, única e quase-única – tem me levado a certos pensamentos que considero interessantes para serem expostos. Eles dizem respeito a muitas coisas, do meu universo mais pessoal, íntimo, até aquilo que cogito sobre a umbanda, sobre as religiões, sobre a ciência, sobre as sociedades, sobre a humanidade, sobre a vida. Então não há separação de linguagem aqui. A linguagem da escrita deverá ser a linguagem da vida. Somente nesse esforço posso compilar a tarefa de viver-pensar-falar o universo umbandista a partir desse lugar que nem eu conheço plenamente: o próprio *eu.*

Entendo que o mote deste trabalho, antes de ser *a umbanda* como uma coisa definível, é o *ser umbandista*, ou o que pode significar ser umbandista no contexto específico que trato e no qual estou inserido. Assim, o maior argumento, seja ele considerado *científico* ou não, que posso oferecer a favor das idéias que desenvolvo no trabalho é o meu próprio relacionamento com a umbanda, o processo que me levou a chegar às formulações que apresento, pois meu trabalho não segue o modelo de "apropriação e análise de um objeto" com os métodos de uma disciplina, mas sim é um exercício de reflexividade sobre uma experiência. Estou mesmo compartilhando pensamentos que tenho a respeito da minha própria realidade: como entendo a umbanda, por que posso entendê-la assim; como vivo a umbanda, e o que me permite e leva a vivê-la dessa maneira. Trata-se da exposição dos nós, da malha de condições de formulação do meu pensamento.

Costumo dizer que esta pesquisa é de cunho experimental e documental, pois trata-se de uma experiência de vida associada a um experimento metodológico/epistemológico, resultando numa séria de documentos, os quais poderão servir para a reflexão de outras pessoas (o corpo do trabalho em si, e também seus apêndices e anexos todos, que ofereço abertamente à consideração de outros pesquisadores interessados). Em resumo, a metodologia empregada seria o trinômio *vivência-reflexão-registro*. Uma contribuição particular ao campo de estudos das religiões afro-brasileiras, ou de matriz africana, partindo de uma perspectiva e

de um contexto muito específicos. Portanto, a base do meu raciocínio é a realidade vivida, não a teoria: tento entender a umbanda, a realidade, a partir dela mesma, de sua complexidade, que inclui seus paradoxos e ilogismos, ou seja, a partir da leitura que eu faço da realidade, e não a partir da teoria. Partir da teoria significaria ter um aparato teórico específico, uma tradição científica determinada como bagagem inicial da viagem, a partir da qual eu, posteriormente, observaria a realidade. Mas aí caímos quase inevitavelmente nas armadilhas que a realidade complexa impõe aos esquemas de pensamento seguros e pré-determinados; ou seja, diversas vezes a teoria falha ou forja uma estabilidade inexistente ao deparar-se com fatos que contrariam todo seu modelo de explicação. Então a iniciativa aqui é contrária, no sentido de tentar fazer emergir uma análise, um entendimento da realidade que vivencio e observo a partir dos critérios, dos *fundamentos* dessa mesma realidade viva.

Foi, portanto, da sobreposição dos contextos religioso e acadêmico nos quais estive e estou inserido que derivou a formulação deste trabalho - seus pressupostos e posturas intelectuais básicas já foram abordados, agora comento aspectos de sua metodologia e apresentação de um ponto de vista mais prático. O estudo de campo conduzido nesta pesquisa foi uma inserção, delimitada pela disponibilidade de tempo, num contexto o qual já me era familiar antes mesmo que eu pensasse em refletir dentro da academia sobre a umbanda. Esse conhecimento e relacionamento prévio com tal contexto foi, inclusive, o que motivou as indagações que estruturei a respeito da umbanda como um todo, como forma de religiosidade, na medida em que certos aspectos dessa realidade particular contrastavam com, ou ao menos tornavam mais complexas, algumas informações das quais fui tomando conhecimento em leituras sobre a umbanda, sobre religiosidade/espiritualidade, sobre cultura e sociedade. Dessa forma, minha postura frente ao universo empírico observado, e, mais do que isso, vivenciado, partilhado, neste trabalho é a de um *ponto de partida* para a reflexão, e não a de um *estudo de caso*, como se poderia pensar na avaliação de uma pesquisa que toma como referência direta apenas uma casa de culto umbandista.

Outro ponto importante é que não considero – pois não faria sentido considerar – o contexto ao qual me refiro como o *objeto* de minha pesquisa, da mesma forma que eu, pesquisador *e* filho da Thsara, não sou o *sujeito* da mesma. Isso por que aquilo que apressadamente seria entendido como *objeto* é também, tanto quanto eu, sujeito do conhecimento aqui produzido, trabalhado; e igualmente o que se entende comumente por *sujeito*, o pesquisador, neste caso é também assumidamente *objeto*, da pesquisa e da ação direta do contexto referido. O que parece confuso, na verdade é bastante simples, e deve ficar

claro para que essa pesquisa tenha seu sentido: na mesma medida em que observo meu universo de pesquisa e o moldo, sou moldado, preenchido, redesenhado por ele. Como pretendo demonstrar, a relação que existe entre esses dois pólos complementares – eu e a Thsara/umbanda – é retroativa, circular – os dois ensinam, os dois aprendem, os dois produzem resultados objetivos, mútuas influências que tentarei evidenciar. Não há, ou não deve haver, fragmentação deliberada da realidade, da qual sou parte em equivalência de importância às demais.

É um dado metodológico importante o fato de eu conhecer pessoalmente apenas um terreiro de umbanda até hoje, a Thsara Universalista de Umbanda Reino dos Ciganos. Ao contrário do que se poderia pensar, essa situação não prejudica em nada as análises feitas aqui, já que, como havia falado anteriormente, este trabalho versa justamente sobre as possibilidades de compreensão da umbanda no contexto da Thsara. Aliás, o que poderia constituir um problema, no meu entender passou a ser uma vantagem em termos da metodologia e dos objetivos da pesquisa, que é então caracterizada por um confronto entre minha realidade religiosa na umbanda, especificamente na Thsara, com os discursos que encontro sobre a umbanda, produzidos dentro e fora da umbanda, dentro e fora da universidade. Mas claro, não sou de forma alguma ignorante a respeito do que se passa em outras casas de umbanda pelo país, já que tive a oportunidade de conversar com muitos umbandistas e pesquisadores da religião nesses últimos anos, além das revistas, livros, vídeos que trazem informações sobre outras realidades específicas, e que tenho sempre buscado. Sem falar dos terreiros de candomblé, casas espíritas, e livres fazedores de religiões da natureza que conheço pessoalmente, todos importantes em compor minha compreensão do universo umbandista. Além disso, é questão de tempo para que outros contextos específicos passem a ser considerados nesta pesquisa, que está em seu início.

Pois bem, voltando à execução da pesquisa, eu tinha hipóteses formuladas sobre o universo umbandista a partir de minha trajetória na religiosidade/espiritualidade e na academia; o que fiz então foi realizar uma viagem de campo de um mês, em outubro de 2009, onde fiquei participando das atividades da Thsara e convivendo com seus responsáveis (Beatriz, mãe-de-santo, e João Batista, cambono-chefe, na casa dos quais fiquei hospedado), recolhendo documentos, anotações de campo, fotos, vídeos, e realizando as entrevistas e observações que utilizo aqui. O objetivo era verificar se aquelas idéias que eu tinha condiziam com o entendimento das mesmas questões pelas principais entidades da terreira e por Beatriz, principalmente, ou seja, se minhas idéias estavam de acordo com a realidade do entendimento

da umbanda na Thsara (utilizando como referência as figuras-chave do ritual, tanto humanas como entidades), e o que outras coisas que me fossem ditas poderiam suscitar de reflexão – o que realmente aconteceu. Fui surpreendido com algumas informações, que ainda virei a tratar com mais cuidado ao longo do tempo; porém, o fundamental das minhas percepções foram confirmadas, como veremos, e ainda por cima expandidas, incentivadas, abençoadas (como mostra a epígrafe deste trabalho).

Obtive não apenas concordância nas conversas-entrevistas que realizei com as entidades (o caboclo Ogum das Matas e a cigana Agnara), cujas transcrições são os principais documentos desta pesquisa; mais do que isso, fiquei surpreendido com a clareza e o domínio de ambas as entidades - cada uma com seu modo de ser, pensar e se expressar - em relação às questões que me interessavam discutir no trabalho, como se já soubessem perfeitamente o que precisavam me falar, aliás, demonstrando saber muito mais sobre meu trabalho do que eu mesmo. Isto, de certa forma, era previsível para mim, pois já havia conversado com essas entidades e ouvido suas doutrinas diversas vezes - as hipóteses e dúvidas levantadas nas entrevistas não foram formuladas ao acaso, eram mesmo uma verificação. Além disso, o trabalho é sobre o universo umbandista enquanto via humana de entender e fazer a espiritualidade, e sobre isso, ambas as entidades sabem muito, mas muito mais do que eu, claro.

Mas poderíamos considerar outra hipótese: a médium, Beatriz, talvez soubesse de antemão dados sobre a minha pesquisa, ou tivesse alguma impressão já constituída sobre meus pensamentos, minhas hipóteses, o que permitiria que, de alguma forma, preparasse previamente, conscientemente, a fala das entidades. Ora, tenho motivos, a meu ver bastante claros, para desconstruir essa interpretação. Mesmo que Beatriz tenha lido há algum tempo um texto meu bastante inicial, onde começava a se delinear minha interpretação atual do universo umbandista, o domínio que as entidades apresentaram sobre as questões formuladas ultrapassa em longe qualquer uma das minhas formulações, as quais, aliás, são *derivadas* do modo como essas entidades sempre ensinaram a umbanda na Thsara. Outro aspecto interessante é que existem conflitos sensíveis entre as compreensões das entidades e de Beatriz em alguns pontos, ou seja, não se trata da mesma opinião em todos os casos - inclusive é comum a divergência significativa, em questões importantes, entre médiuns e suas entidades ou orixás no universo religioso afro-brasileiro. E, por fim, o fato de que informações às quais os médiuns têm acesso podem participar da composição da fala e das mensagens das entidades me parece algo bastante normal, pois entendo que a manifestação

das entidades de umbanda se dá numa relação recursiva humano-espiritual, ou seja, é composta por influências do médium *e* da entidade, mediadas sempre pela cultura.

Retomando, a constituição deste texto se dá a partir, principalmente, da apresentação de alguns trechos selecionados das entrevistas que realizei com os responsáveis espirituais (as entidades cigana Agnara e caboclo Ogum das Matas) e materiais (a mãe-de-santo Beatriz e o cambono-chefe João Batista) pelos trabalhos da Thsara[7], no diálogo com alguns autores acadêmicos que foram importantes no processo de reflexão que desemboca nesta escrita. A maneira como apresento, estruturo, desenvolvo, ilustro este trabalho não é uma questão meramente formal, muito menos inconsciente ou aleatória. Trata-se, antes, de uma preocupação de ordem metodológica, pois tem influência consciente e direta sobre o conteúdo do conhecimento/mensagem que construo – sobre a qualidade do resultado da composição do texto, para mim, e das leituras que dele serão feitas. Mas claro que também é uma preocupação estética, formal, de estilo. Portanto, é as duas coisas: um conjunto de escolhas estilístico-metodológicas que têm em meu trabalho uma grande implicação, uma grande responsabilidade metodológica, visto os objetivos expressos do tipo de pesquisa e reflexão que busco fazer.

Em se falando de método, poderia dizer que o tipo de leitura e de utilização que faço dos documentos que compõem este trabalho, principalmente das entrevistas que são aqui referenciadas diretamente, é, de certa forma, semelhante ao modo como Carlo Ginzburg (2006) constrói sua argumentação a partir das evidências que conseguiu recolher a respeito de Menocchio, moleiro italiano do século XVI, de quem trata no livro *O queijo e os vermes*. Isso no sentido de que utilizo, como ele, documentos específicos, limitados, pinçados - no caso dele talvez mais por inacessibilidade ou inexistência de mais documentos; já no meu caso, por uma escolha particular dos documentos, de acordo com as necessidades e possibilidades de exposição das idéias aqui apresentadas, neste momento, neste contexto específico no qual escrevo tais reflexões. Ambos construímos um texto, uma narrativa a respeito de um modo de compreensão da existência, uma cosmovisão, presente em determinado contexto. A diferença está em que ele escreve a partir do entendimento que construiu sobre um indivíduo distante cronologicamente com os dados que dispunha, dados com os quais se deparou quase acidentalmente, e que geraram reflexões que desembocaram na formulação de uma "(...)

[7] Faço aqui uma recomendação de que as entrevistas que compõem os apêndices do trabalho sejam lidas na íntegra, pois nelas estão apresentados os pontos principais da compreensão da umbanda na Thsara para os quais chamo a atenção ao longo do trabalho, de modo mais coeso, fluido, espontâneo.

hipótese geral sobre a cultura popular - e, mais precisamente, sobre a cultura camponesa - da Europa pré-industrial (...)" (GINZBURG, 2006, p. 10); já eu escrevo a partir do entendimento que desenvolvi a respeito de minha própria cosmovisão, de minha própria religiosidade-espiritualidade, a partir da vivência em meu contexto imediato, mais próximo, a Thsara Universalista de Umbanda Reino dos Ciganos, chegando a algumas hipóteses gerais sobre o universo umbandista, mesmo que limitadas em perspectiva e pretensões.

Cabem aqui, ainda, alguns comentários de esclarecimento sobre a transcrição (de que me ocupei pessoalmente) e apresentação das entrevistas utilizadas, sobre os recursos que emprego pra que tenham um bom fluxo, tanto quando são usadas no corpo do texto principal, quanto nos apêndices, onde constam na íntegra:

- o primeiro ponto, relativo às entrevistas com as entidades espirituais, é que tentei preservar na escrita o máximo possível das características das falas de cada entidade, que variam muito em articulação de idéias, sotaque, dicção e nos termos usados - utilizo o recurso do *itálico* para destacar palavras que, sem destaque, teriam sua compreensão distorcida, como no caso dos termos em espanhol na fala da cigana Agnara;

- em segundo lugar, em todas as entrevistas, tanto com entidades como com pessoas, utilizo o recurso do **negrito** para destacar minhas falas, seja na formulação das perguntas, seja nos comentários que intercalo com as respostas dos entrevistados, bastante freqüentes já que o tom era sempre de uma conversa aberta, um diálogo muito próximo - as falas intercaladas, sobrepostas, tanto nas perguntas como nas respostas, são identificadas entre <...>, mantendo sempre o **negrito** para mim, e o texto normal para os entrevistados;

- sobre a utilização de trechos das entrevistas no corpo do texto, utilizo como recurso para distinguir as entrevistas das citações de outros autores um recuo diferenciado (2 centímetros), menor do que o padrão das citações (4 centímetros);

- por fim, algumas vezes apresento não só as respostas das entrevistas, mas também minhas perguntas, de modo a evidenciar minha influência na construção dos diálogos - algo que não interessa evidenciar quando o pesquisador pretende-se *neutro* escrevendo um texto *objetivo*, o que não é o caso aqui.

Para finalizar, vejamos então um rápido exemplo onde constam todos esses recursos, num trecho da entrevista com a cigana Agnara, entidade-chefe dos trabalhos na Thsara:

> **Certo. Mais uma questão que é importante pra mim, pros meus estudos, é essa questão do que a gente chama aqui entre os humanos que estudam a religião de**

mito, de marco de anunciação – os filhos falam em fundação da umbanda... eu não concordo definitivamente com "fundação" da umbanda, mas o que representa pra senhora <Nada!> **esse mito, e o que representa pro plano astral e pra nós?**

Pra Agnara nada. Esta entidade é simplesmente uma entidade figurativa para se mostrar, para fazer com que um culto que já existia há muito tempo se tornasse visível ao mundo dos brancos. *Solamente* isto. **<É a mesma a minha opinião, graças a Deus...>** Salve... (APÊNDICE B, p. 104)

2 - A DEFINIÇÃO DAS FRONTEIRAS DISCURSIVAS DA UMBANDA

2.1 - PRE-CON-TEXTO

Por conta de meu vínculo com um terreiro, de minha compreensão da existência e de minhas práticas cotidianas posso dizer que sou um umbandista. Mas essa informação precisa ser bem melhor tratada do que apenas fazer essa afirmação simples de participação em uma corrente religiosa, até por que ser umbandista evidentemente significa, para cada pessoa que assim se considera e/ou assim se diz, uma característica bastante singular, sobretudo num universo religioso pouco homogêneo como o da umbanda. Tratarei, neste trabalho, de enriquecer na medida do possível essa minha identificação religiosa. A começar por um rápido relato da trajetória de vida que me levou ao encontro dessa forma de religiosidade e pela apresentação de aspectos do universo umbandista sobre os quais passei a refletir nos termos que atualmente o faço. Ou seja, apresento uma contextualização básica e a problematização inicial do estudo, que, como já deve estar se tornando claro, diz respeito ao que sou, e ao que a umbanda é, ou melhor, me parece ser - temas que hoje, no contexto dos estudos da cultura, remetem-nos quase automaticamente a duas noções intimamente relacionadas: *identidade*, pessoal e coletiva, e *discurso/texto* sócio-político-cultural. É claro, além da exposição, da narrativa sobre a constituição subjetiva e objetiva das minhas questões, faço todo esforço para que ao longo de todo o trabalho, seja na escolha dos temas a serem tratados, seja na utilização de tais e tais autores como pontos de apoio ou divergência reflexiva, fique o mais transparente possível o modo como essas escolhas e acessos ajudaram a determinar meus pensamentos.

Minhas reflexões sobre o universo umbandista de modo mais sistemático, e pelo viés acadêmico, são ainda muito recentes – são reflexões rápidas, de certa maneira. Mesmo assim, são também reflexões relativamente estáveis, já que nos últimos 3 anos – quando passei a pensar a umbanda também no contexto científico – têm se desenvolvido progressivamente, poderia dizer. Diversas das hipóteses que levanto, das questões centrais que me preocupam, já estavam presentes nos primeiros textos acadêmicos que escrevi sobre a umbanda, sobre cultura. Penso que isso ocorre justamente por que essas impressões sobre a realidade umbandista-espiritualista já estavam mais ou menos configuradas em meu pensamento, pela vivência prévia no contexto específico que descrevo. Além dos dados empíricos aos quais fui

tendo acesso, os contatos com os lugares e autores acadêmicos específicos pelos quais passei até agora foram fundamentais para o desenvolvimento das minhas dúvidas e hipóteses. É do amálgama entre essas perspectivas que fui conhecendo, adotando, utilizando e a realidade que vivencio que emergem as questões aqui apresentadas.

Minha relação com o universo umbandista não é de tão longa data em termos absolutos, embora frente a minha idade atual, 25 anos, seja razoavelmente expressiva: no momento em que escrevo este texto, contam-se 7 anos desde que entrei em contato direto com a umbanda – quando estamos falando de assuntos místicos-espiritualistas-religiosos, o número 7 tem uma grande importância; talvez não seja à toa que exatamente agora eu esteja realizando uma empreitada de conhecimento tão significativa para mim e para minha casa de umbanda. Neste período pude aprender de diferentes maneiras diversas coisas sobre a religião umbandista, o suficiente para saber que não se pode saber muito, quem dirá tudo, desse cenário infinito, descontínuo, dinâmico, onde agentes do mundo visível/material e do invisível/espiritual somam esforços para alcançar objetivos variados, normalmente no sentido de tornar a caminhada humana sobre a Terra mais amena, o que a aproxima de diversas outras correntes de pensamento e ação, religiosas e não-religiosas. Aprendi algumas coisas por que tenho uma natureza muito curiosa, e também por que, quando me encanto por algo, isso passa a ter uma presença muito forte no meu dia-a-dia; costumo me envolver a fundo, sobretudo intelectualmente falando, com esses aspectos da minha vida, e assim é com a experiência no universo umbandista. A propósito, no tipo de conhecimento que procuro construir, esse encantamento não significa uma distorção comprometedora da interpretação, como se acreditou por muito tempo e ainda se acredita no âmbito da ciência. Mas claro, desde que tenhamos como uma de nossas metas a reflexão crítica-construtiva sobre esse próprio encantamento, sobre o encantador, o encanto e o encantado.

Conheci a umbanda de um modo muito especial, pela situação e pelo contexto prévio. Até onde minha lembrança consegue alcançar, sempre estive exposto ao universo dos pensares e fazeres religiosos-espirituais, por conta do ambiente familiar. E poderia dizer que a relação que mantive e mantenho com esse universo foi marcada por uma relativa abertura, uma postura maleável, não-sectária, já que as pessoas próximas de minha família, em diferentes graus, sempre se relacionaram de modo fluido com mais de uma via religiosa-espiritual, interagindo, entre outras, com o catolicismo, o kardecismo, o protestantismo, as práticas de terapia e cura naturais-mágicas das benzedeiras e benzedores, os médiuns livre-fazedores de religião, os oráculos variados, as filosofias e práticas de origem oriental – em

especial a Seycho-no-ye – e com indivíduos, crenças e práticas das religiões afro-brasileiras, das quais eu acabei apenas ouvindo falar difusamente, e tendo um ou outro contato visual-sonoro mais próximo, quando abriam e fechavam casas de culto perto de onde eu morava. Isso tudo de acordo com minha memória infantil fragmentada. Porém, este modo relativamente aberto de pensar, fazer e dizer a espiritualidade, este estar sensível à abertura, é perceptível até hoje em meu contexto familiar imediato – parece evoluir com o tempo.

Enfrentei também um certo ceticismo adolescente, quando a capacidade crítica e a dúvida perene se instalaram em meu pensar. Nesta fase estava com a cabeça focada em outras maneiras de se compreender a existência que não a espiritualista-religiosa, embora nunca tenha me tornado um materialista pleno; estava aprendendo a criticar as instituições humanas, inclusive as religiosas. Isto durou até a entrada na universidade, com 17 anos, quando me deparei inevitavelmente com o universo umbandista: conheci e comecei a namorar nesta época Thayná Lima (daqui para frente apenas Thayná), minha companheira até hoje, não apenas umbandista, como também filha de sangue de uma *mãe-de-santo*[8], Beatriz Lima (Beatriz), e de João Batista Lima (João Batista), hoje *cambono-chefe*[9] na umbanda. O terreiro – ou *terreira*[10], como chamamos lá – organizado por Beatriz, no plano material, e pelas entidades que se manifestam através dela, no plano espiritual/astral, chama-se Thsara Universalista de Umbanda Reino dos Ciganos (ou apenas Thsara, por conveniência), e tornou-se o principal contexto de formulação das reflexões que apresento neste trabalho.

É comum entre os umbandistas a idéia de que, quando alguém *entra para a religião*, o faz *ou pelo amor ou pela dor*[11]. Ora, então digo que entrei para a religião literalmente pelo amor, considerando o modo pelo qual minha curiosidade e interesse no universo umbandista foram despertados. Thayná me emprestou livros de seus pais sobre a religião, onde tive contato com as primeiras explicações sobre o que era e como funcionava a umbanda; logo em seguida, tive a oportunidade de visitar pela primeira vez um terreiro umbandista, a Thsara,

---

[8] *Mãe-de-santo* é a principal responsável, no plano material, pelos rituais e pela orientação dos membros de uma comunidade religiosa afro-brasileira. Quando um homem detém essas atribuições, é chamado *pai-de-santo*.

[9] Na umbanda, são chamados *cambonos* (ou *cambones*) os membros do terreiro que não incorporam entidades durante os trabalhos, ficando encarregados da organização do fluxo do ritual e do atendimento às solicitações das entidades. Quem coordena as atividades do conjunto dos *cambonos* é o *cambono-chefe*.

[10] Neste trabalho utilizo a palavra *terreiro(s)* de modo genérico, como sinônimo de casa(s) de culto de matriz afro-brasileira, por ser uma expressão de uso comum, e a palavra *terreira* para me referir especificamente à Thsara Universalista de Umbanda Reino dos Ciganos, aproveitando o termo singular usado naquele contexto.

[11] Sobre o ingresso de médiuns e adeptos na umbanda envolvendo um processo traumático, uma situação difícil, que culmina com o pedido de ajuda dos indivíduos em uma casa de umbanda e a posterior *entrada* destes para a religião de modo mais efetivo, nestes casos *pela dor*, ver por exemplo Lísias Negrão (1996, p.181), que encontra esse tipo de situação relatada com frequência em sua pesquisa sobre a umbanda em São Paulo.

justamente na mesma ocasião em que conhecia meus sogros – ou melhor, no mesmo dia. Lembro-me bem: fomos apresentados, conversamos um pouco durante a tarde, e quando chegou a noite fui convidado a conhecer a terreira num dia de ritual. Tive o privilégio de acompanhar a *sessão*, como ali são chamados os cultos, dentro do espaço onde fica o grupo de médiuns – chamado de *corrente mediúnica*, ou apenas *corrente* – e onde se manifestam as entidades, de frente para o altar principal da casa, o *congá*.

Nesta noite vi, ouvi, senti pela primeira vez a manifestação de entidades espirituais na minha realidade, na minha frente. Nunca havia entrado em um terreiro de umbanda, e o máximo de proximidade, de conhecimento que tinha sobre *incorporações* ou *irradiações* era algo que ouvia falar quando participei de algumas noites de palestras e passes energéticos na casa espírita kardecista freqüentada por minha avó paterna. Algumas entidades estavam manifestadas naquela noite de trabalhos; saudei-as todas, como fazem todos aqueles que estão participando da corrente sem *receber* entidades: os responsáveis por encaminhar o fluxo do ritual - chamados de *cambonos* -, e também todos que porventura tiverem convite ou autorização para permanecer naquele espaço, como era o meu caso. A entidade-chefe[12] recebeu-me de um modo especial, e logo chamou-me para uma conversa da qual certamente nunca esquecerei. Conheci nesta ocasião a cigana Agnara, principal entidade que se manifesta na casa - o comando espiritual maior é de Ogum Beira-Mar, que raramente *baixa* para trabalhar -, aquela que normalmente traz as determinações mais importantes do astral, que tem a maior responsabilidade frente ao ritual e aos membros da Thsara.

A médium que recebe a Cigana - como é chamada carinhosamente -, o seu *cavalo*, ou *aparelho*, como se diz, é Beatriz. Até aquele dia não nos conhecíamos, como disse acima. Então fui exposto a um fato que transformou radicalmente meu pensar, meu agir, meu sentir, meu ser dali para frente: a pessoa que estava conhecendo naquele dia, minha sogra, no ritual já não era ela, ou apenas ela, pois quem falava comigo era outra consciência, outro ser, que, ao contrário de Beatriz, demonstrava saber em profundidade coisas e fatos que apenas eu

[12] Aquela que comanda os rituais de cada sessão, que orienta o fluxo dos trabalhos e que traz as *doutrinas* - uma fala realizada após o fim dos trabalhos com os consulentes, direcionada às entidades manifestadas e ao corpo mediúnico da casa, uma explanação pertinente, com ensinamentos sobre o ritual e sobre a sabedoria existencial, orientações coletivas e individuais. É um momento de reflexão guiada, mas também livre - já que se pode esclarecer dúvidas, fazer questionamentos, aprender -, sobre a umbanda, sobre a espiritualidade humana, sobre os trabalhos do dia e sobre a condição existencial, material e espiritual, dos membros da casa, buscando a harmonia de todos. Os Apêndices C (p.113) e D (p.117) deste trabalho são transcrições de falas do caboclo Ogum das Matas e da cigana Agnara ao fim de sessões na Thsara, registradas por mim na viagem de campo da pesquisa, ilustrando os acontecimentos e assuntos que podem ser tratados nesta parte do ritual da Thsara denominada *doutrina*.

sabia sobre mim e minha vida, ou que nem mesmo eu sabia, e passei a vislumbrar. Muito foi dito, e muita coisa mudou a partir desse dia. Meu ceticismo frágil foi posto à prova, ao mesmo tempo em que encontrei naquele contexto um universo religioso-espiritual que estimula, ao invés da obediência simples a uma doutrina, a busca, a dúvida, a liberdade, o pensamento, a compreensão do que significa *religião* como *religação* harmônica ao nosso *divino interior*, ao fluxo do universo, à natureza, às energias sutis, aos espíritos ancestrais/entidades, aos outros seres humanos.

A partir daí, todas as vezes que tive a oportunidade de participar das atividades da Thsara, lá estava eu, de roupa branca ou não. Mas essas oportunidades nunca foram tantas quanto eu gostaria que tivessem sido, pois sempre, desde que passei a freqüentar a casa, morei em outras cidades que não Santiago – RS, onde está materialmente localizada. Contudo esse distanciamento físico nunca significou necessariamente – e nem significa agora, que estou a 3,5 mil kilômetros da casa – distanciamento espiritual e intelectual; ele significa apenas, para mim, que a vida me leva pelos caminhos certos, com o apoio das divindades e entidades, que era preciso que pisasse em cada lugar que pisei para que chegasse aqui, agora, quando me dedico a realizar um trabalho que tem como objetivo principal contribuir para o engrandecimento meu, da Thsara, da umbanda, das religiões, da ciência, das sociedades que construímos e que nos abrigam.

Além de participar das sessões quando podia (e quando posso) e das práticas religiosas-espirituais cotidianas que passei a adotar lenta e progressivamente, comecei uma grande busca sobre informações a respeito da umbanda e outras religiões, principalmente as ditas de matriz afro-brasileira, que compõem o mesmo contexto no qual a umbanda se manifesta. Li muitos livros da biblioteca disponível na Thsara e também da biblioteca pessoal de Beatriz, que tem o costume de comprar e ler não só livros, mas todo tipo de material informativo sobre sua religião. A propósito, o primeiro livro que li sobre umbanda na verdade pertencia a João Batista; um livro bastante claro e conciso na exposição de diversos temas comumente debatidos sobre a umbanda, e que trazia a seguinte questão, prontamente respondida:

> O que é umbanda? Surgiu em 1908, no Brasil. Grosso modo, seria a mistura do culto congo-angola (misturado com o nagô), catolicismo, noções de Espiritismo, esoterismo, pajelança e até mesmo budismo (PRESTES, 1994, p.13).

Não quero fazer aqui, hoje, uma reflexão sobre a consistência, sobre a validade maior ou menor do livro em questão, pois o que ele poderia fazer por mim na época da leitura foi feito – abriu meus caminhos para uma curiosidade sem fim (a mesma que me faz escrever este

trabalho) e me colocou em contato com dois dos principais e mais problemáticos discursos correntes sobre a umbanda: a idéia do surgimento (ou nascimento, ou origem, ou aparecimento) da umbanda no Brasil na primeira metade do século XX; e a questão de sua pluralidade de apresentação, decorrente das mesclas bio-culturais ocorridas em solo brasileiro.

Deparei-me, assim, com um senso comum existente entre os adeptos e, em certa medida, também entre os intelectuais não-adeptos, sobre essa religião da qual tomava conhecimento e me aproximava cada vez mais - uma compreensão da umbanda visivelmente baseada em dois pontos principais: primeiro, a demarcação histórica, envolvendo, entre os adeptos, um mito de fundação extremamente difundido, mesmo com algumas variações, e, entre os intelectuais, um quase-consenso a respeito do momento em que a umbanda adquiriu seu *status sociológico* de *religião*; e segundo, a afirmação das características particulares da umbanda "propriamente dita" frente a outras religiões, sobretudo as do universo afro-brasileiro, das quais a umbanda, em minha opinião, apenas num esforço retórico pode ser separada. Ou seja, trata-se da demarcação das fronteiras discursivas histórico-culturais da umbanda - a definição do que *é* e do que *não é* umbanda no plano histórico (o *antes* e o *depois*) e no plano sócio-cultural (o *dentro* e o *fora*), buscando uma segurança interpretativa desse fenômeno religioso que não condiz facilmente com a enorme multiplicidade manifesta na umbanda ao longo do tempo, mas que serve bastante aos interesses e necessidades de adeptos e estudiosos. Tratarei a seguir do processo de constituição dessa compreensão da umbanda, apontando também seus limites, decorrentes dos critérios utilizados na definição das fronteiras discursivas da religião.

Com o tempo e a convivência com as pessoas, entidades, ensinamentos, práticas, sentimentos, símbolos, etc. do contexto umbandista da Thsara uma coisa foi se tornando cada vez mais clara: os discursos hegemônicos sobre a umbanda, tanto dos adeptos, em suas articulações sócio-identitárias e formulações teológicas diversas, quanto dos acadêmicos, em suas definições seguras, não davam conta dos fluxos que percebia naquela realidade – seus fluxos históricos, práticos/cotidianos, sociais, culturais/simbólicos, psicológicos, e sobretudo espirituais –, divergindo em aspectos fundamentais da compreensão de umbanda que é ensinada pelas entidades da casa e do modo pelo qual Beatriz, a mãe-de-santo, e João Batista, cambono-chefe, refletiam sobre sua religiosidade/espiritualidade (refiro-me apenas a eles pois são os interlocutores diretos neste trabalho). Na segunda parte do trabalho, apresento de modo mais detalhado alguns desses aspectos, a partir de relatos da pesquisa e trechos das entrevistas

realizadas, como indícios para pensarmos os limites dos critérios de definição histórica e sócio-cultural da umbanda.

Com meu interesse crescente e a partir desses indícios de uma complexidade maior no universo umbandista do que indicavam os textos e discursos que eu conhecia, aproveitei que estava terminando minha graduação em Comunicação Social para mudar o foco dos meus estudos acadêmicos para as religiões afro-brasileiras, e mais especificamente para a umbanda. Foi então que me mudei para Salvador, Bahia, onde havia a possibilidade da realização do mestrado que hoje estou concluindo, no então recém-criado Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade. A linha de estudos à qual se adequava meu projeto de pesquisa: Cultura e Identidade. Esta é a principal razão de serem frequentes neste texto os comentários a respeito da noção de identidade e das dinâmicas sócio-identitárias ao longo do processo de constituição da umbanda.

2.2 - O *MITO DE FUNDAÇÃO* E A *UMBANDA BRANCA*

A preocupação em torno da temática da(s) origem(s) da umbanda é frequente tanto nos livros de umbandistas como naqueles escritos por estudiosos da academia ou não. Há, por um lado, uma tentativa de alguns segmentos de adeptos de fornecer uma versão da história que legitime sócio-culturalmente a religião associando-a a características determinadas, juntando um mito de fundação com a afirmação da influência maior de determinados grupos na conformação das características de uma certa "verdadeira umbanda"; e há, por outro lado, uma tendência mais comum entre os estudiosos da religião, de buscar uma visão panorâmica, pouco aprofundada, dos vetores sócio-culturais que se amalgamaram numa espécie de período de gestação para que, em determinado momento, que varia de uma versão para outra, houvesse uma virada que constitui o *nascimento* da umbanda propriamente dita, ou seja, quando ela adquiriu o *status sociológico* de *religião*. Se num plano mais aproximado são perceptíveis diversas versões e explicações para o surgimento da umbanda, num olhar mais amplo podemos identificar determinados consensos que circulam entre ambas as categorias, estudiosos e adeptos.

A questão da *origem* é o campo de batalha onde se define o *começo* de um fenômeno, o momento em que ele passa a existir enquanto tal e que, portanto, torna-se visível socialmente,

representativo. Na umbanda essa lógica interpretativa é soberana, há uma tendência generalizada em se tratar da história, do processo de constituição da religião como um todo a partir das referências que se tem em relação à origem de uma de suas partes constitutivas - um grupo específico, relativamente delimitável (a *umbanda branca* ou *pura*, como veremos), que, ao ser considerado como *fundador*, acaba por condicionar, limitar as interpretações que são feitas sobre a religião por adeptos e estudiosos e o modo de vivenciar o universo das práticas e crenças umbandistas.

Apesar de ser resultado – continuamente atualizado – de um processo de constituição relativamente longo, que acompanha quase paralelamente o surgimento e consolidação da nação brasileira, a umbanda é bastante recente enquanto uma religião representada institucionalmente e reconhecida social e politicamente. Mesmo que suas raízes históricas remontem aos primeiros contatos culturais/religiosos em solo brasileiro entre brancos europeus e indígenas sul-americanos, e, em seguida, negros africanos, é a partir do fim do século XIX e início do século XX que emerge gradualmente um grupo religioso relativamente coeso autodenominado *umbandista*, e nesse contexto torna-se possível destacar o papel fundamental dos discursos identitários. Para a maioria dos adeptos, sua *fundação* data de 1908, quando uma *entidade* auto-denominada Caboclo das Sete Encruzilhadas teria *baixado* em um centro espírita do Rio de Janeiro para estabelecer a nova religião e ditar suas características e as normas básicas de conduta para os médiuns umbandistas. É o que tem se chamado na literatura especializada de *mito de origem*, ou *de fundação*, da umbanda (BROWN, 1985, p.10).

O *mito de fundação* da umbanda já foi narrado ou mencionado inúmeras vezes nos mais diversos contextos, como livros de umbandistas e estudiosos da religião (duas categorias que obviamente podem se sobrepor), revistas umbandistas, sites diversos e apostilas formuladas por terreiros e federações. É difícil encontrar um texto, acadêmico ou não, sobre a umbanda (a não ser quando trata de questões muito específicas) que não faça uma referência direta ou indireta a ele, tratando-o como mito propriamente dito ou como marco histórico. Este fato por si só demonstra a preocupação existente na fixação do surgimento da umbanda num período histórico determinado, momento do qual este mito seria como uma metáfora (entre os que julgam tal narrativa mais *mito* do que *realidade*) ou então o ápice de um período embrionário que resultou no *anúncio* da nova religião pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, quando teria sido nominada e definida ritualisticamente (entre os que consideram a narrativa mais *realidade* do que *mito*).

Para simplificar a tarefa de recontar aqui o que já foi contado segundo diversas versões, utilizarei inicialmente um trecho bastante sintético (e por isso mesmo mais abrangente) escrito por Artur Isaia (s.d. [b]) para se referir ao mito de fundação da umbanda. Ele servirá de ponto de partida para algumas considerações mais detalhadas sobre o mito em si e sobre sua inserção numa perspectiva de interpretação praticamente consensual no que se refere à emergência da umbanda no Brasil, ou seja, aquela que estabelece com precisão considerável as fronteiras espaciais e temporais físicas e simbólicas do que constitui efetivamente a umbanda. Vamos, então, ao texto de Isaia:

> A data tida como marco "oficial" do nascimento da Umbanda foi o 15 de novembro de 1908, quando, em uma sessão espírita kardecista, "manifestou-se" pela primeira vez, no Estado do Rio de Janeiro, o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Essa entidade traria a mensagem fundadora da Umbanda, através da mediunidade de um homem comum, residente na cidade de Neves, no Rio de Janeiro: Zélio Fernandino de Moraes. Zélio, egresso do kardecismo, teria sofrido uma grave enfermidade que o tornara paraplégico. O relato de sua cura, da manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas revelando a missão de Zélio de fundar uma nova religião, forma o que Brown denomina de "mito de origem" da Umbanda. (...) Se, como Brown observa, não se pode, com certeza absoluta, afirmar-se que Zélio de Moraes tenha "fundado" a Umbanda, a data da primeira manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas passou a ser aceita pela maioria dos umbandistas como o marco inicial da nova religião, corroborando a idéia de "mito de origem" (ISAIA, s.d.[b], não paginado).

Alguns outros dados relevantes podem ser acrescentados a respeito desse episódio narrado, do personagem principal, Zélio de Moraes, e do contexto no qual se passaram (com maior ou menor grau de exatidão) tais acontecimentos. Emerson Giumbelli (2002) fez uma análise muito interessante das "situações que propiciam a constituição da umbanda no Rio de Janeiro" (GIUMBELLI, 2002, p. 184) tomando como base a biografia de Zélio nos primórdios de sua atividade mediúnica. Seu texto começa com uma descrição mais minuciosa a respeito do mito de fundação umbandista, incluindo dados importantes dos quais retomarei alguns. Tais dados variam em alguns detalhes quando referidos por outros autores, mas como o principal aqui não é fazer um levantamento extenso nem uma análise profunda dessas narrativas registradas e repetidas, e sim evidenciar a lógica subjacente às interpretações mais comuns sobre a história da umbanda, considero suficiente partir de apenas uma das versões existentes, contrastando com informações de outros autores só nos pontos fundamentais.

Em primeiro lugar, a *anunciação* da umbanda pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas teria ocorrido em dois tempos: no dia 15 de novembro de 1908 houve a primeira manifestação do caboclo mencionado numa mesa espírita à qual o jovem Zélio de Moraes (na época com 17

anos) havia sido levado devido a um problema de saúde que os médicos não conseguiam curar (alguns falam em paralisia, outros numa série de crises semelhantes à epilepsia). Não há consenso sobre se Zélio já chegou curado à reunião espírita ou se sua cura se processou durante os acontecimentos daquela noite. O que importa é que nessa reunião começaram a se manifestar diversos espíritos de negros escravos e indígenas nos médiuns presentes, e esses espíritos eram convidados a se retirar pelo dirigente da mesa que os julgava (como era e continua sendo comum entre os kardecistas) atrasados espiritual, cultural e moralmente. Foi então que *baixou* pela primeira vez o Caboclo das Sete Encruzilhadas, proferindo um discurso de defesa das entidades que ali estavam presentes, já que estavam sendo discriminadas pela diferença de cor e classe social (GIUMBELLI, 2002).

Os dirigentes da reunião espírita tentaram afastar o próprio Caboclo das Sete Encruzilhadas, quando então este avisou que, se não havia espaço ali para manifestação dos espíritos de negros e índios considerados atrasados, seria fundado por ele mesmo na noite seguinte, na casa de Zélio, um novo culto onde tais entidades poderiam exercer seus trabalhos espirituais e passar suas mensagens. Às 20 horas do dia seguinte, 16 de novembro de 1908, em meio a uma pequena multidão de amigos, parentes, curiosos e kardecistas incrédulos que se aglomeravam na casa de Zélio, *baixou* novamente o caboclo referido e declarou que se iniciava a partir de então uma nova religião na qual pretos velhos e caboclos poderiam *trabalhar*. Determinou também que a prática da caridade seria a característica principal do culto; que este teria como base o Evangelho Cristão e como mestre maior Jesus; que o uniforme utilizado pelos médiuns deveria ser branco; que todos os atendimentos seriam gratuitos; e que a religião se chamaria *umbanda*. Além disso, fundou naquele dia aquela que, nesta narrativa, é descrita como a primeira tenda de umbanda da história, a *Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade* (GIUMBELLI, 2002).

Segundo Giumbelli (2002), dez anos depois da fundação dessa primeira casa, portanto em 1918, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, que seguia trabalhando com o médium Zélio de Moraes, teria determinado a fundação de sete novos templos que seriam os responsáveis pela difusão ampla da nova religião, todos com o prefixo *Tenda Espírita*: São Pedro; Nossa Senhora da Guia; Nossa Senhora da Conceição; São Jerônimo; São Jorge; Santa Bárbara; e Oxalá. Merece ser destacada uma variação nos dados fornecidos por outros pesquisadores em relação ao período de fundação das primeiras tendas: Diana Brown (1985) acredita que a fundação da umbanda por Zélio de Moraes na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade,

depois seguida pelas demais, tenha ocorrido em meados da década de 1920; já Renato Ortiz (1999) localiza na década de 1930 tais acontecimentos.

Um ponto bastante interessante que se repete com pequenas alterações em alguns relatos sobre o dia da *anunciação* da umbanda (15 de novembro de 1908) é a referência à vida do Caboclo das Sete Encruzilhadas no plano material. Entre os indivíduos presentes na ocasião em que este caboclo se manifestou pela primeira vez na mesa kardecista havia um médium vidente, capaz de enxergar o aspecto do espírito que ali estava causando polêmica. Esta pessoa, então, indagou sobre o porquê de estar reconhecendo no espírito de um caboclo aquilo que entendia como vestígios de vestes clericais, ao que obteve como resposta: o Caboclo das Sete Encruzilhadas (que ainda não havia se auto-nominado como tal) havia sido em sua penúltima encarnação na Terra um padre jesuíta, Gabriel Malagrida, sendo que só em sua última encarnação teria tido o privilégio de nascer como um índio brasileiro (GIUMBELLI, 2002; LIGIÉRIO e DANDARA, 1998; MATTA E SILVA, 1987; OLIVEIRA, 2008).

Gabriel Malagrida foi um jesuíta italiano que atuou como missionário no Brasil durante o século XVIII, principalmente nas regiões Norte e Nordeste. Ele foi morto na fogueira em Lisboa pela Inquisição portuguesa no ano de 1761, acusado de herege, sendo que supostamente havia previsto um terremoto em 1755 e divulgado sua previsão em um folheto que não agradou as autoridades eclesiásticas (OLIVEIRA, 2008). A este respeito, há um documento muito interessante citado por Giumbelli (2002) e reproduzido na íntegra pela *Revista Espiritual de Umbanda*, número 18 (2008). Trata-se da transcrição de uma palestra proferida por Zélio de Moraes e pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade no ano de 1971, durante a comemoração de 63 anos da fundação da umbanda.

Na palestra, depois de reafirmar a veracidade dos fatos ocorridos em 1908, o Caboclo das Sete Encruzilhadas afirma taxativamente que foi ele que ordenou a criação dos sete principais templos difusores da religião, no Rio de Janeiro, além de "mais de vinte tendas" em São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo; também afirma que criou a Federação Espírita de Umbanda em 1939 (primeira órgão de representação da umbanda fundado no Brasil); por fim, corrobora que teria sido em uma de suas vidas terrenas o jesuíta Gabriel Malagrida: a fundação da umbanda "não aconteceu por acaso não, eu trouxe uma ordem, uma missão, por que venho há muito tempo dizendo o que iria acontecer. Desde o terremoto de Lisboa, em 1755, até este momento, e tudo aquilo que eu dizia que iria acontecer, acontecia" (REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA, nº 18, 2008, p.53).

Todos esses fatos descritos acima constituem de maneira geral o chamado *mito de origem* ou *de fundação* da umbanda, expressão cunhada por Diana Brown (1985, p. 10) e que depois foi utilizada por muitos dos estudiosos da umbanda quando se referem à história da religião – exemplos são Emerson Giumbelli (2002), Artur Isaia (s.d. [a] e s.d. [b]), Zeca Ligiério e Dandara (1998), José Henrique Oliveira (2008) e Mario de Sá Júnior (2004). Existem também textos que se referem com maior ou menor proximidade a esses fatos, porém sem a denominação de *mito de fundação*, mas sim tratando-os como um marco histórico efetivo, senão de *fundação*, pelo menos um momento importante na organização da umbanda enquanto religião *nova*, variando dados como as datas, locais específicos e detalhes no desenrolar dos acontecimentos. Nesta perspectiva se encontra a maioria dos autores umbandistas em seus livros, como Woodrow da Matta e Silva (1987), Mirian Prestes (1994), Nívio Sales (1991) e Rubens Saraceni (2002); também as revistas umbandistas (REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA [R.E.U.], nº 01, 2003; R.E.U., nº 03, 2003; R.E.U., nº 17, 2008; R.E.U., nº 18, 2008; REVISTA PLANETA – CANDOMBLÉ E UMBANDA, nº 114-a, 1981); além de diversos livros e artigos de estudiosos, como é o caso de Kelly Amaral (2002), Patrícia Birman (1985[a] e 1985 [b]), Lísias Negrão (1994 e 1996), Renato Ortiz (1999) e Zelia Seiblitz (1985). Além de todos esses textos citados, foi realizado um grande evento de comemoração pelos 100 anos de umbanda intitulado 1º Congresso Brasileiro de Umbanda do Século XXI, nos dias 14 a 16 de novembro de 2008 em São Paulo, o que demonstra a importância consensual do relato da *anunciação* da umbanda em 1908 entre os umbandistas e os estudiosos da religião.

Pessoalmente, enquanto pesquisador da umbanda e umbandista, não descarto a princípio a validade do discurso sobre a grande *virada*, digamos assim, na religião representada simbolicamente por Zélio de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Mesmo que os episódios narrados não tenham acontecido, ou que tenham mais componentes míticos do que históricos, eles simbolizam um período de toda forma muito importante no processo de constituição da umbanda tal como a conhecemos (em parte) atualmente. Só que a importância do conteúdo relatado no mito de fundação não pode de forma alguma ser tomada como exclusiva, nem no todo, nem em parte. Tampouco podemos atribuir importância exclusiva a qualquer outro líder ou momento específico na história do complexo universo umbandista, o que certamente configuraria uma redução interpretativa injusta.

Há que se levar em conta que existiu um processo razoavelmente longo de atribuição do *início* da umbanda ao período, aos atores, aos locais, enfim, aos acontecimentos hoje tidos

como inauguradores da religião. Reparemos com atenção no que isso quer dizer: mesmo que todos os acontecimentos relativos à *anunciação* da religião (o mito-marco descrito abaixo) sejam historicamente verdadeiros, dados objetivos, o que parece impossível provar por falta de registros confiáveis, como apontam estudos já realizados sobre o tema (BROWN, 1985; ORTIZ, 1999; NEGRÃO, 1996; GIUMBELLI, 2002), e mesmo que a religião tenha sido mais amplamente organizada e discursivamente apresentada e representada como unidade mais ou menos coesa a partir da influência e do trabalho dos intelectuais de origem kardecista do Rio de Janeiro, essas duas explicações para o início da umbanda propriamente dita no século XX, tomadas isolada ou conjuntamente, só passaram a ser consideravelmente aceitas num processo relativamente longo. Ou seja, a aceitação coletiva, quase-consensual, da datação e da definição da umbanda é, por si só, uma construção histórica gradual.

Não foi da noite para o dia que a sociedade brasileira passou a saber que aqueles fatos e narrativas do início do século XX deram origem a uma *nova* religião. Foi preciso muito esforço sócio-político-cultural dos intelectuais umbandistas para organizar uma unidade (discursiva) relativa em suas práticas e apresentar a umbanda à sociedade e ao Estado como uma religião legítima, com história e características bem determinadas. E também concorreu para o sucesso dessa datação o trabalho dos intelectuais acadêmicos, principalmente os da sociologia brasileira, que, vendo nas transformações sociais por que passava o Brasil e no movimento pela institucionalização de uma corrente religiosa que, entre muitas outras, manipulava signos do universo afro-brasileiro, o cenário e os atores da *fundação* da *verdadeira* umbanda, ajudaram a estabelecer e legitimar tal datação baseados em uma interpretação que não alcança outra perspectiva senão a proporcionada pelos métodos sociológicos empregados por cada observador.

Emerson Giumbelli (2002) pesquisou e escreveu sobre o papel efetivo de Zélio de Moraes na organização da umbanda no Rio de Janeiro, analisando as menções feitas a esse personagem central em livros e jornais acadêmicos e umbandistas a partir da década de 1920. Sua conclusão é de que a referência a uma centralidade de Zélio na organização da umbanda carioca deu-se tardiamente, sendo que relatos destacando sua atuação só são encontrados a partir da década de 1960, e sobretudo em meados da década de 1970, quando morre Zélio. Para o autor, a história da *anunciação* é uma "construção tardia" e atribui esse fato a "um interesse pela 'fundação' e pela 'origem' de 'uma religião' exatamente quando a dispersão doutrinária e ritual e a divisão institucional parecem se impor de modo inexorável" (GIUMBELLI, 2002, p. 189).

Para Giumbelli, então, é preciso evitar a noção de *fundador* ou *pioneiro* atribuído a Zélio de Moraes, já que pensar as origens da umbanda significa compreender um processo que aconteceu "rizomaticamente, sem direção única e sem controle centralizado" (GIUMBELLI, 2002, p. 209). Porém, embora se fale aqui de *processo*, a perspectiva delimitadora para a qual chamo a atenção está fortemente presente em Giumbelli, já que para ele

> [a] *nova religião* [grifo meu], com fronteiras minimamente definidas e sistemas doutrinais e rituais minimamente codificados, designada como 'umbanda', *só* [grifo meu] se explica por um movimento de institucionalização dominado por expoentes imbuídos da cosmologia kardecista (GIUMBELLI, 2002, p. 211).

A mesma perspectiva é compartilhada por Lísias Negrão (1996):

> Não obstante este papel fundamental dos terreiros na gênese da religião, sem cuja criatividade ela não existiria, não teria a Umbanda se tornado um movimento nacional, dotado de um mínimo de organização transcendente aos limites de suas unidades, não fosse a atuação dos líderes federativos. Nas demandas por legitimação que os motivaram, buscaram racionalizar mitos e ritos espontaneamente gerados nos terreiros, submetendo-os ao crivo de suas motivações ideológicas; teológicas, no caso (NEGRÃO, 1996, p.145).

Mas será tão exclusivo assim o papel desse grupo egresso do kardecismo na constituição da umbanda? Para jogar um pouco de pimenta na discussão, introduzindo já a problematização acerca da definição do *nascimento* da umbanda, vejamos o que dizem as entidades da Thsara que entrevistei quando perguntadas a respeito do que representa para o astral a narrativa de *fundação* da umbanda. A cigana Agnara é direta: "Pra Agnara nada. Esta entidade [o caboclo das Sete Encruzilhadas] é simplesmente uma entidade figurativa para se mostrar, para fazer com que um culto que já existia há muito tempo se tornasse visível ao mundo dos brancos. *Solamente* isto" (APÊNDICE B, p.104). Neste trecho da conversa com o caboclo Ogum das Matas, a opinião das entidades fica ainda mais clara:

> **O que o senhor pensa, o que representa pro senhor o que a gente chama aqui entre os filhos que estudam a religião aqui no plano material de mito de anunciação, de mito de fundação da religião, que é a história do caboclo das Sete Encruzilhadas, que baixou naquele médium chamado Zélio Fernandino de Moraes? O que isso significa, o que significou pra umbanda esse momento?**
>
> Olha fio, pro mundo espiritual quase nada. **<Quase nada...>** Por que os caboclos já trabalhavam na umbanda, seu Curugussu já vinha antes... <interrupção> Então pro mundo espiritual não, isso só foi permitido pelo mundo espiritual pros fio ter uma representatividade na sociedade, pra ter um reconhecimento **<Pra poder se afirmar.>**. Isso, por que enquanto era feita a umbanda dentro das toca de cada fio, ela era desconhecida. A medida que os fio começaram a alardear que esse caboclo foi o que fundou a umbanda, ele alardeou no meio dos brancos, no meios dos Kardek...

> **Eu não sei se o senhor sabe, mas isso só começou a ser feito a pouco tempo atrás, em relação à história da umbanda...**
>
> Como diz assim, ó fio, tinha um período da terra de vocês que tudo queriam fazer o organizado, organizado das leis, organizado das fés, fio, então pra sair da escuridão, como se diz, o astral permitiu que criassem esse mito, que é pra trazer a visibilidade pra fé, fio.
>
> **Então é por isso que o astral permite que essa história tenha tanta força como tem entre os filhos da terra... Por que essa história é muito forte aqui entre os filhos da terra...**
>
> Pra ter a visibilidade, mas não foi aquela entidade, o caboclo das Sete Encruzilhadas que trouxe o conhecimento. A umbanda já existia nos meios de fios menos cultos, fio. (APÊNDICE A, p.93)

Portanto, precisamos compreender o que exatamente surgiu a partir do início do século XX, num movimento iniciado ou representado pelo marco-mito do dia 15 de novembro de 1908. Como deixa claro o caboclo, os fundamentos principais da umbanda já eram conhecidos e vivenciados, o base do culto já existia, as entidades já trabalhavam - o papel daquele grupo egresso do kardecismo foi de trazer uma nova organização discursiva e institucional a práticas e crenças já estabelecidas que desse visibilidade e legitimidade social para sua forma própria de religiosidade-espiritualidade, a *umbanda branca*. E é a partir dessa iniciativa de organização que se estabelece, tardiamente, como demonstrou Giumbelli (2002), o mito de fundação da umbanda com base na história de Zélio Fernandino de Moraes e do caboclo das Sete Encruzilhadas.

Descontentes com o espiritismo kardecista devido a uma divergência no que diz respeito à qualificação moral, cultural e evolutiva mais baixa atribuída aos espíritos de negros e índios que baixavam nas mesas kardecistas desde o século XIX, os quais eram tratados como entidades carentes de luz que deveriam ser no máximo doutrinadas e dispensadas, esse grupo tratará de organizar aquilo que é compreendido por muitos como uma *nova* religião, a *umbanda branca*, não o todo umbandista. Esta seria o resultado da reorganização de alguns elementos dos cultos de origem negra, como as macumbas predominantemente banto e os candomblés nagô e angola, associados a resquícios de práticas indígenas e a valores morais católicos, e tudo isso emoldurado pela doutrina kardecista, a qual por sua vez tem como inspiração idéias hinduístas como os ciclos de reencarnação e a lei do karma (ou da causa e efeito), além de um caráter cientificista herdado do contexto europeu do século XIX, quando foi sistematizada ou codificada por Allan Kardec (pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail).

> A síntese umbandista pôde assim conservar parte das tradições afro-brasileiras; mas para estas perdurarem, foi necessário reinterpretá-las, normalizá-las, codificá-las. Foi este o trabalho dos intelectuais umbandistas: canalizar uma situação de fato para constituir uma nova religião. Mas quem eram estes intelectuais? Brancos e mulatos de "alma branca", que reconstituíram as antigas tradições com os instrumentos e valores fornecidos pela sociedade. Não estamos, pois, mais em presença de um culto afro-brasileiro, mas diante de uma religião brasileira que traz em suas veias o sangue negro do escravo que se tornou proletário (ORTIZ, 1999, p.33).

Nesta *nova* religião, os espíritos de negros, de índios ou de qualquer outra ordem não seriam mais desprezados *a priori* como no kardecismo, e sim cultuados e valorizados pelas suas mensagens e pelo trabalho espiritual de caridade que empreendiam realizando curas, abertura de caminhos, desobsessão, etc. As práticas rituais aplicadas neste contexto, mesmo tendo influência direta dos cultos negros e indígenas, haviam sido bastante transformadas em relação a suas antecessoras, sendo que prevalecia então a postura kardecista, inclusive no nome dos primeiros templos fundados por esse grupo, chamados *Tenda Espírita de Umbanda*..., e no modo de organização do culto, mais silencioso, ordenado, simplificado, muitas vezes seguindo o padrão das mesas kardecistas. Mas este era e continua sendo *um* tipo de umbanda...

Levando em consideração o contexto em que esse grupo de intelectuais da classe média procurava legitimar suas práticas, no qual predominavam ideais racistas, evolucionistas e nacionalistas (primeira metade do século XX), não é difícil entender o porquê do discurso extremamente intolerante empregado para diferenciar o que fazia parte da assim chamada *umbanda branca* ou *pura* do resto de práticas *bárbaras*, *fetichistas, primitivas* das macumbas, candomblés e outros cultos chamados genericamente de *magia negra*. Para que a religião que estava sendo organizada passasse a existir socialmente, sendo percebida como distinta num contexto maior, era preciso demarcar suas fronteiras, atribuir suas características diferenciais, processo que não podia ser feito senão através do que foi descrito por Pierre Bourdieu (2007) como "luta das classificações":

> [...] lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e de desfazer os grupos. Com efeito, o que nelas está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de di-visão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo (BOURDIEU, 2007, p.113).

Artur Isaia (s.d.[b]), José Henrique Oliveira (2008) e Renato Ortiz (1999) analisam com minúcia os discursos que surgem então entre os intelectuais umbandistas caracterizando suas

práticas e diferenciando-as das demais. Ortiz (1999) emprega o termo *embranquecimento* para designar o movimento levado a cabo pelos umbandistas oriundos do kardecismo, associando a *umbanda branca* ao progresso, a cultos milenares dos quais teriam herdado a sabedoria pura, ao cientificismo e a uma erudição cultural. Sobre a relação entre *umbanda branca* e a idéia de progresso, presente com muita força na sociedade brasileira do início do século XX, o melhor texto que conheço é o de Isaia (s.d.[b]). Já Oliveira (2008) faz uma análise da legitimação buscada por esses umbandistas principalmente em relação ao projeto político-cultural nacionalista do período do governo Getúlio Vargas, sobretudo no Estado Novo, onde se tornou mais intensa a perseguição oficial do Estado, apoiado pela Igreja Católica, aos cultos *atrasados* e *mistificadores* (principalmente de origem negra) que serviriam apenas para enganar incautos e sofredores. Oliveira (2008) entende, então, o discurso de integração adotado pelos intelectuais umbandistas aos valores correntes na sociedade do período, além da identificação da umbanda como religião absolutamente brasileira (entendida por alguns como a única), como um jogada política do movimento, buscando uma maior liberdade de culto. Esta conclusão certamente pode ser considerada verdadeira, mas Oliveira deixa de lado um aspecto fundamental que caracterizava o contexto da época, e que exercia enorme influência nos discursos sociais: o racismo em sua variante brasileira.

Lilia Schwarcz (1998) faz um apanhado muito interessante dos diversos momentos e especificidades da questão racial no Brasil. Aponta para a existência de duas tendências opostas, uma *pessimista* e outra *otimista*, em relação ao tema da miscigenação brasileira no fim do século XIX e início do século XX. A primeira corrente, de teses biologizantes, apostava na possibilidade e necessidade de um branqueamento progressivo da população, já que a mestiçagem era em si a própria degenerescência. A segunda perspectiva afirmava e valorizava a mistura das três raças formadoras – branca, negra e indígena –, passando da detração à exaltação (retórica) do mestiço, tornado nos anos 1930 o principal ícone nacional, paralelamente à afirmação de um mito de Estado da *democracia racial*, derivado da obra de Gilberto Freyre – uma forma pretensamente harmoniosa de convivência entre os diferentes grupos raciais. Como conseqüência da formação político-social brasileira e da instauração desse mito, a questão da raça tornou-se quase um tabu no Brasil, e o racismo aqui presente adquiriu sua principal característica: a naturalização, a estabilização, o apagamento, o silenciamento.

É importante ressaltar, como faz Schwarcz (1998), as singularidades do processo brasileiro de abolição da escravatura: presença da crença no branqueamento progressivo da

nação; libertação sem lutas e conflitos; e ausência de distinções legais subseqüentes baseadas na raça. Tudo isso gerou uma certa resignação que favoreceu a imagem da democracia racial e de um certo caráter *benigno*, *brando* da escravidão. Assim, a hierarquização social passa para o campo do não-dito, e a mestiçagem pode tornar-se ícone. Nos anos 1930, em plena elaboração de uma identidade brasileira, de uma nacionalidade *imaginada*, a miscigenação é tomada como a *verdadeira* característica nacional, reconhecida e exaltada pelo Estado Novo. Nesse processo em que o *mestiço* vira o *nacional*, ocorre a desafricanização, o clareamento simbólico de inúmeros elementos culturais de origem propriamente negra. Schwarcz (1998) cita a feijoada como exemplo principal, e eu retomo a Umbanda.

Não por coincidência, o discurso do grupo que buscava ordenar a umbanda (sob o viés mais próximo ao kardecismo, mais *branco*) reproduziu os aspectos fundamentais descritos pela autora do discurso racial oficial brasileiro ao longo do tempo. Isso não quer dizer que essa religião tenha sido considerada merecedora de apoio ou proteção efetiva do Estado em qualquer momento, por exemplo; esta é uma outra questão. O que me importa é a constatação da lógica racista, mesmo que *silenciosa*, do desenvolvimento interno da umbanda no século XX; sua capacidade de reproduzir e ao mesmo tempo negar os jogos hierárquicos de *raça* e de *cor* da sociedade brasileira através do discurso da miscigenação, da mistura harmônica das *três raças* (representada na religião pela presença pacífica do *caboclo* e de *preto velho*). A umbanda *verdadeira* e *pura* seria a *branca* que aceita o mestiço, em oposição a todos os outros cultos de *magia negra* (quimbanda, candomblé, catimbó, batuque, xangô, etc.), expressão que se tornou uma ofensa terrível entre os praticantes da umbanda. Este tipo de procedimento é conhecido nos estudos sobre identidade como o estabelecimento de um *exterior constitutivo*, lógica da criação discursiva das fronteiras que separam *nós* dos *outros*, os quais, por serem apontados como *outros distintos de nós*, acabam por delimitar o *nós*, através do que *nós não somos* (BOURDIEU, 2007; CUCHE, 2002; HALL, 2000; SILVA, 2000; WOODWARD, 2000).

A oposição entre umbanda e quimbanda, inclusive, foi um motivo para inúmeras controvérsias ao longo do século XX entre os umbandistas (entendidos agora como a totalidade do grupo, e não apenas os da *umbanda branca*). Enquanto aquelas casas e indivíduos mais próximos ao kardecismo, mais ocidentalizados, renegavam a presença dos exus em seus cultos, outros grupos afirmavam (e afirmam, pois tal polêmica ainda não teve fim) a indispensabilidade dos exus, associados às demais entidades, para um bom

funcionamento dos trabalhos e para a defesa das casas e médiuns, e outros ainda – os conhecidos como *quimbandeiros* – trabalhavam e trabalham apenas com os exus.

O interessante nessa história toda é que, hoje em dia, como demonstram diversos livros de autores umbandistas – incluindo os mais renomados atualmente, como Francisco Rivas Neto (1996) e Rubens Saraceni (2002 e 2004) –, revistas e sites sobre umbanda, os exus e pombagiras estão plenamente incluídos no universo umbandista, constituindo o que se tem chamado *linha de esquerda* ou *povo da rua*; a quimbanda agora é uma parte constitutiva de um universo maior denominado umbanda. Essa aceitação da quimbanda como intrínseca à umbanda, embora não seja total, pois existem casas que ainda dizem não trabalhar com exus, aconteceu processualmente, o que impede que se precise um momento exato para tanto. De qualquer forma, se a linha de esquerda é entendida hoje como fundamental à umbanda, não faz sentido buscar as origens dessa religião em uma modalidade de culto específica que desprezava o culto e o trabalho com os exus. É bem sabido entre os adeptos das várias tradições afro-brasileiras que, se Exu não está no início, então não está aí o início, pois ele é sempre o primeiro.

Mas não são poucos os estudiosos que vêm na *umbanda branca* o início da umbanda como um todo complexo. Na verdade há quase um consenso sobre isso, muito prejudicial a meu ver. Por sinal, de todos os autores que estudam a religião e que tenho citado neste texto, somente Ligiério e Dandara (1998) têm uma perspectiva diferenciada, que valoriza igualmente diversas vertentes e dinâmicas de formação da umbanda, divididas em *tradições orais* – ameríndia, kongo e iorubá –, *tradições escritas* – católica portuguesa e espírita kardecista – e *outras tradições* – onde incluem os malês, a maçonaria, o orientalismo, os ciganos, o vegetalismo e a medicina popular. Ou seja, a influência dos intelectuais umbandistas na origem da religião é, como em nenhum outro trabalho, relativizada, mesmo que tenha sua importância reconhecida, em amplitude e limites:

> O kardecismo é a segunda tradição escrita mais importante na formação da umbanda, influenciando tanto o estilo de textos e discursos quanto o conteúdo conceitual e filosófico desta religião. Os livros de Allan Kardec são a referência literária mais citada quando se trata de explicar as origens de idéias fundamentais como a reencarnação, a lei do karma e a evolução espiritual adquirida através da prática do dogma cristão de amor ao próximo. Formalmente, também, a obra de Kardec contém a matriz do tom racional-científico que aparece na retórica e na literatura umbandista, mesmo quando as informações veiculadas baseiam-se exclusivamente na fé (LIGIÉRIO e DANDARA, 1998, p. 61).

Outros autores também se referem a diferentes correntes de formação cultural da umbanda, porém sempre de maneira simplista, muitas vezes repetindo preconceitos já bastante estabelecidos na literatura antropológica, como aqueles referentes aos negros bantos, que seriam incapazes de estabelecer cultos complexos e organizados, além de não possuírem divindades próprias, mas somente culto aos antepassados:

> No início do século XIX a *macumba era ritualmente pobre* e muito *próxima da estrutura do culto praticado pelos bantos* [grifos meus], no qual invocavam os espíritos dos antepassados tribais. Os orixás nagôs ainda não haviam assumido um papel mais importante no culto. Foram lentamente introduzidos a partir do crescimento do prestígio do candomblé. (...) A *primitiva* macumba, *longe de ser um culto organizado* [grifos meus], era um agregado de elementos da cabula, do candomblé, das tradições indígenas e do catolicismo popular, sem o suporte de uma doutrina capaz de integrar os diversos pedaços que lhe davam forma. É deste conjunto heterogêneo que nascerá a umbanda, a partir do encontro de representantes da classe mais pobre com elementos da classe média egressos do espiritismo kardecista. Foi este último grupo que se apropriou do ritual da macumba, impôs-lhe uma nova estrutura e, articulando um novo discurso, deu início ao processo de legitimação (OLIVEIRA, 2008, p.76).

Então quer dizer o autor que todos os cultos dos negros bantos, inclusive a macumba e os calundus e candomblés-angola, eram *ritualmente pobres* e sem divindades próprias, tendo que esperar a chegada dos orixás iorubás para ter algum deus? Além disso, a macumba não passaria de um *agregado de elementos* variados de diversas procedências, sem nenhuma sistematização mitológico-ritual, tendo que esperar os arautos da classe média kardecista para que passasse a ser um culto relativamente organizado, já sob o nome de *umbanda*? Poderíamos então supor que não existiu nenhum religioso de origem banto sério o suficiente para manter um culto que não fosse um oba-oba, e que também entre as casas desses cultos *primitivos* não houve qualquer tipo de articulação, de rede social? É realmente preocupante como interpretações distorcidas da realidade de toda uma parcela da população negra podem ser repetidas incansavelmente ao longo de décadas, enquanto o papel tardio de um pequeno grupo de indivíduos *brancos* com origem ou inspiração kardecista (os intelectuais umbandistas) é tomado como única referência válida na análise da história da umbanda.

Deve ficar claro que não desejo que minhas interpretações, afirmações e dúvidas sejam entendidas, de forma alguma, como um tipo de afronta ao espiritismo kardecista e sua importância no universo umbandista. O kardecismo, enquanto tradição religiosa absolutamente digna, humana como todas, tornou-se intrínseco ao processo de constituição da umbanda desde que aportou no Brasil em meados do século XIX. Ambas as religiões, kardecismo brasileiro e umbanda, estão inseridas num contexto sócio-cultural-histórico

compartilhado, em que a crença na não-finitude da existência com a morte biológica, na interação da dimensão espiritual com nossa dimensão humana material, entre outras crenças, são basilares das duas tradições – o que faz com que sejam inapelavelmente conectadas, retroativas, contínuas, muitas vezes sobrepostas.

Eu próprio, enquanto umbandista, sincrético, complexo, sou formado também pelo kardecismo, utilizo inúmeros recursos herdados de sua terminologia, inúmeros de seus esquemas de interpretação da existência misturados com os de outras vertentes culturais; além do fato de ter uma proximidade literalmente familiar, biográfica, com o universo de idéias, crenças, práticas, objetos, etc., inspirados por Kardec. Vejamos, por exemplo, minha tendência à reflexividade, à crítica e ao entendimento racional (óbvio que não somente, mas inclusive) de minha espiritualidade-religiosidade. Embora isso me tenha chegado, ao menos conscientemente, através de meu contato com a umbanda, é um tipo de reflexividade, de lógica de raciocínio e explicação e vivência da espiritualidade própria da influência kardecista, fortemente enraizada na racionalidade moderna-ocidental. E não me interessa negar essa influência, desconstruí-la ou desvalorizá-la, mas bem o contrário, como já disse. O kardecismo do contexto brasileiro é intrínseco a mim, da mesma forma como se tornou intrínseco à umbanda em seu processo de constituição, sendo isso hoje um dado incontestável. Só que isso não impede – e até fomenta – uma revisão, de minha parte, das cristalizações interpretativas-discursivas em torno do papel do kardecismo enquanto vertente de indivíduos e idéias religiosas na constituição da umbanda, buscando deliberadamente uma desestabilização da construção da História da Umbanda (com maiúsculas mesmo) em torno de sua institucionalização e da afirmação sócio-identitária.

2.3 - INDÍCIOS DO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO UNIVERSO UMBANDISTA

A meu ver, a idéia de que a umbanda teria *nascido* naquele movimento de base kardecista no início do século XX deixa de levar em consideração o processo de constituição longo e complexo de um universo religioso que se insere no ainda mais amplo universo cultural afro-brasileiro. Afinal, diversas variações de cultos da época e também de hoje, e que são compreendidos atualmente como pertencentes ao complexo umbandista, mantém semelhanças ritualísticas e culturais profundas em relação aos exemplos de formas de religiosidade sincrética presentes no Brasil desde o século XVII. Mesmo que a

institucionalização e a nacionalização da umbanda tenham se dado sobretudo na primeira metade do século XX pela ação dos tais grupos de classe média oriundos do kardecismo, as características rituais, os elementos materiais e simbólicos, as memórias e o imaginário do universo umbandista não podem ter sua constituição reduzida a esse período, mas antes o contrário: possivelmente a maioria destes elementos já vinha se moldando há muito tempo. A seguinte afirmação exemplifica o tipo de postura interpretativa que estou aqui questionando:

> A institucionalização da umbanda, a partir da criação de federações, foi um reflexo do processo de mudança pela qual passa a sociedade brasileira. (...) a preocupação em edificar uma religião centrada na possibilidade de manifestação de espíritos oriundos das três etnias que formam a nação brasileira, foi certamente influenciada pelo intenso nacionalismo do regime de Vargas e pelo esforço de criar uma cultura nacional como base para a unificação do povo brasileiro (OLIVEIRA, 2008, p.109).

Concordo que existe uma grande relação entre o movimento de institucionalização da umbanda e as transformações pelas quais passava o contexto brasileiro nesse período. Este movimento representa certamente uma virada fundamental na história da religião, influenciando profundamente o modo como hoje ela se apresenta, mas outra coisa bem diferente é afirmar que foram determinadas nesse período as categorias de entidades que passariam a *baixar* nos terreiros de umbanda representando as "três etnias que formam a nação brasileira", sendo elas os caboclos (indígenas), pretos velhos (negros) e as crianças (brancos, mas não somente). Isso por que esses tipos de espíritos ancestrais já se manifestavam muito antes do tal período da institucionalização, possivelmente desde os primeiros cultos sincréticos documentados em solo brasileiro, já no século XVIII. A postura nacionalista característica do governo de Getúlio Vargas possivelmente ajudou a selecionar, fortalecer e institucionalizar os ícones *caboclo* e *preto velho* numa negociação entre certos grupos umbandistas e a sociedade/Estado brasileiro, mas de forma alguma *criou* esses ícones e muitas das outras características do universo da umbanda.

Assim, penso que o peso atribuído, por exemplo, por Roger Bastide (1971), Patrícia Birman (1985[b]), Diana Brown (1985), Maria Helena Concone e Lísias Negrão (1985), Lísias Negrão (1996), Emerson Giumbelli (2002), João Henrique Oliveira (2008), Renato Ortiz (1999) e Zelia Seiblitz (1985) à relação entre o grupo responsável pela institucionalização da religião com o projeto político-cultural nacionalista da era Vargas, através da fundação de federações umbandistas e da demarcação discursiva-identitária frente a outros grupos, deve ser tratado de forma mais cuidadosa. Isso por que, mesmo que tal relação tenha trazido modificações profundas nos modos de fazer religioso de determinados grupos

umbandistas, outros segmentos do culto como hoje o entendemos continuavam a exercer suas práticas e crenças paralelamente ao grupo mais intelectualizado e preocupado com a legitimidade da umbanda no campo religioso brasileiro. Exemplos disso são a própria quimbanda, inicialmente excluída da umbanda, as diversas macumbas que provavelmente não se integraram ao movimento de institucionalização-nacionalização, e os outros cultos que se mesclaram ao longo do tempo com o universo umbandista, tendo hoje suas fronteiras regidas mais por opções pessoais do que por dinâmicas amplas de grupo, como a jurema, o catimbó, o vegetalismo, a wicca e outros. Partindo do dado contemporâneo da aceitação da umbanda como um universo complexo e plural constituído de diversas *escolas*, um "ecossistema de idéias religiosas" (LIGIÉRIO e DANDARA, 1998), como seria possível entender o processo de constituição desse universo a partir da referência exclusiva ao momento fundador de *uma* variedade de culto organizada por um grupo restrito (mesmo que influente) de indivíduos num determinado momento, quando ocorre a já mencionada articulação entre intelectuais umbandistas e o projeto político-cultural nacionalista?

Sugiro que a articulação política-identitária com referência nesses valores tenha sido obra apenas dos intelectuais responsáveis por um movimento que não corresponde hoje e nem correspondia na época à totalidade do universo de crenças e práticas que hoje denominamos umbandistas. Ora, e é justamente sobre esse fragmento do processo de constituição da umbanda (o período, os atores e os locais da institucionalização) que recaem todas as pesquisas a que já tive acesso que buscam datar um *nascimento* da religião propriamente dita. Há um marco temporal-espacial (físico e simbólico) relativamente bem delimitado que separa o que é chamado genericamente de *macumbas* (sobre as quais nenhuma ou poucas referências mais aprofundadas são feitas) ou *baixo-espiritismo* do momento em que *surgiu* efetivamente a umbanda. Porém, essa perspectiva de interpretação apresenta um problema fundamental, muito bem resumido pelo caboclo Ogum das Matas ao falar sobre o modo como os seres humanos organizaram a umbanda e como contam sua história:

> O problema fio, é que com o passar dos anos, a umbanda começou a ter muitos fio metido assim a, como diz?, a intelectual fio, então os fio quiseram botar os conhecedô que muitas vez não é pesquisado pelas entidades, entende fio?, eles fizeram o estudadô e associaram ao conhecedô da religião e tentaram impor. Então o que aconteceu, fio? Muita da essência da umbanda ta se perdendo, por interferência dos hômi **<da Terra...>** da Terra. Então os fio tão querendo assim ó, vô lhe dar um exemplo assim fio, botar umas origem na umbanda fio, como se ela tivesse só surgido, fio, quando o hômi branco veio fazer o estudo, trazer o estudadô dos Kardek fio... E não fio, a umbanda já era um culto dos índio, fio... <interrupção > Então fio, a umbanda já era praticada por nós índios, só que de outra forma. O pajé, o que que ele faz? Ou ele toma uma bebida, ou ele faz o cheradô do rapé, mas ele invoca o quê fio?, os espíritos. Os espíritos da terra, os espíritos dos peixes, até

> ancestral, fio... até os ancestral... pra fazê a cura, e que é a essência da umbanda, fio... o contato com o mundo espiritual. Quando entrou os Kardek, eles organizaram, eles botaram a teoria na umbanda, mas a prática da umbanda, fio, isso é do tempo, assim ó fio, de antes do hômi branco, só que era várias tribo e ninguém dava o nome de umbanda, né fio? Pra nós o que era? Era nossa religião do Pai Maior, que usava os espírito pra comunicação. (APÊNDICE A, p. 91)

Ora, no entendimento do caboclo aquilo que é fundamental na umbanda, ou seja, a prática do contato com o mundo espiritual, já estava presente nas terras do hoje Brasil antes da organização de um culto nomeado como *umbanda*. A cigana Agnara é ainda mais clara a esse respeito, reconhecendo, inclusive, que a denominação *umbanda* para nos referirmos a essa via espiritual-religiosa é tardia frente à constituição dos fundamentos do universo umbandista - seus princípios filosóficos e suas práticas:

> **Como é que a senhora entende, então, o surgimento – eu costumo usar a expressão *processo de constituição*, que é uma expressão que meu orientador aqui na terra, do meu trabalho, utiliza, e que eu gosto muito –, qual foi o processo de formação da umbanda, tanto do ponto de vista espiritual, do plano espiritual, quanto no plano material, entre os humanos? Como é que ela foi se organizando?**
>
> No plano espiritual, *chico*, existia... No momento que existiu a formação de uma, como vou lhe explicar?, nós chama de aruanda, de uma aruanda misturada de povos no país de vocês, um reino de povos, no astral foi criado uma determinação para que vários espíritos de várias origens trabalhassem com esse povo. Então não existe no astral uma determinação *umbanda*, nós todos somos espíritos, nós todos somos enviados pelo Pai Maior, só que cada um de nós tem uma missão, e a missão foi trazer este conhecimento onde mistura o conhecimento indígena, o conhecimento africano, o conhecimento do branco e, nos tempos mais atual, principalmente o conhecimento oriental, que é de onde tudo surgiu, o esoterismo. Então, existia uma determinação de tecer aquilo que seriam princípios filosóficos, princípios de fé, *entiende* filho?, e que nós deu o nome *umbanda* para os filhos, por que era um termo que era muito comum para o negro. Então era um termo que já era usado nos cultos primitivos dos negros, por que nos cultos indígenas eram pajelanças, eram catimbós, **<Xamanismo...>**, isso, eram parás **<Como?>**, pará, eram xamãs... Então são cultos... **<Outros cultos...>** Então o *nombre*, por que foi usado umbanda? Por que na época que ela começou a potencializar nessa terra, o que aconteceu?, a população era de grande maioria negra. **<Então para ela ser aceita entre as pessoas simples, se usou um nome das pessoas simples...>** Era um *nombre* que era mais familiar. **<Pra aquelas pessoas...>** Então se o senhor perguntar pra nós a origem da umbanda: com os povos que se misturaram no Brasil. Ninguém criou a umbanda. Não foi um *hombre* que decidiu "a partir de hoje está criada", ela já existia no astral, só foi organizada para existir uma organização ritualística, nada mais filho. Mas não uma criação. (APÊNDICE B, p.102-3)

Como sabemos, a aproximação entre negros africanos e indígenas sul-americanos no período colonial possivelmente foi facilitada pelas características semelhantes em suas tradições religiosas/espirituais. Os modos variados de culto e de relacionamento com as forças da natureza, com divindades e com espíritos ancestrais, comuns nos dois lados do Atlântico-Sul, originaram juntamente com a influência branco-européia – tanto do cristianismo oficial

quanto de práticas magísticas *pagãs* – sínteses religiosas fundamentais para a emergência da cosmovisão e instituição umbandistas, que carregam até hoje fortes traços desses primeiros amálgamas (SILVEIRA, 2006[a] e 2010). Dessa forma, muito da bagagem cultural, espiritual, mitológica e identitária, a cosmovisão, os *fundamentos* da umbanda vinham já estabelecidos ou ao menos em formação desde o período colonial, sendo portanto anterior ao *mito de fundação* da religião em 1908 e ao seu discurso identitário organizado.

Há um exemplo substancial da presença de diversas, talvez da maioria, das características fundamentais das práticas umbandistas em um culto documentado bem antes do período designado pelos adeptos e estudiosos da umbanda como sendo o do *nascimento* da religião. Trata-se de um *calundu* do período colonial, termo este utilizado para se referir de maneira genérica aos primeiros e diversos cultos em solo brasileiro envolvendo sincretismo de elementos religiosos negros, indígenas e europeus. Este caso, descrito por Luiz Mott (1994) e retomado por Renato da Silveira (2006[a] e 2010), ainda não foi considerado em nenhum dos trabalhos que conheço a respeito da umbanda, campo de estudos ao qual tem valiosos dados a acrescentar.

Luzia Pinta foi a protagonista de um *calundu-angola* que funcionou na Vila de Sabará, em Minas Gerais, entre os anos 1720 e 1740 – era, portanto, um culto bem estruturado, pois funcionou durante duas décadas. Luzia era angolana, nascida escrava e trazida ainda criança e já batizada para o Brasil, onde viveu na Bahia até 20 anos de idade, mudando-se depois para Minas Gerais. Aos 30 anos de idade comprou sua alforria e pode estabelecer-se em Sabará, onde organizou seu calundu. A existência de documentação suficiente a uma boa descrição de suas práticas deve-se ao fato dela ter sido presa, interrogada e torturada pela Inquisição em Lisboa, para onde foi transportada em 1741-2. Os depoimentos das testemunhas do seu processo trazem descrições muito importantes sobre o funcionamento do culto e sobre as possíveis entidades que atuavam com Luzia (MOTT, 1994; SILVEIRA, 2006). Não pretendo relatar todos os detalhes captados por Mott e Silveira, mas apenas citar alguns dados e estabelecer comparações que podem aprimorar nossa compreensão sobre a história da umbanda.

As cerimônias organizadas por Luzia eram abertas ao público e freqüentadas por negros e brancos, e eram acompanhadas de cantos e toques de atabaques. Os objetivos relatados das reuniões eram a purificação da comunidade, a cura de doenças ou malefícios e a realização de adivinhações esclarecedoras. A música e a dança começavam até que Luzia entrava em transe, quando então era paramentada com as roupas da entidade incorporada. Sim, ela trabalhava

com diferentes entidades e também faziam parte de seus ritos de cura missas para Santo Antônio e São Gonçalo, e em algumas ocasiões ela também aparecia vestida como um anjo (MOTT, 1994; SILVEIRA, 2006). Esses dois aspectos, a influência do cristianismo e a capacidade de incorporar diferentes categorias de entidades, são marcantes na umbanda tal como a entendemos hoje, sem falar da música percussiva, da dança ritual e dos objetivos das sessões. A partir das descrições das roupas e utensílios utilizados por Luzia, Silveira (2006) propõe uma interpretação sobre as entidades que ela recebia:

> Este conjunto de dados sugere portanto que Mameto Luzia, além do anjo, tinha a capacidade de incorporar entidades de diferentes ordens, tanto ancestrais quanto divindades. Nesse sentido, a descrição dos figurinos de Luzia indica que ela devia provavelmente receber um caboco, mas também os inkisses Kaiongo e Inzaze. O que aliás não surpreende, porque não é muito raro que sacerdotes de grandes tradições sejam capazes de incorporar dois, três ou mais espíritos distintos (SILVEIRA, 2006, p 226).

Não apenas não é surpreendente, mas é comum entre os médiuns de umbanda o trabalho com diferentes entidades. Grande parte deles recebem ao menos duas categorias de espíritos (um caboclo e um preto velho; um caboclo e um exu; um preto velho e um exu; etc.), e alguns chegam a receber várias entidades de acordo com a ocasião (inclusive duas numa mesma sessão), variando também a natureza das entidades, entre espíritos desencarnados e divindades, tal qual Luzia Pinta. A partir das descobertas que realizou, Mott (1994) encerra seu artigo com uma provocação:

> Destarte, deixamos uma indagação aos experts das religiões afro-brasileiras: em que medida não seria mais acertado atribuir ao calundu-angola a matriz primordial dos rituais hoje denominados de umbanda – explicando a presença dos orixás e cerimônias emprestadas ao candomblé como um traço a mais do sincretismo umbandista de origem afro-luso-ameríndio-brasileiro? Saravá, Mãe Luzia Pinta! (MOTT, 1994, p. 81).

Provocação aceita. A idéia de uma *edificação* orientada da religião por um grupo de pessoas bem determinado num período específico dificulta e até mesmo impede a percepção de um processo de constituição bem mais caótico e prolongado do que sugere um *momento fundador*, processo no qual lentamente se formam as condições imaginárias, culturais, sociais e espirituais para a emergência da umbanda. Não me parece sensato dispensar análises mais cuidadosas e bem embasadas sobre o período anterior à entrada em cena dos intelectuais umbandistas de classe média influenciados pelo kardecismo, como tem sido constantemente feito entre os adeptos e estudiosos da umbanda. Ora, se em 1720 já existia no Brasil um culto sincrético de elementos africanos, portugueses e indígenas voltado ao atendimento de um público indiscriminado, no qual eram realizadas curas, limpezas espirituais e adivinhações

acompanhadas por música percussiva e danças, com a presença de entidades de diferentes categorias, como afirmar que a umbanda *nasceu* em 1908, ou na virada do século XIX para o século XX?

Renato da Silveira (2010), em resumo sobre os calundus congo-angolanos coloniais, concorda em localizar nos cultos como o de Luzia Pinta as primeiras manifestações dos processos histórico-culturais que originaram o que hoje chamamos de umbanda:

> Em linhas gerais poderíamos sugerir que uns calundus eram mais individualizados, conduzidos por lideranças carismáticas, visando prioritariamente a cura; e que outros, embora visando também a cura, eram mais comunitários, agregando gente de diferentes preceitos; uns celebrando apenas os ancestrais, outros celebrando os deuses da natureza e das tradições profissionais; alguns, como o de Luzia Pinta, misturando tradições africanas, europeias e indígenas no mesmo ritual, dando origem ao que é chamado mais habitualmente de umbanda; outros priorizando as divindades ameríndias, mas adotando elementos rítmicos e coreográficos da forma ritual africana, dando origem ao que na Bahia chamamos de candomblé-de-caboclo; outros ainda priorizando tradições africanas, permeadas por elementos rituais cristãos, porém também adotando tradições ameríndias, fazendo as festas dos inkisses e dos caboclos em datas diferentes e dando assim origem aos atuais candomblés-de-angola (SILVEIRA, 2010, p. 43-4).

Reafirmo que não estou querendo dizer que não houve uma grande virada, uma transformação importante no universo da umbanda mediante a influência dos grupos de intelectuais da classe média oriundos do kardecismo e da modalidade de culto organizada por eles. O que defendo é que essa modalidade de culto, conhecida como *umbanda branca* ou *pura*, não pode emprestar a história de sua constituição, seu mito de fundação, suas crenças e práticas a uma compreensão da totalidade do complexo fenômeno umbandista, como vem sendo feito comumente por adeptos da umbanda e, o que me parece ainda mais preocupante, pelos estudiosos que poderiam aprofundar suas pesquisas em perspectivas não consensuais sobre esse universo.

3 - O UNIVERSO UMBANDISTA NA PERSPECTIVA DA THSARA

3.1 - PESSOAS E ENTIDADES NA CONSTITUIÇÃO DA THSARA UNIVERSALISTA DE UMBANDA REINO DOS CIGANOS

Para falar sobre a Thsara, antes são necessárias algumas palavras a respeito da trajetória religiosa de Beatriz, mãe-de-santo da casa[13]. Beatriz, nascida em 1958, começou sua caminhada no universo umbandista muito cedo. Ela conta que desde criança diversos fatos estranhos aconteciam, mas que não sabia do que se tratavam especificamente: era sonâmbula, via pessoas que depois ficava sabendo que já estavam mortas, dormia ao longo de um dia inteiro ou mais sem que conseguissem a acordar, e depois despertava como se nada houvesse passado... Com mais ou menos 11 anos de idade começou a freqüentar esporadicamente um centro de umbanda em Santiago - RS, sua cidade natal, acompanhando um tio seu, médium (trabalhava com o caboclo Rompe Mato) desse terreiro da cidade, que ainda hoje funciona (agora, segundo ela, mais voltado ao culto de nação/batuque). Logo em seguida, foi morar em Santa Maria, outra cidade do interior do Rio Grande do Sul, onde começou mais efetivamente sua atividade espiritual-religiosa.

Beatriz relata que com mais ou menos 14 anos foi convidada por uma amiga para ir em um terreiro local; chegando lá pela primeira vez, notou que enxergava a realidade, naquele momento, de modo diferente das pessoas em geral, pois, segundo o que diz, ao invés de ver os médiuns da casa, via as entidades que iriam trabalhar com eles. Quando a sessão propriamente dita começou, foi chamada por um preto-velho que estava trabalhando e que queria falar com ela. Comentou com sua amiga que via um senhor negro, velho, de cabelo branco, que lhe

[13] Neste trecho, baseio-me principalmente em uma das entrevistas que realizei com Beatriz durante a estadia em sua casa para a pesquisa de campo, a qual registrei em áudio no dia 15/10/09, mas não transcrevi por considerar menos importante aos propósitos específicos deste trabalho escrito do que a outra entrevista com Beatriz, que consta como Apêndice E (p. 119) neste volume, realizada no dia 22/10/09, quando abordamos com mais ênfase as questões fundamentais do estudo. Tomo aqui como referência, além disso, alguns documentos aos quais tive acesso, como uma apostila onde constam as *Normas de funcionamento da Thsara Universalista de Umbanda Reino dos Ciganos* - uma espécie de estatuto da casa - e também um caderno de atas, onde há alguns poucos mas importantes registros relativos ao processo de organização e institucionalização da casa. Utilizo ainda como base para esta apresentação de Beatriz, da Thsara e de alguns aspectos de seus contextos, é claro, as muitas conversas que tive com Beatriz, João Batista, Thayná e os demais médiuns da casa ao longo dos anos de convivência que tenho com eles. Ou seja, uso como referência todo o conhecimento e experiência prévia que venho acumulando e processando sobre a Thsara e seus membros humanos e espirituais no contato direto com esse contexto.

chamava, enquanto que essa amiga afirmava que via, sim, um homem branco de olhos claros, referindo-se ao médium do tal preto-velho. A entidade chamou duas vezes "aquela mocinha que está lá no fundo", e Beatriz relutou; na terceira vez, a entidade lhe chamou pelo nome (sendo que Beatriz não conhecia aquelas pessoas, e nunca havia estado naquele terreiro antes), dizendo que era para ela se aproximar, pois ele queria lhe dar um passe. Ela sentou na frente do preto-velho, que levou a mão à sua cabeça, e disse que iria explicar o porquê de Beatriz ter aquele sono de dormir os dias inteiros sem conseguir acordar e as outras manifestações das quais não sabia o motivo. A partir daí, lembra apenas que ele colocou a mão em sua testa, e ela não viu mais nada. Quando deu por si novamente, eram já 11 horas da noite, e havia *recebido* a cabocla Pena Dourada (que trabalha com ela até hoje). A cabocla trabalhou a noite inteira atendendo às pessoas, como se Beatriz, segundo suas próprias palavras, fosse médium de umbanda a vida toda, enquanto na verdade conhecia a religião só de passagem, como já mencionei. O máximo que acontecia antes era as entidades do terreiro em que seu tio trabalhava dizerem que Beatriz tinha entidades próximas a ela, de tais e tais linhas, e que viria a trabalhar na umbanda um dia - mas ela, como conta, não dava atenção a isso, não tinha pretensões nesse sentido, até por que era apenas uma criança.

Depois do fato ocorrido no terreiro onde *recebeu* pela primeira vez a cabocla Pena Dourada, foi convidada pelos membros dessa casa para ingressar efetivamente no corpo mediúnico. Beatriz gostou da idéia e, além disso, quando chegava perto dos horário das sessões, sentia mesmo necessidade de ir ao terreiro, pois ficava tonta, não se sentia bem caso não fosse. Assim começou a *trabalhar* na umbanda, sendo inclusive batizada nessa casa, e se sentia bem mental e fisicamente com a atividade mediúnica: como diz, chegava na sessão, *apagava* e não via nada acontecer (o que chamamos na linguagem espiritualista de *mediunidade inconsciente* - falarei mais sobre esse aspecto adiante). Ficou em torno de um ano nessa casa, quando então uma médium que lá trabalhava com uma entidade cigana (a cigana Helena) se desentendeu por algum motivo que Beatriz desconhece com os responsáveis por esse primeiro terreiro, e passou a trabalhar com a umbanda em sua própria casa. Tanto Beatriz quanto os demais médiuns novos naquele primeiro terreiro (em torno de 20 pessoas) haviam sido iniciados na religião justamente pela cigana Helena e pelo preto-velho que *chamou* Beatriz ao trabalho mediúnico, o qual tinha como médium o marido da médium daquela cigana. Portanto, quando os dois saíram da casa inicial e montaram seu próprio terreiro, Beatriz e os demais os acompanharam.

O novo terreiro daquela que Beatriz entende como a sua mãe-de-santo, ao contrário do primeiro, onde eram feitos apenas trabalhos de umbanda e quimbanda (entendidas como a *direita* e a *esquerda* complementares do universo umbandista), tinha como base ritual também o batuque - nome do culto dirigido propriamente aos orixás no Rio Grande do Sul, tal como os candomblés, xangôs, etc., em outros lugares -, configurando a modalidade assumidamente misturada de culto que naquele contexto chamamos de *umbanda cruzada*, a qual caracteriza até hoje, por exemplo, a Thsara Universalista de Umbanda Reino dos Ciganos[14]. Neste novo terreiro, com essa mãe-de-santo, Beatriz trabalhou até em torno de seus 18 anos de idade, e neste meio tempo iniciou-se também no ritual específico do batuque, no qual também é *pronta*, ou seja, tem todos os assentamentos de orixás, rituais de iniciação e *obrigações* realizados, muito embora o terreiro depois organizado por ela, a Thsara, tenha sido sempre caracterizado mais propriamente como de umbanda cruzada, como já foi dito. O interessante, aqui, é ressaltar, pelo exemplo de Beatriz, a constituição mutuamente intrínseca, em adeptos, rituais, crenças, cosmovisões, etc., das *diferentes* religiões de matriz africana, algo que se manifesta claramente na existência e ampla disseminação da umbanda cruzada, mesmo que as casas ditas *tradicionais*, que prezam pela idéia (sempre ilusória) de *pureza*, não admitam ou reconheçam esses diálogos constantes.

Em certo momento, que deve ter sido por volta de 1976-7, pelos cálculos aproximados possíveis a partir dos dados e lembranças fornecidos por Beatriz, aquela que era a mãe-de-santo da casa onde estava trabalhando foi transferida (creio que por motivos profissionais) para o Norte do país. Com sua saída da cidade, a pessoa indicada pelas entidades-chefes do terreiro para assumir a chefia dos trabalhos entre os médiuns da casa foi Beatriz. Assim, ficou neste exercício de mãe-de-santo em torno de 4-5 anos, num período que compreendeu seus 18-23 anos de idade, e no qual também realizou sua graduação em odontologia pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM (concluída em 1980), até que se mudou, em 1981, para outra cidade, Osório - RS, a convite de uma amiga dentista para que trabalhassem juntas. Pelo que conta, com sua saída do terreiro de Santa Maria, onde vinha chefiando os trabalhos, o grupo de médiuns dessa casa acabou se dissipando, cada um indo trabalhar em outros lugares. Vivendo em Osório conheceu João Batista, com quem se casou nessa época.

[14] Para mais informações a respeito das modalidades de cultos afro-brasileiros no Rio Grande do Sul, incluindo a umbanda cruzada e o batuque, ver Norton Corrêa, *O batuque do Rio Grande do Sul* (2006), e Ari Pedro Oro, *Religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente* (2002) e *As religiões afro-brasileiras do Rio grande do Sul* (2008). Um dado interessante, segundo Beatriz, é que a grande maioria das casas gaúchas de religiões de matriz africana, são, justamente, de umbanda cruzada. Correia e Oro confirmam essa percepção, afirmando, segundo seus dados, que em torno de 80% dos terreiros gaúchos se consideram *cruzados*.

Durante os 4 anos que ficaram na cidade Beatriz não se vinculou a nenhum terreiro local; apenas mantinha seu altar pessoal com suas entidades *firmadas*, realizava suas obrigações espirituais, e estabeleceu uma relação de ajuda mútua religiosa com uma senhora da cidade que trabalhava com batuque, freqüentando, quando necessário, sua casa. Em 1985-6, Beatriz, João Batista, e a já nascida Thayná (com 1 ano de idade), foram viver novamente em Santiago, cidade natal de Beatriz, e onde o casal continua até hoje. É a partir daí que começa mais efetivamente o processo de constituição, de organização da Thsara Universalista de Umbanda Reino dos Ciganos, o qual passo a descrever resumidamente.

Com a mudança para Santiago, Beatriz montou um consultório odontológico em uma peça anexa à antiga casa de seus pais, esta localizada ao lado de onde agora morava, no centro da cidade. Nesta mesma peça havia, inclusive, funcionado o consultório médico de seu pai, e agora servia ao exercício de sua profissão, na qual atuava desde Osório. Conta Beatriz que enquanto trabalhava como dentista, algumas pessoas vinham lhe relatar problemas e pedir ajuda, aconselhamentos e trabalhos espirituais, inclusive pessoas que já conheciam seu trabalho mediúnico por terem sido atendidas pela cabocla Pena Dourada em Santa Maria, e que voltavam agora a pedir seu auxílio. Já em 1986-7 (portanto nos primeiros anos de seu retorno à Santiago) começou, então, a organizar um pequeno altar - ou *congá*, como chamamos - nos fundos de seu consultório para atender às pessoas que a procuravam, além de realizar também alguns trabalhos espirituais na casa de outra médium sua conhecida. Trabalha ainda, nessa época, principalmente com a cabocla Pena Dourada. Em pouco tempo alguns outros médiuns se aproximaram, em número cada vez maior, para participar dos trabalhos no altar montado ali, enquanto ocorria outro fato determinante: Beatriz, que tinha um problema nos tendões das mãos desde menina, precisou abandonar sua profissão por conta do problema, que havia se agravado - isso em 1987 (mesmo ano em que nasce a outra filha do casal, Imaruí). Como o número de médiuns agrupados era crescente, sendo preciso mais espaço para o decorrer dos trabalhos que realizavam, as paredes internas do antigo consultório começaram a ser derrubadas, dando origem ao atual espaço da terreira.



Entrada da Thsara Universalista de Umbanda Reino dos Ciganos, no plano de fundo

Este momento de transformação também é marcado pela primeira manifestação daquela entidade que seria, a partir dali, a chefe espiritual da casa que estava se constituindo: a cigana Agnara. Beatriz lembra que, de todas as entidades com as quais trabalhou por algum tempo considerável, ou que trabalha até hoje, e com as quais tem uma ligação espiritual mais importante, a cigana Agnara era a única que nunca tinha *vindo à Terra* enquanto estava em Santa Maria. Nas primeiras sessões realizadas por este novo grupo de médiuns coordenado por Beatriz (no plano material), quem trabalhou foi a cabocla Pena Dourada, até que um dia essa deu o aviso de que a partir de então outra entidade viria *assumir a frente* dos trabalhos. Pelas palavras de Beatriz, a cigana Agnara "veio para fixar mesmo a casa", estabelecer a Thsara Universalista de Umbanda Reino dos Ciganos, com as ordens de Ogum Beira-Mar, este o chefe maior da casa, orixá menor de Beatriz na umbanda, que incorpora em raras ocasiões, rapidamente e com propósitos muito claros. Foi a Cigana que estabeleceu quase todas as características rituais e filosóficas (no sentido de entendimento da existência) da casa, e inclusive a nomeia com sua falange espiritual, o povo cigano, e com uma palavra de seu universo cultural, *Thsara*, que significa *tenda* em romanês (ou romani - idioma dos povos ciganos) - como me informou Beatriz. Até hoje, todas as decisões mais importantes da terreira são tomadas por ela.

Ari Pedro Oro (2008) levanta uma questão importante a respeito da *linha do oriente*, da qual a cigana Agnara faz parte, e das próprias entidades conhecidas como *ciganos* na umbanda:

> Na Umbanda do Rio Grande do Sul são cultuados "caboclos", "pretos velhos", "crianças" (Ibeji), além das "falanges" africanas. Outrora era também cultuada a "linha" do "povo do oriente", hoje quase em extinção. Segundo os umbandistas, tratava-se de entidades bondosas, bastante evoluídas e que transmitiam vibrações puras. Seus médiuns, incorporados, adotavam a postura corporal e os gestos dos povos do Oriente: chineses, indianos, árabes e ciganos. Hoje o "povo cigano" foi transformado em Linha de Exu. Quanto aos guias orientais, manifestam-se em poucas casas que trabalham com o que denominam de Junta Médica (ORO, 2008, p.16).

Portanto, se Oro está certo ao afirmar a quase inexistência, hoje, de terreiros que trabalham com entidades ciganas da chamada linha oriental, a Thsara Universalista de Umbanda Reino dos Ciganos constitui uma importante exceção, aqui apresentada e debatida.

Consta na ata nº 1, lavrada em um caderno ao qual tive acesso, que no dia 15 de outubro de 1989 "realizou-se a reunião para a transformação do congá particular em tenda de umbanda de Santiago", na qual estavam presentes, além de Beatriz, outras 4 pessoas. Não é possível saber exatamente quando a terreira passou a ser chamada como é hoje, mas é certo que foi nesse mesmo período que compreende a transformação física (ampliação) do espaço de culto, a manifestação da cigana Agnara e o início dos trabalhos públicos da casa, por que embora na primeira ata, do fim de 1989, por algum motivo não conste registro do nome específico da nova tenda, uma anotação na capa do mesmo caderno, datada de 25 de fevereiro de 1990 (portanto poucos meses após o início dos trabalhos abertos ao público), traz já a sigla TUURC (Thsara Universalista de Umbanda Reino dos Ciganos). Estava, assim, estabelecido o funcionamento da casa, que passou a receber um número maior de médiuns para trabalho e de pessoas em busca de atendimento.

Passados alguns anos, em março de 1993 (como registra a ata nº 2 do mesmo caderno acima referido), foi realizada outra reunião, desta vez com a finalidade de discutir e estabelecer alguns aspectos burocráticos da casa, tal como a escolha dos membros da primeira *diretoria* e do *conselho mediúnico* que atuariam a partir dali, a aprovação coletiva do estatuto e das normas de funcionamento da Thsara, e a filiação dessa terreira à União Santamariense de Umbanda e dos Cultos Afro-Brasileiros Cavaleiros de Cristo, com sede em Santa Maria - RS. O papel efetivo dessas iniciativas de cunho burocrático no fluxo maior da Thsara não será abordado por hora - cabe aqui apenas o registro desta etapa de institucionalização da casa. Outro dado relevante observado nessa segunda ata é o número de pessoas que participaram da

reunião: além de Beatriz, mais 11 pessoas, entre médiuns de incorporação e cambonos. Havia crescido, portanto, o espectro humano-espiritual de trabalho na Thsara.

Inclusive foi em 1992 que João Batista, marido de Beatriz, começou a participar das atividades da terreira, primeiro apenas observando, depois como cambono, e mais adiante como cambono-chefe (função que realiza até hoje). Antes disso, segundo ele próprio[15], "não acreditava, não via muito nexo na coisa". João Batista sempre teve como característica marcante em seus pensamentos e posturas de modo geral uma racionalidade aguda e uma forte tendência crítica, além de sua capacidade matemática e estatística invejável - é técnico contábil e foi funcionário do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no Rio Grande do Sul durante muitos anos, mas deixou essa profissão ainda na década de 1990, passando a dedicar sua atenção à gestão de uma propriedade rural herdada por Beatriz de seus pais. Faço referência a essas características por conta de seu contato e vivência com a umbanda serem também marcados por essas tendências, como não poderia deixar de ser, algo que pude verificar nos anos de convivência com ele no contexto familiar e da Thsara. Seu modo de compreensão da religião e da espiritualidade, sempre buscando entendimento lúcido, claro, objetivo, crítico dos muitos aspectos materiais e espirituais do universo umbandista, foi decisivo na formação do meu próprio modo de abordagem e compreensão desse universo, temperando, equilibrando a influência que eu chamaria de mais encantada-poética-espiritualista exercida sobre meu pensamento por Beatriz. Utilizarei, portanto, sempre que necessário, referências a suas opiniões e sua vivência na umbanda, sobretudo para chamar a atenção de que a busca por entendimentos racionais, lógicos, críticos, *pé-no-chão* da espiritualidade-religiosidade são perfeitamente viáveis no universo umbandista, sendo inclusive estimulados no contexto da Thsara - algo que contraria fortemente o senso comum existente, principalmente no âmbito da ciência, sobre o caráter dogmático, acrítico, ingênuo, distorcido do pensamento religioso.

Farei referência aqui, ainda, a outra pessoa de extrema importância em meu contato com a umbanda e a Thsara, já citada anteriormente: Thayná, uma das filhas de João Batista e

[15] Entrevista realizada em 25/10/09 (durante a pesquisa de campo), que foi gravada e transcrita, mas que não é apresentada aqui na íntegra por motivo de economia no volume de apêndices do trabalho, combinado com a opção de centrar a atenção nas falas de Beatriz e das entidades que trabalham com ela, de maior importância frente aos aspectos fundamentais de minha argumentação. Mesmo assim, essa entrevista e as opiniões de João Batista serão mencionadas nos momentos oportunos, além de terem embasado, evidentemente, a formulação de todo meu pensamento, minha postura e meus argumentos, junto com todas as outras informações que pude processar ao longo desses anos.

Beatriz[16], neste momento minha companheira há 8 anos, começou a participar das atividades da terreira na mesma época que seu pai, portanto enquanto ainda era uma criança de uns 8 anos de idade. Desde então ajudava, sempre que possível e que seus pais autorizassem[17], em todas as funções dos cambonos da casa, cantando os pontos de trabalho, anotando recomendações dos guias, auxiliando no fluxo das pessoas durante as sessões, organizando os fichários de atendimento, etc. Sua memória dessa vivência direta na religião até o momento em que se mudou para Santa Maria, onde foi cursar a universidade e onde nos conhecemos, foi o primeiro contato que tive com a umbanda e a Thsara, e até hoje ela me fornece inúmeros relatos sobre fatos específicos e sobre o dia-a-dia da terreira antes do momento em que conheci esse contexto. Além disso, Thayná constitui para mim um dos exemplos mais fortes e próximos de um dos infinitos modos de relacionamento e graus de aproximação que as pessoas podem desenvolver frente ao/dentro do universo umbandista.

Claro que as referências que fiz neste trecho a essas 3 figuras humanas do contexto da Thsara (Beatriz, João Batista e Thayná) são limitadas, muito resumidas e simplificadas, tanto em relação às suas realidades de vida, quanto frente ao somatório de pessoas que fizeram e fazem parte da constituição da Thsara ao longo do tempo. Dezenas de médiuns (de trabalho/incorporação ou auxiliares/cambonos), ou talvez mais de uma centena, além de milhares de consulentes, já passaram pela terreira, e isso significa que apenas a totalidade de aspectos (materiais e espirituais) da vida de todas essas pessoas envolvidos com essa casa, e com a umbanda de certa forma, compõem verdadeiramente o fluxo do universo da Thsara Universalista de Umbanda Reino dos Ciganos. Querer restringi-lo a uma história, a uma narrativa selecionada qualquer, como esta que apresento, trata-se, com evidência, de uma enorme simplificação. O meu interesse em citar essas 3 pessoas próximas a mim, dentre as muitas que conheci na realidade da Thsara, ao me referir ao processo de constituição dessa terreira, é justamente evidenciar que o universo umbandista, que interessa neste trabalho, é constituído, antes de mais nada, pela *vida* completa/complexa das pessoas, e também pelo fluxo de todas as coisas que estão em jogo em cada contexto.

Esta constatação é muito importante, pois, como venho argumentando neste trabalho, duas noções diretamente relacionadas entre si encontram-se hoje no cerne dos estudos sobre as culturas em geral, e também sobre a umbanda especificamente: *identidade* e *discurso/texto*

---

[16] A outra filha do casal é Imaruí, 3 anos mais nova que Thayná, e que também passou a se interessar e vivenciar mais de perto a umbanda a partir de sua adolescência.

[17] Thayná conta que até certa idade não podia ver os trabalhos com os exus e pomba-giras, que normalmente aconteciam mais tarde na noite e são caracteristicamente mais agressivos, intensos.

sócio-cultural. Veremos, então, a partir do entendimento que circula na Thsara a respeito do que é um *umbandista*, do que faz uma casa de umbanda e, depois, de quais são os fundamentos principais da religião, os limites dessas duas noções na interpretação complexa do universo umbandista. O objetivo aqui não é, de forma alguma, anular a aplicabilidade da noção de identidade discursiva na análise de qualquer situação histórica, de qualquer contexto sócio-cultural, inclusive por que eu mesmo a utilizo quando necessário, para abordar questões específicas (como na primeira parte do trabalho). Os discursos e textos sócio-culturais são fundamentais para a realização e a interpretação da umbanda pelos seres humanos, evidentemente. Compreender em algum nível essa lógica é um grande avanço, que foi e é proporcionado pelos estudos da cultura em várias áreas do conhecimento. O que me importa é apontar para a redução que é operada nas análises acadêmicas quando um fenômeno complexo como a espiritualidade-religiosidade humana passa a ser entendido como *apenas* uma questão de *discurso*. Ao menos na realidade que conheço de perto e sobre a qual reflito neste texto, ou seja, o entendimento da existência e a vivência pela perspectiva umbandista que flui na Thsara, a noção de discurso é claramente insuficiente em inúmeros aspectos para que possamos compreender o que está em jogo nesse universo espiritual-religioso.

Para ilustrar essa postura teórica contemporânea de associação direta de *identidade* a *discurso*, tomemos as palavras de Stuart Hall (2000), um dos principais intelectuais da corrente de pensamento denominada *estudos culturais*[18] – um conjunto amplo e multiforme de teorizações, métodos e objetos que emergiu a partir da segunda metade do século XX, acompanhando o processo histórico que alçou as culturas e as identidades, e a própria discussão sobre esses termos, ao centro das arenas políticas globais e locais. Vejamos o que diz o autor:

> É precisamente por que as identidades são *construídas* [grifo meu] dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como *produzidas* [grifo meu] em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma

[18] Falo em *ilustrar* a questão a partir de Stuart Hall porque quase todos os autores que conheço dos chamados estudos culturais fazem de algum modo a associação direta entre *identidades* e *discursos* individuais e sociais. Exemplos dessa abordagem podem ser vistos em Kathryn Woodward (2000), Tomaz Tadeu da Silva (2000) e Denys Cuche (2002). Uma perspectiva contrária é apresentada por Richard Johnson (2010), que chama de *miopias estruturalistas* os limites paradigmáticos da interpretação das culturas através das "discussões estruturalistas e pós-estruturalistas sobre o texto, a narrativa, as posições de sujeito, os discursos e assim por diante", justamente por "permanecerem no interior dos termos da análise textual", negligenciando "questões sobre a produção das formas culturais ou de sua organização social mais ampla" e as "questões relativas às leituras feitas pelo público" (JOHNSON, 2010, p. 77-8).

> unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma "identidade" em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna (HALL, 2000, p. 109).

E mais adiante no mesmo texto:

> Utilizo o termo "identidade" para significar o ponto de encontro, o ponto de *sutura*, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos "interpelar", nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode "falar". As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós (Hall, 1995) [sic]. Elas são o resultado de uma bem-sucedida articulação ou "fixação" do sujeito ao fluxo do discurso [...] (HALL, 2000, p. 111).

Podemos notar, sobretudo no primeiro trecho, a referência à *identidade* como um *constructo*, um *produto* discursivo de um jogo de certas formas de poder, ou seja, o *resultado* de um processo de demarcação de fronteiras simbólico-discursivas entre os grupos, mais a partir das diferenças supervalorizadas entre eles do que a partir de uma unidade interna perfeita. No segundo trecho, a *identidade* aparece como uma *sutura* entre os discursos e os sujeitos produzidos pelos próprios discursos. Nessa perspectiva, então, os indivíduos apenas *aderem* aos discursos identitários mais ou menos estabelecidos, às demarcações já realizadas, mesmo que elas sejam cambiantes em alguns aspectos.

Embora seja fundamental, não creio que essa já bem desenvolvida abordagem discursiva dos fenômenos identitários possa ser tomada como única via de entendimento de processos que estão aquém e além das lógicas de distinção e afirmação social. A prática hoje comum da abordagem de qualquer *questão de identidade* – tipo de preocupação relativamente recente – tomando como única referência os processos sociais de construção dos discursos identitários e os processos individuais de adesão a esses discursos precisa ser questionada, na medida que acarreta em muitos casos erros metodológicos e injustiças históricas importantes, como no exemplo que discuto neste texto: a possibilidade de diferentes compreensões do processo de constituição do universo umbandista e suas respectivas conseqüências sócio-político-culturais-espirituais.

Entendo que há um problema fundamental na formulação de qualquer conceito acabado, de qualquer explicação universal das questões de *identidade*, que é o fato de existirem em cada contexto diferente no tempo e no espaço diversas maneiras das pessoas entenderem e vivenciarem as muitas coisas que podemos considerar agora como relativas à *identidade* em suas várias formulações. Portanto a idéia de identidade só pode ser útil na compreensão de um

dado contexto se for levado em consideração àquilo que na realidade em questão é tido como importante na definição de identidades individuais e coletivas. Ou seja, essa palavra por si só é vazia de humanidade. As noções do que representa identidade devem emergir de seus contextos, e não ser aplicadas pelos observadores forçando a realidade ao modelo explicativo, quando qualquer objetividade do conhecimento pressupõe o contrário.

Gostaria de ressaltar, então, o fato de que a constituição da subjetividade de um umbandista obedece também a princípios que não são propriamente *discursivos*, até por que não estão localizados no plano social: primeiro, considerando que a umbanda não é uma *religião de texto* (como o cristianismo, o judaísmo, o islamismo, etc.), e sim de *preceitos*[19], o fazer individual, as atitudes, os modos particulares de entender e executar as práticas e receitas aprendidas, as habilidades exclusivas no âmbito das tecnologias materiais e simbólicas da religião têm enorme peso nos comportamentos, nas subjetividades, nas identidades; além disso, as experiências subjetivas e às vezes inconscientes de contato (e até *incorporação*) com entidades e divindades exercem influências fisiológicas e psicológicas importantes sobre os indivíduos. Tudo isso faz parte da subjetividade, da identidade pessoal de um umbandista.

Penso, assim, que o fundamento maior da umbanda está em outra coisa que não nos seus textos/discursos sócio-culturais, embora todas as manifestações espirituais-religiosas sejam por eles mediadas; ou seja, de acordo com a experiência que eu tenho com a religião, aquilo que chamamos na Thsara de *fundamento* da umbanda, que é a objetividade da constituição de seu universo espiritual e os processos que permitem o contato deste com o plano humano/material da existência, além de sua cosmovisão e cosmoética básicas, é algo que está além e aquém dos textos e discursos sócio-culturais – humanamente criados – que existem e podem existir sobre a umbanda. As entidades existem para além de personagens interpretados, elas têm um núcleo existencial subjetivo/objetivo próprio, e se relacionam com o plano humano das mais variadas maneiras, algumas delas mediadas por elementos sócio-culturais discursivos. Creio que todas as possibilidades humanas de cognição e interação com essa esfera sejam mediadas por esses textos e discursos, ou seja, pela cultura. Mas isso não quer dizer que essa esfera não possa exercer influências não cognoscíveis aos humanos... A

[19] Sobre esta distinção, vejamos o que diz Renato da Silveira (2006): "As religiões africanas e ameríndias tradicionais não são religiões de texto, não contam com um corpo doutrinal teoricamente sistematizado, são religiões de preceito, regras de procedimento com o uso preciso e específico de determinados ingredientes materiais, aquém dos cânticos, imagens e símbolos: o transe, elemento central da prática religiosa tanto dos africanos quanto dos ameríndios, jamais pode ser provocado sem as condições adequadas" (SILVEIRA, 2006, p.188).

questão é que interpretar a umbanda levando em consideração apenas a lógica dos textos e discursos sócio-culturais que são formados e circulam em seu universo significa compreendê-la parcialmente, deixando, como eu acredito, o fundamental em segundo plano.

Para finalizar, vejamos um exemplo de formulação mais aberta, digamos assim, de identidade, proposta por Leonardo Boff (2002). O autor se refere a quatro inscrições básicas de todo ser humano, e tudo que diz respeito a elas diz também respeito à identidade, coisas que superam em muito a noção discursiva e a compreensão de identidade como lógica de distinção, já que Boff tem uma proposta de entendimento que muito mais conecta, mostra as aproximações intrínsecas a toda humanidade, do que fragmenta a sociedade humana, tendência em que não está sozinho. A quádrupla identidade humana seria composta, assim, por: uma identidade *cósmica*, relativa à nossa inserção no universo; outra *terrenal*, que nos conecta a todas as formas de vida, das quais evoluímos desde os primórdios do planeta Terra; uma *cultural*, que nos insere em nossos contextos humanos; e, por fim, a identidade *pessoal*, composta por tudo aquilo que diz respeito a cada ser humano singular. Não penso nesta formulação como definitiva, universal, suficiente. O que importa é que demonstra as inúmeras vinculações, as infinitas possibilidades de constituição de identidades individuais e coletivas por vias que não apenas as discursivas.

3.2 - A ABERTURA AO PENSAMENTO CRÍTICO

Tenho um amor e um respeito enormes pela umbanda, por todas as suas tradições, suas linhas, suas vias, suas formas de manifestação; mas ao mesmo tempo realizo, por uma tendência natural, talvez por intuição, um esforço de reflexão crítica (do qual este trabalho é uma parte, um fragmento registrado, transcrito) sobre alguns aspectos do modo como o universo umbandista é constituído e vivenciado por nós, humanos encarnados - os filhos da Terra, como nos chamam as entidades. Então a primeira coisa que me preocupei em saber das duas entidades que entrevistei foi suas opiniões a respeito dos estudos feitos na academia sobre a umbanda, e o que pensavam sobre meu trabalho especificamente, sobre suas características e sua validade - o que entendiam como possíveis benefícios, para os indivíduos, para a religião, para a ciência, deste tipo de conhecimento crítico que podemos construir, bem como as limitações epistemológicas que determinam o alcance das reflexões científicas em relação ao universo espiritual, ao astral, como dizem as entidades. As respostas

que obtive para essas dúvidas, assim como inúmeras outras, foram bastante estimulantes e acolhedoras, e mesmo surpreendentes, no sentido de aprofundar as hipóteses que eu vinha formulando e que estava ali para confrontar com a realidade dos entendimentos, dos valores, das posturas que caracterizam a umbanda praticada e ensinada na Thsara.

Vejamos um trecho da conversa com a cigana Agnara, onde tratamos de alguns pontos importantes a respeito da relação entre o fazer científico e o aspecto espiritual-religioso humano, em geral, e a umbanda, especificamente:

> **Primeiro, eu queria fazer uma pergunta pra senhora em relação aos estudos, por que eu estou fazendo um estudo dentro da universidade, dentro da academia, sobre a religião. Eu queria saber o que a senhora pensa sobre esse tipo de estudo que a gente faz dentro da universidade, no meu caso com uma certa visão crítica em relação à organização da umbanda pelos seres humanos, algumas coisas relativas à história da umbanda; enfim, certos estudos que, por ter uma visão crítica, às vezes podem se chocar com alguma coisa da tradição da umbanda, da tradição da umbanda feita pelos humanos, digamos assim.**
>
> Então *chico*, pra nós toda a pesquisa científica é válida. Primeiro, por que esclarece o ser humano, principalmente dentro da umbanda onde a maioria dos médiuns tem muito pouco esclarecimento crítico sobre sua própria fé, e o senhor sabe que toda religião que trabalha com mediunismo ela permite muito enfeite por certos médiuns mal preparados. Então todo trabalho crítico e científico é muito *bueno*. E é *bueno* também por que leva pro meio, como vou dizer?, letrado, o conhecimento de uma religião simples, que é feita para os simples e pelos simples, que nunca foi valorizada exatamente por isso. E o que acontece: certos filhos que se dizem intelectuais criam pseudo-umbandas, pseudo-teorias de umbanda, e é *bueno* que se analise criticamente e se tire certas mentiras que existem sobre a umbanda. É muito *bueno*, Agnara gosta muito disto. Está certo o senhor, o senhor tem que ser imparcial e analisar com visão crítica de um cientista, até para ser respeitado pelo seu estudo.
>
> **Eu procuro avaliar com uma visão crítica tanto a religião como a ciência também, a maneira da ciência olhar para a religião que é muito preconceituosa, é muito discriminatória com a nossa religião...**
>
> Tudo aquilo que o ser humano não consegue palpar, o que o ser humano não sabe palpar, ele acha que não pode existir. O que está acontecendo: com a descoberta do, como diz?, do <palavra incompreensível>, da energia mínima, tá fazendo com que o *hombre* veja que o universo tem vários universos paralelos. Existe o material que é esse, mas existe o etéreo, e que o *hombre* não conhece nada – só sente. Então, com o passar das décadas o ser humano vai aprender a sentir, a se religar com o todo, com esse universo, e ele vai ver que existem coisas, forças energéticas tão potentes do plano paralelo que eles nem imaginam, e que podem se materializar a qualquer momento. Os filhos procuram longe aquilo que tá muito perto do próprio ser humano. (APÊNDICE B, p. 101).

O primeiro ponto para o qual eu gostaria de chamar a atenção na fala de Agnara é que, na opinião dela, "todo trabalho crítico e científico é muito *bueno*", por que, primeiro, "esclarece o ser humano" de modo geral; segundo, em relação à umbanda, por que estimula os médiuns a ter "esclarecimento crítico sobre sua própria fé", e "também por que leva pro meio

[...] letrado, o conhecimento de uma religião simples, que é feita para os simples e pelos simples, que nunca foi valorizada exatamente por isso" - como diz o caboclo Ogum das Matas, ao ser indagado sobre o mesmo tema: "leva o esclarecedô aos fio que muitas vez têm os preconceito contra as fé, [...] mas não têm o conhecedô do fundamento da fé" (APÊNDICE A, p. 91). Ou seja, de acordo com as duas entidades-chefe da Thsara, a reflexão crítica sobre as religiões, especialmente sobre a umbanda, é muito valorizada, por que amplia o entendimento dos adeptos e dos intelectuais acerca daquilo que fundamenta a via espiritual-religiosa umbandista - entendimento restrito, muitas vezes, pelo excesso de *enfeites* na religião, da parte dos adeptos, e pelo preconceito, da parte dos letrados.

Depois disso, Agnara menciona o fato de que o ser humano, através dos métodos da ciência conhecida até agora, é incapaz de compreender a existência do plano espiritual, do *etéreo* – mas não se trata de uma incapacidade definitiva, já que "com o passar das décadas o ser humano vai aprender a sentir, a se religar com o todo, com esse universo". A ciência, por pressuposto clássico, parte sempre da negação *a priori* de qualquer possibilidade de realidade intrínseca, de objetividade das *crenças, conhecimentos e sabedorias* que compõem as diversas cosmovisões religiosas-espirituais, descrevendo-as sempre como meros mecanismos sociais, discursos utilitários, fabulações, auto-sugestões, ou outras fórmulas simples. Caboclo Ogum das Matas: "a essência da umbanda, fio, [é] o contato com o mundo espiritual" (APÊNDICE A, p. 91). Mas como tratar intelectualmente, no âmbito da ciência, a existência de entidades espirituais e forças-energias – a *ontologia dos seres invisíveis* (APPIAH, 1997, p.162) – que escapam à capacidade atual de compreensão, controle e previsão do método científico? O filósofo Kwame Anthony Appiah (1997), no instigante texto *Velhos deuses, novos mundos*, trata justamente da questão da *sobrevivência* das entidades espirituais, ao contrário do que se esperava pela lógica, no contexto de uma modernidade fundamentada no pensamento e no método científico.

> Essas crenças em agentes invisíveis significam que a maioria dos africanos [ou no caso deste trabalho, dos umbandistas] não consegue aceitar plenamente as teorias científicas do Ocidente que são incompatíveis com elas. Não creio, a despeito do que muitos parecem achar, que isso seja motivo de vergonha ou embaraço. Mas é algo em que pensar. Se a modernização é concebida, em parte, como a aceitação da ciência, temos que resolver se achamos que as provas nos obrigam a abandonar a ontologia invisível. [...] A questão de quanto do mundo dos espíritos, nós, intelectuais, devemos abandonar (ou transformar em algo cerimonial, sem a antiga ontologia literal) é uma questão que temos de enfrentar; não penso que a resposta seja óbvia. [...] O método científico pode levar ao progresso em nossa compreensão do mundo, mas não é preciso ser adepto de Thoreau para

> indagar se ele levou apenas ao progresso na busca de todos os nossos objetivos humanos (APPIAH, 1997, p. 191-2).

Appiah trata, entre outras coisas, das semelhanças[20] e diferenças entre os esquemas de pensamento das teorias religiosas tradicionais e as teorias das ciências, e também do modo como os intelectuais podem e devem se posicionar frente às religiões que chama de *tradicionais* (em contraste com a ciência moderna) e seu modo de compreender a existência, questões que considero fundamentais. Ele está se referindo às religiões tradicionais da África - mesmo que haja particularidades que diferenciam o contexto observado pelo autor do considerado aqui, neste estudo, as aproximações entre um e outro contextos parecem-me mais importantes, afinal, a umbanda é derivada diretamente, entre outras, de formas de religiosidade africanas. Talvez seja desnecessário dizer que não penso serem todas as crenças e entendimentos dessas cosmovisões Verdades, e ponto final. Porém, não só conheço de perto como vivo um entendimento da existência a partir de uma perspectiva religiosa-espiritualista, mas também filosófica-científica, pois dotada de método quando convém, e tenho toda a liberdade, expressa neste texto, de refletir nos termos que alcanço a respeito de minha condição existencial e a condição humana, encontrando disseminados no caminho diversos níveis de conhecimento objetivo e sabedoria existencial na mesma medida que enganos em massa e auto-enganos, seja na religião, seja na academia.

A principal postura que interessa agora ressaltar no texto de Appiah é sua forte crítica ao pressuposto científico-ocidental da *ingenuidade* dos religiosos tradicionais africanos:

> A razão moral [para essa crítica] é simples: a menos que todos compreendamos uns aos outros, e nos compreendamos como racionais, não trataremos uns aos outros com o respeito apropriado. A concentração nos aspectos não cognitivos das religiões tradicionais não apenas dá uma falsa imagem delas, como leva também a subestimar o papel da razão na vida das culturas tradicionais (APPIAH, 1997, p. 190).

Renato da Silveira (2006) também chama a atenção para esse mesmo pressuposto, quando trata dos conhecimentos terapêuticos que circulavam e circulam nas comunidades religiosas afro-brasileiras, associando-o ao racismo científico[21] do século XIX que deixa suas marcas impressas até hoje:

> Uma das concepções mais redutivas dos saberes terapêuticos, principalmente os da África Central, que se tornou na literatura especializada uma espécie

---

[20] Uma semelhança notável é o fato de que, para Appiah, tanto na religião tradicional quanto na ciência moderna, a teoria é *subdeterminada* pela observação, e a observação é *sobrecarregada* pela teoria (APPIAH, 2007, p.170).
[21] Sobre o racismo científico, ver o texto de Renato da Silveira (2000): *Os selvagens e a massa: papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental*.

> de verdade incontestável, é que não existiriam doenças puramente naturais para os terapeutas africanos. (...) Ou seja, os pesquisadores continuam reafirmando, muitas vezes inconscientemente, o pressuposto da ingenuidade essencial do africano, maciçamente veiculado pelo racismo científico do século XIX. Ora, hoje, os adeptos dos condomblés-de-angola baianos distinguem perfeitamente doenças físicas de doenças "espirituais" e os tratamentos adequados a cada uma. Terá sido sempre assim? (SILVEIRA, 2006, p. 243-4).

Um dos importantes argumentos apresentados por Appiah (1997) contrários ao pressuposto científico da ingenuidade dos religiosos tradicionais é o fato de que "nas sociedades tradicionais, também é possível encontrar pensadores especulativos de primeira classe, cuja mentalidade aberta é inegável" (APPIAH, 1997, p. 180). Ora, como tento demonstrar, o incentivo à crítica, à especulação, ao entendimento aberto dos sistemas de pensamento também pode ser encontrado no contexto da umbanda, como deixam claro as entidades e pessoas consultadas na Thsara Universalista de Umbanda Reino dos Ciganos. Vejamos o que Beatriz diz ao ser perguntada sobre a validade ou não da postura crítica sobre sua própria religião entre os adeptos da umbanda:

> Eu acho que, por exemplo, assim ó: eu tenho quarenta anos de umbanda; e eu acho que mesmo nos meus quarenta anos de umbanda eu não posso ficar o fanático, eu tenho que continuar, mesmo tendo isso aí, com o olhar crítico. **<Sim, aberto.>** Então, hoje, o quê?, coisas que eu sei que eram feitas de maneira muito mais séria e muito mais tradicionais antigamente, não está sendo feito mais, por que as próprias pessoas que estão se envolvendo não permitem mais, pelo tipo de vida que levam, pela própria cabeça agitada da tecnologia. Então o que acontece? Eu acho que tu tem que ter esse senso crítico de tu analisar friamente, também, a religião, e não só achar: "ah, por que foi dito isso, tu tem que fechar os olhos..." Por que aí tu vai pra qualquer religião fundamentalista e tu não precisa pensar; e a umbanda é válida por que eles te fazem pensar. As entidades te dão armas para ti pensar, para ti analisar, para ti evoluir; mas evoluir não sendo enfiado goela abaixo as idéias, evoluir tu analisando o que serve pra ti daquele ensinamento (APÊNDICE E, p. 127).

João Batista[22] também faz uma clara referência à liberdade de pensamento que encontrou na religião umbandista - lembrando, como ele mesmo chama a atenção, que a postura de questionamento, a vontade de aprender, é sempre uma iniciativa individual; é comum que os umbandistas não tenham esse interesse, isso varia de pessoa a pessoa, inclusive na Thsara, mas o que mais importa aqui é a possibilidade existente para aqueles que querem entender, questionar, conhecer:

> [...] o conhecimento que eu tenho daquilo ali é de ver, de assistir algumas coisas, e ter estudado alguma coisa, ter lido. Por que eu nunca... a minha vida eu sempre pautei por uma coisa: não fazer algo sem conhecer. Profissionalmente, sempre. **<E na religião também.>** E aprofundar. Faço hoje na religião, me deram esse espaço. Foi a única

[22] Entrevista do dia 22/10/09, a qual, por motivos já mencionados, não consta na íntegra como apêndice.

> religião... A única não, eu só fui em duas: eu era católico, mas aí eu quis uma vez discutir Gibran e deu problema; o padre me expulsou, <**Não gostou muito...**> não deu certo discutir Gibran. Então, e na umbanda eu consegui esse espaço, <**Sim, pra pensar com liberdade.**> de quando tu começar a pensar e querer perguntar por que das coisas – me deu esse espaço.

Para Appiah (1997), então, a diferença entre o pensamento religioso tradicional e a ciência moderna não residiria nas *estratégias cognitivas individuais*, na presença ou ausência de racionalidade, de capacidade crítica, de experimentação, de reformulação de crenças frente a novos dados e contextos, etc. As diferenças estariam, sim, nas *estratégias cognitivas sociais*:

> As diferenças entre a teoria religiosa tradicional e as teorias das ciências residem na organização social da investigação como um trabalho sistemático. E, penso eu, são as diferenças na organização social que respondem tanto pela diferença que sentimos no caráter da teoria científica natural e da teoria religiosa tradicional – elas são produtos de diferentes tipos de processos sociais – quanto pela espetacular expansão do campo da previsão e do controle exitosos, uma expansão que caracteriza a ciência natural, mas que se acha notavelmente ausente das sociedades tradicionais. A experimentação, a publicação e a reprodução de resultados, o desenvolvimento sistemático de teorias alternativas em termos exatos, todos esses ideais, por mais imperfeitamente que se realizem na prática científica, só são inteligíveis numa empreitada social e organizada de conhecimento (APPIAH, 1997, p. 184).

Mas essa distinção clara entre presença e ausência de uma "empreitada social e organizada de conhecimento" não cabe exatamente a uma análise da umbanda, e veremos porque. Um dos principais fatores mencionados por Appiah na diferenciação entre o modo de pensar nas religiões tradicionais africanas e o modo de pensar da ciência moderna ocidental é o fato de que, na maior parte da África, a cultura que fornece seus símbolos e esquemas de compreensão do mundo e da existência a essas religiosidades é de transmissão oral, e seria assim caracterizada por uma abordagem *conciliatória* das diferenças de pensamento, em oposição à tradição letrada da ciência, à produção e registro de conhecimento nas instituições específicas para isso, que fornecem as condições para o constante embate entre idéias distintas - o conhecimento, nesse contexto, é *agonístico*, avança pela *disputa* (APPIAH, 1997).

Agora, quando consideramos a umbanda, precisamos ter em conta que, embora a transmissão oral da cultura - que existe em qualquer sociedade - tenha sido determinante de inúmeros de seus aspectos, inclusive muitos daqueles derivados das mesmas religiões tradicionais africanas às quais Appiah se refere, e que foram trazidas para o Brasil (e outros lugares da América) e aqui reinterpretadas, há também, tanto no contexto sócio-histórico de manifestação da umbanda quanto em seus processos próprios de produção e transmissão de

conhecimento sobre a religião, uma evidente presença da cultura escrita, da tradição letrada, do método e do discurso científico, de diferentes formas. Existe hoje uma clara empreitada de conhecimento organizado que se foca na umbanda, da qual inclusive eu participo, antes como adepto, como "nativo", do que como acadêmico. A umbanda tem agora, inclusive, uma iniciativa de reflexão e auto-reflexão sistemática/científica institucionalizada, que é caso da Faculdade de Teologia Umbandista, primeira faculdade de teologia não-cristã do Brasil[23]. E antes disso, há toda a produção e circulação de conhecimento sobre a religião feita por adeptos e registrada em livros ao longo do tempo. O papel dos letrados na umbanda tem sido muito grande, sejam eles adeptos ou estudiosos interessados na religião, sobretudo a partir de seu movimento de institucionalização, determinando em muito suas características atuais em vários aspectos.

Ora, o pressuposto da ingenuidade do pensamento religioso, e aqui me refiro sobretudo à cosmovisão que circula no universo afro-brasileiro, precisa ser definitivamente deixado de lado para que possamos ter análises científicas menos desrespeitosas e mais acuradas em relação à complexidade desses sistemas de interpretação da realidade. Onde há a liberdade e o estímulo à crítica, ao entendimento lúcido, perdem espaço a obediência cega, a bitolação, a crendice pura, o preconceito, que podem atingir cientistas e religiosos. Mesmo que isso varie em muito de uma casa para outra, de uma linha para outra, de um indivíduo para o outro, a valorização do pensamento crítico no contexto umbandista da Thsara é um dado bastante significativo. Bem como a ciência ou qualquer outra lente da existência, as vias espirituais-religiosas contêm o fechamento e a abertura, a estagnação e o movimento, a resposta pronta e a busca livre, a bitolação e a visão ampla; tudo depende do entendimento e da ação daquele ser humano que usa a lente.

Retomando o texto de Kwame Appiah (1997), o autor, numa consistente argumentação, chama a atenção para, e até mesmo faz uma defesa da racionalidade dos sistemas de pensamento e das práticas religiosas tradicionais, como também da necessidade de as examinarmos racionalmente, no sentido de que o pensamento crítico-racional traria as melhores contribuições desses sistemas de idéias, dessas cosmovisões, à tona, na observação de semelhanças e diferenças frente a outros sistemas, como a ciência moderna. Eu e as pessoas e entidades que entrevistei na Thsara concordamos com Appiah a respeito da necessidade do exercício de crítica sistemática sobre todo sistema de pensamento humano,

[23] Informações em: http://www.ftu.edu.br/

inclusive os espirituais-religiosos, e de suas respectivas instituições. Inclusive é numa iniciativa deste tipo que venho formulando e agora apresentando este estudo, um empreendimento de raciocínio crítico sobre certos aspectos da religiosidade umbandista, mas sem deixar de lado a sensibilidade para os aspectos não verbais/verbalizáveis da religião, e mantendo a abertura para os aspectos não cognoscíveis da espiritualidade e da existência humana.

Não podemos perder de vista este ponto que Appiah não considera – creio que não por incapacidade, mas por conveniência na sua argumentação: ao analisarmos apenas racionalmente (ou seja, pela via das palavras-teorias-discursos – a Razão pelo Verbo) esses sistemas humanos de entendimento/ação da/na existência que são as religiosidades/espiritualidades, deixamos de perceber sua complexidade que envolve não apenas razão, pensamento organizado e coerente, mas também sentimentos, imagens, sensações, experiências, etc., irredutíveis aos discursos que a razão pode formular. O universo umbandista, bem como as demais vias espirituais-religiosas humanas, é constituído apenas em parte pelas teorias, pelas racionalizações emitidas a respeito dele – em se tratando de vias espirituais-religiosas, há que se considerar o caminho e o caminhar, ou seja, o entendimento da existência (com todos os discursos formuláveis) e a ação na existência (nos seus mais variados modos e sentidos).

As palavras não dão conta da experiência religiosa – nem tudo se consegue falando em religião. A *religião* como *religação* – seria ainda melhor dizer o *reconhecimento e busca de compreensão da ligação intrínseca com a totalidade existencial* – não se aprende ouvindo, ou lendo, porque depende da vivência, do ser, do sentir, do fazer; é um caminhar profundamente individual, em certo sentido incomunicável, como podemos pensar, por exemplo, a partir da noção de *sabedoria* proposta pela cigana Agnara durante uma de suas *doutrinas*: "Quando falo em sabedoria, não falo em estudo, falo em ser sábio; e ser sábio é simplesmente aprender com seu próprio olhar as coisas que constroem a sua vida. Isto é ser sábio; não é pegar nos livros e aprender. Ser sábio é aprender com a sua própria entidade" (APÊNDICE D, p. 117). Algumas outras frases ditas pela cigana Agnara ao longo do tempo - as quais encontrei anotadas por uma antiga cambona-chefe da terreira numa caderneta - também apontam nessa direção: "O ser mais difícil de dominar é o nosso próprio eu - Aquele que vence a si mesmo é um herói mais valioso do que aquele que enfrenta mil batalhas contra milhares de inimigos - Não devemos desejar uma doutrina religiosa perfeita e, sim, o aperfeiçoamento de nós mesmos - A divindade está em ti, não em idéias e livros".

É num exercício constante de reflexividade e aprimoramento individual, de autoconhecimento, ou seja, de entendimento de cada um sobre sua realidade material e espiritual que a umbanda, como entendida na Thsara, auxilia com suas referências, na vivência sensível e racional do contato direto com as entidades espirituais, das suas práticas culturais e de seus fundamentos filosóficos/espirituais, mas sem impor nada, sem fechar a visão, sem dogmas inquestionáveis. Nas palavras da cigana Agnara, em diálogo comigo sobre os benefícios, os papéis da umbanda frente aos humanos e às entidades:

> **Quais são os principais trabalhos da umbanda, digamos assim? O que a umbanda faz pelos seres humanos, o que ela faz pelos espíritos, o que ela faz pelos médiuns?**
>
> Ela dá caminho para o ser humano; ela faz o ser humano olhar com mais amor pra tudo que tá envolta dele; ela ensina ao ser humano a tolerância; *chico*, ela faz trabalhos práticos pra solucionar os caminhos dos filhos, pra abrir caminhos pros filhos. Então, o trabalho da umbanda é muito mais de um guia; ela dá meios pro senhor decidir que caminho que o senhor quer seguir; ela lhe dá armas espirituais; ela aumenta sua potência energética pra auxiliar o senhor a se religar, filho, à sua essência espiritual. Este é o objetivo da umbanda: ensinar o ser humano a encontrar o seu Deus que ele tem dentro, sem depender de outros, tal como se diz na Terra, **<Lhe guiando...>** lhe guiando e lhe explorando a sua fé! A umbanda possibilita o médium a conseguir o quê?, se envolver com o divino, sentir o divino dentro dele mesmo. **<Dentro de cada um...>** E todo filho que procura a umbanda ele tem essa possibilidade. **<Isso pros médiuns também...>** Desde que ele queira se envolver na umbanda, seja através da sua fé, seja através de mentalização, ou seja através até de incorporação. **<Então para os médiuns que incorporam ela traz esse tipo de conhecimento também, uma busca da sua essência interior, da sua ligação com as suas entidades, com seu Deus...>** Da sua divindade, isto. **<E pras entidades, qual é o benefício? É um benefício de evolução também?>** Evolução, evolução espiritual, aprendizado. **<Pelo trabalho contínuo, pelo aprendizado...>** Aprendizado, por que muitas vezes nós é irritado, nós é brabo, e nós aprende a dominar até nossas imperfeições no convívio com vários espíritos, encarnados e desencarnados. **<Como um exercício mesmo...>** Salve. (APÊNDICE B, p. 111)

3.3 - BREVE RELATO DO CAMPO - FALA DA CABOCLA PENA DOURADA

Durante a segunda noite de trabalhos que presenciei no período que visitei a Thsara para o estudo de campo tive uma grata surpresa, um fato que reforçou meus pensamentos e me deu segurança e um tanto de alegria, coisa fundamental nas horas em que me pego apreensivo por estar buscando certas compreensões, certas respostas no estudo de uma religião de cunho mágico, herdeira de tradições culturais e espirituais discriminadas historicamente, e tratada muitas vezes, senão a maioria, na academia como um fenômeno puramente sócio-cultural – o que significa espiritualmente vazio – e que portanto só pode ser observado como fenômeno

sócio-cultural, ou então, o que é ainda pior, como um tipo de patologia ou desvio psicológico coletivo. Certamente a umbanda é um fenômeno social e cultural, bem como envolve, sem dúvida nenhuma, aspectos psicológicos, mas há muito mais em jogo, precisamos reconhecer.

O fato surpreendente e esclarecedor ao qual eu me referia anteriormente ocorreu ao final da noite de trabalhos do dia 12/10/09, data em que foi celebrada na terreira uma homenagem a Oxum Docô, segundo Beatriz, a mãe de santo da casa e minha principal interlocutora *encarnada*, "não a Oxum orixá do batuque, mas a Oxum da umbanda, que nós chamamos de orixá menor". Foi uma sessão de passes[24], e eu não tinha pretensões de realizar entrevistas com nenhuma entidade; naquele dia estava lá apenas para observar a festa, anotar dados sobre o andamento dos rituais e, sobretudo, me integrar ao ambiente, me beneficiar das boas energias e boas palavras que sempre estão disponíveis nas sessões da Thsara. Nem ao menos sabia ao certo as entidades que estariam presentes nos trabalhos, por se tratar de uma ritualística diferente, especial daquele dia, daquela vibração. Tanto não estava predisposto a entrevistas, a conversas relativas ao conteúdo, a questões específicas importantes de meu trabalho, que não havia sequer formulado mentalmente perguntas cabíveis para realizar caso fosse oportuno.

Logo no começo da sessão, quando baixam as entidades e todos aqueles que estão presentes na corrente vão saudá-las uma a uma, ouvindo uma rápida bênção, a cabocla Pena Dourada, incorporada em Beatriz, tratou-me de uma maneira não esperada. Afirmou que antes de me saudar, iria saudar o caboclo que eu trago comigo (para usar seus termos), interrompendo meu gesto semi-automático de cumprimento. Outras entidades em outras oportunidades já haviam me falado a respeito desse caboclo que me acompanha, mas dessa vez fora diferente. Não me recordo de outra ocasião em que ele tenha sido saudado, e por isso mesmo trazido a tona em meus pensamentos curiosos, de maneira tão evidente, tão clara. Nessa bênção inicial a cabocla Pena Dourada já me deu alguns conselhos, sendo o mais importante deles o de "trazer esse caboclo para perto", invocá-lo, buscar sintonia com ele sempre que precisasse tirar do meu peito uns sentimentos de tristeza, uma espécie de melancolia que me acomete em certos períodos, e com a qual não sei lidar muito bem, já que

[24] Os principais tipos de sessão, pois mais frequentes, que ocorrem na Thsara são as sessões de *passe* (de atendimento mais rápido, nas quais os consulentes são *descarregados* e depois recebem *passes energéticos* das entidades) e de *consulta* (de atendimento mais detalhado, nas quais os consulentes conversam com as entidades, ouvem seus conselhos, e, quando necessário, recebem indicações de tratamentos auxiliares, normalmente com ervas e outros elementos naturais, para alguma doença ou problema material, ou então *trabalhos* espirituais específicos). São realizadas também sessões de *desenvolvimento mediúnico* (normalmente fechadas ao público), sessões de *demanda* (voltadas para alguma finalidade/linha de trabalhos específica) e *festas* em homenagem às linhas e orixás da casa, em datas especiais.

“esse caboclo é muito alegre”, e portanto sua proximidade, sua influência me faria bem. Fez também outros comentários importantes sobre minha relação com tal entidade, que guardarei para outras reflexões em momento oportuno, de modo a não misturar muito as histórias (é incrível como uma conversa atenta de cinco minutos, na situação em que me encontrava na pesquisa de campo, pode render material para muitos pensamentos e comentários altamente proveitosos – que bom!).

Acontece que fiquei mais curioso sobre a maneira de proceder para oferendar – agradar, como dizemos – e invocar essa minha entidade protetora, e resolvi perguntar a respeito para a Pena Dourada (como é chamada pelas pessoas da terreira), que havia me dado os conselhos iniciais. Aguardei o momento correto para abordá-la, no final dos trabalhos, depois do atendimento ao público do dia (momento indicado pelo cambono-chefe, João Batista, conhecedor em detalhe da dinâmica das sessões), e o fiz. Foi a segunda oportunidade em que conversava com aquela entidade durante a noite, mas para tirar dúvidas que não eram sobre a religião em si, sobre assuntos mais centrais a minha argumentação geral, e sim sobre questões mais pessoais – que também importam ao trabalho, mas de maneira menos direta. O máximo que fiz no sentido de buscar informações sobre o estudo foi perguntar – como costumo fazer em muitos momentos – se eu estava, ou melhor, estou, no caminho certo (sem expor de forma alguma meus argumentos, ao menos não verbalmente nem conscientemente...), ao que ela respondeu que “sim, dará tudo certo, e servirá pra abrir portas pra outros estudos futuros do *fio*”. É exatamente como vejo este trabalho, como uma primeira etapa de uma série de pesquisas, um primeiro estágio de reflexão. Até aí, tudo relativamente normal.

Porém, no final da sessão, quando chega a hora daquilo que chamamos de *doutrina*, em que a entidade chefe dos trabalhos do dia passa orientações e mensagens que considera válidas e/ou necessárias aos médiuns da casa, veio minha surpresa. A cabocla Pena Dourada, que não estava chefiando (a chefia no dia era da cabocla Oxum Docô, homenageada, trabalhando com outra médium que não Beatriz), pediu para fazer um complemento às palavras da entidade chefe e, após falar de outros assuntos menos importantes aqui, começou a tratar exatamente das questões que eu teria formulado se tivesse me preparado para entrevistá-la. Fiquei extasiado, mas infelizmente não pude registrar integralmente sua fala em meu gravador pois nem havia pedido permissão, e nem fazia idéia que aquilo fosse acontecer. Mas anotei ao fim suas idéias centrais – depois de prestar muita atenção, misturada com uma irreprimível emoção – as quais tratarei de sintetizar aqui, enfatizando como dizem respeito às minhas dúvidas – menos incertas depois desse acontecimento.

Uma das coisas que me propus investigar nesta pesquisa de campo na Thsara – a mais importante delas, na verdade – é justamente como Beatriz – principal responsável por transmitir ensinamentos próprios ou recebidos de suas entidades aos demais médiuns e por determinar naquilo que compete aos humanos as características da terreira –, e também as entidades que atuam através dela, entendem o que eu venho chamando de processo de constituição da umbanda, além do que pensam sobre suas *fronteiras* culturais e espirituais. Ora, sem que eu formulasse pergunta alguma nesse dia, obtive uma resposta de grande peso, pela qual é possível delinear a opinião sobre essas questões da primeira entidade a trabalhar com Beatriz em sua vida mediúnica, a cabocla Pena Dourada.

Disse ela que deveríamos estar sempre em transformação, em constante evolução, da mesma forma que nossa religião, a umbanda, está sempre em movimento, acompanhando o fluxo do universo. Pena Dourada deixou muito claro que a umbanda é maleável, que se adaptou ao longo dos tempos à maneira como os grupos humanos melhor poderiam entendê-la e vivenciá-la, de acordo com suas particularidades sociais, culturais, intelectuais, cognitivas. Segundo ela, apenas duas coisas constituem a base, o fundamento maior da umbanda – o amor incondicional por todas as coisas do universo, e a tolerância profunda com todas as pessoas, todas as crenças, fés, correntes de pensamento.

Não me deterei aqui em comentários sobre sua fala em relação a esses dois termos – amor e tolerância – até por que certamente cometeria omissões importantes em seu discurso encantado e encantador, já que, como havia afirmado, nesse dia não pude realizar um gravação que permitiria recuperar sua mensagem na íntegra. Dessa forma, vou me ater a explicar a importância de sua afirmação central para meu pensamento, citando também alguns detalhes importantes das coisas que a cabocla disse – curiosamente voltando seu olhar pra mim, como que direcionando a mensagem no momento que a proferia, na parte de sua doutrina que dizia respeito às minhas curiosidades. Volto a enfatizar que, por evidente preocupação metodológica, eu não havia pedido por tais esclarecimentos a essa entidade, e nem ao menos a sua médium, que até então desconhecia minha busca por refletir a respeito do fundamento, das bases profundas e constantes da umbanda que de alguma maneira estão subjacentes a todas as suas muitas formas de apresentação – só vim a formular perguntas nesse sentido, a conversar sobre o tema com Beatriz após esta sessão a que venho me referindo (quando ouvi a opinião da cabocla Pena Dourada) e a próxima (quando perguntei abertamente sobre este e outros assuntos a outra das entidades mais importantes que trabalham com a mãe-de-santo da casa, o caboclo Ogum das Matas).

Voltando ao que disse Pena Dourada, o fundamento maior da umbanda não estaria, portanto, em sua forma cultural, nos detalhes da maneira como é cultuada em cada lugar, e nem ao menos nas linhas de trabalho, nas falanges de espíritos que se manifestam na religião, pois muitas delas haviam se incorporado à umbanda ao longo do tempo, e outras muitas ainda o fariam. Seu fundamento estaria, sim, no coração de seus filhos, sobretudo pelos dois sentimentos já mencionados, amor e tolerância, e isso sim jamais havia mudado e jamais mudaria. Esse comentário é de extrema importância, já que durante uma certa etapa do processo de constituição da umbanda – que a cabocla ressaltou ser constante – era comum (e segue sendo para algumas pessoas) entender que esta é a religião onde se manifestam, principalmente, quando não somente, caboclos, pretos velhos e crianças, e, com diversas ressalvas, exus e pombagiras. Mas essa compreensão entra em choque frontal com o papel insubstituível e primordial de várias outras linhas de trabalho (já incorporadas e reconhecidas ou que ainda o serão), como bem chamou à atenção a cabocla, pois cada uma delas cumpre funções no movimento do lado espiritual dos trabalhos de umbanda em se adaptar às necessidades de compreensão e aproximação dos humanos da terra. O argumento da cabocla me encheu de alegria: se a umbanda é essencialmente aberta a se adaptar às demandas de seus filhos em diferentes momentos e lugares, em contextos sócio-culturais os mais variados, a história limitante de sua institucionalização não corresponde à complexa e interminável realidade de seu processo humano e espiritual de constituição.

3.4 - A NOÇÃO DE *UNIVERSO UMBANDISTA*

A pluralidade e a mistura são características comumente atribuídas à umbanda. Entender, então, a maneira como se dispõem e movimentam as unidades, os fragmentos, as partículas materiais e simbólicas da religião, as quais mudam de nível (individual, comunidade do culto, contexto imediato, contexto geral, etc.) e complexidade, depende diretamente de uma compreensão não estática (temporal e espacialmente falando) dos indivíduos e grupos e de delimitações simbólico-interpretativas que tenham como fator central a incerteza, a inconstância, a variabilidade. Afinal, um conhecimento digno pressupõe a adequação das ferramentas de interpretação à realidade considerada, e não o oposto. Por isso as formas de definir o que está dentro e o que está fora do universo umbandista empregadas

na maior parte das vezes a meu ver são tão problemáticas, exatamente pelo excesso de segurança investida.

Uma das maneiras de interpretar a umbanda consiste justamente em demarcar com precisão o que define a religião em termos de crenças, práticas, objetos e história, obviamente baseado na compreensão que se tem sobre um grupo específico real ou imaginado, o qual empresta suas características para a definição do todo. Isto é bastante comum entre alguns líderes e adeptos da religião, entre os quais foram e são comuns as tentativas de codificação teológico-ritual e de "moralização" da umbanda, que buscam (até hoje sem sucesso) a imposição de um modo legítimo de interpretar e vivenciar o universo umbandista. E é também este tipo de demarcação, a qual toma a parte pelo todo complexo, que opera na interpretação da história e das características da umbanda a partir de um movimento específico, a *umbanda branca*, como venho sugerindo.

Uma segunda forma de compreender a unidade relativa da umbanda foi proposta por Candido Procópio Camargo, e depois foi retomada por Renato Ortiz (1999), que a vê como um *continuum* de práticas e crenças delimitado por dois pólos, um mais ocidentalizado (mais próximo ao kardecismo) e outro menos ocidentalizado (mais próximo ao candomblé), entre os quais uma enorme variedade de modos de fazer religioso se alocam. Embora seja uma visão mais adequada do que a referida anteriormente, sugere ainda a existência de limites mais ou menos rígidos, de um início e um fim para esse *continuum* que só podem ser instituídos arbitrariamente pelo observador, mas que não correspondem a fronteiras reais entre uma forma de religiosidade e outra. Fica difícil escapar com esse conceito da imagem linear e bidimensional de um gráfico, uma interpretação demasiado esquemática, mas não inválida de todo, para a realidade umbandista.

Ligiério e Dandara (1998, p.146), por sua vez, entendem a umbanda como um "ecossistema de idéias religiosas de múltiplas procedências (...) um grande contexto dinâmico constituído por um sistema de relações entre subcontextos relativamente autônomos". Esta é sem dúvida uma boa maneira de se referir à umbanda, pois permite conceber o dinamismo e a autonomia dependente das partículas formadoras do complexo umbandista, que nas suas incessantes interações e criações desestabilizam constantemente as fronteiras que são evocadas pelos grupos e indivíduos interessados na definição legítima da religião. Justamente por não evocar uma imagem estável, esta interpretação não parece ser muito corrente (a formulação desses autores diferencia-se bastante das demais que encontrei até o momento). Esta perspectiva não delimita o que é ou não é umbanda *a priori*, mas sim torna evidente a

importância de uma revisão permanente das análises sobre esse universo e a possibilidade de entendermos a umbanda de diversas maneiras ao mesmo tempo:

> Substituir complexas florestas tropicais por paisagens homogêneas como desertos, florestas de eucaliptos ou monoculturas de exportação é uma atitude similar a definir a "verdadeira" umbanda como uma coisa só (...) A insistência em buscar uma explicação racional, linear, unívoca e homogeneizadora é um dos traços mais arcaicos (no duplo sentido de antigo e de ultrapassado) do pensamento ocidental (LIGIÉRIO e DANDARA, 1998, p. 160).

Por causa dessas mesmas propriedades destacadas por Ligiério e Dandara sobre o "oceano chamado umbanda" (LIGIÉRIO e DANDARA, 1998, p.13) – metáfora líquida –, que são seu dinamismo, sua abertura, e a possibilidade de um olhar múltiplo sobre ela, que utilizo a metáfora do *universo* para me referir à umbanda. Tal palavra, bastante útil aos propósitos deste trabalho, evoca a sensação de algo do qual não conhecemos os limites nem a totalidade de aspectos inerentes (mesmo especulando sobre eles), sempre em movimento, em constante expansão, uma realidade composta por infinitas forças que interagem entre si e constituem os fatos e os contextos sobre os quais podemos falar, sem pretender dominar, definir a estrutura, estabilizar a definição.

Pois o que acontece quando uma lógica discursiva sócio-identitária entra em funcionamento no âmbito de determinado universo individual-social-cultural-espiritual de acordo com interesses e necessidades coletivas, como no caso da umbanda, é a constituição mais ou menos eficaz de uma espécie de *redoma*, de *película* (discursiva, jamais plenamente eficiente e definitiva) que tenta capturar e estabilizar uma parcela dos componentes deste universo em detrimento do restante de partículas e forças que o compõem e o influenciam contextualmente. Dessa forma é possível apontar o grupo assim estabelecido com certa precisão necessária à existência político-social, à legitimação e ao reconhecimento daquelas características selecionadas como designadoras da coletividade.

Algumas dessas *redomas* tornam-se crostas espessas e quase intransponíveis a depender dos interesses e forças em jogo, delimitando rigidamente as características identitárias dos grupos que propõem definir, enquanto outras podem manter uma fluidez maior, uma permeabilidade considerável na *película* delimitadora, o que permite uma atualização constante de características e componentes. Um exemplo do tipo mais rígido é aquele em que se baseavam (e alguns grupos ainda o seguem fazendo) os diversos essencialismos que acompanhamos ao longo da história, como os que definem a essência de um *povo*, de uma *nação*, de uma *raça*, etc. A forma mais permeável de delimitação pode ser exemplificada com

a relativamente recente percepção e vivência não-essencialista de grupos identitários, que possibilita o trânsito dos indivíduos entre os grupos que oferecem uma resistência mais baixa em suas fronteiras simbólicas por diversos motivos (CUCHE, 2002; HALL, 2000; SILVA, 2000; WOODWARD, 2000).

O que me parece fundamental perceber, e que venho tentando demonstrar neste trabalho inicial, é que aquilo que chamo metaforicamente de *redoma* ou *película* constituída por uma lógica discursiva sócio-identitária não desfaz o restante do universo do qual se apropria de uma parcela, e tampouco consegue efetivamente se destacar desse contexto mais complexo no qual está inserida. Mesmo que a quase totalidade de um universo específico – neste caso o universo umbandista – tenha sido apropriada em diversas delimitações discursivas que se entrecruzam, se sobrepõem, se influenciam construtiva ou destrutivamente – por exemplo, a umbanda branca, a umbanda cruzada, a quimbanda, a umbanda omolocô, o umbandaime, a umbanda esotérica, a umbanda astrológica, a umbanda sagrada, etc. –, o todo *nebuloso* complexo, instável, sutil e frágil permanece conectando todos os elementos entre si e com o contexto processual ainda maior do qual faz parte.

Ou seja, parece-me impossível interpretar dinamicamente o todo, o universo umbandista, dando ênfase analítica quase que exclusiva a um dos fragmentos constituídos por uma lógica sócio-identitária, como vem ocorrendo entre estudiosos e adeptos da umbanda em relação à *umbanda branca* – mesmo que este grupo tenha adquirido uma proeminência social, política, cultural e histórica inigualável. O que proponho, então, é justamente uma mudança de ênfase no plano analítico, deslocando a compreensão da história e das características sócio-culturais-espirituais da umbanda de um grupo específico, que se tornou em certo sentido dominante (a *umbanda branca* organizada inicialmente no Rio de Janeiro), para o processo longo, complexo e descentrado de constituição do universo de sentimentos, práticas, objetos, memórias, entendimentos da existência, etc., que hoje chamamos de umbanda. A vantagem de uma mudança de postura metodológica dessa ordem é que ela não significa absolutamente o apagamento, a negação, a exclusão daquilo que já foi pesquisado a partir da *umbanda branca*, nem tampouco do peso efetivo que tal grupo exerceu na história umbandista. O que acontece é que essa importância, antes tida como única merecedora de análises aprofundadas, passa a ser integrada numa concepção mais ampla, menos redutora, do universo umbandista.

4 - REABERTURA

Por tudo que foi dito, parece ficar clara a necessidade de uma revisão de cunho epistemológico a respeito das interpretações mais correntes acerca da umbanda e seus efeitos na realidade (há uma relação recursiva entre a realidade que produz as interpretações dominantes que produzem a realidade). A minha crítica a algumas das convenções que existem sobre a umbanda – por exemplo, a histórica-identitária – não significa que eu não entenda a necessidade, a inevitabilidade da existência de convenções, consensos formulados sobre a umbanda, ou sobre qualquer coisa. São inevitáveis esses consensos, que são parte dos atualmente tão debatidos *discursos* sócio-culturais, mas, como sabemos, podem e devem ser sempre revistos, atualizados, para acompanhar o avanço das possibilidades humanas de compreensão da existência material e espiritual, o avanço do conhecimento, a inovação de perspectivas. É isto que proponho, de certa forma – uma reflexão própria sobre algumas questões que entendo como fundamentais, uma revisão de certos conteúdos de certos debates acerca da umbanda. É uma vontade de pensar aspectos do universo espiritual-religioso que vivencio, a partir do que consigo enxergar desse lugar, com o objetivo de sensibilizar as pessoas para essa possibilidade de entendimento do universo umbandista – não querendo constituir uma nova explicação objetiva e definitiva.

Os diversos modos de compreensão da religião fizeram e fazem a religião, e por isso mesmo não podemos determinar a partir de nossas intenções explicativas quais desses modos são os verdadeiros definidores do universo observado. Nem apenas as interpretações que a ciência pode oferecer, pelo viés de quaisquer disciplinas; nem apenas aquilo que chamamos hoje de discursos identitários; nem apenas as práticas, sentimentos, objetos e memórias cotidianas dos umbandistas; nem apenas seu panteão espiritual; nem tampouco qualquer outro aspecto tomado isoladamente pode determinar os contornos relativamente seguros desse universo, dessa via espiritual-religiosa no tempo e no espaço físicos e simbólicos.

A umbanda, enquanto *filosofia e prática de vida*, via espiritual-religiosa, tem uma relação aberta e fluida com os textos, discursos e referências culturais/simbólicas, adequando-se radicalmente a cada contexto e ao entendimento de cada grupo ou indivíduo. O fazer umbandista passeia pelas mais diversas referências simbólicas, por todas as doutrinas que alcançam cada indivíduo, que as digere e exerce sua espiritualidade-religiosidade de acordo com sua vivência, seu entendimento, seu fluxo, mesmo que não deixe, por isso, de compor a

umbanda, o universo umbandista - uma metáfora para nos referirmos a um todo complexo que não se pode limitar e do qual não se pode saber tudo. Há em jogo infinitos modos de fazer e entender a umbanda, e nenhum deles pode definir pelas suas características culturais específicas o que a umbanda é ou não é.

Creio que pensando assim seja possível fomentar entre os mais diferentes umbandistas um senso de comunidade complexa, na qual todos podem ser reconhecidos de forma digna, justa, na contramão do racismo, das hierarquias e fronteiras forjadas e mantidas à força. Mais do que defender apenas um reconhecimento da origem negro-indígena da religiosidade-espiritualidade umbandista, como me parecia no começo da pesquisa, meu interesse maior é defender uma pluralização de perspectivas no universo da umbanda. O objetivo mais imediato é desestabilizar a compreensão endurecida da umbanda a partir do papel dos grupos *brancos* – mais ideológica do que fisiologicamente falando – e de critérios branco-ocidentais-científicos de delimitação, fragmentação e análise.

Faço justamente uma reflexão sobre os critérios pelos quais se entende e delimita uma religião complexa e absolutamente sincrética, ou misturada, como a umbanda, no universo ainda mais amplo das tradições religiosas de origem ou inspiração negroafricana. A questão é que, por exemplo, se quisermos pensar numa *origem* da umbanda com franqueza, precisamos transformar a datação relativamente precisa por um processo razoavelmente longo, no qual seria possível identificar os primeiros registros de existência de cada uma das características fundamentais à emergência da umbanda, evitando o recorte a partir dos critérios de segurança sociológica (na definição intelectual) e de utilidade política (na afirmação social-identitária) da institucionalização, da burocratização, da organização, da teorização, da teologização restritiva da religião. Esses dois critérios estão relacionados, são interdependentes, e fundamentam a mesma postura aberta ou disfarçadamente discriminatória que circula entre certos grupos, correntes de pensamento do universo umbandista, e intelectuais acadêmicos de grande influência no pensamento sobre a religião.

Mas os fundamentos da umbanda não são os marcos sociológicos. A sociologia da religião e os discursos sócio-identitários que demarcam o *início* da religião quando do movimento de institucionalização e afirmação política deixam escapar grande parte do fundamental, dos elementos realmente importantes comuns às muitas formas de apresentação da umbanda e religiões similares ao longo do tempo, que são a sua cosmovisão, seus entendimentos da existência, e também as formas básicas dos ritos, mitos, objetos, procedimentos, tecnologias, sentimentos, etc., que fazem a realidade cotidiana dessa múltipla,

caótica/organizada, radicalmente sincrética, permanentemente mutante, universalizante/singularizante religião.

A umbanda é um fluxo humano-espiritual-natural-universal; só tem limites quando olhamos para ela procurando por um limite - construindo-o com o olho. Ela não se define por si, só tem definições atribuídas. A umbanda não tem uma estrutura evidenciável; podemos evidenciar infinitas estruturas no grande contexto do universo umbandista. Pois precisamos ter em conta que esse universo é vivo, contém a ação, o movimento, e portanto fornece as condições e a própria necessidade de renovação, de transformação, de expansão, de evolução constante, permanente. Portanto uma abordagem aberta e dinâmica da umbanda deve ter como foco não as distinções que estabelecem o correto e o incorreto, o que está dentro e o que está fora, mas sim o próprio jogo complexo que permite a diferença, a transformação, que contém potencialmente toda a existência humana. A umbanda é estado e transformação, imagem e ação, abertura e movimento. A umbanda é um fluxo. A umbanda é.

Penso que o avanço na pesquisa sobre a umbanda, nesta postura de crítica ao reducionismo discursivo-identitário do universo umbandista, e da conseqüente manutenção das discriminações e silenciamentos derivados de sua base de formulação, só poderá ocorrer plenamente em um cenário de mudança paradigmática nas matrizes do pensamento científico. Boaventura de Souza Santos (2008), Edgar Morin (2008) e Michel Maffesoli (2009) concordam que estamos atravessando um período de muitas incertezas, de “perguntas fortes e respostas fracas” (SANTOS, 2008), equação que pode ser solucionada na medida em que a ciência abrir sua capacidade cognitiva para os saberes que estão fora da universidade, para a complexidade e para a instabilidade/incerteza. Mas estejamos certos: corre um tempo de metamorfoses no pensamento, que abrirá, na construção do conhecimento, o espaço historicamente negado àquilo que Maffesoli (2009) chama de *saberes orgânicos*.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Kelly Pereira. **As construções da identidade religiosa da umbanda através das perspectivas sociológicas e antropológicas**. 2002. Disponível em: <www.rj.anpuh.org/Anais/2002/Comunicacoes/Amaral%20Kelly%20Pereira.doc>. Acesso em: 15 jun. 2007.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai:** a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. Segundo volume. São Paulo: Livraria Pioneira Editora: Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

BIRMAN, Patrícia. **O que é umbanda**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985[a]. (Coleção Primeiros Passos, 34)

_____. Registrado em Cartório, com firma reconhecida: a mediação política das federações de umbanda. In: BROWN, Diana et al. **Umbanda e política**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985[b]. (Cadernos do ISER, 18)

BOFF, Leonardo. **A teia da vida, a Carta da Terra, a paz mundial, a existência humana e as coisas do coração**. Conferência especial no evento "Toda a cidade", da ONG Escola Cidadã. Santa Maria: 2005.

_____. Identidade e complexidade. In: CASTRO, Gustavo (Coord.). **Ensaios de Complexidade**. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2002. p. 55-67.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: _____. **O poder simbólico**. 10.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BROWN, Diana. Uma história da umbanda no Rio. In: _____ et al. **Umbanda e política**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985. (Cadernos do ISER, 18)

COELHO, Teixeira. **A cultura e seu contrário**: cultura, arte e política pós-2001. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008.

CONCONE, Maria Helena; NEGRÃO, Lísias Nogueira. Umbanda: da repressão à cooptação – o envolvimento político-partidário da umbanda paulista nas eleições de 1982. In: BROWN, Diana et al. **Umbanda e política**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985. (Cadernos do ISER, 18)

CORRÊA, Norton. **O Batuque do Rio Grande do Sul**: antropologia de uma religião afro-riograndense. 2 ed. São Luís: Editora Cultura & Arte, 2006.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2.ed. Bauru: EDUSC, 2002.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GIUMBELLI, Emerson. Zélio de Moraes e as origens da umbanda no Rio de Janeiro. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). **Caminhos da alma**: memória afro-brasileira. São Paulo: Summus, 2002.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

ISAIA, Artur César. **Huxley sobe o morro e desce ao inferno**: a umbanda no discurso católico dos anos 50. s.d.[a]. Disponível em: <http://www.imaginario.com.br/artigo/a0031_a0060/a0056-01.shtml>. Acesso em: 15 jun. 2007.

_____. **O elogio ao Progresso na obra dos intelectuais de Umbanda**. s.d.[b]. Disponível em: <http://www.geocities.com/ail_br/oelogioaoprogressonaobra.htm>. Acesso em: 15 jun. 2007.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Cuturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

LIGIÉRIO, Zeca; DANDARA. **Umbanda**: paz, liberdade e cura. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 1998.

LUBISCO, N.; VIEIRA, S.; SANTANA, I. **Manual de estilo acadêmico**: monografias, dissertações e teses. 4 ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **O reencantamento da universidade**. Aula inaugural do semestre 2009.1 da Universidade Federal da Bahia, Salão Nobre da Reitoria. Salvador: UFBA, 2009.

MATTA E SILVA, Woodrow Wilson da. **Umbanda e o poder da mediunidade**. 3.ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1987.

MORIN, Edgar. Abertura. In: CASTRO, Gustavo (Coord.). **Ensaios de Complexidade**. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2002. p. 7-8.

_____. **Identidade terriana e cultura da paz**. Palestra realizada no ciclo "Fronteiras Braskem do Pensamento", Teatro Castro Alves. Salvador: 2008.

_____. **O método 4**: as idéias – habitat, vida, costumes, organização. 4.ed. Porto Alegre: Sulina, 2005[a].

_____. **O método 5**: a humanidade da humanidade, a identidade humana. 3.ed. Porto Alegre: Sulina, 2005[b].

MOTT, Luiz. O calundu-angola de Luzia Pinta: Sabará, 1739. **Revista do IAC**, Ouro Preto, 1, p. 73-82, 1994.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Entre a cruz e a encruzilhada**: formação do campo umbandista em São Paulo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

_____. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. **Tempo Social**, São Paulo, 5(1-2), 1993, p. 113-122, nov. 1994.

OLIVEIRA, José Henrique Motta de. **Das macumbas à umbanda**: uma análise histórica da construção de uma religião brasileira. Limeira: Editora do Conhecimento, 2008.

ORO, Ari Pedro. As religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 9, n. 13, p. 9-23, jan./jun. 2008.

_____. Religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, 2002.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**: Umbanda e sociedade brasileira. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PRESTES, Miriam. **Desvendando a umbanda**. Rio de Janeiro: Pallas, 1994.

REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. São Paulo: Escala. nº 01, 2003; nº 03, 2003; nº 17, 2008; nº 18, 2008. ISSN 1678-7307.

REVISTA PLANETA. São Paulo: Três. Mensal. Candomblé e Umbanda. nº 114-a, 1981.

RISÉRIO, Antonio. **A utopia brasileira e os movimentos negros**. São Paulo: Editora 34, 2007.

RIVAS NETO, Francisco. **Fundamentos herméticos de umbanda**: a tradição cósmica rediviva. São Paulo: Ícone, 1996.

SÁ JUNIOR, Mario Teixeira de. **A invenção da alva nação umbandista**: a relação entre a produção historiográfica brasileira e sua influência na produção dos intelectuais da Umbanda (1840-1960). 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2004.

SALLES, Nívio Ramos. **Rituais negros e caboclos**: da origem, da crença e da prática do candomblé, pajelança, catimbó, toré, umbanda, jurema e outros. 3.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1991.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Direitos humanos, multiculturalismo e descolonização**. Aula inaugural do semestre 2008.2 da Universidade Federal da Bahia, Salão Nobre da Reitoria. Salvador: UFBA, 2008.

SARACENI, Rubens. **Código de umbanda**. São Paulo: Madras, 2004.

_____. **Umbanda sagrada**: religião, ciência, magia e mistérios. 2.ed. São Paulo: Madras, 2002.

SCHWARCZ, Lilia M. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade contemporânea. In: **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEIBLITZ, Zelia. A gira profana. In: BROWN, Diana et al. **Umbanda e política**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985. (Cadernos do ISER, 18)

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____ (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Renato da. **O candomblé da Barroquinha**: processo de constituição do primeiro terreiro baiano de keto. Salvador: Maianga, 2006[a].

_____. O candomblé-de-angola na era colonial. In: ALVES, Aristides (Org.). **A Casa dos Olhos do Tempo que fala da Nação Angolão Paketan Kunzo Kia Mezu Kwa Tembu Kisuelu Kwa Muije Angolão Paketan**. Salvador: Asa Foto, 2010.

_____. **Os contextos da cultura**. Disciplina ministrada no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia. Salvador: Pós-Cultura, 2006[b].

_____. Os selvagens e a massa: papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental. **Afro-Ásia**. Salvador, 23, p. 89-145, 2000.

SZTOMPKA, Piotr. As modalidades da tradição histórica. In: _____. **A sociologia da mudança social**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

APÊNDICE A – Entrevista com caboclo Ogum das Matas (19/10/09)

Eu queria saber o que o senhor pensa sobre, se considera necessário, se acha bom, o que o senhor pensa sobre o estudo das religiões pelos filhos da terra, como é o meu caso.

Acho muito importante fio, por que leva o esclarecedô aos fio que muitas vez têm os preconceito contra as fé, fio, mas não têm o conhecedô do fundamento da fé. Então é muito bonitado que os fio façam os estudado das fé até pra levar o conhecimento aos fio da terra.

Mas uma particularidade de meu estudo é que ele é feito com uma certa visão crítica ao que os seres humanos fazem em relação às religiões... O que os humanos umbandistas fazem pra organizar sua religião, como eles contam sua história...

O problema fio, é que com o passar dos anos, a umbanda começou a ter muitos fio metido assim a, como diz?, a intelectual fio, então os fio quiseram botar os conhecedô que muitas vez não é pesquisado pelas entidades, entende fio?, eles fizeram o estudadô e associaram ao conhecedô da religião e tentaram impor. Então o que aconteceu, fio? Muita da essência da umbanda ta se perdendo, por interferência dos hômi **<da Terra...>** da Terra. Então os fio tão querendo assim ó, vô lhe dar um exemplo assim fio, botar umas origem na umbanda fio, como se ela tivesse só surgido, fio, quando o hômi branco veio fazer o estudo, trazer o estudadô dos Kardek fio... E não fio, a umbanda já era um culto dos índio, fio... <interrupção > Então fio, a umbanda já era praticada por nós índios, só que de outra forma. O pajé, o que que ele faz? Ou ele toma uma bebida, ou ele faz o cheradô do rapé, mas ele invoca o quê fio?, os espíritos. Os espíritos da terra, os espíritos dos peixes, até ancestral, fio... até os ancestral... pra fazê a cura, e que é a essência da umbanda, fio... o contato com o mundo espiritual. Quando entrou os Kardek, eles organizaram, eles botaram a teoria na umbanda, mas a prática da umbanda, fio, isso é do tempo, assim ó fio, de antes do hômi branco, só que era várias tribo e ninguém dava o nome de umbanda, né fio? Pra nós o que era? Era nossa religião do Pai Maior, que usava os espírito pra comunicação.

Bom saber. Outra coisa: pro senhor, o que faz alguém ser um umbandista? É participar de alguma casa ou de alguma organização, de alguma organização humana mesmo de umbanda, de alguma federação, de alguma organização dessas, ou é a fé interior, o relacionamento interior da pessoa com as suas entidades, com as suas energias?

A fé interior... <interrupção> A fé interior fio, e não só a fé interior, mas principalmente a fé no mundo espiritual primitivo, fio, nas força da natureza. Qualquer fio que acredite nas força da natureza e nos espírito, fio, é um umbandista. As organização só faz com que sejam umbandistas atuantes. <interrupção>

O que o senhor entende que é a umbanda, o papel da umbanda pra gente, humano; o que ela faz por a gente aqui no plano material, e o que ela faz do ponto de vista dos espíritos, o que ela faz de bem pros espíritos?

Pra nós espíritos nos dá oportunidade de evoluir, não só no fazer a caridade, mas no aprender as mudanças da evolução da própria humanidade, entende fio? Pra, assim, os fio da terra: pra os consulente, é um ponto de apoio, é uma maneira de nós fazer o orientadô das caminhadas dos fio. Então nós é pros fio da terra, consulentes, uma bengala... **<O quê?>** Uma bengala de

nego véio. Ele usa o nosso orientado pra tomar decisão, pra se escorar na vida, entende fio? E pros médiuns, é a oportunidade pra ele fazer a lapidação interior, por que pra ele poder manter uma vibração espiritual ele tem que fazer mudanças interior, de condutas, de maneira de olhar a vida, entende fio? Então pra cada um existe um benefício, mas pra todos é um benefício de evolução e de auto-conhecimento.

Então o senhor considera que a umbanda é mais uma relação com cada pessoa, como se fosse uma filosofia de vida, do que uma religião organizada, dogmatizada, com regras muito certas, de uma maneira só, que deve ser feita de uma maneira só?

Não fio, a umbanda não vai ser feita de uma maneira só. Se ele é um culto pluricultural, fio, onde tem povos de várias partes do mundo se manifestando, nunca o senhor vai conseguir... Nós temos dogmas que nós segue, mas nós não é uma religião como é a religião dos capa preta, que é aquilo e tem que ser. Não fio. Nós temos certos princípios que todo umbandista deve seguir, mas isso não faz com que cada terreira tenha que ser igual a outra; ao contrário, cada entidade traz a sua sabedoria e a sua experiência espiritual. Essa coisa dos fio fazer o escrivinhado de livro, fio, e querer que tudo seja igual e siga o mesmo ritual, não dá certo na umbanda. **<Um conjunto de leis pra todo mundo seguir as mesmas coisas...>** Não dá certo. Por que aí o senhor vai fazer da umbanda o quê?, um kardecismo, cego só dentro de uma linha, ou a lei dos capa preta, que só a verdade deles é a certa.

Então pro senhor como foi, assim, o surgimento, como é que o senhor entende que foi o surgimento da umbanda? Como é que foi esse processo de surgimento da umbanda, foi uma coisa lenta, que os espíritos começaram a se organizar pra trabalhar com os filhos, como é que foi esse surgimento?

Os espíritos sempre trabalharam com os filhos na terra. O que foi que aconteceu... que na terra de vocês, fio, foi se juntando vários povos... vários povos que acreditavam no mundo espiritual. Então esse conhecedô permitiu ao mundo espiritual que trouxesse falanges de espíritos pra atuar em vocês, por que vocês têm a mente mais mística, mais espiritualizada, no sentido de aceitar **<As diferenças...>**, aceitar as diferenças, e aceitar que a fé, fio, é uma coisa interior, mas que ela pode associar, como diz?, o conhecimento de todos os povos, fio, e espíritos de todos os povos. Ela é uma religião, que ela pega o amor ao próximo e o religar ao Criador; então ela é uma religião **<No sentido da religação...>**, isso, aberta, né fio, que pro fio passa a ser uma filosofia de vida, por que nós orienta nossos fio a andar conforme nós acha que é mais esclarecedor, mais limpa pra vida do fio. Entende fio? **<Entendo.>** O caboclo tá conseguindo fazer o explicadô pro fio?

Mais, até melhor do que eu poderia esperar. As respostas estão sendo maravilhosas. É que meu trabalho fala muito sobre isso, sobre o que é a umbanda, sobre como a gente está pregando que a umbanda é, o que outros filhos estão pregando e as maneiras como as pessoas estão entendendo a umbanda hoje em dia...

Essas novas umbanda que tão surgindo, é por que os fio tiveram oportunidade desses meio das comunicação, então os fio aproveitaram pra difundir, mas muitos estão difundindo as idéias das suas mentes, e o senhor sabe, se o senhor faz o pensadô, o senhor vai atrair entidades da mesma maneira que o senhor pensa, um pouco mais evoluídas, né fio? E a umbanda é bonita por isso, por que ela dá leque pra todos os fio escrever, e cada fio de umbanda vai seguir a linha que se adapta mais melhor; nenhuma é mais saberosa que a outra, entende fio?

Entendo. Então o senhor acha que é importante, que é uma coisa fundamental da umbanda estar sempre se transformando, sempre mudando, sempre se alterando de acordo com o contexto?

Sem perder a raiz. Sem perder a raiz.

Sem perder a sua raiz. E o que o senhor acha que é essa raiz? Quais são essas coisas básicas da umbanda?

Culto da natureza; culto aos espíritos da natureza; culto aos espírito ancestral, fio; caridade pra com os fio da terra, pra com os animal, fio, com as plantas, com o universo; e caridade com as próprias entidades; ou seja, amor incondicional, é o maior fundamento da umbanda; tolerância, fio, a todos os povos, a todas as crenças, e a todas as opinião, por que só quem é dono da verdade é o Pai Maior. Nenhum fio é dono da verdade, nenhuma corrente religiosa é dona da verdade; elas todas são bonitas, e todas ajudam o ser humano, se elas pregarem o amor, a tolerância e o respeito; e acima de tudo, fio, aquelas que pregam que a comunidade é muito mais importante que os ouro, que as ambição. Comunidade quando eu falo, fio, é a sua tribo, a sua gente, a sua família, é os fio que procuram, isso é uma comunidade. É o que eu disse praquele fio, não adianta o fio pensar na filosofia mais evoluída e não doar nada pros outros **<Não fazer nada pelos outros...>**, não fazer nada pra fazer o melhorado das caminhada na Terra, né fio? E a umbanda trabalha nisso, em melhorar as caminhada pros fio. <interrupção>

O que o senhor pensa, o que representa pro senhor o que a gente chama aqui entre os filhos que estudam a religião aqui no plano material de mito de anunciação, de mito de fundação da religião, que é a história do caboclo das Sete Encruzilhadas, que baixou naquele médium chamado Zélio Fernandino de Moraes? O que isso significa, o que significou pra umbanda esse momento?

Olha fio, pro mundo espiritual quase nada. **<Quase nada...>** Por que os caboclos já trabalhavam na umbanda, seu Curugussu já vinha antes... <interrupção> Então pro mundo espiritual não, isso só foi permitido pelo mundo espiritual pros fio ter uma representatividade na sociedade, pra ter um reconhecimento **<Pra poder se afirmar.>**. Isso, por que enquanto era feita a umbanda dentro das toca de cada fio, ela era desconhecida. A medida que os fio começaram a alardear que esse caboclo foi o que fundou a umbanda, ele alardeou no meio dos brancos, no meios dos Kardek...

Eu não sei se o senhor sabe, mas isso só começou a ser feito a pouco tempo atrás, em relação à história da umbanda...

Como diz assim, ó fio, tinha um período da terra de vocês que tudo queriam fazer o organizado, organizado das leis, organizado das fés, fio, então pra sair da escuridão, como se diz, o astral permitiu que criassem esse mito, que é pra trazer a visibilidade pra fé, fio.

Então é por isso que o astral permite que essa história tenha tanta força como tem entre os filhos da terra... Por que essa história é muito forte aqui entre os filhos da terra...

Pra ter a visibilidade, mas não foi aquela entidade, o caboclo das Sete Encruzilhadas que trouxe o conhecimento. A umbanda já existia nos meios de fios menos cultos, fio.

Mas nem por isso era menos importante, e menos válida.

Ao contrário, fio. Era feita dentro dos fundamento, sem invencionisse, né fio? Que a modernidade permitiu pros fio fazer muita invencionisse dentro da umbanda.

A partir desse momento começou a se criar muita coisa da cabeça dos próprios filhos...

E se o fio ver, tem muita coisa que foi implantada dentro da umbanda depois dessa época que a raiz é muito mais católica, fio, do que primitiva, então o que foi? Foi pra tirar aquelas idéia que a sociedade branca tinha, que era um culto feito por fios ignorantes e primitivos.

E depois foi incorporada também à linha de umbanda essa tendência de pesquisa e de conhecimento das coisas do oriente...

Do esoterismo, pela falange oriental, que é bonitado fio.

E o que o senhor acha dessa corrente? Que é uma corrente bonita...

Por que essa ensinou, essa corrente lapidou, fio, o conhecimento de magia primitiva que o nego trouxe pra umbanda. Por que nós caboclo não fazia magia, nós fazia limpeza espiritual, cura espiritual, e remédio.

Que é o papel do xamã, como a gente fala, o xamanismo, a pajelança...

E o nego africano trouxe a sabedoria das magia que eles faziam na África, nos orixás e nos exus.

E a magia o que é então? É a intervenção do ser humano por vontade...

É o senhor usar certos objetos, certos elementos, pra potencializar a sua intenção para o mundo espiritual. **<Pra obter algum tipo de resultado...>** Que muitas vezes não é nem necessário pra entidade, mas pra mente do fio receber que tem alguma coisa respondendo pra ele é preciso, entende fio? <interrupção>

As especificidades, as coisas específicas do culto aqui na Thsara, o tipo de roupa que se usa, a maneira como o ritual é feito, enfim, tudo que é feito aqui nesse lugar, é importante pra esse lugar ou as coisas deviam ser mais padronizadas? Ou seja, o que é feito aqui precisa ser repetido em outros lugares ou cada lugar tem a sua maneira de fazer?

Cada lugar tem a sua maneira de atuar, de fazer, fio. Entende? Por que cada lugar é comandado por uma entidade espiritual, e ela tem o seu sistemado, e ela traz a sua cultura que ela impõe dentro da terreira dela, fio.

Então isso é determinado no plano espiritual... E o plano espiritual tem abertura pra aceitar essas transformações, essas coisas, essas diferenças, na verdade, que os filhos têm de fazer a umbanda?

Por que não adianta o senhor querer botar o ritual daqui numa casa onde os fio não têm certos estudadô, os fio não vão fazer o entendido. E certas coisas dos fio de outras casas, que são mais... que não são igual, são mais soltas, não vão se adaptar com a gente.

É que a gente vê muita linha diferente, uma linha que é mais preocupada com o estudo, outra que é mais preocupada com a tradição...

Cada linha de acordo com o seu guia-chefe.

A maneira como a gente, ser humano encarnado na Terra, entende a religião, entende a história da religião, ou seja, por exemplo, esse fato de ter uma história que a gente conta aqui na terra da umbanda ter começado nesse momento, e as transformações que essa história pode vir a sofrer, da maneira como ela é contada, influencia a maneira como o astral entende a história da umbanda? Ou seja, o astral pode aprender com os filhos da terra certas coisas? Certas vontades dos filhos da terra podem se manifestar, depois serem aceitas pelo espiritual?

Se a entidade se predispõe a trabalhar dentro daquela terreira que segue essa filosofia, a entidade já vem predisposta a aceitar essa verdade. **<Ela tem então uma afinidade.>** Isso não significa que ela concorda, mas ela entra dentro daquele astral e ela vai trabalhar conforme as regras daquela casa, do astral daquela casa. **<Pra acompanhar inclusive a evolução dos filhos, e tudo mais...>** Isso, fio.

Eu queria que o senhor falasse um pouco como é que as suas práticas enquanto você era encarnado na terra determinaram a sua roupagem fluídica hoje em dia, a maneira como o senhor trabalha, as cores que o senhor usa, as práticas mágicas que o senhor desenvolve. Como é que a vida das entidades que hoje atuam na umbanda determinaram a maneira como elas são hoje no espiritual?

Quando na Terra, fio, eu sou um caboclo de origem Guaikuru. **<Guaikuru... E isso é de que parte do planeta?>** Nós vivia nos pântano que hoje os fio chamam assim dos Pantanal. Nós vivia assim ó fio, entre as divisa dos povo Guarani, por que nós Guaikuru é o Guarani, só que nós é um povo mais guerreiro. Então por eu vir de um povo que era muito guerreiro, e nós roubava dos Guarani dos Paraguai e dos branco os cavalo e aprendeu a guerrear com os cavalo, fio, eu quando desencarnei e evoluí um pouco mais, eu fiz opção por vir como ogum de mato, e a minha representação é montado num cavalo com uma lança, sempre matando uma onça, né fio?

E é por vontade da entidade... A linha que ela trabalha vai da vontade da entidade?

Nós sempre vêm com a roupagem fluídica da nossa última encarnação.

Da última encarnação, sempre. As práticas culturais, a personalidade, tudo da última encarnação?

Tudo. Como eu era um guerreiro, eu só tinha a opção de vir como um guerreiro, fio. Por que eu matei muito quando vivo <risos>. Inimigo pra nós era inimigo, fio.

E esse processo... a gente tem um pouco... a gente chama de Moral... O senhor tava conversando com um filho da Filosofia, a Filosofia estuda a Moral, as coisas que regem o comportamento dos seres humanos, o que é o bem, o que é o mal... Como é que ocorre essa passagem, então, de um filho que matava, pra uma entidade evoluída? Como é que essa evolução pode se dar?

Primeiro, fio, nós fica dentro de um plano espiritual onde nós aprende, nós é doutrinado, como diz assim, como se nós entrasse numa escola, fio; e nessa escola eles nos mostram aquilo que nós errou, e aquilo que não é certo fazer nas caminhada. Então nós vai aprendendo, fio, e a partir do momento que nós assimila essa nova conduta, assim fio, de vim na terra pra

fazer o bem pros fio, nós vêm pra também resgatar os nossos erros do passado. Então essa mudança ocorre pela educação espiritual que nós têm no astral.

E é possível então que um filho que desencarna com muito problema, com muita coisa negativa na sua vida evoluir rapidamente...

Primeiro ele vibra como exu, e aí ele evolui.

E o senhor vibrou como exu antes, trabalhou como exu?

Trabalhei como exu de mato. <interrupção>

Tem uma coisa muito interessante aqui na umbanda que é esse fato de se usar a palavra *universalismo* pra definir como é que são os trabalhos aqui. Thsara Universalista de Umbanda Reino dos Ciganos. O que o senhor entende por *universalismo*, que postura é esta, *universalista*?

É uma postura que a entidade-chefe da casa trouxe, que é a dona Cigana Agnara, que é uma casa que está aberta a todas as correntes de pensamento espiritual, fio.

E isso é uma postura mais aqui da casa, ou da umbanda de um modo geral?

Da seara, por que é chefiada por entidade de origem oriental. Então ela tem a tendência, ela tá aberta a todos os novos conhecimentos que os fio trouxer pra aprimorar o médium, é aceito. Não é mudado a maneira de fazer o trabalho, não é mudado a ritualística básica da seara, mas o conhecimento é aberto a tudo. Então o senhor pode nos trazer dos seus estudadô, ao estudadô do esoterismo, tudo será aprendido e tudo será estudado pelo grupo. <**Incorporado ao que se pensa.**> Então é uma casa que pode receber fios espíritas pra trabalhar, pode receber fios esotéricos pra trabalhar, que todos serão aceitos, sem querer doutrinar como tem que ser a umbanda pura, sem essas mistura. <**Tem lugares que não aceitam filhos que trabalham com certas entidades, certos tipos de pensamento...**> Não, nós aceita tudo. Nós aceita tudo. <**Desde que o filho esteja disposto a contribuir, a colaborar, se aceita tudo. É nesse sentido...**>

Eu queria saber também... Eu queria pedir pro senhor falar a respeito da magia riscada, do ponto riscado, da importância do ponto riscado na umbanda, quais são as diferentes funções que o ponto riscado cumpre... Por que eu, por exemplo, sou muito encantado com a representação disso...

O ponto riscado é essencial, fio. É a firmeza da entidade. É como se fosse um imã. Além dele representar a entidade, a linha que ela vem, qual é a falange dela, quem é ela, qual é os objetivos que ela tem no seu trabalho espiritual, fio, ele também serve como uma fixação da energia dessa entidade no ambiente, fio. Então é como se fosse a materialização de nós espiritual numa terreira. E a importância da magia, fio, o ponto riscado ele serve pra mandar mensagens pro astral, fio, de qual o objetivo que se ta fazendo aquele agrado, aquela oferenda, aquela limpeza. Então ele é sempre o melhor elemento de magia, fio. <**Dentro da umbanda ele é o melhor elemento de magia...**> Dentro da umbanda, fio. <**Por isso que sempre é riscado ponto pra se trabalhar...**> Sempre, por que ali vai fixa aquilo que o senhor ta pedindo, quem o senhor tá invocando, e como o senhor vai executar essa magia, com qual interferência energética o senhor vai usar... <**Pra atingir o objetivo do senhor...**> Então não existe umbanda sem ponto riscado, fio.

E isso desde antes; a magia dos negros sempre teve... Foram os negros que trouxeram essa coisa...

Sempre foi riscado. Foram os nego africano que trouxeram a lei de pemba, fio, que é a lei básica de identificação. Com o passar dos anos o mundo espiritual foi aprimorando mais melhor. <**Foi trazendo outras coisas.**> Mas, como diz, não se faz nenhuma magia <**Sem ponto riscado.**> sem ponto riscado. <**Então tem uma importância muito grande...**> É vital, fio.

Outra coisa que eu entendo como vital, mas tem certas linhas de umbanda que não entendem, ou que não entenderam ao longo da história da umbanda aqui no plano material, é a importância do povo da esquerda, das linhas dos exus e das pombagiras.

Mas tá mudando muito, fio, os fio tão aprendendo a aceitar.

Qual é a importância do exu, que tipo de trabalho eles fazem? E se o fato de uma entidade ser exu ou não ser exu, ou ser um caboclo, diz respeito à índole dele, assim, no sentido de ele ser um filho evoluído, ou não ser um filho evoluído...

Não. Os exu, tem o exu não evoluído e o evoluído. Mas não existe umbanda, trabalho de magia... Só existe umbanda sem exu, aquela que só trabalha com orientação e passe. <**Magia não existe...**> Mas a umbanda de trabalho não existe sem o exu, fio. O exu é o equilíbrio do caboclo, é o equilíbrio do nego velho. São irmãozinhos como nós que tão evoluindo; tem muitos que são muito mais evoluídos do que nós, fio. Então são opções <**Opções deles...**> de fazer um trabalho espiritual <**Numa linha diferente, numa linha de esquerda.**> numa linha diferente, fio. Se o senhor partir do princípio, fio, que o Pai Maior criou o homem à sua imagem e semelhança, e que o homem é bom e ruim ao mesmo tempo, o exu representa exatamente isso dentro da umbanda, o lado ruim <**Negativo...**>, o lado negativo; mas ruim não significa destruição, significa aquele ser resgatador <**Da transformação e ação.**>. <interrupção>

Eu queria saber como é que são... Vocês que enxergam, que trabalham com essas entidades, com os exus, como é que eles se apresentam em termos de roupagem fluídica, como é que eles se mostram? Tem muita diferença, ou eles são pretos, ou eles são... Como é que esses filhos se apresentam?

Não, fio. Eles se apresentam com uma roupagem fluídica densa tipo um ser humano <**Parecido com um ser humano...**>, só que eles brilham mais, e têm em volta deles uma energia vermelha. Eles são uma energia mais densa, fio. Mas se o senhor olhar, é um homem, mas sempre acompanhado de uma energia vermelha. E quando são de linha muito assim ó, assim, de Omulu, linhas muito assim, de magia pesada, fio, são cinza. Mas a maioria, a energia de volta deles é vermelha e brilhosa, fio.

Mas assim, da mesma maneira como o caboclo tem essa origem indígena, os pretos velhos normalmente são negros, os exus não têm isso, os exus podem ter sido brancos, pretos, amarelos, enfim...

De qualquer raça, fio. <**De qualquer raça pode trabalhar como exu...**> De qualquer, pode sim. <**Exu não tem essa ligação...**> Eles não vem dentro de uma falange... <**Cultural, assim...**> Existem os exus que tem mais afinidade com a falange de mato, com a de água, mas isso não significa que eles foram negos <**Que eles foram alguma coisa na Terra...**>.

Outra pergunta que é importante, assim, pra mim tentar entender... Como é que foi a sua história, a sua ligação com o seu cavalo, com Beatriz? Isso desde quando vem, isso é um resgate kármico, isso é um trabalho que começa quando, desde que seu cavalo nasceu, desde quando vem essa ligação?

Salve, fio. O momento que o espírito da fia se apronta pra fazer o reencarne, fio, ela já faz a opção pra ser médium, e já é determinado pelo astral quem são as entidades que vão seguir ela. **<E o senhor já se aproxima...>** A fia no crescer, o fio vai tendo aquela afinidade, vai gostando dos bugre, vai gostando dos ciganos, e ele não sabe porque, fio, porque aquela ligação espiritual... Vai gostando dos nego, por que é a ligação espiritual que ele tem com entidades dessas falange que vão acompanhando a medida que ele vai se desenvolvendo. **<Vem até de antes de ela encarnar...>** Vem de antes, já vem determinado. Ninguém lhe tira entidade nenhuma e ninguém lhe bota entidade nenhuma, fio. O senhor nasce com aquela missão, e aquelas entidades já vêm determinadas àquela missão, fio.

E de que maneira os senhores caboclos, enfim, todas as entidades que trabalham com os filhos de umbanda determinam o comportamento e a maneira como os filhos da Terra se entendem? Por exemplo, se eu tenho um caboclo, de que maneira ele influencia pro meu comportamento, pro meu temperamento, pra essas coisas?

É uma influência muito sutil, como os fio diz. Nós vai mantendo assim ó, nós vai dando intuições, nós vai atuando no inconsciente do médium e vai trazendo a eles comportamentos que vão beneficiar eles como ser humano e nos auxiliar a trabalhar, mas isso nós não tira o livre-arbítrio. Nós passa a intuição e o fio segue ou não. Mas nós vai mudando a personalidade do fio. **<O gosto dos filhos, por exemplo, esse fato de você ter um caboclo e se aproximar, de gostar dos índios, é uma coisa que já vem dessa ligação...>** Se o senhor não gostar o senhor não tem energia positiva praquilo. Então o senhor não vai gostar de atrair. **<Não vai conseguir se aproximar das suas entidades.>** O fio que têm preconceito contra certos seres humanos, ele não consegue atrair essas entidades espiritual. **<Por exemplo, se eu não gostar de negro, eu não vou conseguir trabalhar com preto-velho...>** Por que o senhor sempre vai criar uma barreira, fio. O senhor até pode trabalhar, mas nunca vai ser um bom médium de nego velho, por que vai se sentir a repulsa. Tem fios que sentem...

Eu entendo. A minha preocupação com a história da religião, como a história da religião está sendo contada, a maneira como os filhos da Terra estão contando a história da religião e estão defendendo como a religião é, ou o que é a umbanda, é uma maneira que é baseada na discriminação. Esses filhos que "fundaram" a umbanda, que dizem que fundaram a umbanda, eram filhos brancos que não gostavam de negros, tanto que exu não podia trabalhar, preto velho era uma entidade que eles consideravam mais ou menos evoluída, e não gostavam de negro, negro da Terra, eles não gostavam, por que era uma idéia muito comum no tempo deles...

Era cultural, fio.

Era cultural, exatamente. Então tem isso que a gente chama de preconceito. Então meu trabalho é tentar, um pouco, desmanchar essa história preconceituosa e racista, como a gente chama, pra tentar ensinar, se for o possível, que a umbanda é uma coisa mais aberta e que aceita mais coisas e que deve aceitar essa pluralidade toda.

Isso mesmo, fio. Na umbanda nunca se pergunta qual é a sua cor, qual é a sua religião, qual é o seu estudadô, né fio? Pra nós entidade não importa isso. Pra nós entidade só importa a sua vontade de fazer o bem pros outros, a sua vontade de se doar, pra caridade.

Mais uma pergunta sobre as linhas. Existe, assim, uma linha intermediária entre direita e esquerda? Tem uma linha chamada os *caboclos quimbandeiros*, e a gente entende que o caboclo é de direita, e quimbanda é a linha de esquerda. Como é que é isso?

Não. Não existe linha intermediária. <**Os caboclos quimbandeiros são da esquerda...**> São caboclos que foram muito ruins em vida, fio, e que geralmente eram antropófagos, né fio?, e que tinham aquela cultura que, se comesse o morto, pegava a força espiritual. Então eles têm energia muito densa, fio, por causa que trabalhavam muito com sofrimento. <**Mas eram caboclos, e por isso se apresentam como caboclos e não como exus...**> E não como exus. Mas não existe linha intermediária. Nós liga e nós nos comunica com eles bem fácil. <**Os caboclos da direita se comunicam bem fácil com os da esquerda...**> Com os exus e com os caboclos de esquerda.

Na história da umbanda surgiram linhas novas de trabalho, falanges novas de trabalho; por exemplo, o povo cigano talvez não trabalhasse lá no início da umbanda, quando a umbanda começou a se formar com os negros e com os indígenas aqui no Brasil, e essa linha surgiu depois pra trabalhar com os filhos. Tem alguma linha que já tenha desaparecido, e tem outras linhas que estão por aparecer, que vocês nos astral já conheçam?

Fio, nada desapareceu na umbanda. Existe linhas que têm poucos fios trabalhando, por causa do próprio conhecimento. Tem fio. E tem novas linhas de espírito pra entrar. <**O senhor tem como citar alguma?**> Mas sempre são linhas assim ó, fio, linhas de espíritos... por exemplo, quando nós fala em falange oriental, quantos povos oriental existem? O senhor sabe dos indianos, dos turcos, dos egípcios, mas tem falange de romenos que vêm como guerreiros de Ogum <**Eles já trabalham como guerreiros...**>, tem a falange dos japoneses, tem a falange dos chineses... Então, sempre tem linhas novas surgindo. <**E essas falanges já trabalham, só que de outras maneiras, na umbanda?**> De outras maneiras. E muitas umbandas, por exemplo, fio, que são umbandas brancas, que são chefiadas por chineses, e outras por indianos. Entende, fio? Tem os esquimós... <**Esquimós?**> Tem, sim . <**De todas as regiões, então, da Terra...**> Todos os povos da Terra têm representante espiritual. <**E a medida, então, que os filhos da Terra forem conhecendo mais isso, essas linhas vão se tornando mais fixas...**> A medida que os filhos vão conhecendo mais a cultura desses povos, esses povos têm como vir na terra pra trabalhar.

Manifestando suas características de cultura... Então precisa ter uma afinidade entre o conhecimento dos seres humanos sobre a cultura das entidades pra elas conseguirem se manifestar com sua roupagem original, que não precisem se manifestar em outras linhas...

Original. Isso. Tem falange de gauleses, que trabalha com Ogum... Tem, tem muitos guerreiros antigos que trabalham com Ogum. Os guerreiros bárbaros, a maioria vêm na roupagem de Ogum. <**Todos os guerreiros brabos vêm na linhagem de Ogum...**>

O senhor acha que um dia vai dar certo, ou por que o senhor acha que não deu certo essas tentativas dos seres humanos de codificar a religião da umbanda, de escrever um

livro, como se escreve o "código não sei o quê", e se isso vai acontecer um dia ou nunca vai acontecer?

<interrupção> Fio, não tem assim, como que um código único, por que a humanidade está fazendo o caminhado pra aprender a se respeitar todos os povos e todas as culturas. **<Existe essa caminhada da humanidade...>** Da humanidade. E a umbanda é isso, fio, o respeito a todos os povos e todas as culturas. O momento que o senhor escrever um livro que só isso é o certo, o senhor está bitolando a mente do ser humano encarnado. **<Está bitolando a maneira como os outros podem vir a entender isso.>** E o que essa cultura entende, a cultura de outro povo entende de outra maneirada. Então por isso que a umbanda vai permanecer aberta, que é pra poder... **<É uma religião que acompanha, então, o movimento, a transformação do universo...>** O movimento universal, fio, por que a terra de vocês, com o passar das luas, vai ser a grande emanação da sabedoria pro mundo. <Pro mundo, que o senhor diz?> Pro mundo material, fio. Então o povo tem que ter essa abertura de respeitar todas as culturas e todas as crenças, desde que elas levem ao Pai Maior. E a humanidade está começando a aprender isso. Isso que os fio dizem, a era de aquário, né fio?, é nada mais do que o quê?, o respeito com tudo, por que a água que gerou tudo, é a água que rege o universo, sem a água não existe vida, fio. Não é a toa que os homem branco estão largando umas coisas lá pra riba, assim, pra ver se acham água, né fio? **<Estão lançando lá pra lua, pra marte, pra tudo que é lugar, por que a gente está estragando a nossa.>** Por que ela é o poder gerador, é Iemanjá, né fio?, é a mãe de todos, a energia geradora. Então a umbanda não tem como se codificar por isso. Existem normas éticas que o mundo espiritual trouxe, mas ela sempre será aberta pra cultura de todos os povos e aceita os princípios bonitos de todas as fés, fio.

E o Brasil, essa nossa terra...

Se o senhor andar por outras terras o senhor vai ver, fio. **<Que é diferente...>** Que é só a terra de vocês que abraça todos os fio, mesmo com os preconceitos, mas abraça, dá oportunidade pra todos os fio ter a sua crença, ter o seu trabalho, realizar o seu sonho, correr atrás do seu sonho. **<E isso foi uma escolha do astral? De se manifestar nesse lugar, dessa maneira...>** Do astral, foi uma determinação do astral. Quando foi criado o Pindorama, fio, já havia essa determinação. **<Pindorama?>** Pra nós a terra é Pindorama, é a terra do verde, a terra dos papagaio, né fio?, não é essas terra de vocês que vocês botaram o nome de Brasil... **<Pindorama, se chama nossa terra...>** Pindorama, fio, pra nós bugre, né fio?, era nossa terra, era nosso paraíso na terra. Então essa terra será a expansão da sabedoria por que ela está chamando tudo que é povo pra dentro dela, né fio?, e esse conhecimento mostra o maior ensinamento que a dona Pena Dourada disse na última lua: tolerância. **<Tolerância e amor, me lembro muito bem, e gostei muito de ter ouvido...>** E é o que a humanidade vai ter que ter, tolerância e amor, fio, pra poder evoluir.

APÊNDICE B – Entrevista com a cigana Agnara (26/10/09)

Primeiro, eu queria fazer uma pergunta pra senhora em relação aos estudos, por que eu estou fazendo um estudo dentro da universidade, dentro da academia, sobre a religião. Eu queria saber o que a senhora pensa sobre esse tipo de estudo que a gente faz dentro da universidade, no meu caso com uma certa visão crítica em relação à organização da umbanda pelos seres humanos, algumas coisas relativas à história da umbanda; enfim, certos estudos que, por ter uma visão crítica, às vezes podem se chocar com alguma coisa da tradição da umbanda, da tradição da umbanda feita pelos humanos, digamos assim.

Então *chico*, pra nós toda a pesquisa científica é válida. Primeiro, por que esclarece o ser humano, principalmente dentro da umbanda onde a maioria dos médiuns tem muito pouco esclarecimento crítico sobre sua própria fé, e o senhor sabe que toda religião que trabalha com mediunismo ela permite muito enfeite por certos médiuns mal preparados. Então todo trabalho crítico e científico é muito *bueno*. E é *bueno* também por que leva pro meio, como vou dizer?, letrado, o conhecimento de uma religião simples, que é feita para os simples e pelos simples, que nunca foi valorizada exatamente por isso. E o que acontece: certos filhos que se dizem intelectuais criam pseudo-umbandas, pseudo-teorias de umbanda, e é *bueno* que se analise criticamente e se tire certas mentiras que existem sobre a umbanda. É muito *bueno*, Agnara gosta muito disto. Está certo o senhor, o senhor tem que ser imparcial e analisar com visão crítica de um cientista, até para ser respeitado pelo seu estudo.

Eu procuro avaliar com uma visão crítica tanto a religião como a ciência também, a maneira da ciência olhar para a religião que é muito preconceituosa, é muito discriminatória com a nossa religião...

Tudo aquilo que o ser humano não consegue palpar, o que o ser humano não sabe palpar, ele acha que não pode existir. O que está acontecendo: com a descoberta do, como diz?, do <palavra incompreensível>, da energia mínima, tá fazendo com que o *hombre* veja que o universo tem vários universos paralelos. Existe o material que é esse, mas existe o etéreo, e que o *hombre* não conhece nada – só sente. Então, com o passar das décadas o ser humano vai aprender a sentir, a se religar com o todo, com esse universo, e ele vai ver que existem coisas, forças energéticas tão potentes do plano paralelo que eles nem imaginam, e que podem se materializar a qualquer momento. Os filhos procuram longe aquilo que tá muito perto do próprio ser humano <interrupção>.

Pra senhora, o que faz alguém ser um umbandista? É a fé interior da pessoa, a dedicação daquela pessoa com as suas entidades, com a sua crença, com a sua crença nos orixás, no Grande Pai, ou é a participação numa seara, a participação numa instituição organizada pelos seres humanos, digamos assim, ou as duas coisas?

Chico, as duas coisas se completam, mas a primeira é a mais importante **<A fé...>**, por que dentro da umbanda existem muitos filhos que *estão* na umbanda, que simplesmente trabalham na umbanda por compromisso, não por fé. **<Que tipo de compromisso a senhora fala?>** Têm uma fé sempre questionando, têm uma fé sempre achando que está errado, que é impossível. Por que assumem compromissos com o mundo espiritual, assumem

compromissos com entidades, *entiende*? Então pra nós é mais importante aquele que é umbandista *acá* dentro. Por que não adianta ser umbandista só de boca, *entiende* filho? Então nesse sentido que Agnara diz: pra Agnara é *muy* mais importante um filho que cultua seu santo, que cultua seu caboclo, sua entidade, e que tem uma fé pura, do que aquele que vem fazer figuração dentro de uma seara. Lhe dou um exemplo: o senhor é mais umbandista do que o filho que tá sentado. Por que o senhor veio *acá* o quê?, para fazer *una* pesquisa, tirar mistificações daquilo que os estranhos não conhecem da sua fé, e se concentra, e aquele filho está bisbilhotando quem entra e quem sai, e só pensando nele. Que umbandista é esse? Não é *chico*?

Então a participação direta não quer dizer uma pessoa ser um umbandista...

No, muitos estão por que tem medo de seu guia, por que tem compromisso, e não por que tem mesmo a fé que precisa. **<Salve, compreendo.>** Agnara é meio radical nestas coisas. **<Não tem problema, eu quero saber justamente a opinião da senhora, a senhora pode falar o que bem pensar.>** Bem diferente da opinião do meu cavalo. **<É, algumas coisas são parecidas, algumas coisas provavelmente vão ser diferentes.>** Nós molda os médiuns.

Do seu ponto de vista, o que é a umbanda? Ela é mais como uma religião, no sentido de uma religião bem organizada, bem estruturada, bem definida, ou ela está mais para uma prática de vida, uma filosofia de vida, uma maneira de se exercer a espiritualidade?

Primeiro, é uma filosofia de vida **<É mais uma filosofia de vida...>**, por que ela não é uma religião organizada, por que ela não tem dogmas definitivos. Ela é uma religião, pra quem pratica, por que lhe religa ao mundo espiritual, mas antes de ser uma religião ela é uma filosofia de vida, que leva o senhor a uma simplicidade de vida, *entiende* filho? Que é o bonito da umbanda. Agora, aquela fé institucionalizada, como os filhos diz, aquela religião onde tem dogmas e um monte de preceitos que não cumprem a metade, não é... Ela tem fundamentos básicos que devem ser seguidos, mas não é obrigado. Então ela é uma religião mas com uma base muito mais filosófica do que realmente uma religião, no termo que os filhos dizem que é. **<Entre os humanos aqui, como a gente trata a religião na acepção da palavra>** *Una* coisa organizadinha, que tem que ser tudo bonitinho, não. **<Compreendo.>**

Como é que a senhora entende, então, o surgimento – eu costumo usar a expressão *processo de constituição*, que é uma expressão que meu orientador aqui na terra, do meu trabalho, utiliza, e que eu gosto muito –, qual foi o processo de formação da umbanda, tanto do ponto de vista espiritual, do plano espiritual, quanto no plano material, entre os humanos? Como é que ela foi se organizando?

No plano espiritual, *chico*, existia... No momento que existiu a formação de uma, como vou lhe explicar?, nós chama de aruanda, de uma aruanda misturada de povos no país de vocês, um reino de povos, no astral foi criado uma determinação para que vários espíritos de várias origens trabalhassem com esse povo. Então não existe no astral uma determinação *umbanda*, nós todos somos espíritos, nós todos somos enviados pelo Pai Maior, só que cada um de nós tem uma missão, e a missão foi trazer este conhecimento onde mistura o conhecimento indígena, o conhecimento africano, o conhecimento do branco e, nos tempos mais atual, principalmente o conhecimento oriental, que é de onde tudo surgiu, o esoterismo. Então, existia uma determinação de tecer aquilo que seriam princípios filosóficos, princípios de fé, *entiende* filho?, e que nós deu o nome *umbanda* para os filhos, por que era um termo que era muito comum para o negro. Então era um termo que já era usado nos cultos primitivos dos negros, por que nos cultos indígenas eram pajelanças, eram catimbós, **<Xamanismo...>**, isso,

eram parás **<Como?>**, pará, eram xamãs... Então são cultos... **<Outros cultos...>** Então o *nombre*, por que foi usado umbanda? Por que na época que ela começou a potencializar nessa terra, o que aconteceu?, a população era de grande maioria negra. **<Então para ela ser aceita entre as pessoas simples, se usou um nome das pessoas simples...>** Era um *nombre* que era mais familiar. **<Pra aquelas pessoas...>** Então se o senhor perguntar pra nós a origem da umbanda: com os povos que se misturaram no Brasil. Ninguém criou a umbanda. Não foi um *hombre* que decidiu "a partir de hoje está criada", ela já existia no astral, só foi organizada para existir uma organização ritualística, nada mais filho. Mas não uma criação.

Então essa idéia de processo está certa, foi um processo no qual as coisas foram se organizando lentamente, tanto no plano espiritual quanto no plano material...

A partir da cultura do próprio povo do Brasil, entiende?, mas com predominância no início de africanos, que depois foram trazendo outras coisas.

Tanto que a gente vê: muitos elementos das práticas dos negros ainda são mantidos, o formato do ritual, muitas coisas.

A magia básica da umbanda, a gira, por que o índio dança em volta, mas a dança em roda pra ritual é do africano; quem bate palma é africano **<A música...>**, a musicalidade é africana, a fé no mundo espiritual dos ancestrais é africana, por que o indígena acreditava no quê?, no ancestral mas nos animal de força. **<Nos animais?>** Isto, de força. <interrupção>

Então nessa idéia do processo: o que a senhora pensa a respeito da transformação contínua da maneira de se fazer a umbanda, da forma como a umbanda se apresenta nos diferentes lugares, coisas que vão sendo incorporadas ao longo do tempo, outras práticas que vão surgindo? O que a senhora pensa a respeito dessa incorporação de novos elementos, do contato com outras religiões, e tudo mais?

Primeiro, é essencial, né *chico*?, por que no momento que o senhor não incorpora nada mais o senhor bitola a mente humana, e o ser humano está em constante evolução, tanto a sua cultura como a sua sociedade. Então é essencial essa eterna mudança. Faz parte da evolução do universo, por isso que ela trabalha com o interior do ser humano. Então no momento que o senhor não incorporar mais nada o senhor fica com dogmas, e com visão pequena. No momento que o senhor está sempre trazendo é válido, desde que não perca a sua essência.

Salve. Eu queria que a senhora falasse, então, um pouquinho do que a gente chama de fundamento aqui, até por herança africana – outra herança africana falar em fundamento.

Primeiro, respeito e culto à natureza; isto é o fundamento básico da umbanda. Segundo, *chico*, respeito aos ancestrais e culto aos ancestrais, que não são nada mais do que as entidades espirituais **<Os espíritos desencarnados.>**. A caridade, tanto com o mundo espiritual, como com todos os seres vivos. Crer num Ser Maior. Não ter preconceito em relação a nenhuma cor de pele, a nenhuma religião, a nenhuma cultura. Tudo isso são fundamentos básicos. Existem outros, mas esses, *chico*, são os básicos. Sem isto não pode existir umbanda. Não se pode separar os seres humanos pelas oportunidades que a vida deu. Se separa o ser humano pelo caráter, pela atitude. **<Isso a gente pode questionar, isso a gente pode criticar, isso a gente pode buscar as explicações, pode buscar desmascarar, enfim, o lado humano das religiões...>** Outro fundamento da umbanda é o livre arbítrio. O senhor tem uma missão, o senhor segue se quer, agora não venha se lamentar, como certos filhos vêm. Não é assim

chico? **<Compreendo.>** É a mesma coisa: o senhor promete pro seu caboclo: "vou lhe fazer uma vez por mês uma oferenda pra ti", aí aquele mês que tu faz fica maravilhoso, no outro tu já esquece de fazer, aí tudo denovo, pára tudo as energias envolta de ti. É o livre arbítrio. **<Acontece às vezes comigo, a senhora deve saber.>** O senhor fez a escolha. Isto. Se o senhor mantém a sua energia sempre bonita, o senhor sempre terá coisa bonita. Isto é livre arbítrio, agora isto não obriga que o senhor o quê?, "eu tenho que fazer, tenho que fazer", o senhor escolhe, não é isto? **<Entendo.>** É como nós diz: cada filho escolhe quem ama, e quem odeia... Salve! **<Escolha livre...>**

Certo. Mais uma questão que é importante pra mim, pros meus estudos, é essa questão do que a gente chama aqui entre os humanos que estudam a religião de mito, de marco de anunciação – os filhos falam em fundação da umbanda... eu não concordo definitivamente com fundação da umbanda, mas o que representa pra senhora <Nada!> **esse mito, e o que representa pro plano astral e pra nós?**

Pra Agnara nada. Esta entidade é simplesmente uma entidade figurativa para se mostrar, para fazer com que um culto que já existia há muito tempo se tornasse visível ao mundo dos brancos. *Solamente* isto. **<É a mesma a minha opinião, graças a Deus...>** Salve...

Certo. Eu ia perguntar então se os fundamentos, as coisas fundamentais já vinham se formando desde antes desse mito *<Sí, chico>*, **mas a senhora já respondeu...** <interrupção>

A respeito do formato específico do culto, as cores que são utilizadas, a maneira como se compreende a religião em cada lugar – vou dar o exemplo aqui da Thsara, ou em qualquer outra casa –, isso é fundamental? As maneiras como são feitas aqui são fundamentais? São fundamentais pro culto que é realizado aqui ou é fundamental que todo lugar seja da mesma forma?

São fundamentais a partir daquilo que foi assentado *en la* casa, *entiende chico*? Depende da linha que se faça opção por trabalhar *en la* casa, ela passa a ser fundamental. Isto não significa que a *color* que é usada em outra casa de umbanda **<Esteja errada...>** esteja errada. Mas pra linha ancestral da casa... Se segue sempre uma ancestralidade, *chico*, e aquilo que o senhor apreendeu, se um dia o senhor for botar a sua seara, o senhor seguirá a sua ancestralidade, senão o senhor perde aquilo que se chama axé, energia de força. Então aquilo duma casa pode até não ter importância nenhuma em outra, mas é a força espiritual daquela casa. **<Até por que é uma determinação...>** São códigos de conduta, e códigos de *colores*, e códigos de bebidas, de *estrellas*, que são adotados por aquela falange espiritual que trabalha sobre o domínio daquela casa. **<As determinações são então do plano espiritual, das entidades chefes...>** Sempre do orixá menor da casa. Então tudo que eu implantei nesta casa veio de ordem do senhor Ogum Beira-Mar. Aquilo que ele determinou, as *colores* que ele queria... Lhe dou um exemplo: existe casa de umbanda que usa azul claro pra Oxum; Agnara não usa. Por que a água *de la* sanga, como os filhos dizem, do córrego **<Sim, a água doce.>**, se o senhor pegar ela é amarelada. Qual é a marola que tem *la color* azulada-esverdeada? Do mar... Por que vou usar energia do mar numa entidade que vibra na água parada, na água de rio, **<Que a gente chama doce.>**, que é amarela? <interrupção>

Sim, eu vou fazer uma pergunta a respeito das suas desencarnações... <Desencarnação ou encarnação?> **Não, da sua última encarnação, enfim, como cigana. Não sei se foi só a última, enfim, mas a sua última encarnação, que foi como cigana.** <*La* última, *si*...> **Você acha, considera, que o fato de você ter desencarnado como cigana na última encarnação**

e trazer seus conhecimentos pra dentro da umbanda faz com que o conhecimento dos ciganos passe a integrar as correntes de umbanda? E assim com todas as linhas e falanges de espíritos que se incorporam na umbanda?

Sí. Inclusive uma terreira chefiada por uma entidade cigana, que é verdadeiramente cigana, a ritualística é bem diferente do que uma organizada por um caboclo.

A senhora diz "verdadeiramente cigana" por quê? "Verdadeiramente" a senhora quer dizer cigano do oriente?

Agnara é cigana de origem, por isso que ela vem como oriente. <interrupção>

Eu estava perguntando sobre sua roupagem fluídica da última encarnação...

Nós foi cigana quando viva, desencarnou cigana, então quando nós veio pra umbanda, nós traz todo o conhecimento cultural de cigano <palavra incompreensível>, então isto nos trás dentro de uma linha oriental, *entiende* filho?, e aí nós vai implantar esse conhecimento na umbanda.

E o que seriam os ciganos que não foram ciganos? Essa quantidade enorme que a gente vê...

São espíritos errantes que são fascinados pela dança cigana, pela liberdade que representa o povo cigano, e que eles adotaram uma roupagem fluídica. E tem muito cigano também, que foi muito *ladrón*, esses tão dentro dessa falange. **<O que a gente chama de exu cigano e pombagira cigana...>** Nós não pode esquecer do lado ruim do nosso povo também. **<Sim, como todo povo.>** Salve. Ainda tem na Europa cigano que rouba batata das plantações, manda lá os gafanhoto roubar batata. **<Gafanhoto? Ah, os filhos...>** *Sí, sí, tiene sí*. Principalmente Iugoslávia, Bulgária, eles roubam, vivem na miséria, mas roubam muito.

Eu queria que a senhora falasse um pouco mais, então, sobre a sua última encarnação como cigana. De qual grupo étnico, como a gente chama, a senhora era e como é que isso influenciou sua roupagem?

O grupo étnico seria Kalderash, por que *mi padre* era Kalderash. *Mi madre* que *no* era, mas como ele roubou ela e trouxe pro povo dele, nós teve a formação do povo Kalderash. **<E sua mãe era? Se não for muito perguntar...>** Minha mãe era Kalon, Kalon de Portugal. **<Então sua tradição cultural é Kalderash...>** Kalderash. Nós fazia tacho de cobre, por isso que eu tenho a pirâmide de cobre, que tem os *ojo*, que é os *ojo* de orus, que tudo enxerga e tudo vê, e que espanta o mal olhado; nós tem o punhal com bronze, com a cara do leão, por que o leão representa o que?, a força do poder da magia; nós usa a adaga, que é aquele que, um dos tantos instrumentos de força, é aquele que abre caminho, aquele que defende... Então, o cigano oriental ele tem elementos que ele fixa – a pirâmide... – então nós fixa elementos – o baralho que tá guardado... – nós fixa energias diferente do exu cigano. **<E como é que se porta o exu cigano?>** O exu cigano é alegre, barulhento... Nós cigano oriental gosta de música, o *hombre* cigano dança batendo palma. Nós gosta. Nós faz um movimento que os filhos acham que é um pandeiro. *No*. Este movimento *acá* é a manipulação energética, por que em cada dedo representa um plexo. Quando nós faz isso, aí é o centro da *mano*, quando nós faz isso nós tá emitindo energia de várias *colores* pra simplesmente o quê?, harmonizar **<A corrente...>**, isto *chico*. **<Compreendo.>** O senhor tá conseguindo fazer o entendido? **<Sim, to conseguindo sim, a senhora é muito clara pra falar, é muito bom conversar com**

a senhora por causa disso, que a gente consegue entender bem as coisas.> Vou usar um exemplo: nós cigano oriental toma bebida chá, o cigano exu toma bebida de álcool. Então pra nós fazer um axé de força nós bota bebida de álcool, sempre licor, não álcool puro, pra fazer uma linha de força, mas nós não bebe álcool. O exu cigano bebe champanhe, bebe álcool, bebe <palavra incompreensível>, bebe todos esses licor colorido... **<Mas pra executar trabalhos de magia e tudo a senhora trabalha junto com um exu, com uma pombagira cigana?>** Com a pombagira Cigana, isto **<Ela trabalha junto com a senhora...>**, com a Puerê **<Puerê?>**, a pombagira Cigana Puerê, *sí*. Agnara faz trabalhos do amor, fluídos pro amor, licores de amor, vinhos pra potência sexual tanto de *hombre* como de *mujer*, banhos de amor... Quando nós tem que trabalhar em outras linha, por exemplo abertura de caminho, pra trazer prosperidade, nós usa os nossos exu pra fazer. Quando é esta magia que nós precisa pra saúde, pra felicidade, pra os gafanhoto, aí nós usa exclusivamente a linha oriental, o conhecimento da magia cigana. Aí nós faz certos breves com cera de abelha, com *monedas*, com pimenta, entiende *chico*?, é diferente. É bem diferente do que os caboclos trabalham.

Eu queria que a senhora falasse um pouco, então, sobre essa questão das roupagens fluídicas. É sempre a última encarnação que determina as roupagens fluídicas? Por que assim, em certos meios, em livros, especificamente, a gente ouve falar às vezes que as entidades se manifestam com roupagens fluídicas que não foram as da encarnação delas. Isso acontece? A senhora trabalha sempre como cigana, ou se apresenta com outras também?

Sempre me apresento como cigana. Posso dar dois *nombres*, mas me apresento como cigana. Mas existem espíritos que não foram nem caboclos, nem negros, nem crianças, e se apresentam com essa roupagem fluídica pra cumprir missão, por opção. Mas só um vidente enxerga a roupagem fluídica verdadeira. Ele tem o comportamento da linha que ele faz opção por trabalhar, mas a roupagem fluídica dele não, inclusive ele se mantém branco se for um branco trabalhando como um preto *viejo*. Geralmente é feitor, donos de casa grande, traficantes de escravos, que meu povo foi. **<Salve... Eu li a pouco tempo sobre isso.>** *Sí*, meu povo foi, principalmente os Kalon, os Kalon traficavam escravos, roubavam escravos, roubavam ouro, trabalhavam como justiça, os Kalon *sí*. **<Talvez seja por isso, pelo fato de roubar algumas coisas, enfim, por ter alguns comportamentos fora do que os homens consideravam adequados, que se criou o preconceito que a gente conhece em relação ao povo cigano...>** E o medo, filho, do povo que não tem lei **<De um povo diferente, um povo estranho...>**, e que é um povo que as leis do local não aprisionam. **<Esse medo da capacidade de se locomover, de ser livre...>** De anoitecer e não amanhecer, né *chico*?, aí da medo... **<Pro povo que gosta de ter o controle das populações isso é uma coisa preocupante>** Claro que é. **<Deveria ser uma coisa bem preocupante...>**

Outra coisa que é bastante importante, aí já falando especificamente sobre essa casa: no nome da casa tem a palavra "universalista", essa questão da postura do universalismo que a senhora... pelo que me falaram foi a senhora que implantou. Eu queria que a senhora falasse um pouco sobre o que significa isso, qual é a importância dessa postura universalista, se ela deve ser seguida, se ela não é tão seguida, como é que funciona.

Chico, no momento que o senhor tá dentro de um culto onde este culto, uma das coisas, um dos fundamentos básicos é o respeito a todos, o senhor tem que ser universalista. O senhor tem que respeitar a todos os seres humanos e a todos os conhecimentos que cada um traz. **<Então toda umbanda deveria ser universalista...>** Deveria ser universalista. **<Mas não é...>** Minha casa adotou o universalismo por que ela é aberta a qualquer tipo de conhecimento. Se o senhor trouxer um conhecimento hinduísta, uma prática de yoga, vai ser

feito um grupo para trabalhar com isso. Se o senhor trouxer uma meditação, será feito. Se o senhor trouxer um *trabajo* de cristal, será feito, *entiende*? Então, tem que ser aberta, por que tudo que é aberto leva ao questionamento e leva à evolução. No momento que o senhor se transforma em uma casa universalista, qualquer elemento de qualquer fé serve *acá* dentro, desde que leve ao Pai Maior, e ao objetivo de caridade com o mundo espiritual e com o ser humano.

E isso acontece? Já foram incorporadas coisas na história da... a senhora poderia citar algum exemplo de coisas que foram incorporadas com o tempo, que foram trazidas por médiuns?

Já teve médiuns que deram curso de como usar pedras, os médiuns apresentaram... Já teve médiuns espíritas que trouxeram cultos de formação, palestras que os médiuns apreenderam, *entiende*? Já teve filhas que trabalhava com cristal e veio dar aulas <palavra incompreensível>. Então, tudo aquilo que puder trazer de informação... Já teve filhos, como chama?, do hinduísmo, aqueles que chamam hare krishna **<Hare krishna.>**, que trouxeram informação **<Que são aproveitadas.>**. Tudo é aproveitado.

E uma informação não religiosa? Não religiosa até por ali, por que eu considero a informação que eu trabalho religiosa por ser um trabalho sobre a religião, e um trabalho que eu me dedico e peço ajuda do astral pra escrever, enfim, eu considero <Tem uma influência espiritual.> **um trabalho de certa forma espiritual. Se eu puder em algum momento apresentar algum tipo de resultado** <Deve trazer!>**, alguma coisa...**

Deve trazer. Até pra o conhecimento e pra esclarecer os médiuns. É um trabalho espiritual, também, da casa. **<Na verdade eu até tava esperando que fosse acontecer durante esse tempo que eu estava aqui, mas acabou não acontecendo...>**

Filho, e se não fosse universalista não poderia ter o culto de nação associado *acá*. Por que é diferente da umbanda. É um culto mais superior. Mais primitivo em ritualística mas mais superior em termos de energia, lida com energias superiores. Então no momento que se aceita, passa a ser universalista. E se o senhor olhar tem imagens de negro *viejo*, de santos católicos, de hinduístas **<De Buda, de várias influências culturais...>**, tem elementos xamânicos que a sua companheira fez. Tudo são uma mistura, isso é umbanda. **<Graças a Deus... aliás o que mais me encanta é isso, a possibilidade da abertura, né...>**

A gente vê tentativas entre os seres humanos de fazer o que a gente chama de codificação, de criar teologias pra umbanda muito bem delimitadas e querer que sejam coisas generalizadas, aceitas por todo mundo, e tudo mais... Por que a senhora acha que isso não funcionou até hoje? Por que a gente sabe que não funcionou...

Por que o mundo espiritual não quer, *chico*. **<Não quer...>** Não quer. No momento que o senhor botar dogmas, o senhor estipular que a umbanda só pode ser feita assim, só pode ser trabalhada assim e o resto não vale, o senhor perde a essência da umbanda. A umbanda é bonita por isso: entidades de vários povos trabalhando junto, médiuns de vários conhecimentos... Agora o senhor vai querer dizer que a fé que botaram na bíblia, os médiuns só tem que fazer aquilo? E a evolução?! Então vão pros "capa preta", não é verdade caboclo? **<Se querem tudo direitinho...>** É muito mais bonito o conhecimento que o senhor traz dos matos do que os filhos trazem dos livros. Os livros é a mente que inventa, o conhecimento é a vida que dá.

Sim, eu ia perguntar sobre isso. Por que esses filhos, quando escrevem esses livros, dizem que foram inspirados e essas informações foram passadas por entidades do astral? Isso realmente acontece?

Pro senhor criar uma credibilidade pro atuante da religião. Existem influências de entidades?, existem. Mas não tanto como os filhos criam. **<Como se fosse uma verdade do astral.>** Isto. Isto é pra dar credibilidade àquilo que está escrevendo. Por que se fosse do astral não existiria o comércio que existe por trás disso tudo. **<Sim, muito dinheiro envolvido, muito livro publicado, muita revista...>** Muito ganham em cursos, muito ganham em preparar pseudo-médiuns. **<Sim, em massa, hoje em dia a gente vê magia ensinada como quem ensina receita de bolo, como a gente fala...>** Salve! Acham que acender *unas estrellas* é fazer magia. **<De qualquer maneira...>** <interrupção>

As entidades, com suas características culturais, aquilo que elas trazem de conhecimento de suas encarnações, e tudo mais, quando elas se relacionam com um médium, com um filho de umbanda – não necessariamente um médium de incorporação, mas um filho crente, que tenha algum caboclo perto ou que tenha alguma entidade perto –, elas influenciam no comportamento dessa pessoa, nos gostos dessa pessoa? Como é que isso acontece, como é?

Influenciam energeticamente, usando muito a intuição, no gosto, no tipo de ambiente que gosta de viver, *entiende chico*?, em intuições e até, muitas vezes, em conhecimento, que é aquele conhecimento que o filho tem e que não sabe de onde veio, e que ele nunca leu, e que ele nunca viu. Então é um conhecimento que sua própria entidade espiritual traz. **<Tá lhe passando...>**

É uma influência que a gente chama, nos estudos que são feitos aqui por a gente, de identidade... Como a pessoa se identifica, como ela pensa sobre si, e isso pode ser alterado, pode ser modificado, influenciado pelo mundo espiritual...

Pelo mundo espiritual, até pra lhe auxiliar na evolução. Ele faz o senhor se enxergar de maneira diferente.

Por que meu trabalho começou assim. Quando eu passei a estudar a cultura, por que eu fui estudar cultura lá na Bahia, eu fui estudar essa questão da identidade. Como as pessoas se reconhecem, como elas se afirmam, e tudo mais. E o que se fala é que as pessoas entram em modas, assim como se fossem coisas criadas <*Hacen* grupos...>**, como se fossem grupos que você adere...**

Mas geralmente quem entra em modas e é seguido, seguem coisas que são atiradas na frente deles, é por que não se conhecem. **<Salve... É uma boa explicação, uma ótima explicação...>** Não se conhecem, *chico*, **<Não se encontraram...>** por que eles não são donos da própria vida, então eles seguem aquilo pra entrar num grupo, pra se envolver numa missão, pra ter um objetivo, mas eles não sabem nem quem eles são. Agora se eles conhecessem quem são seus dois orixás de frente e suas entidades, eles saberiam exatamente quem eles são, o que tem de positivo dessa vibração e o que tem de negativo. Aquilo que tem de positivo tem que ser alimentado, aquilo que tem de negativo tem que ser lapidado. Não excluído, mas lapidado.

É isso que eu pensei. Quando eu comecei a raciocinar sobre a umbanda, eu pensei: mas na umbanda, uma pessoa que tá dentro de um terreiro de umbanda tá sofrendo

influências <Tá.> **que não são da sociedade, que são de um outro plano, que são de outros níveis de influência...**

Por que nós influencia. Eu acomodei minha médium que gostava de festa. **<E ela fala abertamente isso, ela reconhece...>** Não quero ela em certos ambientes, por que são filhos que só querem sugar dela, não são amigos, *chico*. Por que amigo é aquele que senta e a primeira coisa que ele pergunta é se o senhor tá feliz, como o senhor tá. Agora aquele filho que lhe encontra e vem simplesmente só pra lhe despejar suas angústias não é seu amigo. Ele quer lhe sugar, ele é um vampiro espiritual, *entiende chico*? <interrupção>

Eu queria que a senhora falasse um pouco, esclarecesse um pouco a respeito da questão das sete linhas de umbanda. O que são, quais são exatamente as sete linhas de umbanda, qual a relação entre as sete linhas de umbanda e sete orixás? As sete linhas não são sete orixás, ou são? <Não.> **Elas são regidas por sete orixás, como é?**

Por que orixás na realidade tem trezentos e poucos **<Conhecidos...>**. Salve. Sete linhas dentro da umbanda pra codificar a mente humana, por que o ser humano precisa de referências. Então para ele ter uma referência... Por exemplo, linha de Iemanjá: pra ele saber que linha de Iemanjá é aquela que vai lidar com a energia do mar. Linha de Oxalá: é aquela que vai tirar a energia da paz dos campos floridos. Linha de Iansã: aquela que vai pegar o movimento do vento. Agora nem sempre os orixás que são usados dentro das sete linhas são orixás, *entiende chico*? **<Sim.>** São meras codificações. Cada corrente, cada linha segue um sistema **<Uma determinação, até porque é sinal que podem existir vários...>**, e que não é os orixás africanos, é o *nombre* dos orixás africanos, mas não são. São linhas comandadas por entidades que viveram, que são orixás menores. Esses orixás menores, que são seres, que são avatares, como foi Jesus Cristo, como foi seu Ogum Beira-Mar que é um guerreiro romano, que evoluíram e chegaram a uma ligação com o orixá maior.

Então são sete essências, como a gente diria <Isso.>**, que são nomeadas com os nomes dos orixás africanos mas não quer dizer...** <Mas que não são orixás africanos.> **E não quer dizer então que sejam apenas sete vibrações essenciais** <Não.>**, tem outras vibrações...**

Não. Por exemplo: há muitas luas atrás os filhos catalogavam a linha de preto *viejo* como almas, como linha de Omulu. E hoje se sabe que preto *viejo* baixa em todas as linhas, que se molda conforme a cabeça do seu médium. **<Então a linha dos pretos velhos ou Yorimá, como se fala...>** É uma linha universal. É independente; Yorimá, mas ela é independente, ela é uma linha. **<Mas não é regida por um orixá específico...>** Não. **<Assim como a linha das crianças também...>** Ela tem Cipriano como chefe maior, aquele que foi papa, que foi bruxo e depois se tornou papa. **<Entendo, essa é linha das almas...>** Então existem várias linhas associadas a linhas maiores. **<Por isso que podem ser tratadas de diferentes maneiras ao longo do tempo conforme cada casa...>** Conforme cada casa se adapta, isto. <interrupção>

Eu queria que a senhora falasse um pouco sobre o porquê do sete. A gente vê sempre se repetindo o número sete...

Por que é um número cabalístico **<É um número de força...>**, de muita força, que existe em todas as religiões humanas. Bem como existem sete energias mais potentes no universo, se adotou o sete como número cabalístico. **<Então existem realmente sete linhas mais potentes...>** Existem sete energias mais potentes, que não estão plasmadas no meio físico – elas atuam no meio físico, *entiende chico*?, mas elas não são plasmadas. **<O que a senhora quer dizer com plasmadas?>** Elas não são materializadas no mundo físico. **<É aquela coisa**

da gente entender que o mar é uma materialização de Iemanjá...> Não! Iemanjá é uma materialização da energia marítima. **<A idéia que a gente tem de Iemanjá é uma criação, é uma materialização da energia marítma...>** Sim. O ser humano tinha que botar uma face, uma face à energia do mar. Por que era mais fácil pro povo primitivo – e que na realidade o povo africano não é tão primitivo como os filhos pensam, mas o que era mais fácil? Botar uma face. O que pra eles representava a fartura, o manter o povo, o disseminar aquela população? A mãe, a mãe dos seios fartos. Quem trazia a fartura pra eles? Aquele ser espiritual que morava no mar, por que trazia o peixe, trazia o alimento, trazia a possibilidade de vida. **<É a idéia da criação, de tudo ter sido trazido do mar, gerado no mar...>** Então o ser humano foi fazendo imagens, e certas entidades espirituais que evoluíram, pegaram essa roupagem fluídica e se adaptaram. **<Então as energias da natureza são – a gente sabe disso, mas, enfim, agora é uma constatação –, as energias da natureza são prévias ao ser humano e portanto aos nomes que eles deram a elas.>** Isto. Foram criados *nombres* para poder, como se diz?, o ser humano assimilar, memorizar quem ele tinha que invocar, pra criar uma ritualística para atrair aquela energia. **<A senhora tava falando de "plasmado", que não é plasmado mas que atua através das...>** São energias muito sutis, filho, muito etéreas **<Essas sete energias...>**, e elas vão se dividindo em energias maiores. E é muito mais fácil o senhor encontrar essa energia maior dentro da linha africana pura do que na umbanda. <interrupção>

Então, eu acho que aos poucos vou apreendendo mais, vou entendendo mais, com mais clareza a respeito disso...

A umbanda, se o senhor observar, existem imagens que foram tiradas do catolicismo, e que realmente, na cabeça dos filhos, elas representam orixás. Mas pra nós são simplesmente referenciais pra doutrinar os filhos, não são os orixás. São filhos que tiveram atuação de orixás e incorporaram àquilo espiritualmente. Fez o entendido? **<Sim, são talvez outros nomes que foram dados, da mesma maneira como se deu o nome de Iemanjá, enfim... são representantes dessa energia...>** Por que é muito mais fácil o senhor olhar para uma imagem e se concentrar, filho, do que nós botar uma pedra na sua mão e mandar o senhor imaginar a energia saindo dessa pedra. **<Pros povos que não tem essa referência...>** São muletas espirituais pros filhos poderem assimilar, filho. *Cierto*? **<Salve.>** <interrupção>

Uma coisa que me preocupa é a seriedade da religião, a seriedade das coisas como são feitas, não só, não estou falando mais só da umbanda, mas de toda religião. Eu fico preocupado: o que faz a força, assim, o que dá o fundamento de uma religião, é a fé que os filhos em conjunto têm nela, ou é o seguir a tradição, a maneira como foi feito ao longo da história, ou é as duas coisas? Como é que funciona isso?

A fé e a tradição. **<A fé e a tradição...>** A fé tem que ser muito forte pra se emitir uma imantação, e a tradição não pode ser mudada. Ela pode ser adaptada conforme a situação, mas o básico não pode ser mudado, por que o axé está na tradição. **<Na continuidade, no fazer continuamente aquele mesmo ritual...>** É o que eu lhe disse da ancestralidade: se o senhor for botar a sua casa, o senhor segue a ancestralidade sua, aí está a sua força. **<O axé vem da continuidade, então.>** Isto mesmo. **<É importante não só aquele fervor...>** E a fé faz com que o filho crie o seu axé. Ele vai pegar o axé ancestral associado a sua fé, e ele vai criar o seu axé. É o que vai fazer uma casa melhor ou pior que a outra. *Solamente* isto. **<A conduta, então, das pessoas é o que vai fazer uma casa melhor ou pior...>** É muito importante. **<Não necessariamente a tradição que ela segue vai determinar se é uma casa ruim ou uma casa boa, e sim a maneira como é feito...>** O senhor pode ter uma tradição totalmente

avulsa, mas ter uma fé e uma concentração muito superior do que aquela que traz uma tradição codificada, bonitinha. **<Salve.>** <interrupção>

Eu fico pensando na criação de novos cultos... Quando se cria alguma coisa – claro que nada se cria do nada –, quando você passa a fazer coisas que não eram feitas, o que vai dar a força pra isso é a fé...

Fazer enfeites, se for bem feito, com fé, vai ser plasmado, vai ser condensado. <interrupção>

A maneira como a gente, ser humano, entende a religião, a história da religião, por exemplo, ou a maneira como a gente acha que a religião deve ser feita em certos aspectos, coisas de iniciativas, digamos assim, dos seres humanos, podem ser assimiladas pelo lado espiritual? Por exemplo: se eu propor uma maneira de interpretar, alguma coisa que eu acho correto, as entidades podem vir a assimilar isso?

Se for algo coerente e que for trazer benefício para o trabalho de uma casa as entidades aceitam no ritual. **<Como uma influência...>** Como uma influência benéfica, até para a evolução do grupo. **<Então pode acontecer esse diálogo não só de a gente apreender sempre com as entidades, mas poder ensinar alguma coisa também...>** Pode, pode, claro. No momento que um filho questiona ele possibilita a entidade de buscar no astral a resposta pra aquilo. Nos possibilita também de evoluir, né *chico*? **<As próprias entidades...>** Salve, *chico*!

Quais são os principais trabalhos da umbanda, digamos assim? O que a umbanda faz pelos seres humanos, o que ela faz pelos espíritos, o que ela faz pelos médiuns?

Ela dá caminho para o ser humano; ela faz o ser humano olhar com mais amor pra tudo que tá envolta dele; ela ensina ao ser humano a tolerância; *chico*, ela faz trabalhos práticos pra solucionar os caminhos dos filhos, pra abrir caminhos pros filhos. Então, o trabalho da umbanda é muito mais de um guia; ela dá meios pro senhor decidir que caminho que o senhor quer seguir; ela lhe dá armas espirituais; ela aumenta sua potência energética pra auxiliar o senhor a se religar, filho, à sua essência espiritual. Este é o objetivo da umbanda: ensinar o ser humano a encontrar o seu Deus que ele tem dentro, sem depender de outros, tal como se diz na Terra, **<Lhe guiando...>** lhe guiando e lhe explorando a sua fé! A umbanda possibilita o médium a conseguir o quê?, se envolver com o divino, sentir o divino dentro dele mesmo. **<Dentro de cada um...>** E todo filho que procura a umbanda ele tem essa possibilidade. **<Isso pros médiuns também...>** Desde que ele queira se envolver na umbanda, seja através da sua fé, seja através de mentalização, ou seja através até de incorporação. **<Então para os médiuns que incorporam ela traz esse tipo de conhecimento também, uma busca da sua essência interior, da sua ligação com as suas entidades, com seu Deus...>** Da sua divindade, isto. **<E pras entidades, qual é o benefício? É um benefício de evolução também?>** Evolução, evolução espiritual, aprendizado. **<Pelo trabalho contínuo, pelo aprendizado...>** Aprendizado, por que muitas vezes nós é irritado, nós é brabo, e nós aprende a dominar até nossas imperfeições no convívio com vários espíritos, encarnados e desencarnados. **<Como um exercício mesmo...>** Salve.

Era isso...

Salve! Espero que tenha conseguido, *chico*, esclarecer e lhe auxiliar no seu *trabajo*, que é um *trabajo* de muita luz, filho, de muita sabedoria, e o senhor vai ter um grande sucesso... Como diz? No início, o senhor vai ser olhado como os filhos diz na terra, um ser extra-planetário.

Mas não te importa! Uma vez perguntaram pra Agnara se ser extra-terrestre existia... E eu disse: “sim, eu sou *uno*”, eu sou um ser espiritual, eu não tô materializado na Terra... Então é a mesma coisa, *chico*: se olharem pra o senhor como estranho, dá um sorriso, mas nunca deixa que seu trabalho não seja visto, que o senhor vai muito longe. O senhor vai muito mais longe do que o senhor imagina, pode ter certeza disto. <**Ouvindo isso da senhora, fico muito feliz...**> Pode ter certeza disso. Não tem importância que olhem pro senhor e achem que o senhor tá enlouquecido e que o que o senhor tá dizendo é bobagem. É bobagem praquele filho que não quer evoluir, é bobagem praquele filho que já tem uma idéia pré-concebida e que não quer abrir horizontes. <**Então acha que eu tenho que afirmar as coisas que eu penso, mesmo que o ambiente não seja... que eu saiba que o ambiente não vai ser favorável...**> Sim. Por que os filhos ainda têm a arrogância de sabedoria, são filhos que botam a arrogância acima do apreender, acima da sua própria sabedoria. Acham que aquilo que eles acreditam, só, é o verdadeiro. E todo caminho que leva o ser humano a mudar, a evoluir e a melhorar como ser vivente, é belo, não importa a fé que professe. É isto? <**Salve.**> Não esqueça nunca do que lhe disse essa cigana, tá *chico*? <**Com certeza não vou esquecer... Salve a senhora, muito obrigado!**>

APÊNDICE C – Doutrina do caboclo Ogum das Matas (19/10/09)

Primeiro: o senhor, como segundo cacique, quando o senhor vê que as vibração de trabalho tá errada, o senhor tem que interferir. Do ponto riscado ao material. Xangô não responde nos 3. Como é que é dado um trabalho de abertura de caminho de Xangô com 3 banana? 3 banana se dá pra exu de Xangô, não pra entidade Xangô nem pra caboclo de Xangô. Um trabalho que tem que ser feito, que é pra prosperidade, pra abertura de caminho, como é que deixa o papel de seda branco por riba? O papel de seda branco por riba representa os caboclo de Ogum ligado a Oxalá, e caboclo de Ogum ligado a Oxalá é doutrinador, não é de demanda. Sempre que for trabalho de demanda, sempre o encarnado tem que ir em riba. É o Ogum das guerra, é o Ogum das demanda, é o Ogum que vai abrir o caminho; é Ogum que vai puxar os exus de cruzeiro. Então o senhor não pode fazer o deixadô, passar assim. Viu que está mal, se interfira. Meta as munheca e diga: "Tá mal. Tem que fazer assim, assim, e assado." Por que se os médiuns são burro, as entidades não podem ser burra. As entidades sabem que certas vibração tem que ser feita, e tem que ser feita dentro dos conforme.

Outra coisa que o caboclo observô: tem muito desleixo no observar o olhadô dos material que tá vindo pra dentro dos trabalho. Tem que ser analisado: pega um por um, não importa o tempo, nós não tem tempo pra subir, nós tem tempo pra fazer o descedô. Tem que ter sempre muito cuidado, assim: se vai fazer um trabalho de abertura de caminho de Xangô, é um ponto. Se vai fazer um trabalho de abertura de caminho de Ogum, é outro ponto. Então, tem que ficar bem definida, assim, as linhas que tá se invocando. Por que o que é importante num trabalho de umbanda? O material, que vai representar no astral a energia que está se enviando, seja prum caboclo, seja prum exu, seja pra quem for no astral, pra trazer um benefício pra esse fio; o ponto riscado, que vai mostrar pro exu dessa entidade o que ele tem que fazer, qual o objetivo daquele material; e o ponto cantado, é o que vai ressoar no astral pra alertar toda uma falange que vai trabalhar em cima dessa energia vital que tá sendo mandada. Senão, o que faz o acontecido? É material que vai fora, por que quem vai comer uma vibração errada? Egum. Nem um exu pega. Então tem que ter muito cuidado nos fio, assim, no fazer os vibrado dos trabalho, por que se um fio já tá todo atrapalhado, e se faz um trabalho mal vibrado, errado a vibração, quem tá respondendo é qualquer espírito de kiumba que tá no astral, é o primeiro que vai chegar. Não tem comando de ponto, não tem comando de risco, e não tem comando de material. Por que se cerveja preta fosse comando de trabalho, era só servir um coité com a cerveja preta aqui no altar pra Xangô, e tava feito o trabalho.

Então isso tem que ser muito observado. É mesma coisa: como os fio vão fazer o trabalho de abertura de caminho prum Xangô, prum exu lá de trás, e deixar as banana fechada? Por quê? É uma oferenda, que querem que dure um monte de lua dentro da terreira, pra não estragar? Tudo que se quer expandir, principalmente umas banana, que representa tanto as demandas pra certos exus e pra certos Xangôs, tem que ser aberta. Uma coisa é uma oferendada. Às vezes os fio armam mais bonito uma oferenda do que um trabalho de magia. E se é um trabalho de demanda, tem que ser passado tudo, a fruta e a bebida. Por que, se não passar, aquilo não é uma demanda, aquilo simplesmente representa um presente. Por que quando se dá uma bandeja de fruta pras entidades, os caboclo, se dá tudo fechada, na frente, não se passa em ninguém; tá se dando um agrado. Agora quando se quer limpar alguém, fio, tem que ser passado, por que aquela energia que vai fazer o imantado. É a mesma coisa que nós entidade,

caboclo, trazer nossos fluído, deixar os fluidinho tudo fechado, e olhar pros fio e só passar as munheca – assim, com o licençado, colegado. Pra que serve?

<João Batista: *"É por essa razão que eu acho que quando eles começam a querer inventar cor diferente lá no fundo, a coisa piora. Faz o básico."*>

Os fio tem que fazer o sabedô do que a sua linha sabe fazer.

<João Batista: *"Por que é uma coisa, assim, também, que me chama a atenção: o senhor está puxando um ponto, tá?, aí termina o ponto; terminou a puxada de ponto pra trabalhar, e aí a partir dali o senhor diz: 'Pai, filho, espírito santo, amém, o senhor tá pronto. Ah não, pára aí um pouquinho, eu vou continuar outras coisas...' Ah, poxa vida! Começar todo um ponto cantado denovo com outro material?"*>

Não pode, fio. Não pode. Ou se abre um trabalho com um ponto e, no riscar, já se puxa as linha cruzada, senão o pontaréu que começa é o pontaréu que termina.

<João Batista, dirigindo-se a outra entidade: *"Posso fazer uma pergunta? Pra que serve a cachaça, naquele trabalho que o senhor fez lá no fundo?"*>

<Entidade: *"Pra fazer as limpeza, fio."*>

<João Batista: *"E por que o senhor passou por último?"*>

Limpar tem que ser primeiro. Não se pode fazer um agrado, não se pode fazer uma oferendada, não se pode dar um presente pra alguém sujo espiritualmente. Por que aí, se passou os trabalho que representa prosperidade, depois vai limpar, o que pediu tá indo embora. Não é assim, fio? É a mesma coisa: um fio se veste todo bonitado pra trabalhar e vai tomar os banho. Não é assim? Já pensou?, vocês vestido bonitado, e resolve pegar aquelas coisa perfumada da Iemanjá e da Oxum, os bonete, assim, e se passa e vim todo bonitinho...

<João Batista: *"É, não pode ter pressa. Raciocina, pensa."*>

Claro que não, fio. Tem que ter uma sequência; um trabalho de magia é uma sequência, fio. Outra coisa que eu vou fazer os pedido pros colegado, senão a próxima linha de trabalho que eu vier, e de passe, e que eu enxergar, eu vou pegar uma espada e vou sair dando nos médium incorporado ou não: pra que arrodear em volta dos fio, com esse espaço desse tamanho?

<João Batista: *"Ah, eu já cansei de pedir..."*>

Vou dar um exemplado. O senhor dá o licensado. Vai acá, aí tem outro lá...

<João Batista: *"E isso com todo esse meu corpinho, né?"*>

Isso. Mas geralmente os fio não são fino que nem o senhor. Aí nós arrodeia: o senhor arrodeia acá, assim, e o colegado arrodeia acá. Vão se bater; vão se cruzar uma energia sem necessidade. Pra quê? Se os caboclo pode fazer assim? Não é demanda. Quando é as demanda que nós arrodeia em volta dos fio; mas não é demanda. Descarrego, o colegado pode vir nas costeira do meu aparelho, levar as munheca... Meu aparelho tá acá... Isso. Pra que se posicionar nas costas, se ele do lado, como diz o colegado, atinge.

<João Batista: *"E não tem necessidade nenhuma mandar olhar pra Jesus Cristo."*>

Claro que não.

<João Batista: *"Não tem finalidade nenhuma pegar a pessoa e fazer assim, ó. Então deixa ele só olhar e rezar lá, e o senhor não precisa fazer mais nada."*>

Por que não precisa, fio?

<João Batista: *"Por que é energia, é energia..."*>

A energia tá acá, ó fio; a energia de trabalho tá nessa corrente acá, ó fio. A energia de cruzamento de todos nós, por isso que nós tem nossos ponto riscado, pra nós fixar nossas energias independente dos nossos médiuns, e fechar um círculo.

<João Batista: *"E se for falar em energia bem... se fosse querer entender, não pode nem estar se encontrando, tem que ter um espaço aqui no meio, entre a energia de um e a energia do outro. Tem que ter um espaço."*>

Por isso que eu disse: se cruza as energias, não é nem os médiuns que se batem. Aí, se uma fia tá mais melhor de sintonia, o outro tá mais pior, aquele que tá mais pior vai vampirizar essa energia da médium; quando vê, tão os dois oscilando por que um roubou a energia do outro, e os dois ficam fazendo o oscilado. Cadê a necessidade? Não é demanda; demanda sim, nós tem que pegar a espada na frente, dos lado, e nas costeira.

<João Batista: *"Qual é a lua que se abre caminho?"*>

Fio, pra eu, é a crescente. Por que as nova, é quando o senhor que começar um empreendimento. Não é assim, fio? O senhor quer começar um empreendimento, o senhor vibra com as nova. Quando o senhor quer que cresça algo que o senhor já tem, fio, a crescente. Já as cheia, fio, só serve pra estabilizar algo que já cresceu. E pra magia do amor, que representa as lua cheia, e quem responde é Oxum.

<João Batista: *"Existe uma coisa que tem que ser... que tem que ficar muito bem claro, também: abrir caminho, é pra algo que já existe. Algo que está no zero, que tem que se conseguir, ainda, pra... como é que eu vou lhe dizer?, pra conseguir um emprego, aí não tem nada a ver com abrir caminho. Abrir caminho que já existe."*>

Não. Pra conseguir algo que o fio não tem, tem que agradar um exu, pro exu trazer a possibilidade pro fio ter caminhos; por que se o fio tiver caminhos, aí se vai abrir aquele melhor pro fio. Mas se o fio não tem nada, nós botar uma abertura de caminho? E abertura de caminho de Xangô quem faz é Xangô.

<João Batista: *"É por que muitas vezes o senhor pode chegar e dizer: 'Ah, eu to querendo... eu queria arrumar um emprego, um trabalho', 'Então vamos abrir teu caminho'; mas que caminho se ele não tem nada? "*>

Precisa um trabalho, paga um exu.

<João Batista: *"Exatamente. É o inicial..."*>

Precisa um trabalho, paga exu, né fio? Por que Ogum não vai abrir porta nenhuma, ele só expande os caminho que já têm a porta aberta, que exu abriu. Os fio não pode fazer nunca o esquecedô: primeira entidade que abre alguma coisa, sempre será exu – é o que leva pra nós, é

o que traz pra nós, é o que leva pros orixás. Então ele é o primeiro. Se os fio ler, assim, se os fio olhar nas linha de matriz africana pura, fio, dos culto aos orixás, não é feito nada, fio, sem dar um agrado pra exu. Nada, fio. Então, primeiro tem que fazer o exu. Mesma coisa é limpar um fio: é mais melhor limpar em exu do que limpar com caboclo. Limpeza de caboclo é limpeza com planta, é sacudimento, e o sacudimento, depois, tu faz geralmente quando o fio já tem um exu que responde pra ele, que tu pode fazer. Os fio fizeram o entendedô? Então pode levantar a linha. O caboclo não vai se estender mais.

APÊNDICE D - Doutrina da cigana Agnara (26/10/09)

Como estão *los chiquitos*?

Agnara só queria tecer um comentário que sempre é bonito pros filhos observar. Muitas vezes *los chiquitos* dizem que numa corrente de umbanda *no* existem *los* ciúmes, *no* existem *los* sentimentos mundanos... Existem, *chicos*. Por que se *no* existissem, *no* era feita por seres humanos encarnados. E dentro de *una* terreira de umbanda, no existe médium *mejor* nem *peor* que o outro; se estão todos juntos, todos são iguais, perante o astral. O que existe é médiuns mais sábios e menos sábios. Quando falo em sabedoria, não falo em estudo, falo em ser sábio; e ser sábio é simplesmente aprender com seu próprio olhar as coisas que constroem a sua vida. Isto é ser sábio. Não é pegar nos livros e aprender. Ser sábio é aprender com a sua própria entidade. Então, quando nós fala em sentimentos mundanos e humanos, *los* médiuns sempre têm que se questionar. Muitas vezes, além de sabedoria, existem a dedicação maior ou menor de um médium; existe o alcance maior ou menor de um médium; existe o interesse maior ou menor de um médium aprender. Agora, nunca esqueçam que por trás de tudo isto existe a índole de um médium. Por *mejor* que seja *una* corrente, por *mejor* que seja *una* entidade, por mais evoluída que seja esta entidade, por maior dedicação de um médium a *una* corrente, existe *una cosa* que molda tudo, e que mostra tudo: a índole do médium.

Então *chicos*, o que faz um médium se destacar num *trabajo*, muitas vezes não é sabedoria, mas sua índole, de não querer tirar proveito dos outros. Quando eu falo em tirar proveito, é não tirar proveito do medo dos outros, da insegurança dos outros, muitas vezes da falta de honestidade dos outros, e principalmente não tirar proveito da sua própria mediunidade. Por quê? Por que quando os médiuns começam a fazer da sua mediunidade não um objetivo de realização pessoal, de evolução como ser humano, de caridade antes de qualquer *cosa*, de caridade consigo mesmo, e passam a fazer da sua mediunidade simplesmente um meio de, muitas vezes, amedontrar *los otros*, tentar mostrar um poder espiritual que na hora que tem que mostrar um *trabajo* mediúnico *no tiene*, de usar essa mediunidade para pedir *cosas* escusas, que sabe que está sendo desonesto e tá pedindo, isto tem um reflexo imenso no mundo espiritual. E muitas vezes, a decadência espiritual de um médium - *no* é a decadência da entidade do médium; entidade *no* decai, ela tem um limite de involuir e ela *no* decai; depois dela chegar num patrimônio espiritual que ela adquire, ela *no* decai, ela muda de médium. Agora, existe *la* decadência mediúnica, e isto é *muy* perigoso, por que o momento que um médium começa a decair pelos seus defeitos morais - por que são defeitos morais que levam um médium a decair - ele tem que abrir *los ojos*, por que ele vai ficar cada vez mais na *mano* de entidades irresponsáveis, que muitas vezes tem uma roupagem fluídica *muy* bela, mas são tão defeituosos moralmente quanto seu próprio médium. *No* esqueçam nunca disto.

Então filhos, quando eu falo em ciúme, eu sempre gosto de lembrar pra *una* corrente que todos são importantes. No importa se o filho só varre o canto da terreira ou se o filho pinta a terreira inteira - *no* importa. Para nós entidades, nós não mede o filho pelo trabalho prático, nós não mede o filho pela presença física, nós mede o filho pelo envolvimento espiritual de cada um com seu trabalho mediúnico. Então, nunca desenvolvam entre vocês aquele sentimento que muitos filhos desenvolvem: eu sou mais importante que o outro, ou eu sou mais inferior que o outro dentro de *una* corrente, ou a minha entidade é mais valorizada que a outra. *No*, *no* existe isso. O que nós entidade mede é dedicação mental, é dedicação espiritual.

Isto nós mede. Eu disse pra aquele *chiquito una cosa* e repito pra vocês: umbandista *no* precisa estar dentro de *una* terreira, *no* precisa estar trabalhando dentro de *una* terreira, mas ele tem que ser umbandista de pensamento, de coração, e fazer a mediunidade com clareza - eu usei outras palavras pro *chico*. Então eu digo pra todos vocês: todos vocês são importantíssimos numa corrente mediúnica. Todos.

Então não deixem, muitas vezes, certas palavras fazer com que vocês se sintam desmerecidos como médiuns, por que *no*. A palavra do ser humano é muito burra. Nós sempre diz: é a pior arma que o ser humano ganhou de *Diós*, por que ele fere pra depois raciocinar que aquele ferimento ele fez na alma - *no* é como *una* adaga; *una* adaga se faz um ferimento e se cicatriza; *una* ferida na alma *no* se cicatriza, ela fica guardada no interior do ser humano, um dia ele vai lembrar. Então, filhos, sempre lembrem disso. Por que muitas vez nós observa que certos médiuns se botam de *una* empáfia - esse termo que usam quando são arrogantes, né?, empáfia - mas na hora que se precisa de uma resposta espiritual, *no se tiene*. Então pra que a empáfia? Pra que se sentir melhor que o outro, pra que se sentir superior ao outro? Só por que Agnara fala mais alto do que a cabocla Iara? *No*. A dona Iara pode trazer *una* mensagem dez vezes *mejor* do que *yo*, e *no* é o tom de voz que vai fazer a diferença, é a mensagem. Então é *la misma cosa los* cambonos, *los* médiuns que *no* atuam incorporados. O que vai fazer *mejor* é a mensagem que cada um traz dentro de si na doação de um *trabajo*. Se cada um se envolver e fazer com amor aquele *pequeño trabajo* que *tiene* que fazer, ótimo, todos terão benefício, não só ele. Por que, nunca esqueçam, *una* casa espiritual é feita da energia da boa vontade, do amor, da dedicação, da tolerância, e principalmente do respeito de todos por todos.

Então as vezes os filhos dizem assim: *tengo* medo de Agnara. *No tenga* medo de *mi, tenga* respeito por *mi*, medo *no*. *No* sou *una* alma penada, *ahora*, gosto do respeito. Brinco com todos, e toda entidade é *así*. *Ahora*, estou alertando mais *una* vez: existem médiuns que estão jogando fora a sua mediunidade por defeitos morais, que estão *hacendo* errado. É um alerta: muito cuidado, espírito brincalhão vai até um ponto com Agnara. É este aviso que tenho pra dar. Pode levantar *la* corrente.

APÊNDICE E – Entrevista com Beatriz (22/10/09)

Eu queria saber um pouco das entidades, da história da tua relação com as entidades, principalmente com a Cigana por que eu ainda vou entrevistar ela depois, então ainda tenho como esclarecer umas coisas com ela depois. <Como assim?> **Assim: quando é que tu começou a trabalhar com ela, como é que foi que tu começou a trabalhar, se tu já tinha influência... Algumas coisas tu até já me falou, mas, assim, só pra mim ter mais sintetizado. Qual foi a influência que tu teve pra começar a trabalhar com o povo cigano, isso veio de onde? Tu já tinha esse gosto desde criança, toda aquela história...**

Sim, já existia sempre uma ligação, né Bruno?, que eu não sabia explicar o que era e sempre, várias pessoas espíritas e de religião mesmo, de umbanda, que se davam com o pai, sempre disseram que tinha uma entidade cigana perto de mim, mas uma coisa assim, que eu nunca levei em conta, e depois, não sei se por coincidência eu cai num terreiro pra desenvolver onde quem chefiava a corrente era uma cigana. E a partir daí, o momento que tu vai pra uma terreira que quem chefia a corrente é uma cigana, e tu já tem uma ligação espiritual com alguma entidade cigana, eles vão te preparando **<Eles te aproximam...>** pra ti seguir dentro daquela linha.

E isso acontece com, por exemplo, todas as linhas assim? Se tu vai pra uma terreira que trabalha principalmente com certos tipos de entidades, eles já vão te direcionando a mediunidade, a tua ligação?

Geralmente é por que... eles dizem que existe uma egrégora dentro de uma terreira, e essa egrégora espiritual é um conjunto de vários espíritos que têm o mesmo, uma ligação entre eles, né?, então geralmente tu vai trabalhar com espíritos associados àquela linha de chefia. Dificilmente tu irá trabalhar com espírito que não esteja associado à linha de chefia.

Sim, e isso quando tu chega numa casa, por exemplo. Mas se tu sair duma casa e for pra outra casa tu...

Aquela entidade que se fixou em ti ninguém tira mais. **<Ninguém tira, né?>** Não. Não por que ela já se fixa. **<Já tem uma relação...>** Não, e ela se fixa por que ela veio determinada para fazer um trabalho espiritual contigo. **<Tipo, desde o nascimento já se sabe que...>** Ela não é a *tua* entidade, que as pessoas tem aquele grande erro: "a minha entidade". Ela não é da gente; a gente trabalha com eles, mas a partir do momento que tu tem uma ligação espiritual já firme, dificilmente essa entidade vai se afastar de ti, a não ser que tu cometa um erro, né? Então tu pode mudar de casa, que as vezes a mudança de casa é orientada pela própria entidade que tu trabalha. **<Tipo, tu não tá dando certo, então a tua própria entidade te encaminha.>** É, ou eles não gostam de trabalhar com a pessoa, então daí eles te encaminham pra outro local. Mas a partir da entidade ser fixada na tua coroa de orixá pra trabalho, não sai mais de perto de ti, a não ser que tu erre com ela feio. **<Sim, e também tem um processo de afastamento; não é de um dia pro outro que a entidade te abandona, vira as costas e tal...>** Exato, não. É muito difícil uma entidade abandonar; ela pode até passar um período sem vim, depende como tá a tua conduta, como é que tá a energia tua **<Claro, se tu não tá afinizado...>**, mas pra ela te abandonar... Pra uma entidade abandonar um médium, o médium tem que ter saído muito fora, senão não acontece isso.

E me diz uma coisa: que tipo de prática, assim, tu tem de cotidiano em relação à Cigana, por exemplo, em termo de oração, se tu mantém com velas, com oferendas, que tipo de coisas tu faz periodicamente assim?

Eu faço uma oração pra ela todos os dias **<Todos os dias, pra Cigana...>**, tanto ao acordar como ao anoitecer; todos os dias eu faço pra ela. Mas oferendas é de vez em quando eu ofereço alguma coisa; não tenho o hábito de fazer oferendas. **<De fazer oferenda periódica...>** Não. Eu dou velas, mas oferendas periódicas não.

Mas em compensação tu tem uma parte do teu altar dedicado a ela, que tá sempre ali firmado, e tal. <Sempre firmado.> **Sempre tem a energia dela circulando.**

É, tem sempre firmado. No altar da terreira mesmo, a falange de frente da casa é todos ciganos, que a mesa ali da terreira são todas, praticamente, entidades ciganas.

Sim, no altar lá tem imagens, tem tudo né?, e tem o assentamento dela também... E aquele assentamento dela... Normalmente entidade de umbanda não tem assentamento; por que ela tem aquele material todo, aquele tacho com aquelas coisas? Isso é uma opção dela de ter feito, como é que é?

Aquilo ali não é um assentamento. Aquilo ali é uma oferenda. **<É uma oferenda que fica constante, ali.>** É, de grãos; tu mantém sempre com grãos, com cristais, com moedas, pra manter uma energia de prosperidade no ambiente, e pra trabalharem sobre a prosperidade pras pessoas. **<Sim, mas não é fundamental como fixação, assim.>** Não. E os cigano é uma das entidades espirituais que não aceita ser assentada; nem assentada em imagens. Tu tem imagens como referenciais, mas ele não aceita. **<E isso será que é por causa da característica deles, assim, de nomadismo, de não serem fixados a um lugar?>** É, é uma das características deles. Então tu tem objetos de trabalho deles, que são punhais, são cartas, são cristais, incensos, o cobre, tachos de cobre, vasilhames de cobre, xícaras de chá; mas tu não tem o assentamento em si. **<Sim, eu entendi aquilo ali como assentamento, então não é bem assentamento, é uma oferenda.>** Não, aquilo ali é uma oferenda, que é trocada periodicamente pra manter sempre uma energia de prosperidade dentro da casa, e prosperidade pras pessoas que freqüentam a casa.

E tu falou em oferenda... Aquele chá que a Cigana toma é algum chá comum, ou é um chá que tem uma receita?

Sim, é um chá com, por exemplo... Atualmente eu dou já um chá que é com pêssego, é um chá preto, sempre tem que ser um chá preto, com pêssego, ou às vezes com limão; e quando eu faço o chá, são com frutas, damasco, né?, que é um chá cigano. **<Que ela que te passou a receita.>** É, é um chá cigano, que tu prepara o chá preto, e aí tu pica frutas, meio esmaga elas e larga aquele chá quente em cima. Então aquilo ali é o chá que ela determinou, que ela não toma bebida alcoólica nenhuma. Isso caracteriza uma das coisas que é o povo oriental. **<Da linha de oriente, que não toma álcool.>** As mulheres, as entidades femininas não tomam bebida alcoólica. Existem ciganos orientais que tomam, mas as entidades femininas não. **<E não fumam também...>** Não, elas usam incenso, mas não usam, por exemplo, cigarrilha, essas coisas assim; quem usa são as giras ciganas. **<Claro, mas os ciganos do oriente não.>** É.

Sim, a gente tava conversando sobre isso outro dia também: tu tem alguma noção de quando é que o povo cigano começou a fazer parte das linhas de umbanda? Assim,

quando, mais ou menos, deve ter se começado a trabalhar com ciganos dentro da umbanda? Como é que foi esse movimento? Quais são os ciganos mais antigos que tu conhece dentro da umbanda?

Olha, eu conheço a linha cigana dentro da umbanda desde 1970, por aí, que eu comecei a ver entidade, mas já eram médiuns que já trabalhavam com ciganos há muito tempo. Então eu não sei te dizer assim, te precisar quando eles começaram a vir. <**Não, mas a primeira referência que tu tem já é bastante antiga.**> É, mas era assim, ó: era esporádico, eram entidades que eram uma... Em dez terreiros tu achava um cigano trabalhando. Ou muitas vezes tinha linhas específicas deles. Depois, de uns anos pra cá, que começou a explodir, e aí com uma incidência muito grande, depois que começou a se manifestar entidades exus ciganos dentro do culto de nação, como exu cigano. Aí a coisa popularizou; e principalmente depois da novela. <**Claro, aquela história da novela, da *Explode Coração*, que começou...**> É, depois da novela, aí tu começou a ver, assim ó, gente trabalhando com cigano adoidado. Se são com ciganos não sei, mas que começaram a <**Começou a aparecer um monte, apareceu.**> aparecer um monte, foi.

Acho que por causa do conhecimento... Do conhecimento não, mas da popularidade, né?, que o tipo... A cultura X toma aquela popularidade e daí passa a se manifestar entidades.

Exato. E principalmente em linha de exus, que as entidades exus, na realidade muitos deles nunca foram ciganos, né Bruno? <**Os exus se apresentam como, mas nunca foram.**> Noventa por cento dos exus ciganos, e os ciganos que se apresentam em linha de quimbanda, nunca foram ciganos. Eles usam a roupagem fluídica, mas eles não foram; inclusive se tu começar a apertar eles <**A indagar, e tal...**> em termos, assim, de cultura cigana, de falar cigano, ou de fazer alguma oração em romani... <**Em romani, ou qualquer coisa... Nada.**> E uma das coisas que identifica, que é fácil de tu identificar num cigano de linha oriental é o portunhol que ele fala. Ele fala com sotaque em espanhol muito acentuado, e o exu cigano não. O exu cigano é um exu falando, bem alegre, bem dançarino, <**Descontraído, assim...**> descontraído, por que o cigano é descontraído, só que quando ele vem em linha oriental pra trabalho, ele é descontraído, mas ao mesmo tempo ele é muito metódico, entende?, ele é muito sério. <**Quer as coisas direitinho.**> É.

E tu falou ontem... Acho que foi ontem que tu tava falando de Bará cigano, enfim, dos ciganos trabalhando no batuque. Como é que é isso, por que a gente não... Eu não tenho muita idéia, por exemplo, de entidades, de espíritos trabalhando dentro do batuque, em que tipo de linha e tal...

É. O problema todo é que, por exemplo, assim ó, o batuque é que nem o candomblé: o orixá não vem toda hora; tem ritualísticas especiais, tu tem que fazer comidas especiais. Então, o que aconteceu com o passar dos anos? Eles começaram a trabalhar com quimbanda, com exus, exus que eles chamam de *exus de sangue*, entende?, que quando fazem os cruzamentos dos seus Barás ou fazem os assentamentos de Bará aproximam essa linha. Então hoje tu vê muito pessoa dizer que é de nação, mas tu vai nas sessões que fazem <**E trabalha mais com exu...**>, não existe nada de orixá presente ali, só os assentamentos, agora, é quimbanda pura. <**Sim, trabalham com exus como se fosse uma sessão de quimbanda.**> E a partir daí começou a aparecer os Barás ciganos, as giras ciganas, em quantia. <**Dentro de terreiro que se diz de batuque...**> De batuque. Então tem muito isso aí. Em Porto Alegre existem terreiras de ciganos orientais bonitas. Diz que em Canoas tem uma mulher que trabalha muito bem que é a Áurea da cigana Soraia, eu acho que é assim que chama, que é uma filha de Oxum;

inclusive tem um monumento no Parque da Marinha, em Porto Alegre, onde é feito todos os anos uma festa cigana, com povo cigano. Ela trabalha com cigano oriental em linha de batuque.

Na linha de batuque com cigano oriental... Tu tem conhecimento de outros lugares que trabalham decentemente com ciganos do oriente, assim, hoje em dia? Ou são poucos lugares?

Olha, eu não sei te dizer. Não, tem bastante, Porto Alegre tem muita gente que trabalha com linha oriental de cigano. Santa Maria parece que tem; o que eu sei em Santa Maria mais é o Reino de Santo Antônio, mas eu não sei te dizer se eles estão trabalhando em linha de oriente.

Quais são, assim – não sei se tu já viu ou se tu sabe –, os tipos diferentes, digamos assim, de entidades ciganas? Quais são as linhas, por exemplo, que eles se manifestam? Eles vêm sempre na mesma linha, na mesma vibração do mesmo orixá? Tipo, sempre na vibração do Ogum, ou tem vários tipos de entidades ciganas?

Olha, o que eu sei, por exemplo, é que o povo cigano do oriente vem na falange de Ogum, vem comandado por Ogum. <**A de oriente sempre; normalmente ou sempre...**> É. Mas tu vê muito assim, eles virem, as entidades se apresentarem como praticamente uma falange independente, e usarem roupas coloridas associadas à cor do orixá da pessoa que eles estão se manifestando. Mas eles nunca te dizem assim: eu vim em tal linha; eles se adaptam, mas o que eu sei é que a falange cigana vem comandada por Ogum. <**Pela própria Cigana...**> É o conhecimento mais antigo que eu tenho, né? <**Que te ensinaram desde o início, lá...**>

Quem trabalhava com aquela... com a cigana na casa que tu falou era a própria Jussara, essa que tu te refere, que foi a tua mãe-de-santo na umbanda?

É, a Jussara, que trabalhava com a cigana Helena.

E tu falou de uma outra cigana que tu recebeu também no início, como era o nome mesmo?

Maria del Jorge. <**E era uma cigana oriental também?**> Não. Ela vinha numa linha que era, assim, muito mais como uma cabocla de Iansã. Ela não trabalhava em oriente; ela trabalhava associada à vibração da cigana Helena, e trabalhava quase como, assim, um exu cigano. Depois é que veio a Agnara, em linha oriental.

A Agnara já veio bem depois, quando tu já estava em Santiago, né? Que começou a incorporar...

É, bem depois e trabalhando em oriente.

Não sei se tu sabe... Enfim, como é que a Cigana passou isso pra vocês, em termos assim de subgrupo étnico cigano, da cigana Agnara... Vocês têm noção de qual grupo ela fazia parte? Por que tem várias divisões entre os ciganos, que eu até nem sei direito, mas tem Kalons...

Ela diz que o pai dela... Ela diz que eles vieram para o Brasil por que o pai dela teve que fugir da Espanha, por ele era de origem Kalderash, e a mãe dela era de origem Kalon, que era cigana portuguesa. <**E eles não podem ter essa união de duas... não podiam, quer dizer...**> Provavelmente, de duas etnias, de dois povos diferentes de ciganos... E que aí eles fugiram

para o Brasil. É por isso que ela acabou vindo para o Brasil. **<Então ela seria filha de Kalderash com Kalon.>** É, e as palavras que ela usa, e as orações que ela usa, orações que ela sempre, assim, me passou, que ela fala as palavras, ela usa o Kalderash como língua, não o Kalon. **<A influência dela é mais do Kalderash do que do Kalon.>** E se tu for analisar e estudar, assim, a cultura dela, os elementos, a ritualística de trabalho, tu vai estudar a cultura Kalderash, é muito mais plasmada nela. Então provavelmente ela foi criada dentro da cultura do pai, que predomina, né? **<É, normalmente as culturas mais tradicionais são mais paternalistas...>**

Mas existe essa diferenciação entre as entidades em relação aos seus subgrupos étnicos?

Existe. Inclusive as entidades, por exemplo, as entidades que se apresentam como entidades de oriente de origem Kalon, que são dos ciganos ibéricos, falam português. **<Português de Portugal, assim, com sotaque...>** É, português com sotaque, mas não chega a ser o portunhol, sabe?, é uma coisa engraçada. **<É carregado.>** É, eles falam mais o português. E existe uma falange de ciganos que se apresenta como cigano oriental que é do Marrocos, são ciganos marroquinos. Inclusive eu já vi elas trabalhando, e elas usam, além do normal, da saia, elas gostam de muitas medalhas na testa, e elas, em vez de usarem a blusa, elas usam tipo a roupa de beduína, elas se chamam ciganas beduínas. Elas atam umas coisas aqui assim ó, fica parece uns lenços atados na frente... Eu já vi trabalhar.

Tu falou em medalhas, eu lembrei daquele quadro da Cigana; como é que foi a história desse quadro, dessa representação dela? Tu viu ela...

Eu vi. Eu sempre via ela, e um dia eu pedi: "minha mãe, se um dia puder, se a senhora puder plasmar sua imagem na minha mente que eu possa reproduzir, eu gostaria". Aí um dia eu estava bem assim, e me veio, aí eu desenhei, mas desenhei pequenininho. Aí, eu conversando com o Chico, na época que ele trabalhava lá na terreira, eu mostrei e disse: "olha aqui ó, eu vi a Cigana e copiei ela; é assim, assim, assim, ó." Aí ele me disse: "eu tenho um amigo meu que desenha, que olha e amplia; tu quer que ele reproduza isso aí em folha maior?" E eu digo: "quero". Aí ele reproduziu. Depois eu conheci uma espírita, a Heloísa, e eu disse pra ela que eu tinha a gravura da Cigana, assim, assim, e ela disse: "eu pinto pra ti", que ela era pintora, "mas com uma condição: tu tem que estar junto comigo me dizendo que cor é a pele, que cor é o cabelo, que cor é os olhos..." **<Sim, pra acertar direitinho.>** E ela conseguiu reproduzir uma perfeição. **<Tu já confirmou com a Cigana se está certo, digamos assim...>** Sim, inclusive nós tínhamos ele lá na terreira; eu tirei depois do incêndio, por que tinha pego, tinha ressecado a pintura, e pra não perder eu tirei, que é o quadro que eu tenho aqui em casa. **<É, por que agora tá aqui... Ficou bonito também aquele que tu tem lá na cidade, que é de jato de areia. Lindo, lindo, aquele.>** Aquele de jato de areia eu pedi pra ela fazer... ela reproduziu a cigana mais os acessórios das duas falanges de ciganos que vibravam mais na terreira, que eram os marroquinos e a dela. Então por isso que tu vê que tem naquele a moeda que ela usa, e depois ainda tem umas tiras em moedas. **<É, eu não lembro exatamente dos detalhes. É diferente desse aqui então a imagem?>** É um pouquinho diferente; é igual àquele outro que tem na parede, lá na terreira. **<Ah sim, que é desenhado a lápis.>** É, que foi a primeira que o rapaz fez pra mim.

Como é que tu entende essa coisa da nacionalidade, dessa coisa de a gente falar que a umbanda é uma religião brasileira e tal, por representar os povos do Brasil e por ser os arquétipos do negro, do índio e do branco? Mas os ciganos, que é a tua linha principal, digamos assim, não estão dentro desse arquétipo e também escapam à definição de

nacionalidade. Então, na tua cabeça, essa definição da umbanda ser uma coisa nacional é limitada, nesse sentido?

Não, eu acho que o que eles colocam é como a gente antigamente falava assim ó, que tu... teve um período que tu só via se manifestar esses três tipos de entidade; com o passar do tempo começou a se manifestar outros, e eu acho que até pela própria miscigenação do brasileiro; que a idéia do brasileiro, o quê?, nacionalidade **<Passa por essas três raças...>** passa não só por essas três raças, mas por todas as outras raças que já existem no Brasil. **<Sim, mas no início trabalhavam mais pretos-velhos, caboclos e crianças.>** Caboclos e pretos-velhos; depois é que começou... **<A entrar outras linhas...>** Hoje já existem entidades regionais, que são o caso das baianas, dos boiadeiros, né?, então isso é uma coisa assim, que eu acho que o Brasil tem uma mistura tão grande de raças, que a umbanda foi se adaptando à influência da própria mistura racial. **<Sim, do que foi sendo aceito em termos de cultura, e tal...>** Então hoje tu não tem mais como dizer assim: "a umbanda é só isso". Não. A base inicial da umbanda é. A base estrutural, por que se tu for analisar, o que é?, a base estrutural da umbanda é o conhecimento indígena de ervas, de natureza, o conhecimento dos negros de magia, e a doutrinação, tanto católica como espírita, do branco, que foi a parte doutrinária da umbanda. **<Sim, depois entrou a parte de teoria, de doutrinação.>** É. E o quê? Esse povo oriental veio trazer não só uma sabedoria mais profunda dentro da umbanda, como ele trouxe uma magia que era mais restrita a povos de lá, do oriente. **<Incorporou outras tendências mágicas...>** Então, com o passar dos anos, hoje tu vê: se tu olhar uma terreira comandada por uma cigana, como a nossa, tem uma ritualística e um tipo de trabalho, que se tu for em outras terreiras, comandadas por caboclos, a ritualística de abertura vai ser igual, agora a sistemática de trabalho não vai ser igual, por que os elementos que se usam têm influência diretamente da entidade cigana.

E da entidade-chefe, sempre, de uma certa terreira, no caso... Ele é bem determinado, o modo de trabalhar sempre é trazido, né?

É. Ele traz o ritual dele. Ele traz o ritual e ele traz desde tipo de material que ele gosta.

Deixa eu partir para umas outras perguntas aqui que são... acho que até mais importantes que essas primeiras. <Interrupção>

Eu queria que tu falasse mais um pouco... eu fiquei bem intrigado com a coisa dos caboclos quimbandeiros. Queria que tu falasse um pouco do papel deles ali na terreira; como é que tu conheceu esse tipo de entidade; o que eles cumprem, que tipo de trabalho eles fazem, como é... Se eles cumprem um papel de exu; como que é a função deles...

Dentro da terreira, eu sempre tive, desde que eu comecei; até foi a primeira entidade que eu enxerguei de mato. Foi numa ritualística num cruzamento no mato que nós fomos... **<Qual entidade?>** O Pantera Negra. Eu enxerguei um gato negro no mato e descrevi pro Vilmar, e quando eu olhei denovo, eu digo: "não, mas o gato tá virando um índio". E aí ele me disse, "tu tem esse Pantera Negra que é associado a tua falange de caboclos, e nós vamos firmar pra ti." Então eu tenho ele dentro da terreira como um caboclo que vem trazer a magia do equilíbrio, entende? Ele é um caboclo quimbandeiro, mas pra mim, eu nunca tratei ele como um exu; ele é um caboclo de esquerda, mas eu nunca tratei ele como um exu. Eu trato ele, sempre tratei ele como caboclo. **<Tu diz trata, assim, no sentido das oferendas que tu faz, das coisas assim...>** Das oferendas, no sentido das orações, de conversar com ele, **<Sim, do que tu pede...>** sempre como um caboclo que a gente chama *de esquerda*, por que é um caboclo de demanda, é aquele que vem... **<Que é mais agressivo...>** é, e que vem pra

solucionar uma coisa, ele não fica... e a grande especialidade dele é exatamente isso aí: equilibrar a energia de trabalho de caboclos e de exus. **<Tipo, polarizar um pouco as coisas...>** É. Então eu sempre tive ele assim, Bruno.

E os outros dois, o Águia Negra e o Lobo Negro?

Vêm junto com o Pantera. **<Ah, trabalham junto com o Pantera.>** São da mesma falange, entende? Existe pessoas mais antigas que diziam que o Lobo Negro, o Águia Negra e o Pantera Negra são irmãos espirituais. E a gente sabe que o culto do Pantera Negra, do espírito do Pantera Negra é muito comum nas religiões africanas, principalmente em Cuba, na *regla*, na *santería*, ele é muito temido. **<Sim, ele é um feiticeiro.>** Ele é considerado uma das entidades mais perigosas, inclusive, de tu invocar. Mas eu já vi eles trabalhando tanto na roupagem fluídica de exu, como na roupagem fluídica de caboclo, e de caboclo é espetacular o posicionamento dele. **<Tipo, um caboclo Pantera Negra e um exu Pantera Negra...>** É, ele é sisudo, mas ele é dono de uma magia muito bonita de tu ver fazer.

Sim, isso eu ia te perguntar... Eles trabalham incorporados? Tu já viu eles trabalhar incorporados?

Eles incorporam, vi incorporados. Já sim. O caboclo Pantera Negra já vi baixar, trabalhar, te dão consulta, normal, tudo, só que eles resolvem abaixo da magia e pra já! A magia pesada, não tem de passar velinha com eles. Não, eles não são caboclos de passar velinha. Tem que tocar, vamos tocar, e vamos decidir... E têm uma habilidade pra trabalhar com a parte de ervas de mato, fazer magia com ervas de mato... **<Sim, magia com elementos de índios, que é uma mistura...>** que é um espetáculo. E eu tenho impressão que essas entidades são umas entidades já herdadas da mitologia indígena, por que existe índios até hoje que cultuam o espírito das panteras, dançam com couros de panteras. E existe a cultura – é a maia e a asteca?... – que tem o deus Jaguar. Então isso aí é uma cultura de espíritos... **<Ligados a bichos e...>** Exato. Por exemplo, o deus Jaguar é um deus cultuado, da Pantera Negra. Então acho que isso aí é uma mitologia indígena, espíritos indígenas, que com o surgimento da umbanda eles se tornaram entidades espirituais de umbanda, entende? É um conhecimento ancestral que passou e elas foram personificadas em entidades espirituais, que são cultos que já existiam na América.

É, por que as entidades que trabalham são antiqüíssimas, assim, a gente sabe de entidades que são antiqüíssimas... <Exato.> **E essas entidades tu conheceu, a primeira vez, assim... em Santa Maria já se cultuavam elas, na terreira que tu conhecia? Tu já tinha ouvido falar? São entidades que trabalham há bastante tempo na umbanda ou que surgiram mais pra frente?**

Já. Inclusive a primeira imagem, aquela imagem que eu tenho de Pantera Negra eu ganhei da minha mãe-de-santo. **<Ah, a imagem é bem antiga.>** É antiga; eu já ganhei dela. Quando ela foi lá para o norte ela me deixou de presente aquela imagem por que era o assentamento que ela tinha do Pantera – já era cultuado por ela. Então é uma coisa que eu herdei, e sempre cultuei, e todas as pessoas, as minhas irmãs-de-santo , todas tinham um Pantera Negra firmado e todas cultuavam.

Por que ali na terreira eu reparei que os exus, a linha de esquerda que é invocada no início dos trabalhos, que são os primeiros a ser invocados, são justamente esses três: o Pantera Negra, o Águia Negra e o Lobo Negro, além do Bará, também, que se saúda. Por que não se saúda o Sete, não se saúdam outros exus também, ali no início...

Não. Ele é firmado, o Pantera Negra, numa vibração de exu para o equilíbrio, para fazer a intermediação; só que existe na abertura – é que a gente sempre deixa aberta a sessão – existe uma louvação onde ele é saudado como caboclo, a mesma entidade é saudada como caboclo. **<Sim, a mesma que é saudada no início como exu também é saudada como caboclo...>** Dentro da ritualística cabocla.

Certo. Vamos mudar um pouco de assunto. Depois eu falo mais sobre entidades.

Vamos falar um pouco de estudos sobre a religião, por que uma das coisas que meu estudo da religião tem de singular, digamos assim, em relação a outros estudos é que eu sou uma pessoa que é de dentro da religião preocupada em questionar algumas coisas da religião e também em questionar a maneira como se faz ciência em relação à religião. Questionar, de certa maneira, razoavelmente afastado tanto da religião, mas também da academia. Eu estou dentro das duas coisas, <Neutro...> **dentro da religião e dentro da academia, mas eu também tenho que olhar meio que com uma certa imparcialidade – não imparcialidade, mas, assim, com um certo olhar um pouco distanciado – tanto a religião quanto...** <Mais crítico.> **Exatamente, mais crítico, eu tenho uma tendência... Até por que é uma coisa bastante minha, assim, essa postura normalmente crítica. Queria saber o que tu pensa, se considera necessário e bom, enfim, fundamental, que tenham pessoas de dentro da religião pensando de maneira crítica sobre a religião.**

Eu acho válido pelo seguinte: **<Que tipo de validade tem isso?>** Por que chegou a um ponto, nós estamos dentro de um ponto na umbanda que, o que aconteceu?, existe muitas criações de novas umbandas com coisas que surgiram num local e tentam impor **<Pra todo mundo...>** dentro de um país inteiro, e a gente sabe que um dos grandes valores da umbanda é exatamente o que?, ser diversificada. Então eu acho super interessante, por que o olhar crítico em relação à religião te possibilita tu fazer uma análise e eliminar a fantasia, eliminar muita coisa que a gente sabe que existe dentro da umbanda. E que muitas vezes as pessoas vão cheias de dedos, mascaram. Então o olhar crítico, científico, acho muito interessante. Por quê? Por que vai dar oportunidade de aquilo que é válido e que realmente tem fundamento ser mostrado ao público, **<Se evidenciar...>** e aquilo que é a mentira, ou é a farsa, também ser mostrado, por que o lado humano existe, isso aí. Mas fazer com que os próprios membros da umbanda **<Reparem certas coisas.>** olhem e façam uma análise daquilo que eles estão pregando, eu acho muito válido. **<É, eu acho que, um pouco, a vantagem é essa...>** E eu acho assim, o olhar científico, o olhar crítico, ele analisa coisas assim: por que de repente, vamos dar um exemplo, durante anos a umbanda foi uma coisa, que a gente sabe que a parte teórica da umbanda que foi nacional, que apareceu, foi a partir de Matta e Silva; a umbanda era um tipo de coisa. Aí, de repente, começou a surgir outros autores, cada um criando uma nova umbanda, do nada surgiu um branqueamento da umbanda, e a gente sabe que a umbanda, até meados do século XX foi feita dentro das casas, dentro das casas e em terreiros pequenos. Praticamente não existiam, **<Não era uma coisa grande...>** exato, não existia a elite cultural dentro da umbanda, existia a população, o povo. Aí o que aconteceu? Eu acho que o momento que a elite entrou ela começou a querer limpar, branquear, enfeitar mais a umbanda. E o olhar crítico-científico é muito bom nisso aí. Que ele tem como peneirar um monte de coisas, e até questionar o porquê.

Eu vejo como vantagem, o seguinte: por que posso, de repente, olhar as coisas que tem de... tentar me esforçar pra mostrar que tem coisas que têm fundamento, <Exato, fundamentos decentes.> **que têm realidade, que tem objetividade naquilo que eu estou olhando das coisas da religião; mas também tem como olhar... pelo olhar da ciência, eu tenho como reparar também aspectos da humanidade da religião, no sentido da**

organização social da religião, da maneira como as instituições se formaram. <Sim, e até qual é a influência que a própria religião tem na população, que dá pra ti olhar, né Bruno?> **E várias outras coisas que a ciência permite tu enxergar. Então é um meio termo, na verdade: eu me sinto mais ou menos no meio do caminho entre as duas coisas – estando nas duas coisas, mas ao mesmo tempo tendo que estar com um pezinho do lado de fora pra poder olhar. Por que se a gente se entrega muito para alguma coisa, tu acaba engolindo o que te passam, de qualquer jeito. E se tu está cem por cento de fora, tu também não consegue enxergar o que tem de verdade, o que tem de fundamento dentro.**

Eu acho que, por exemplo, assim ó: eu tenho quarenta anos de umbanda; e eu acho que mesmo nos meus quarenta anos de umbanda eu não posso ficar o fanático, eu tenho que continuar, mesmo tendo isso aí, com o olhar crítico. **<Sim, aberto.>** Então, hoje, o quê?, coisas que eu sei que eram feitas de maneira muito mais séria e muito mais tradicionais antigamente, não está sendo feito mais, por que as próprias pessoas que estão se envolvendo não permitem mais, pelo tipo de vida que levam, pela própria cabeça agitada da tecnologia. Então o que acontece? Eu acho que tu tem que ter esse senso crítico de tu analisar friamente, também, a religião, e não só achar: "ah, por que foi dito isso, tu tem que fechar os olhos..." Por que aí tu vai pra qualquer religião fundamentalista e tu não precisa pensar; e a umbanda é válida por que eles te fazem pensar. As entidades te dão armas para ti pensar, para ti analisar, para ti evoluir; mas evoluir não sendo enfiado goela abaixo as idéias, evoluir tu analisando o que serve pra ti daquele ensinamento.

Sim. Eu fico pensando o seguinte: as religiões foram responsáveis pelas melhores coisas que a humanidade já foi capaz de fazer, mas também pelas piores. Então a gente tem que ter a capacidade... eu fico pensando que a religião vai ser melhor na medida exata que ela for cada vez mais escancarada em termos de entendimento pelos seres humanos. <Mais clara...> **Quanto mais a gente entender abertamente mesmo, falar abertamente sobre as religiões, falar abertamente sobre os fundamentos, falar abertamente sobre tudo, mais as religiões podem ser boas, por que, aí, tu tem mais chance de eliminar a exploração, de eliminar as coisas negativas que a religião é capaz de fazer.** <Exato.> **Então acho que é importante nesse sentido.**

E uma: a umbanda te dá a oportunidade de tu te conhecer interiormente, te auto-conhecer. **<É, o que pra mim é fundamental.>** O momento que tu trabalha com entidades, tu pode te conhecer; tu faz como se fosse uma consulta psicológica, de um psiquiatra, de um psicólogo. Tu te auto-conhece, trabalhando nela, por que tu conhece dentro de ti uma força interior que tu pode passar tua vida inteira sem perceber, e a mediunidade de umbanda te faz tu enxergar isso aí.

E as próprias referências simbólicas que tu começa a ter, por exemplo, o fato de tu saber que tu é... tem a cabeça de Oxóssi, e não sei o que... Tu começa a ter guias simbólicos, elementos simbólicos que te ajudam a pensar sobre ti. O Renatinho, meu orientador, fala muito sobre isso: "eu aprendi tanto com o candomblé... depois que eu descobri que eu sou filho de tal Oxóssi com tal Oxum, eu paro pra pensar sobre mim e vejo certo aspecto da minha vida e digo: ah, mas olha só, como se enquadra nisso".

Encaixa. O arquétipo dos filhos de orixá **<É muito específico, né...>** Ele é muito profundo; por que se tu for analisar, claro que tu não vai ter tudo de um só orixá, mas tu tem um pouco de cada orixá que compõe, que vai compor a tua família de orixás. Ele faz com tu te enxergue, faz com que tu leia e faça uma auto-análise; é muito profundo. Por isso eu sempre digo assim: às vezes tem gente que diz "religiões de cunho africano são primitivas"; mas se analisarem

esse lado, **<Elas são mais tecnológicas...>** exato, eles tem um avanço de percepção de personalidade humana, **<Muito mais avançado, até...>** que a psiquiatria e a psicologia foi conhecer... **<Ontem.>** Então é umas coisas assim... A validade, a antiguidade desta religião levou à experiência, e isso a umbanda herdou, a umbanda aprendeu com o africano. Tem gente que diz: "Ah não, eu separo..." Eu não separo; eu acho assim, cada um é uma raiz, o candomblé é uma raiz, a nação é uma raiz da umbanda, e tem elementos básicos que tu não muda, não interessa se tu vai criar umbanda, se tu vai criar quimbanda, mas elementos básicos que são tradicionalmente africanos e que têm que ser mantidos queiram ou não queiram, por que é a base da religião.

E é diversas coisas... <Noventa por cento.> **Se tu vai pegar as coisas do próprio ritual, tem coisas evidentes, muito evidentes: a música é evidente que é africana e, enfim, a utilização dos tambores...**

A religiosidade é africana.

É, da religiosidade africana. O fato dos cultos serem realizados em roda, isso é africano; enfim, tem tanta, mas tanta coisa que é africana que pra mim soa como um absurdo total alguém dizer que umbanda é coisa do Brasil, não sei o quê, diferente do africanismo, do candomblé, que são outras coisas...

É uma raiz mais brasileira, é. **<É um processo que se fortaleceu no Brasil.>** Exato. Mas que a base dela continua sendo a base da própria cultura africana, é, isso ninguém pode tirar. **<E indígena, né? É a junção do indígena com o negro.>** Exato, pra depois entrar o resto. Mas a visão de mundo, a visão de respeito à natureza, ver o sagrado na natureza; tanto o índio como o negro gosta do fetiche... <Interrupção> Então são coisas assim, que não adianta as pessoas quererem... eu concordo que tu pode fazer correntes de umbanda, **<Sim, tem várias.>** umas seguindo certas linhas de estudo, e outras, outras. Mas dizer que a base da umbanda, que a umbanda surgiu a partir de coisas espíritas eu não concordo. **<Sim, não faz sentido.>** Não faz por que eu acho que o espiritismo veio completar uma coisa que já existia, ele veio lapidar, ele veio dar base teórica. **<Contribuir pra mais coisas, pra amplificar a coisa, mas não pra criar nada.>** Exato, não criar nada, por que já existia.

Deixa eu te fazer uma pergunta que diz respeito mais, assim, à identidade, como a gente fala, de um umbandista. Na tua cabeça, o que faz alguém ser um umbandista? É participar duma casa, ou de uma instituição de umbanda, ou de um grupo, ou então a crença pessoal na força dos orixás, nas entidades, um relacionamento mais pessoal? Uma relação mais pessoal, ou as duas coisas fundamentais?

As duas coisas junto. Por que tu só acreditar, por exemplo, em orixás, em forças da natureza, não te coloca como um umbandista. Tu pode ser de candomblé, tu pode ser de nação, e tu vai ter essa crença. Tu pode ser de catimbó, de xangô, de qualquer... **<Religião desse universo religioso afro-brasileiro.>** Religião do universo africanista, exato. Então eu acho que pra tu dizer assim: "eu sou umbandista", tu tem que pelo menos, além de tu acreditar nisso aí, tu tem que freqüentar algum local ou ter na tua casa um altar com entidades umbandistas, e ali tu praticar rituais de umbanda. Aí eu acredito, por que além de tu ser um umbandista teórico, **<Ter um vínculo, uma coisa assim...>** tu é praticante.

Então essa é a diferença, na verdade: um umbandista de afinidade, e um umbandista praticante.

Exato. Umbandista de afinidade; noventa por cento das pessoas que freqüentam sempre uma terreira são de afinidade. Mas isso não coloca eles dentro da umbanda como praticante. Entende? Eles vão pela fé, por que eles acreditam em tudo aquilo que se prega, mas eles não praticam. Então eu acho que pra ti dizer assim: "é umbandista", tem que praticar. Por isso que nós sempre dizemos assim: aquele médium que começa e pára, ele teve na umbanda, ele não é umbandista, ele jamais foi umbandista.

Então "umbandista" envolve, realmente, um vínculo de doação e de trabalho, de prática mesmo, e não só uma crença sutil.

De prática da religião. Ela é uma religião mediúnica, tu tem que atuar; ou tu atua como cambono, ou tu atua como ogã, ou tu atua dentro do âmbito de terreiras maiores, que fazem aqueles trabalhos sociais como voluntários – então tu está fazendo um trabalho mediúnico –, ou tu é médium, mas tu tem que trabalhar, tu tem que estar envolvido naquilo ali; tu só ir e freqüentar pra mim não é ser umbandista. É *estar* umbandista. É um estado de espírito...

Por que eu fico pensando em mim, por exemplo, que sou uma pessoa que tem um vínculo com uma casa, mas no cotidiano não tenho a freqüência a um centro, por estar distante; mas quando eu estou na cidade que é minha terreira, eu vou. E me afirmo, me sinto umbandista.

Claro, aí tu é umbandista. Por quê? Porque tu freqüenta **<E por que eu manipulo, eu faço oferendas...>**, exatamente, porque tu faz trabalhos espirituais, com energias. **<Eu mexo com a prática da religião.>** Exato, então tu é umbandista.

Entendo. Mas é mexer com a prática, não é só gostar, ou só pensar a respeito, coisas assim...

É, pra mim é.

E tu te sente uma umbandista, e se afirma como umbandista, socialmente, pra qualquer pessoa que te perguntar? Tu já tem isso bem esclarecido...

Sempre. Sempre. Inclusive sempre quando matriculei minhas filhas, desde pequenas, eu sempre disse: "sou umbandista". Eu não escondo de ninguém.

E qual é a importância, para ti, de se dizer umbandista, de se afirmar umbandista? Por que tu acha que isso é importante, tu reconhecer isso e afirmar isso?

Eu acho que até pra quebrar preconceitos em relação às próprias pessoas que não conhecem a religião, e que acham que a religião é feita por pessoas ignorantes. **<Um bando de loucos...>** Um bando de loucos. Então, eu não tenho vergonha de dizer, eu tenho orgulho de dizer. Eu acho que a umbanda tem fundamentos seríssimos, ela faz um trabalho social incrível, e muito bonito o trabalho, não só nas classes baixas, mas atualmente em classes médias e altas; ela faz um trabalho de conforto espiritual sem visar à exploração do ser humano. Então eu acho assim: eu não tenho por que me esconder; por que eu vou dizer que eu não sou? Eu sou; eu acho que as pessoas têm que ser autênticas, tu tem que mostrar o que tu é.

E o que tu pensa sobre a umbanda de um modo geral, do ponto de vista humano, da matéria – o papel dela na sociedade do ponto de vista material? Quais os papéis que ela cumpre? É um papel de conforto, de auto-ajuda pras pessoas...

É um papel de conforto, é de auto-ajuda. E eu acho assim: é um papel, também, de mediadora. Por que, muitas vezes, o que acontece? Pessoas com conflitos dentro da sua família vêm dentro de uma sessão de umbanda, um entidade conversa, orienta, e aqueles conflitos são solucionados, às vezes só pela pessoa ouvir dessa entidade um lado que ela não tinha enxergado. Então eu acho que é importantíssimo... o trabalho da umbanda dentro de uma sociedade. Além de ela esclarecer, tentar ajudar, fazer com que as pessoas tenham uma vida melhor. Ela... como é que vou te dizer? Ela abre caminhos pras pessoas se sentirem mais seguras, pra minorar as angústias e os problemas, e principalmente o medo que as pessoas têm hoje em dia de enfrentar a vida.

E ela trabalha muito com coisas práticas, no sentido de trazer resultados em certos aspectos práticos, pras pessoas melhorarem mesmo, em vários sentidos: amoroso, dinheiro, tudo; ela trabalha com prática...

Trazer resultados, exato. Além do aconselhamento, existem os trabalhos magísticos, que é exatamente pra trazer resultados. E que trazem resultados práticos sem usar a exploração do ser humano, a exploração econômica. Então, a umbanda bem feita, ela visa o quê? Abrir caminhos para as pessoas, ajudar as pessoas a terem uma vida melhor, sem pedir em troca nada dessa pessoa, a não ser a fé no trabalho que tá sendo feito. Por que nem a entidade que está fazendo o trabalho pede que a pessoa acredite nela; ela não pede isso dentro da umbanda. **<Ela ajuda a resolver, mesmo que a pessoa não acredite.>** Exato. O objetivo dela é fazer a caridade pra essa pessoa, mas a caridade no sentido de não... não é aquela caridade, de "eu tenho dinheiro, vou te dar dinheiro", "tenho roupa, vou te dar roupa"; "eu vou te dar o que eu não quero". Não. A caridade é de achar uma solução pra pessoa, e sem perguntar se essa pessoa acredita ou não. **<Aliás, sem critério nenhum, praticamente.>** Geralmente a pessoa vai passar a acreditar no momento que tiver o resultado prático. **<Quando vê que a coisa funcionou, resolve acreditar.>** É, aí ela passa a acreditar. Que a maioria vai testando. **<Todo mundo entra desconfiado, né?>** A maioria vai vendo se vai ter resultado ou não.

E tu pensa que ela é uma religião bem organizada, é uma coisa que tem dogmas bem definidos, ou ela está mais pra uma filosofia de vida, pra um modo de levar a vida? Isso do ponto de vista individual.

Ela tem certos fundamentos, bem definidos dentro da umbanda; existem princípios muito bem definidos, mas eu, pra mim, além de considerar ela uma religião eu considero ela uma filosofia de vida. **<Um modo de exercer a espiritualidade, um modo de se lidar com o universo espiritual.>** Exato. E a própria orientação que eles te dão, eles fazem com que tu veja e que tu passe a colocar na tua vida coisas que eles orientam. **<Coisas diárias, né? Uma maneira de conduzir a vida.>** Exatamente. Então ela, ao mesmo tempo que ela é uma religião com fundamentos bem definidos – por que eu não gosto dessa palavra, *dogma*; acho que dogma é uma palavra que... **<Bitola...>** Dogma é aquela viseira que tu bota em cavalo pra não olhar pros lados; eu sou dessa teoria... Mas então, fundamentos bem definidos, e, também, ela te dá uma filosofia de vida.

E uma filosofia aberta, né? Por que tu está sempre aprendendo, sempre mudando...

Por que te dá sempre o livre-arbítrio. Eles te trazem coisas do mundo espiritual, te orientam, tu segue, ou não. **<Claro, isso é importantíssimo.>** E a umbanda tem uma coisa que eu sempre digo: é uma herança não só indígena, mas com a marca muito grande do africano, que é "não existe o bem nem o mal". Então, tu tem o livre-arbítrio; se tu não seguir aquilo ali, tu não vai ser castigado. **<A idéia de pecado não é forte.>** Exato, não existe aquela idéia de

pecado, **<Castigo eterno...>** de castigo eterno, de inferno; pra nós não existe diabo, não existe o inferno. **<Bom, se a Criação é única...>** Pra nós existe o quê? Evolução. O momento que tu desencarna, tu vai reencarnar com o passar dos anos, ou vai ficar no mundo espiritual e vai ter a oportunidade de vir trabalhar como entidades espirituais, mas não existe aquela coisa do "vai resgatar, no inferno". Pra nós não existe. **<Tipo, vai penar...>** Existem, por exemplo, coisas da mitologia indiana – indiana não, perdão, indígena – que são os caiporas, que não é nada mais que nossos exus, os espíritos brincalhões, que te pregam peças, mas quando tu erra, **<Justamente pra te acordar.>** quando tu transgride regras da natureza; quando tu transgride regras não só da natureza, mas da natureza humana – serão cobrados. Mas não que eles sejam diabos. **<Sim, não são ruins por natureza.>** E que o africano também tem essa mesma noção. Então eu acho que isso daí é uma das coisas mais bonitas que tem dentro da umbanda – ela não é a religião do medo.

Então ela é mais uma religião do caminhar, do te ensinar a caminhar.

Das oportunidades. Exatamente.

Eu entendo a umbanda muito assim: uma ajuda pra ti caminhar. Mas não é uma coisa assim: se tu cometer tal erro tu caiu e nunca mais... Não, tu está caminhando...

Tu sempre vai ter oportunidade de melhorar, sempre tu vai ter oportunidade de levantar. Não tem aquela: "tu te terminou..."

Eu entendo muito como a imagem de uma pessoa caminhando, e sendo ajudada pra caminhar.

Exatamente. É o que eu encaro como sendo umbanda.

E como é que tu entende o surgimento – eu não gosto muito da palavra *surgimento*, por que parece que alguma coisa surge do nada; eu uso *processo de constituição* –; como é que tu entende esse surgimento, esse processo que levou a surgir a umbanda, a se constituir a umbanda, a organização progressiva dos elementos culturais, e dos elementos espirituais que organizaram a umbanda? Como é que funcionou isso?

Se tu for analisar, eu acho que a umbanda surgiu, ou apareceu, ou começou a existir, talvez não como uma religião organizada, mas como um culto, no momento que houve o cruzamento das duas culturas, indígenas e negras. A partir das senzalas, da integração dos dois povos, a umbanda começou a surgir. Por que foi o quê? Povos angolanos, povos iorubanos, vários tipos de povos que trouxeram mitologias e associaram à crença do próprio índio, e que viviam numa miséria tal, que eles tinham que recorrer a entidades espirituais, a ervas, que os índios... **<E a magia também.>** e a magia, pra se defender. Então, pra mim, a umbanda surgiu aí, nasceu aí.

Sim, por que se a umbanda é a prática dessas coisas...

A partir daí ela foi agregando elementos dentro dela, elementos cristãos, elementos kardecistas; então a partir daí ela foi criando uma ritualística. No momento que entrou o elemento português, que o negro começou a se cruzar com o branco, e o índio com branco, que aí começou a entrar um pouquinho da cultura portuguesa, e a gente sabe que a cultura portuguesa é extremamente religiosa, e acredita em milhares e milhares de santos, e são supersticiosos aos extremos. Então eu acho que aí entrou a influência da magia européia, da ritualística popular portuguesa – não a ritualística católica portuguesa, mas a fé que o povo

fazia. **<A fé do povo, que se chama religiosidade popular, né?>** Então eu acho que aí começou a desenvolver a umbanda. A partir daí, depois que foram criando: "surgiu a partir de tal entidade, isso ou aquilo..." Eu acho que o momento que tal entidade, como é o caso do caboclo Sete Encruzilhadas, eu acho que foi o momento que o mundo astral achou que deveria anunciar essa fé que já existia; anunciar pra meios, como é que se diz?, pra meios catedráticos, que seriam os espíritas, entende? Então, o momento que o astral achou: "bom, a partir de agora, nós vamos anunciar que essa fé já está estabelecida no país" – por que não era um culto novo; ela já estava, já existia entidades trabalhando ali – o que aconteceu?, ele veio trazer certas padronizações – tipo de roupa, tipo de colar; que antes usavam o quê?, roupas indígenas, roupas normais, ou como existem aqueles calundus que usavam enfeites africanos, peles, penas. Então o momento que surgiu, que foi anunciado, foi esse. **<Pra organizar de alguma forma...>** Exato. Pra tornar visível o culto. **<Sim, pra tornar visível. Entendi.>** É essa minha idéia. <Interrupção>

Nestes termos, então, tu acha que é necessária uma transformação contínua? O que tu pensa sobre essa coisa que a gente vê da umbanda estar sempre se transformando, agregando outras coisas e tal?

Acho importantíssimo isso.

Não necessariamente os fundamentos; os fundamentos parecem que ficam sempre inalterados, aqueles fundamentos mais básicos...

Sim, o básico é. Não pode, a essência de uma religião não pode ser mudada nunca.

Mas os aspectos culturais dela, as maneiras de fazer e outras coisas estão sempre surgindo. Tu falou: quando entraram, por exemplo, os kardecistas, eles foram responsáveis por certos tipos de direcionamento. <Trouxeram novas idéias, de doutrinação.> **Mas a gente vê várias outras coisas, e outras posturas de outros umbandistas aparecendo, por exemplo: entra um estudioso crítico da umbanda que nem eu falando certas coisas, isso pode ser incorporado em algum momento?**

Eu acho válido, por que, já que a umbanda prega a miscigenação dos povos... Por que ela prega isso, ela é uma religião onde todas as culturas têm vez nela, através das entidades espirituais. Eu acho que um dos grandes fascínios da umbanda é exatamente isso aí. Ela está sempre agregando elementos novos, por que ela te dá a oportunidade de tu expandir horizontes mentais. O momento que tu está dentro de um culto onde hoje tu sabe uma coisa básica, aí se manifesta, vamos dar um exemplo, uma entidade de linha oriental, e ele te traz um conhecimento da filosofia indiana, do hinduísmo, já é um enriquecimento pra ti, é um enriquecimento mental e espiritual. Então eu acho super válido. Isso não significa que eu vou pegar essas doutrinas novas e vou agregar na minha casa. Eu posso até estudar, como acontece, estudar, analisar; aquilo que eu acho que vale a pena eu adaptar dentro da minha realidade de religião eu adapto, senão, não. Mas eu acho super válido, por que é um culto que está... **<Todo mundo tem a liberdade de fazer da sua maneira. >** Exato, de pensar e de fazer à sua maneira. E inclusive, eu acho assim, que existem correntes que possibilitaram que a umbanda ficasse muito mais visível, por que ela atinge um número muito maior de pessoas. Se é uma umbanda dentro de uma doutrina tradicional, eu não posso te dizer que seja, por que não é. Mas se ela manter os fundamentos da umbanda, e atingir um número maior de pessoas, e essas pessoas se espiritualizarem e evoluírem como pessoas, ela é válida. Então eu acho super válido.

Mesmo que a gente não concorde com certos aspectos, outros aspectos podem estar sendo importantes para a umbanda como um todo...

É por que a umbanda está sempre mudando; então hoje aquilo que eu não consigo entender pra colocar dentro do culto que eu professo, amanhã eu posso entender, e aquilo pode enriquecer o meu trabalho espiritual ou me enriquecer como pessoa. Eu não sou contra o surgimento de novas... <**De outras coisas, claro.**> Eu posso até não adotar... <**E não concordar com aspectos X, Y...**> e não concordar. Existem coisas que eu acho que são fantasiosas, que eu não acredito que sejam entidades de umbanda que ditem, e sim a cabeça das pessoas que criam.

Mas de certa forma, também está cumprindo um papel. Se tu for olhar a umbanda como um todo, mesmo aqueles que estão mistificando, que estão inventando da sua cabeça, estão fazendo por algum motivo. Eles não são *ninguém*.

Existe um papel. A gente não sabe o que tem por trás disso aí.

É que a gente acredita que sempre tem uma influência e um destino – destino não, por que é muito pesado; mas algum motivo sempre tem nas ações das pessoas, por mais que a gente não concorde com as ações. Não dá pra julgar.

Claro que é. Então, eu respeito. Eu leio tudo, tento entender tudo; aquilo que eu acho que é válido colocar dentro da terreira que eu chefio, eu coloco, aquilo que eu acho que não é válido, <**Não coloca e pronto...**> que eles não têm, até, muitas vezes, maturidade espiritual pra entender, eu não coloco. Agora, jamais passo por cima da orientação das entidades. <**Sim, isso que é fundamental.**> Eu acho que aquilo que a entidade traz na terra é dez vezes superior àquilo que eu aprendo em livros. Então eu jamais... eu posso achar uma coisa maravilhosa num curso sobre umbanda que eu tenha assistido e chegar e colocar e a entidade dizer assim: "não concordo, por causa disso, disso" – acabou, eu fico com o conhecimento pra mim, mas eu não vou passar por cima dela. Por que eu acho que a umbanda é feita pela orientação da entidade, e não pela criação mental da gente.

Se a gente aceita que eles vêm à terra pra trazer conhecimento de um nível, de algum lugar, ou sei lá de onde, um pouco mais elevado que o nosso a gente tem que respeitar.

Tem que ser respeitado. Nós não enxergamos o que eles enxergam.

Claro, exatamente. Aliás, o humano é tão limitado pra perceber certas coisas; se eles já não estão presos por essas limitações, é por que eles sabem alguma coisa que a gente não sabe, eles têm algum alcance que a gente não tem. Isso pra mim é evidente.

É por que eu fico pensando nessa coisa das transformações, por que surgem muitas, muitas coisas; e agora eu tenho visto bastante falar do pessoal do umbandaime, que pratica umbanda misturada com santo daime, o pessoal da barquinha, também, que é lá do Acre, que começou a trabalhar, também, com a ayhuasca, trabalhando com umbanda.

Queira ou não queira, por exemplo, assim, o daime... <**Que são práticas indígenas, antigas, retomadas pela umbanda.**> Exato, que é o que os médiuns novos estão retomando, e que as entidades estão se adaptando novamente dentro do ritual.

Aliás, eu não penso, nesses rituais específicos do que chamam de plantas de poder, que usam certos elementos da natureza pra invocar os espíritos, e tal, eu não vejo, aliás, novidade nenhuma; eu acho que é um resgate, por que é uma coisa bem antiga...

Eu acho que está voltando uma pureza. E a mesma coisa assim: se tu for analisar uma sessão de catimbó, **<Sim, que trabalha com a jurema...>** é uma das linhas, assim, mais puras que tem, mais primitivas que tem. **<Que é bem indígena, bem focado em elementos da natureza.>** Então são coisas que as pessoas estão descobrindo, redescobrindo, **<Redescobrindo, acho que é essa a palavra.>** fundamentos de religiões ligadas à natureza.

E associando isso a um trabalho de umbanda, que estava se popularizando em outro sentido, em outros meios, e que agora estão reconectando a trabalhos indígenas, a trabalhos de outras linhas...

Estava indo mais pro lado teórico... **<Sim, urbano, e teórico...>** Urbano, exatamente. Por que existe a umbanda urbana e existe a umbanda popular, que é bem diferente.

E a popular parece bem mais da natureza...

A popular é muito mais ligada à natureza, é muito mais, como vou te dizer, muito mais centrada no ensinamento do guia que está trabalhando, do trabalho espiritual que ele está fazendo. E a umbanda urbana é mais baseada na teórica; ela usa o guia, mas ela trabalha mais com elementos que o médium aprendeu em estudos catedráticos, com cursinhos, e com isso e aquilo. Então, aprendem desde fazer magia em cursinho. **<Sim ,tem grandes cursos hoje em dia.>** Então o guia acaba sendo um mero coadjuvante, e na umbanda popular é o contrário, a magia é feita pelo guia, quem é coadjuvante é o médium. Ele vai aprender.

Neste sentido, tu acha que a tua umbanda é mais popular do que... a umbanda que tu aprendeu é mais popular do que uma umbanda teorizada?

É muito mais popular. É popular, por que livros, eu fui achar livros de umbanda pra ler, eu já era médium pronta – não existia. Quando eu comecei tu não via. **<Tu não tinha acesso...>** Tu não tinha acesso. Existia livros, mas era mais São Paulo, Rio, Porto Alegre,e a gente não tinha acesso. Tu sabia umbanda pelo que os guias ensinavam e pela orientação da casa, orientação espiritual da própria casa.

É, eu acho que os livros... Aliás, essa umbanda teorizada, mais branca e tal – teologizada, como a gente fala, por que estão tentando, de uma certa forma, criar uma teologia de umbanda muito exata e tal... <Já existe até um livro de teologia de umbanda.> **Não, tem vários e vários. Mas assim, me parece que é depois que a umbanda teve acesso aos meios de comunicação, a imprimir grandes escalas de livros, a editar revistas, enfim, a se organizar nesse sentido dos meios de comunicação de massa. Enquanto a umbanda era feita no âmbito das casas, dos médiuns, ela era mais ligada ao ensinamento dos guias. Me parece que foi mais ou menos assim que a coisa se desenrolou.**

Era e ainda é. Por que tem lugares que é assim, né Bruno? A maioria é assim.

Tu acha que a maioria das casas ainda trabalha com essa coisa dos guias?

Ainda são assim. Por que não são tão visíveis ao público. E já essa umbanda teórica, catedrática, usa o meio de comunicação pra mostrar, é uma umbanda que quer mostrar; quer mostrar o seu poder, quer mostrar que está presente na sociedade, entende? Então é uma elite

que quer mostrar uma religião; então essa está sempre na mídia, por isso que a gente acha que ela é mais atuante, mas ela é mais atuante dentro de um núcleo – São Paulo e Rio. **<Dentro de uma função específica.>** Tu saiu dali... E digo mais, eu acho que ela é visível nos grandes centros mesmo. Por que tu saiu dali, noventa por cento da umbanda é umbanda baseada em guias. Muito poucos são os chefes de terreiros que estudam.

E falando em estudo, me ocorreu outra pergunta, que é importante. Tu acha que pra ti fazer um estudo, pra ti entender a umbanda, tu tem que tentar dar conta de todos esses aspectos? Não só focar, por exemplo, na teologia, ou nas instituições umbandistas, na história política da umbanda – por que tem uma história política, de articulação política muito forte –, mas também tentar perceber como é que foi esse processo cultural de formação da umbanda...

De formação. Eu, por exemplo, os médiuns da casa, eu sempre dei o curso... o curso de iniciação a umbanda eu já mostro a formação, como surgiu, a partir de que cultos indígenas surgiram, que tipo de mistura... **<Que tipo de influências culturais...>** Exato. Por que tu tem que ter noção de onde surgiu a coisa. **<E surgiu dessas coisas culturais, e não da teologia, da teoria.>** Dessas coisas culturais. Então tu tem que ter uma noção do quê? A umbanda surgiu com o surgimento do povo brasileiro. Ela até podia existir no meio indígena, por que o culto angolano, eles tinha também culto dos ancestrais. Então é uma mistura, são conhecimentos que se misturaram.

Aliás, já são prévias bem interessantes da umbanda, até, os cultos do Congo e de Angola, aquela região; são bem parecidos.

Exato, claro que é. É uma coisa assim: as pessoas tem que ter noção de onde surgiu culturalmente; elas não podem achar que aquilo surgiu do espaço, e no espaço foi criado. Não. Aquilo é uma religiosidade do povo, é uma cultura que existia a nível popular e que, o que aconteceu?, foi se juntando e foi tomando o vulto de um culto, e que hoje se transformou numa religião.

Entendo. Eu penso, assim, toda religião, na verdade, nem como uma iniciativa só do âmbito espiritual, do mundo espiritual, e nem só como uma iniciativa do âmbito humano da coisa. Eu acho que é um processo de mútua determinação, de determinação circular – os seres humanos têm um papel fundamental, igual ao papel do espiritual, até por isso que o espiritual necessita fundamentalmente dos arquétipos, dos mitos que os seres humanos criaram pra se manifestar; por que se não baixava num centro de umbanda uma entidade japonesa, falando japonês, que ninguém ia entender, não ia adiantar nada. Eles precisam da nossa energia mental de criação de histórias, de mitos, pra se manifestar.

Exatamente. Pra ti ver uma coisa, que é interessante isso aí, pelo seguinte: hoje se sabe que tem centros de umbanda na França, no Uruguai, na Argentina, no Chile, **<Em tudo que é lugar...>** e que trabalham com caboclos, com pretos-velhos, com crianças, se comunicando na língua do país. E existe uma corrente que critica isso aí: que uma entidade não pode se comunicar na língua a não ser em português; mas eu penso o contrário, eu acho que a entidade tem que se adaptar à língua do país que ela está se manifestando. Imagina o preto-velho de origem angolana, congo, falando... não iam entender nada, as pessoas. Então qual é o objetivo da comunicação dessa entidade? Nenhum.

E outra: podem surgir também falanges de japoneses, trabalhando no Japão. Por que num terreiro de umbanda do Japão não pode baixar um samurai, como uma linha de guerreiros, uma falange regida pelo orixá que a gente chama de Ogum?

Pode, em linhas de Ogum. Por que são coisas assim: eu acho que as pessoas são muito radicais: "ah, não pode." Claro que pode.

É por isso que eu entendo a umbanda mais, muito mais, como uma maneira bem aberta de se tratar o lado espiritual da existência. É justamente isso que dá a maleabilidade pra ela. Se ela se instala no Japão, ou sei lá, na Índia, os indianos podem transformar ela bastante em termos culturais, no formato como ela se apresenta. Na maneira do ritual, no tipo de entidade que vai baixar e tal, mas ela vai seguir sendo uma maneira de se relacionar com o universo espiritual. Eu acho que o central da umbanda está na relação com o universo espiritual <Com o universo espiritual.>**, tipo, aprender com o universo espiritual. Eu entendo bastante assim.**

E pra mim é, também, assim. E ela é muito maleável, a umbanda é uma coisa muito maleável.

Então o formato específico – eu chamo, essa coisa da forma, né? –, o formato como a religião é realizada em cada lugar é necessário, é fundamental, pra aquele lugar, <Pra aquele lugar.> **mas pra outro lugar pode não ser, e aquele outro lugar pode fazer de outra maneira.**

Exatamente. Por que cada terreira vai funcionar conforme o quê?, o nível não só cultural, do seu chefe, mas o ambiente social que ela está embutida. **<Sim, o tipo de tradição...>** Por que não adianta tu trabalhar, por exemplo, assim, seria até incoerente, uma umbanda de entidades de elite, com altíssimos conhecimentos tentando trabalhar para pessoas do povo simples. **<De classe baixa.>** Então eu acho que o fascínio da umbanda está nisso aí, são entidades...**<Capacidade de adaptação.>** De adaptação conforme o ambiente que estão trabalhando.

E isso que faz a gente ter, por exemplo, práticas bem diferentes do catimbó, da jurema, que hoje em dia estão muito ligadas no nordeste com a umbanda, duma umbanda feita em São Paulo, duma umbanda feita no Rio Grande do Sul, e duma feita no Acre; se tu for parar pra analisar, são umbandas bem diferentes, mas têm uma coisa...

Com fundamentos iguais, mas bem diferentes na prática.

E o que tu acha que conecta todas essas formas de religiosidade, assim, que se manifestam sobre esse nome de umbanda? O que tu entende como esse fundamento mais básico da religião?

Eu acho que uma das coisas mais básicas da religião é a caridade pra com as pessoas... com o médium, com as pessoas, e com a entidade espiritual. Acho que um dos fundamentos básicos da umbanda é ajudar. **<Na caminhada das pessoas.>** É, tu doar sem... E outra coisa que é básico, que tu pode ir no lugar da umbanda que for, da entidade que tiver pregando: respeito à natureza e aos seres vivos da natureza. Isso é básico. **<Isso está em todas elas.>** Em todas. Depois, varia conforme a orientação de cada uma. Mas existe coisas básicas dentro da umbanda que não... **<Que não costumam variar, que é isso aí: o culto da natureza...>** O culto da natureza; **<A prática da caridade...>** a crença na existência dos espíritos; **<Sim, a crença no lado espiritual.>** a crença nos orixás, isso é básico, isso tu vai em qualquer

umbanda, tu vai encontrar. **<De maneiras diferentes, mas vai encontrar.>** Tu vai encontrar. Sempre vai ser esses elementos. A crença do uso dos materiais pra executar magia, de elementos da natureza pra executar a magia. **<Sim, a crença na magia, na possibilidade de se realizar magia.>** Exatamente, de realizar e de conseguir efeitos com a magia. <Interrupção>

O meu trabalho é um pouco isso: eu tenho chamado ele, eu e Renatinho conversando, a gente acabou definindo como *etnografia do fundamento*, por que o trabalho de etnografia tu vai pra um lugar e tenta descrever as práticas, tentar descrever tudo que aquelas pessoas fazem, o que elas acreditam, não sei o que... O meu trabalho não é bem isso, por que eu não vim aqui pra pegar todos os dados e tentar apresentar a terreira em outro lugar pras pessoas verem como é. Não é bem isso. <Interrupção>

A gente chama de etnografia do fundamento, por que é isso, é se preocupar com as coisas que, de certa forma, são invariáveis, que podem ser invariáveis pra outros lugares, que aqui tem a sua maneira de fazer, mas tem coisas fundamentais, e que vão se repetir em outros lugares.

Sim, que não alteram em outros lugares. <Interrupção>

Uma coisa que eu fico pensando: a maneira como os seres humanos, enfim, como os praticantes da umbanda entendem ela, entendem a história, entendem o que pode ser feito e o que não pode ser feito, influencia a maneira como as entidades podem entender a religião? A gente... os seres humanos ensinam alguma coisa pras entidades? Ou as entidades que determinam tudo?

Ensinam. Não, eles ensinam. Tem muita coisa que a entidade vem, e é o que a gente chama de doutrinando, eles vão se doutrinando, eles vão aprendendo certas coisas.

Mas aí com entidades mais baixas, digamos assim, em termos de evolução, ou com qualquer uma?

Não, às vezes até com qualquer uma. Até coisas, assim, que eles adaptam o linguajar pra poderem ser entendidos... **<Então eles aprendem...>** Eles aprendem também. Agora, o básico de magia, o conhecimento deles, não.

E coisas mais fundamentais, por exemplo, essa idéia, que é bem central no meu trabalho, da história da religião, como é que a história da religião é contada? Esse tipo de coisa eles têm uma visão formada e não vão alterar...

Não, não vão. Se tu perguntar pra uma entidade ela vai te dizer que a umbanda já existia muito antes **<Do que se diz...>** do que se botou no papel. **<Que aqui entre os seres humanos a gente fala...>**

É, por que tem a história que a gente conta entre os humanos, mas tem a história que a entidade entende da religião. Isso me parece que também não é possível de se alterar.

Sim. Agora são umas perguntas mais práticas, ligadas à prática mesmo, de coisas que eu sou curioso. Qual é a importância, pra que servem, as várias finalidades que tu aprendeu ao longo da tua vida de umbandista, do ponto riscado? Qual é o peso da magia riscada e da representação que os símbolos visuais têm? Que a gente chama de... a gente tem o pensamento lógico, e narrativo, digamos assim, organizado em palavras, e tem o

pensamento que é plasmado em símbolos, que não se raciocina, não se transforma ele em palavras – ele tem um peso pelo símbolo.

Eu acho assim: não existe umbanda sem ponto riscado. Além de ele ser uma firmação da entidade presente no ambiente, existem aqueles símbolos que são utilizados para segurança de uma casa, existem aqueles outros que são usados pra trabalho, existem aqueles só pra imantação... Mas ele é essencial, por que ele é uma representação gráfica daquilo que tu quer emitir pro astral. **<Sim, é uma maneira de comunicação com o astral.>** E pro médium, ele é importantíssimo, por que ele é um ponto de referência, entende? Ele sabe que ele tendo aquele ponto riscado do lado, ali, ele tem uma segurança pra trabalhar, ele tem a presença – aquilo ali seria praticamente a presença física da entidade pra ele, é o que ele consegue de mais palpável da entidade, é o ponto riscado. Então eu penso assim: o ponto riscado, além de ele ser um... como é que vou te explicar?, um potente elemento de magia, ele é um referencial mental, pro nosso cérebro. É como se ele fosse um portal, ele atua como um portal, que vai te dar... inconscientemente, ele te passa a segurança, ele te passa como agir, ele te mostra o que significa; então ele abre portais na tua mente, que fazem com que tu emita energias em sintonia com as entidades espirituais, que tenham reflexo no mundo espiritual. Então eu acho essencial. Eu sou bem sincera: uma terreira que as entidades não riscam pontos, é uma terreira que tu tem uma possibilidade de ter pessoas fazendo criações mentais, mistificando, muito grande. **<Muito mais fácil...>** Muito grande, por que aí qualquer um... tu pode chegar lá, dar três pulos, e achar que está incorporado; até provarem, até tu abrir a boca e dizer uma besteira muito grande, que se dêem conta, se tu for um cara que tem uma boa... **<Uma boa lábia, conhecimento...>** uma boa lábia, conhecimento de um pouquinho, básico, de umbanda, tu enrola qualquer um. **<Sim, que a pessoa que está indo lá pra observar, ou pra se beneficiar...>** E o ponto, não. O ponto, tu riscou, se tu te diz incorporado com uma entidade tu tem que saber explicar o que tu está riscando, senão tu está mal sintonizado. Então eu acho essencial, como segurança pra um trabalho mediúnico.

Eu gosto muito de ficar pensando sobre os pontos, e quero aprender com o longo do tempo mais sobre os pontos, e sei que aquele ali sabe tudo... E depois eu vou perguntar isso pra ele, por que eu sei que ele sabe muito sobre isso.

Ele sabe, ele estudou que é um horror.

E eu entendo como fundamental, também. <E é fundamental.> **E é uma coisa muito bonita, por que trabalha com esse outro aspecto da inteligência humana, que é a inteligência visual, a inteligência gráfica...**

Exato. Aí tu entra naqueles símbolos de magia que os próprios africanos trouxeram, por que se tu for olhar certos riscos, certos desenhos mágicos de povos do congo, e de povos de angola e coisa assim, tu vai ver que esses elementos existem em pontos riscados de umbanda. **<Até hoje. E são comuns, assim...>** Comuns, é uma coisa que não tem como tu escapar. E a partir dali foi, o quê?, foi incorporado elementos esotéricos também. **<Sim, surgindo outras tendências, também...>** Que se tu for estudar a magia, a antiga magia européia, que tem os símbolos... **<Que tem os símbolos cabalísticos... quer dizer, a cabala já é da tradição judaica, mas tem muitas...>** Olha, eu te digo um exemplo, assim ó: eu tinha um tio meu, que era maçom, **<É a maçonaria tem isso, né...>** eles estudam muito essa parte esotérica, e quando eu falava em umbanda ele dava risada, sempre riu. Aí um dia eu disse pra ele: "eu vou lhe trazer uma coisa, e o senhor dá uma olhada." Eu peguei vários pontos de entidades que tinham riscado na terreira, e disse pra ele: "tá aqui, ó tio; o senhor dê uma olhadinha." Ele ficou olhando, e disse assim: "para aí que eu vou lá buscar um livro." Eu disse: "que livro?" –

"não eu vou te mostrar aqui." Os mesmos riscos que eram feitos pra entidades de umbanda é o que se usa na magia da maçonaria; ele ficou apavorado. Ele disse: "eu nunca imaginei que a umbanda – eu tinha noção que era uma coisa primitiva; mas o que vocês usam como símbolos pra magia, a maçonaria usa." Que são elementos que eram usados pelos próprios egípcios.

Eu ia te perguntar isso: essas tendências esotéricas são de que origem cultural? É entendido como de que origem? Tipo, essa linha do Matta e Silva foi beber em que vertente? Por exemplo, que foi quem começou a trabalhar com umbanda esotérica; quem, pelo menos, tornou mais visível isso...

Pelo que eu li até hoje do Matta e Silva e pelo que eu li até hoje de teosofia, na teosofia.

E a teosofia é de que...

Da Helena Blavatsky. É baseado no conhecimento da Fraternidade Branca. É um grupo de estudiosos, eu não sei te precisar o ano, mas ela era uma russa, que estudou muito a magia do Tibet, muito a cultura indiana, muito o budismo <**Bebeu nessa áreas...**>, e criou a teosofia, que, até, o herdeiro seria o Krishnamurti.

Mas isso, século XVIII, XIX?

É, por ali. É bem antes. E aí, a partir dessa teosofia, que começou a surgir aquela coisa dos mestres ascencionados, os espíritos maiores, e a magia.

E é daí que vem a corrente esotérica?

Se tu for olhar e ler a parte esotérica, que ele diz que a umbanda já era dos tempos antes do dilúvio, e coisa assim, <**Sim da lemúria, não sei o quê...**> é a mesma teoria dos teosofistas. Entende? Então é uma mistura. Então tu vê que ele trouxe informações das entidades, mas ele bebeu numa escola esotérica.

Isso que eu não sabia... de onde é que veio a escola esotérica...

Ele fez uma, ele seguiu... Do oriente. Se tu for analisar, é uma cultura oriental. Ele seguiu, ele tem vários termos que ele usa que são estritamente indígenas, inclusive os cargos de iniciação, são indígenas, mas com elementos orientais. É muito interessante, por que ele usa o indígena, mas com elementos orientais.

Eu sou bem curioso com essas coisas que eles pregam, por que às vezes parece fazer tanto sentido, e às vezes parece não fazer sentido nenhum...

Agora, se tu for analisar a magia de trabalho, a magia de símbolos magísticos, da corrente do Rivas, e do Matta e Silva – que o Rivas Neto não é nada mais do que o seguidor... <**É o descendente, inclusive autorizado por cartório, do Matta e Silva.**> é mais de fundamento do que a que estão pregando hoje. <**Sim, que é a do Saraceni, né?**> Por que ela usa elementos riscados de magia pra ti executar. E a dele usa, mas... Eu, as coisas que eu pude ver, eu achei que, sabe?, é muito, como vou te dizer?, existe muita coisa, muito material, muita coisa pra fazer o impacto visual pra quem tá presenciando a cena. Mas, na do Matta e Silva, não, nele existe símbolos de fundamento. Que é diferente: tu risca símbolos, tu fixa, tu imanta... <**E ele foi buscar essas coisas em tradições antiqüíssimas...**> Exato. Tem símbolos chineses, tem símbolos egípcios, tem símbolos tibetanos, <**De magias antigas.**> de magias antigas. Então, se tu for analisar como magia, eu acho que a magia, do meu ponto de

vista, dele, é muito mais uma magia decente, **<Sim, de fundamento.>** de fundamento, que a atual. **<Fundamentos mágicos, fundamentos magísticos...>** Depois eu vou te mostrar, eu tenho alguma coisa guardada aí... **<Em termos de pontos?>** De pontos riscados, aí tu vai ver uma coisa. São coisas muito interessantes, muito coerentes.

Eu, a única coisa que eu tenho em relação a algumas coisas que eu já li do Matta e Silva é a parte... <A fantasia da criação da umbanda, do surgimento da umbanda.> **Que entra nos aspectos que eu me preocupo, que eu estudo, que é a negação dos fatos antropológicos da umbanda, a negação dos fatos básicos antropológicos. Tipo querer tirar da mão dos negros a origem, por exemplo, da palavra *umbanda*, essa coisa do aumbhandan... Claro, faz todo sentido, pode ter um sentido prévio;** <Umbanda era o nome do sacerdote...> **mas ela chegou na boca do brasileiro via quimbundo, e era uma palavra chamada *umbanda*, que era a ciência do *quimbanda*, que era o mago, o sacerdote. Então, quando começam a querer tirar da realidade das coisas, da realidade dos fatos, pra inventar histórias, eu acho que ele peca.**

É onde ele peca. Pois aí que tu vê que ele entrou na teosofia, por que se tu ler obras teosóficas, tu vai ver **<Vai ver esse tipo de afirmação.>** esse tipo de afirmação, de surgimento de mundos espirituais **<Isso até pode ter fundamento; não sei até que ponto não tem fundamento...>** da shamala, da terra oca... **<Sim, tem muitas coisas, da lemúria, das raças vermelhas, raça pura vermelha...>** Exatamente, é daí que surgiu. Por isso que eu te digo que ele buscou nisso aí.

Eu queria saber, até, justamente disso: onde é que ele foi beber essas informações. Por que, claro, que de algum lugar veio isso, não surgiu do nada essas informações. Mas, me parece o maior ponto que eu tenho de crítica, por que o resto eu acho muito interessante, de muito fundamento; acho que ele trouxe muita contribuição. Pelo pouquíssimo que eu conheço: eu vi aquele livro que está lá na minha mão, que é *Umbanda e o poder da mediunidade*, e algumas outras coisas aqui na casa de vocês também, e os livros do Rivas, que eu tenho uns e já li. <O Rivas escreve muito bem.> **Os do Rivas, que segue a tradição dele. E tem coisas muito boas, coisas muito interessantes, só que quando parte pra esse aspecto que nega aquilo que eu venho tentando estudar, que eu venho aprendendo por outras fontes, daí eu fico meio com o pé atrás.**

A única coisa, assim: uma das coisas que eu acho negativa, hoje, na umbanda, é que, por exemplo, a umbanda perdeu muito, com a função dela atingir um público muito maior, e ser fácil tu te tornar umbandista, e não ter aquele critério... quem chefia, muitas, vezes, não ser preparado, e não ter aquele critério: "eu só faço com que o médium entenda que ele tem capacidade de trabalhar sozinho, e trabalhar na sua casa, ou botar até uma terreira, depois de ele ter sete anos de prática". **<No mínimo, enfim, uma iniciação decente...>** A umbanda perdeu muito dos fundamentos da seriedade de certas coisas, que é onde ela tem que voltar ao africanismo. **<A ter seriedade.>** É onde ela tem que voltar e analisar a seriedade com que é feito dentro dos cultos mais tradicionais do africanismo. Eu acho que aí, é uma das grandes críticas deles, e eles criticam com razão. **<Eu entendo assim também, a gente precisa ter seriedade.>** É uma das grandes críticas, que eles acham que a umbanda não tem fundamento, que é um oba-oba – ela não é um oba-oba, mas ela perdeu muito da seriedade.

E tem esse papel fundamental que é o do chefe do terreiro, né? Por que o chefe do terreiro determina, não só pelas entidades que ele trabalha, e que vão determinar, por serem as entidades-chefes, tudo que acontece naquela casa, como pela figura do chefe, na orientação dos médiuns, <Exato, de tu poder fazer eles entenderem...> **na maneira como**

as coisas vão ser, se vai ser um oba-oba ou não vai ser, se tu vai exigir certas responsabilidades ou não vai exigir; então, o chefe de um terreiro de umbanda, no meu ponto de vista, tem que começar a se pensar denovo como um pai e mãe-de-santo, por que o pai e a mãe-de-santo, esse significado do pai e da mãe, é justamente o de ter preocupação com o que está sendo feito ali dentro, e com as pessoas que estão na sua família de santo. <Exatamente, na comunidade religiosa.> **Por que se tu começa: entra quem quer, sai quem quer, a hora que quer, do jeito que quer, daí perde...**

E é uma das coisas que é um dos grandes problemas dentro da umbanda: a maioria dos terreiros, os médiuns vão quando bem entendem, então não existe aquele compromisso. **<Sim, não se exige mais nada...>** E isso aí é um erro, por que eu acho que o momento que tu não tem um compromisso, não só com a espiritualidade, mas com a casa que tu freqüenta, tu não tem um elo de comunidade, tu não tem um elo, assim, até um elo espiritual mais profundo.

Sim, pra ti construir um vínculo espiritual com a comunidade e com os guias e tudo mais, tu tem que ter uma responsabilidade mais cotidiana, uma dedicação...

Tem que ter um envolvimento maior; quanto mais tu te envolve, mais, assim ó, tu te centra, tu fica mais centrado, tu te dedica mais, tu melhora como médium, entende?

Por exemplo, tu: como é que é o teu nível de relacionamento com a umbanda, com qualquer coisa relativa à umbanda? Eu fico pensando, várias coisas que eu faço ao longo do dia são umbandistas: o fato de eu usar uma guia é uma coisa da umbanda, o fato de eu pensar nos orixás e conversar, e pedir coisas pras minhas entidades como eu faço o tempo inteiro, tipo, pedir segurança, pedir sabedoria, pedir não sei o quê, enfim, estar sempre pensando nisso, eu entendo isso como uma prática umbandista, as oferendas que eu faço são práticas umbandistas... Enfim, tem uma série de coisas: o próprio trabalho científico que eu faço eu entendo como uma prática umbandista, por que eu escrevo como um umbandista, então eu sei que tem uma repercussão na umbanda, vai ter uma repercussão, tem uma repercussão religiosa, e eu me esforço pra ter uma responsabilidade, também, com o que eu estou falando, então eu entendo também como uma prática umbandista. Como é que tu entende as coisas que tu faz como práticas umbandistas? Que nível é esse de relação? Me parece que tu tem uma relação integral, praticamente...

Eu vivo dentro da umbanda. Eu acho que a minha vida **<Uma dedicação fortíssima, assim.>** é norteada pela umbanda. **<Por coisas relativas à umbanda.>** Sim, preceitos da religião, conduta. Eu mudei muito em termos de conduta, procurei educar minhas filhas dentro dos princípios que eu acho que tem que ser; nunca forcei a fé, a seguir o culto, mas os princípios – procuro nortear a minha vida dentro de princípios. Então eu, pra mim, é a minha vida.

Aliás, tu não deve conseguir se pensar fora da religião...

Não me imagino fora da umbanda, nunca me imaginei. Mesmo os anos que eu fiquei parada, sem ter terreiro, sem trabalhar. Mas eu nunca me imaginei fora. Posso ir, até, em outro culto, se me convidarem, e tudo. Mas eu não me imagino fora de qualquer um dos cultos afro-brasileiros.

E fora da tua relação com as entidades... Por que é isso, né? A relação com as entidades te faz ser um umbandista também. <Exato.> **Se tu tem um caboclo e é devoto daquele caboclo, e se relaciona com ele, faz oferendas, sei lá, ou orações e tudo mais...**

Eu estou sempre rezando, sempre pedindo, e sempre pedindo proteção pras pessoas. Então eu sempre tenho uma... **<Alguma relação, alguma coisa acontecendo nesse sentido.>** alguma relação. Procuro sempre ler assunto de tudo que vier relacionado com umbanda, com nação, com candomblé, com essas coisas, por que acho assim: quanto mais tu te esclarece, mais tu tem, como vou te dizer?, clareza pra executar as coisas. **<E é uma forma de crescer, de evoluir...>** Exato, de evoluir, e de conhecer, de tu ver que coisas que tu aprendeu realmente tem fundamento, coisas que tu aprendeu de oralidade. **<De comparar...>** Exato.

Outra coisa, além dos pontos, que é uma coisa da prática umbandista e do conhecimento que tu tem, que eu queria que tu falasse um pouco, é sobre os exus; depois até quero conversar com o Batista, também, por que é outro aspecto que ele conhece bem. Mas assim: de onde é que vem o fato, por exemplo, de eles serem os primeiros a ser saudados numa terreira? Qual é a importância que eles têm num terreiro de umbanda, e qual a importância que eles têm na vida de um umbandista, no sentido de nos ajudar, e tudo?

Bom, pra ele ser o primeiro a ser saudado, ele já vem de uma tradição africana. Ele é a ligação do humano com o orixá. Dentro da umbanda o que acontece? O exu é a ligação nossa, ser humano, com as entidades, e posteriormente com os orixás menores e maiores. Então ele é uma entidade vital dentro de uma casa, por isso que ele é o primeiro. **<Eles são vitais para a umbanda, também.>** Para a umbanda. Eles representam o equilíbrio entre o bem e o mal; não existe bem sem mal. Se não existisse o mal, qual é o objetivo da umbanda, ela combateria o quê? **<Sim, se não tem do que tu se afastar...>** E se não existisse a umbanda, o que a quimbanda combateria? Um completa o outro. O exu é uma entidade essencial, e ele é saudado no início exatamente por isso, por que ele representa o mensageiro do mundo mais denso, que é o nosso, para o mundo etéreo. É o grande obreiro.

E é daí que está a importância dele na magia, por exemplo?

Na magia. E a importância dele para o médium, é que o médium sabe que a grande defesa dele é o seu exu. **<E para uma casa também, a grande defesa são os exus...>** E para uma casa a grande defesa é, por que o caboclo ou o preto-velho ou a criança não vai se envolver em demandas de cargas muito negativas ou muito densas – quem vai trabalhar nesse sentido é eles. **<E nem um cigano, nem nada...>** Então eles são essenciais, são entidades vitais. E pro médium, pra defesa e pra manter até um equilíbrio dele, a alegria de viver, pra auxiliar a abrir caminhos... **<A vitalidade, também, né?>** A vitalidade, tudo. Ele é essencial.

A gente tem que se relacionar, como umbandistas, com os exus...

Eu sempre digo assim: o exu da gente é o anjo da guarda da gente, que é o que vai estar sempre contigo. **<Sim, que te dá força nas horas brabas.>** E magia não se faz sem exu. **<Claro, por que eles são agentes magísticos por definição.>** Por excelência.

Outra coisa que eu estava conversando contigo, e tu me falou da linha mussurubi, aquelas coisas... Tem linhas que tu conhece, que tu conheceu, que sumiram? Outras linhas além dessa que tu disse que hoje em dia não se vê muito. Como é o surgimento e o desaparecimento dessas linhas?

Eu não sei te dizer, assim, como elas surgem, entende? Mas, eu não acredito que elas tenham desaparecido. Elas devem existir, mas elas saíram de moda. Por que, o que acontece? Existem entidades que a manifestação era bem mais agressiva, era bem mais bruta; existe caboclos que eram cultuados há uns anos atrás dentro da umbanda, e já não são mais... Uma das coisas que

eu acredito que leve ao desaparecimento, é que quem chefia os trabalhos hoje já não conhece a maioria das entidades; então ele acaba o quê?, **<Trabalhando com aquelas mesmas...>** invocando sempre dentro de um... e se manifesta um espírito com outro nome, com outra roupagem que ele não conhece, ele já não deixa trabalhar. Então eu acho que um dos grandes responsáveis por isso foi o próprio desconhecimento dos chefes de casas. Então são entidades que eu não acredito que tenham desaparecido; elas existem, em algum lugar elas trabalham, mas elas deixaram de ser na moda. **<Têm pouco número...>** Até por serem entidades que trabalhavam dois, três espíritos com esse nome, não eram muito comuns, ou eram mais agressivos...

E tu te lembra de algum nome de linha, ou de entidades, assim, que... Tipo, essa linha de mussurubi não se vê muito falar; hoje em dia não se escuta muito...

Ai, não me lembro, assim. Essa linha de mussurubi é uma coisa que tu quase não vê falar...

Por que essa, de mussurubi, foi muito interessante, por que eu fui conversar com Renatinho e ele me deu informações legais...

É, essa aí a gente quase não vê. A dos caboclos quimbandeiros tu já quase não vê falar...

É isso, eu tava perguntando antes por que caboclos quimbandeiros a gente não vê falar em lugar nenhum.

A linha de malê, tu quase não vê falar, que também são negros; às vezes eles vêm como mussurubi, às vezes eles vêm como malê, que é uma linha que tu quase não vê, de alta magia africana, que eram feras.

Mas ligados à esquerda também? Assim como a linha de mussurubi deve ser ligada à esquerda também...

É, é linhas ligadas à esquerda. **<No sentido de que são feiticeiros...>** Então essas entidades tu quase não vê.

Então, pelo menos entre essas, é coincidente o fato de serem linhas de esquerda. As linhas de esquerda estão sumindo por serem, talvez, as mais agressivas...

Mais agressivas, mais exigentes com seus médiuns, dependiam de mais conhecimento de seu médium, exigiam que o médium tivesse um conhecimento maior. Então eram entidades mais exigentes com os seus médium. E aí o que começou a surgir?, o oba-oba dos exus, principalmente exus ciganos, exus isso, exus aquilo, que são mais deslumbrantes aos olhos dos outros, **<Agora, nesse momento?>** é, por que são mais bonitos, dançam mais bonito, botam roupas mais coloridas, entende? Certas linhas de Padilhas, de Veludo, que chamam muito mais atenção do que tu trabalhar com um caboclo que é sisudo, agressivo, e que tu não vai controlar tão fácil. Então isso fez com que essas linhas diminuíssem a freqüência de tu ver a manifestação.

A própria linha do oriente não se vê em grande escala, pelo menos não aparenta ser em grande escala.

Não. Mas a linha de oriente nunca foi em grande escala. A linha de oriente nunca foi; ela vinha pra trabalhos específicos. **<Sempre foi, então, menos volumosa, digamos assim.>** É, ela só vinha pra trabalhos específicos.

Por que dizem que tem tantas linhas de oriente, mas na prática mesmo a gente vê falar pouco.

Muito poucos. Mas tem: tem a linha de egípcios, **<É, diz que tem hindus, egípcios...>** tem hindus, tem turcos, tem os marroquinos... Ih, tem os gauleses, tem os chineses...

Tem um tipo de entidade que baixa no candomblé de caboclo, que são os sultões. Essa linha nunca trabalhou na umbanda, ou trabalhou?

Os Sultões da Mata; tem o caboclo Sultão da Mata... Tem, existem, só que eles... **<Trabalham como caboclos na umbanda?>** só que aí eles se apresentam como caboclos, e no xangô – xangô não, não é xangô... **<Não, no candomblé de caboclos eles trabalham, tem alguns.>** É, e no candomblé de mina **<É, no Maranhão tem, na Casa de Mina.>** É, e naquela parte do Pará, ali, tem os sultões, mas eles são considerados turcos, e aí pertencem à linha oriental dos turcos. Que aí tem a Jarina, tem a Mariana, tem várias entidades, mas aí eles vêm na linha oriental, na umbanda, como turcos. Aí eles se apresentam: sultão Olmar, sultão isso... **<Como linha do oriente...>**

Uma coisa que é bem importante no meu trabalho, quando eu vou me referir à Thsara, ali, à terreira, especificamente desse lugar por que tem no nome – o que significa, queria que tu falasse um pouco sobre o que significa pra ti, e o que foi passado pra vocês, a respeito dessa palavra *universalismo*? Thsara Universalista Reino dos Ciganos...

Thsara é o nome que os ciganos kalderash dão a *tenda*. **<Claro, é tenda, mas o *universalista*, em si...>** O universalista, a Cigana sempre disse que era para nós colocarmos universalista no nome por era uma casa aberta a todos os tipos de influências religiosas.

E você tomam isso pra vocês, essa postura universalista?

De não ter preconceito, e de aquilo que for bom... Ela sempre disse pra nós: que aquilo que for bom das outras religiões, nós devemos respeitar e muitas vezes **<Abraçar, se for o caso...>** abraçar, não só no nosso ritual como na nossa vida. Foi o que ela nos colocou. E é uma casa aberta assim, ó: se tu for judeu e tu quiser trabalhar como médium, e quiser continuar dentro do judaísmo, tu está aberto a trabalhar; se tu for muçulmano, a mesma coisa; então não se pergunta a tua religião.

Não se exige uma conversão e uma dedicação exclusiva àquele tipo de prática...

Não. E todo conhecimento, assim, se vier uma entidade de origem oriental e trouxer novos conhecimentos, vai ser abraçado na casa, entende? Então por isso que ela é chamada universalista.

Universalismo é, então, uma postura de abertura.

De abertura. Por que ela diz que as futuras religiões terão que ser universalistas pra humanidade poder evoluir, por que ela vai ter que aprender a tolerar e respeitar os outros. E é uma realidade, né Bruno?

E vocês, assim, defendem isso entre vocês, entre os médiuns, entre a corrente? Isso é bastante enfatizado, essa postura de abertura? As pessoas têm essa postura de serem abertas, de serem tolerantes a outras fés? Como é que funciona isso?

Têm, mas às vezes ainda existe aquele posicionamento que tu vê, rançoso, de intolerância – não é intolerância, do preconceito em relação aos outros. Tem. Mas eu nunca, assim ó: se eu vejo que tem alguma coisa, eu evito – "vamos cortar", sabe? – que cada um fazendo sua parte, fazendo o bem, todos os caminhos levam ao Velhinho, né? Então é uma coisa que sempre agente pede, o respeito, né? Que eu acho que se tu quer ser respeitado tu tem que respeitar.

Isso que eu digo assim: esse assunto da tolerância e da abertura, e tal, é um assunto compartilhado, é uma postura compartilhada entre as pessoas ali dentro?

Mas a gente não faz, assim, debates, "ó, tem que ser assim" – não se coloca, mas dentro daquilo ali...

Mas se entende até pelo... se você está trabalhando ali dentro, e sobre as ordens da Cigana, que tem essa postura e essa maneira de entender o espiritual, na medida que você vai ouvindo as doutrinas dela, <Tu vai aprendendo.> **e das outras entidades também, por que o Ogum me falou sobre isso, e a Pena Dourada falou sobre isso também, sobre amor incondicional, sobre tolerância – isso tudo é dentro dessa idéia.**

É, a gente vai aprendendo e vai respeitando. **<Sim, vai assimilando essa postura.>** Exato. E que, se tu for analisar, é o caminho do mundo, né? Se quiser... **<Se quiser dar certo...>** se quiser dar certo, se quiser sobreviver... A miséria está aí...

É aquela história: o projeto da humanidade, se quiser funcionar, tem que caminhar pra esse sentido, senão a gente vai acabar matando todo mundo uns aos outros e a coisa vai ficar feia.

Sobre aquele outro assunto, das teorizações, que eu falo teologizações – tentativa de se criar teologias e codificações e coisas específicas da umbanda. Por que tu acha que elas nunca foram suficientes, nunca funcionaram até hoje?

Por que eu acho que o grande objetivo do plano espiritual é, exatamente, manter a umbanda aberta, aberta a todas as correntes. Então o momento que tu codifica uma coisa tu fica escravo daquilo ali; é uma coisa que tu bota viseira nas pessoas.

Por que tem esse esforço sistemático dos intelectuais desde que a intelectualidade entrou na umbanda e não deu certo.

O objetivo da umbanda não é isso aí. O objetivo da umbanda é o quê? Desde que se sabe a base dela é aprender a respeitar e tolerar as minorias, tanto raciais como culturais. Então tu não pode... se tu quer criar um culto de tolerância tu não pode codificar, por que o momento que tu codifica tu passa a ser intolerante àquilo que não pensa igual a ti e que não age igual a ti. E aí tu perde o princípio básico da umbanda, que é o quê?, tolerância a todos os povos, e a todas as culturas. **<E a todas as práticas...>** E aí tu começa a querer... tu cria dogmas: "ah, se tu não acredita naquilo que eu acredito, então tu já não presta, tua religião já não presta." Então eu acho que a umbanda nunca conseguiu ser codificada exatamente por que existe uma diversidade, não só de culto, mas uma diversidade espiritual, e eles nunca vão... **<Sim, e é um interesse do lado espiritual manter a religião aberta...>** Manter a religião exatamente aberta.

Então tu acha que nunca vai ter essa unificação das práticas, unificação...

Acho que eles podem até tentar...

Não, isso já tentam; isso é tentado desde o início do século...

Existe uma coisa assim: vai seguir aquela teoria do livrinho todo certinho, quem saiu daquele grupo espiritual. Agora, se tu saiu de outro grupo espiritual que não teve acesso a aquilo ali... **<Tu vai fazer de outro jeito.>** Exato. Então eles nunca vão conseguir. Começando, que esse país é muito grande; e se é pra entrar pra uma religião já institucionalizada e codificada não tem por que entrar na umbanda. Aí tu fica nas que já tem, virada em dogmas. **<Que já são redondinhas, prontas, acabadas.>** E que tu não pode questionar, que tu tem que seguir. **<Seguir manual, seguir não sei o quê...>** Então eu acho que o plano espiritual exatamente não quer que seja codificado. Quem quer codificar é o homem, mas eles não querem. Eles não querem, nem eles, porque nenhuma entidade que baixa tenta dizer assim, ó: "ah não, o que tal entidade impôs aqui na terreira, ou implantou na terreira **<Ou em outra terreira...>** tá errado!" Não. "Tal entidade trabalha nesse sistema, mas eu trabalho nesse", e os dois se respeitam.

Então tu vê que elas permitem a liberdade de tu fazer da tua maneira e de outras pessoas fazerem de outras maneiras.

E respeitam aquilo que cada um determinou. Então, se as entidades fazem isso, eles não vão querer a codificação.

Eu fico perguntando sobre isso por que nos livros que têm essa postura de tentar unificar, de tudo mais, que aliás são vários – a grande maioria dos livros de teologia umbandista, de qualquer linha que seja, tentam de alguma forma pregar a unificação, enfim...

Eu acho assim: eles unificarem a umbanda em federações que tragam benefícios pra quem trabalha na comunidade, ótimo.

Sim, mas não é unificar culturalmente a religião.

Exatamente. Mas não unificar culturalmente, e nem criar dogmas que só aquilo tem que ser seguido. Aí eu não concordo.

Mas assim, de certa forma, tem essa postura na maioria dos livros de teoria sobre a religião.

Tem sim senhor, e bastante. **<Eu fico reparando sempre nisso.>** E tentar impor a sua verdade.

E quando alguém faz isso, normalmente usam as suas entidades pra justificar, como se fosse uma postura do astral; eles falam muito nisso, tipo: "escrevi esse livro inspirado por tal entidade, e tal entidade diz que a umbanda tem que ser codificada, e que o caminhar da umbanda é rumo à unificação, ao fortalecimento, não sei o quê..." Mas eu não entendo a não-codificação como fraqueza, bem pelo contrário. <Eu também não.> **Eu acho a maior força de uma religião a capacidade de adaptação, aliás, a maior força de um ser humano é a capacidade de adaptação, e não o endurecimento.**

Eu não concordo com eles, que uma entidade queira que seja...

E eles usam as entidades para justificar isso, e eu fico pensando: mas será que essas entidades realmente pensam isso? E daí, se eu vejo outra entidade que fala o contrário,

que não, como o Ogum me falou na última sessão: "não, a idéia do astral não é que unifique; a idéia é que se mantenha plural". <Claro, e tem que ser.> **Então eu fico pensando: será que no astral se discute isso também? Será que tem uma briga entre as entidades dessas pessoas que querem unificar, e as outras entidades? Ou isso é da cabeça dos caras que estão escrevendo?**

Pra mim, aí já entra a influência da pessoa.

Eu acho que isso já vai mais da cabeça do cara que está formulando isso do que da própria entidade. <Do que a própria entidade.> **Aliás, ou então deve ter um quebra-pau enorme no plano astral, das entidades dizendo "não, tem que codificar" e o outro "não, não tem que..." Senão não faria sentido ouvir de um que tem, e de outro que não tem.**

Olha, eu, até hoje, não vi uma entidade me dizer que queria que codificasse. Pelo contrário, eles são muito da liberdade deles. Cada um tem seu ritual, respeita o ritual do outro, mantém todos dentro do mesmo princípio, mas cada um com sua ritualística diferente, mas com coisas que um tolera e o outro não tolera.

Sim, e isso tu vê até dentro da terreira, por que coisas que tu pode fazer na sessão do Ogum, tu não pode fazer na sessão da Cigana, e vice-versa.

E são entidades que vêm com o mesmo objetivo, mas tem a liberdade de trabalhar conforme sua característica.

Sim, eles entendem e vivem a pluralidade, né? A gente chama de pluralidade de maneiras de fazer a religião. <Interrupção>

Como é... tu que vive essa relação direta com as entidades do astral, que é médium de incorporação, que tem uma abertura de diálogo e de influência direta das entidades na tua vida: como é que tu sente, se é que sente – eu acredito que sim, mas daí eu quero que tu fale sobre isso – a influência delas no teu no teu comportamento, na tua maneira de pensar, até, na tua maneira de... nas tuas práticas culturais, na tua prática de vida, no teu cotidiano? Como é que tu sente a influência delas determinando a tua personalidade, determinando aquilo que tu gosta...

Eu acho que elas moldaram a minha personalidade.

Então tu acha que tem essa influência, que elas vão moldando?

Sim, elas moldaram a minha personalidade e me ensinaram a ter equilíbrio em analisar as coisas, a procurar, muitas vezes, a não me envolver em coisas que não vão me levar a lugar nenhum. **<Isso foi um ensinamento importante...>** Exato. Então eu acho que eles têm uma influência muito grande na minha vida em termos de personalidade, de conduta; ambientes que eles acham que eu não devo ir eu não vou. Então eu acho que a influência deles é muito grande, eles realmente moldaram a... **<Tu sente isso?>** Eu sempre fui uma pessoa de um temperamento bastante braba, irritadiça, e com o passar dos anos, com o trabalhar na religião **<Eles te ajudaram a equilibrar isso...>** eu me equilibrei, eu me tornei uma pessoa tranqüila; eu embrabeço, claro que eu embrabeço, mas eu aprendi a pensar muito antes de falar certas coisas, entende? Talvez até tenha me fechado mais pro mundo, mas eu acho que eles me moldaram muito.

Mas o próprio fechamento pro mundo também é uma influência, se isso acabou te... se eles fizeram isso, é por que...

Tem coisas que, por exemplo, que eu sei que as entidades não gostam que vá, certos ambientes, certas coisas assim... eu não vou.

Que tipo de ambiente, por exemplo?

Ambiente onde tem muita bebida, onde tem muita... **<Energias muito pesadas...>** É, e, por exemplo assim, certos ambientes sociais onde as pessoas, tu sabe que aquilo ali é tudo muito mais falso do que... Então eles dizem que aquele tipo de energia plasma certas coisas em volta de ti, né? Então eu aprendi a não ir, e não sinto falta. Então eu acho que eles têm uma influência muito grande na minha mudança como pessoa.

Sim, na maneira como tu se entende, na maneira como tu escolheu viver...

Na maneira como eu me entendo, como eu vivo, como eu encaro as pessoas, entende? Eles me ensinaram muito o tolerar, aprender a respeitar a opinião dos outros, embora eu possa não concordar com aquilo ali. Mas ouvir certas besteiras e ficar bem quieta. Por que eles sempre me disseram que existe coisas que não tem por que tu querer botar goela abaixo nas pessoas. Tu não vai mudar essas pessoas. **<É gastar pólvora em ximango, como diz...>** Exato. Tu não vai mudar essas pessoas, tu não vai trazer benefício nenhum na tua vida, e não vai te influenciar na tua vida em nada, então não tem por que tu comprar briga, não tem por que tu te exaltar. É aquela história, né? Não vai ter efeito nenhum, nem benéfico nem maléfico, no dia de amanhã teu, então não te envolve. Então isso eles me ensinaram muito, a tolerância, o respeito pelas pessoas, o respeito pela opinião das pessoas, mesmo eu não concordando.

E tu acha que tem, então, essa influência em todo mundo que é ligado à umbanda, por exemplo?

Olha, eu acho que deveria ter.

Mas assim, tu acha que as entidades que acompanham a gente exercem alguma influência na nossa maneira de ser?

Tem. Elas moldam. Conforme o temperamento delas, tu trabalhando muito tempo com elas tu acaba assimilando muita coisa do temperamento delas. Elas te moldam.

Tem influência nos teus gostos...

Tem, até na preferência de roupas, de coisas...

Se tu tem um exu, tu vai ser mais festeiro, vai ser não sei o que...

Tem, isso aí é público e notório.

Que a gente chama de identidade, da maneira como a pessoa se entende mesmo, a subjetividade da pessoa...

Tu te identifica, tu acaba te identificando com aquela entidade, **<Com aquela energia...>** com aquela maneira dela enxergar o mundo, dela agir – tu acaba te identificando.

E isso inconscientemente, na maioria dos casos?

É, inconscientemente, aquilo vai plasmando em ti, tu acaba vivendo. Então por exemplo, quem trabalha com exu, a tendência é ser mais extrovertido, mais alegre, mais assim de gostar de festa, de gostar de junção; já quem trabalha com caboclos de povo d'água já é mais amorosinho, mais parado, entende? Então são coisas assim, que te traz...

E também tem a coisa do arquétipo do próprio orixá, né? Se tu é filho de Ogum, tu tem tal tendência, digamos assim... Pelo menos, isso, o pensamento africanista entende assim, a coisa dos arquétipos...

Tu tem tendência a seguir certas coisas.

É importante, por que o que se pensa sobre identidade hoje em dia é que, entre o povo que estuda identidade... Que eu acabei indo estudar justamente isso, cultura e identidade; foi a linha de mestrado que eu entrei, e nas pesquisas que se tem sobre identidade, que são pesquisas muito ligadas aos movimentos sociais que surgiram depois dos anos 60, tipo feminismo, não sei o que... As maneiras como as pessoas se identificam, afirmação de características culturais, o fato de a gente se afirmar umbandista, o fato de a gente se afirmar, no caso das mulheres, com direitos iguais, essas coisas, eles entendem como sendo discursos criados socialmente – discursos, falas sociais – aos quais as pessoas se apegam, entram naquilo ali e seguem naquele rumo, no rumo daquele discurso. Tipo, existe uma idéia sobre a umbanda, eu gosto dessa idéia sobre umbanda, então eu uso essa palavra "não, eu sou um *umbandista*" pra me vincular a essa idéia que se tem sobre umbanda. Só que no meu entender, na vida de um umbandista e talvez na vida de outros tipos de religiosos e outros tipos de pessoas, e talvez na de todo mundo, tem outras coisas que contam na maneira como tu é, na maneira como tu se entende, que não só essa coisa que a sociedade pensa a respeito de um fenômeno. Tem o lado espiritual todo; pra quem acredita no lado espiritual <A influência dele é muito grande.> **tem essa influência, na maneira como tu se entende, na maneira que tu faz, na maneira do teu comportamento, enfim, tudo isso.** <Tem muito a influência.> **Então pra mim não é suficiente tu dizer que eu só me afirmo umbandista por que tem uma moda entre as pessoas de se dizer umbandista, ou por que hoje em dia é bonito se dizer umbandista, ou por que, enfim, é bonito dizer tal coisa. Eu acho que tem mais do que esse fato.**

Não, tu já tem uma identificação que tu traz até da tua própria personalidade, e a identificação que o próprio mundo espiritual te coloca dentro daquilo ali.

Por que conversando com as entidades a gente ouve falar que a gente tem certas missões, né?, que a gente já vem pra essa encarnação com algumas missões, com alguns papéis a cumprir. <Exatamente.> **Se a gente vem com algumas tendências, com alguns papéis e com a relação com algumas entidades, como eles dizem que é, que a gente já vem com a relação com aquelas entidades já de antes, até, do nascimento, de antes de reencarnar, então não são só escolhas que tu faz durante a tua vida; tem outras influências além das tuas escolhas, das escolhas conscientes, digamos assim.**

E muitas vezes existe escolhas inconscientes que o que te norteia é o mundo espiritual, tu não te dá conta.

Justamente, não é nem uma coisa que te passa pela cabeça, mas tu tá sendo levado por um caminho.

A escolha da gente consciente, é da gente, agora existe aquela coisa da inconsciente, que quando tu vê, é como tu diz: tu traça um plano, e de repente tu vê que esse teu plano vai pra outro lado bem diferente.

Sim, tu é levado por um caminho às vezes que tu não raciocinou para ir por aquele caminho, mas tu foi, e depois, se tu acredita nisso, tu pode descobrir que foi uma influência do lado espiritual.

Exato, que te levou pra aquilo ali por achar que aquilo ali é melhor pra ti.

Sim, o próprio fato de tu te tornar um umbandista, por exemplo: se tu acredita nas coisas que as entidades nos dizem, que tu já tinha essa determinação de ser uma umbandista, uma médium, desde antes, então não foi *só* uma escolha tua de se tornar uma umbandista por que isso era legal, por que isso era bonito...

Nem tive tempo disso.

Exatamente. No teu caso é uma coisa que foi tão automática da tua vida, que nem teve esse tempo.

Sim. E nunca pensei em deixar de ser umbandista. Nunca, assim, e tinha estudado várias religiões e tudo, mas nunca pensei de largar a umbanda, nunca pensei em largar o lado africano. Ao contrário, eu acho o lado africano uma das coisas espetaculares o fundamento que tem, entende? O africano bem estudado é espetacular. <**A força da coisa... Eu acho interessantíssimo também.**> É uma sabedoria de respeito.

E é bonito... Nossa, é tanta coisa que eles trazem; é uma sabedoria tão grande...

É muito simples, e ao mesmo tempo muito profundo, e muito sério.

E muito complexo, também, porque se tu for parar pra analisar em termo de ritualística, em termo de tudo, em termo de prática, em termo de tudo, é incrível...

Em termo de conhecimento; é um conhecimento muito mais profundo do que as pessoas têm noção.

É, exatamente, as pessoas acham que é um oba-oba, às vezes.

E não é.

Claro, tem também o oba-oba generalizado...

Tem, como em todas as religiões, né Bruno?

Claro, mas tem a parte que é realmente feita com seriedade, é lindíssima... eu sou encantado.

Eles têm umas coisas muito lindas.

E, assim, sempre tentei me esforçar pra entender. Inclusive a parte mais *chocante*, assim, que eu venho de uma tradição de gente que valoriza os animais, não sei o quê, e daí depois caí no mundo do africanismo que é onde as pessoas matam animais, aquela

idéia que tu tem: "não, os caras matam animais a sangue frio pra oferecer aos deuses, não sei o quê", parece uma coisa tenebrosa, e na verdade não é. <Não é, é uma troca.> **É uma troca e é uma relação de respeito. Bom, a gente não acha nada desrespeitoso matar oitocentos mil frangos por dia na Sadia lá de não sei aonde, que nem minha irmã matava diariamente – por que agora ela saiu -, ela acha aquilo normalíssimo, mas acha o fim do mundo um cara pegar uma galinha e matar pra dar pro santo, com todo o respeito, com toda a...**

Ela é consagrada, ela é respeitada, ela é bem alimentada...

Nossa, aquela galinha é o auge do bom tratamento e do respeito, da admiração que as pessoas tem.

E depois de sacralizada, ela ainda é usada pra alimento pra comunidade.

Sim, além disso ela não é inútil no termo humano da coisa.

Ela é mais respeitada do que tu carnear uma ovelha. **<Exatamente.>** É que uma vez uma pessoa me reclamou, e eu disse: olha, carnear uma ovelha é um desrespeito dez vezes maior do que matar um cabrito pra um orixá, por que o cabrito passa por todo um ritual, ele é feito todo pro animal não ter sofrimento, ele é alimentado antes, ele é tratado com carinho. **<Ele é reverenciado, é o orixá ali, né?>** Ele é tratado com todo o carinho. Aí uma ovelha vocês pegam, maneiam, e passam a faca. **<Tipo, meio de qualquer jeito.>** Aí nunca mais me disseram nada.

Não que uma coisa seja mais certa, mais errada, nem nada. Mas eu fui aprendendo, eu fui tentando raciocinar nesse sentido.

Mas não é. Se tu for analisar a frieza da coisa, o carnear é mais frio do que o sacrifício animal.

É, exatamente. A princípio eu não gostava. Logo que eu comecei a estudar e lia muito nos livros que a umbanda não podia fazer sacrifício por que sacrifício é absurdo, não sei o quê; e depois comecei a entrar em contato também com o universo do lado mais africanista, que trabalha com os sacrifícios e fui começando a entender, e depois entendi mais ainda, quando entrei mais nesse mundo...

Tu quer ver uma coisa? Dentro da umbanda é considerado absurdo, né?, mas, por exemplo assim, um Ogum das Matas tem ritualística de sangue.

O Ogum das Matas tem?

E faz matança; e a Cigana faz matança, se for preciso numa troca.

Ah, sim, pra um certo trabalho, pra alguma coisa assim?

E Ogum das Matas tem ritualística em linha de Ogum. **<Em linha de Ogum mas vinculado à tradição de nação?>** De nação, africano.

Ele já trabalhou, ele já fez algum trabalho nesse sentido? Um trabalho contigo...

Já. Ele vem como se ele fosse um caboclo como é os caboclos de candomblé.

E é aquela história da Zilméia, a mãe-de-santo da "primeira" casa de umbanda do Brasil <E que mata de vez em quando...> **que mata uma vez por ano um porco. Então como assim? Se a primeira, a casa de umbanda branca mais famosa do Brasil mata porco pra Ogum, como é que não pode matar bicho na umbanda? Que história é essa?**

E interessante que eles matam porco pra Ogum né?, e porco é de Oxóssi.

É, eles matam porco na festa de Ogum; fazem comida e tal, deixam as vísceras vibrando, e depois fazem comida com o resto, bem como os africanistas fazem. Eu achei muito estranho quando eu li aquilo.

Claro, acho que a idéia de não fazer sacrifícios na umbanda, é que não é feito como uma prática normal, uma prática ritualística comum; tem outras maneiras de se fazer as coisas, as magias, e tal, através de outros procedimentos que não necessariamente a matança, mas isso não quer dizer que a matança seja uma prática absurda e condenável e errada e o cúmulo da ignorância e não sei o quê... Que dizer, eu entendo assim; isso é só opinião.

Mas é o que a gente vê.

Mas é uma coisa que partiu depois de eu ter lido ataques fervorosos contra esse lado do africanismo.

É, mas não dá pra gente atacar; não dá por que é muito séria a coisa. É séria, mais séria do que as pessoas imaginam.

Sim, e o próprio fato, por exemplo, de tu, que é uma pessoa que é umbandista, trabalha especificamente com umbanda, enfim, representa, por ser uma umbandista e por ter uma tenda de umbanda, e tudo mais, representa a umbanda – que a gente diz que a parte está no todo, assim como o todo está na parte –, <Sim, representa a religião...> **então na medida que eu estou estudando a tua casa eu estou estudando, também, de certa forma, a umbanda como um todo, e o fato de tu ter formação no batuque também, ter utilizado matança em outras etapas, pra outros rituais, que não são despregados da tua conduta religiosa umbandista, significa que no universo maior, das práticas que estão no universo da umbanda, existe isso.** <Não tem problema. Exato.> **Até por que tem muita gente que trabalha em linha cruzada entre umbanda e batuque.**

Atualmente, no Rio Grande do Sul, acho que a maioria.

É segundo estimativas, oitenta por cento das casas do Rio Grande do Sul são de linha cruzada, dizem.

São de linha cruzada, por que chegou uma época que se criou aquele mito, assim ó: se tu não trabalhasse em umbanda cruzada, tua casa era fraca. É. **<Fraca em termos de magia...>** De magia.Aí o que acontecia? Tocavam pra cima dos outros feito bicho.

É? Teve uma época de rancor, assim, entre casas, e agressões?

Era terrível. Então o que aconteceu? As pessoas começaram a entrar pra nação, e se deslumbraram com o batuque; que o batuque é bonito, bem feito ele é bonito mesmo, e as casas começaram a ficar cruzadas. Então hoje no Rio Grande do Sul, acho que é muito raro...

olha, **<Poucas casas não são cruzadas.>** pouquíssimas casas que não sejam de religião cruzada. Muito poucas.

Ou seja, é um universo em que as fronteiras entre as religiões afro-brasileiras não são muito claras; aliás, não são nada claras. <Nada claras. No Rio Grande do Sul, nada...> **São fluídas... Acho que não só aqui – em todo lugar. Essas fronteiras é uma coisa que eu penso bastante sobre isso. Não consigo enxergar as fronteiras de uma maneira seca, assim, como se fosse uma fronteira de país mesmo, que aqui é uma coisa, e ali é outra coisa. Tipo, nem tem como pensar assim, eu acho...**

Não. E tem muita gente que é de batuque, que acaba trabalhando com caboclos de umbanda. **<Sim, vai trabalhar com caboclos.>** <Interrupção.>

E tu falou agora dos ataques, e tal. Tem algumas histórias de ataques que a terreira tenha sofrido, ou que médiuns dali tenham sofrido, coisa assim?

Não, não. Aqui, só uma vez...

De tocarem pra cima de vocês...

Ah não, pra cima de mim já tocaram umas quinhentas vezes. Gente de batuque já me tocou... já, de filhos de santo da própria casa virem avisar, de terem matado cabrito e botado meu nome na boca do cabrito, isto já...

E como é que acontece isso, quando tem uma magia pro teu lado?

Olha, geralmente quando acontece a Cigana baixa e conta. E revida.

Baixa, conta, e aí é feito alguma coisa pra se defender e pra revidar...

Sim. Ela é da teoria que tu não desmancha trabalho sem tu mandar de volta.

Ah é? Existe essa coisa assim: a magia que foi criada não se dissolve do nada, assim...

Ela diz que não tem como tu destruir se tu não mandar de volta, por que se tu não mandar devolta, tu deixa ela solta no astral... **<Sim, e aí alguém vai se carregar com aquilo.>** E aí a primeira pessoa que tenha alguma fraqueza espiritual corre o risco... **<De se carregar, de se ferrar com aquela magia.>** de se ferrar com a magia sem merecer se ferrar com aquilo ali.

Então, se alguém fez, o mais justo é que a própria pessoa que fez, leve, né?

É. É aquela coisa assim, que eles dizem: se tu sabe fazer, tu tem que saber levantar. Quem sabe tocar tem que saber levantar. É a teoria que eles têm.

Levantar é desfazer ou mandar devolta?

É desmanchar aquilo que foi feito; o momento que tu desmancha **<Tu tem que direcionar pra algum lugar.>** vai direcionado exatamente pra pessoa que fez. Tu já pede pro exu da casa que aquela pessoa que fez, receba. E eu, até hoje, todos que me disseram que fizeram alguma coisa pra mim, receberam mais rápido do que imaginavam. **<Depois se viu que receberam...>** Tinha uma que dizia que ia fechar a terreira, e que ela comia os exus da casa com ovo, que exu de umbanda se comia com ovo. E me falaram, e eu disse: então tu diz pra

ela que eu como o dela, como é de nação, eu como o dela com farofa, e ela sabe por quê. Não deu um mês e pouco, e ela teve que sair corrido de Santiago, de abandonar a casa e abandonar tudo; abandonou até os santos do quarto, ficou tudo aí.

E isso, o que te garante na segurança é a firmeza dos teus exus? É a maneira, a seriedade, digamos assim, do trabalho não só com os exus, mas também com as outras entidades? Tipo, o que te garante? É a tua seriedade, o que é?

Eu acho que é a minha seriedade e a fé que eu tenho neles, entende? **<Sim, a fé é importante, também.>** Eu entrego pra eles. Eu sempre digo assim: eu não acendo uma vela pra derrubar ninguém; agora, se eu acho que estão me prejudicando, eu chego – sempre fiz isso – me ajoelho na frente do altar e ó: se eu merecer o que está vindo, que derrubem em cima de mim, agora se eu não merecer, vá pra quem mandou. Mas não acendo uma vela. **<Pra devolver... só pede que devolvam...>** E as entidades que se encarreguem. E eles nunca falharam fogo pra mim, Bruno.

Elas que sabem o que é justo e o que não é.

Exatamente. Por que o momento que tu pede: eu quero que arrebente com a vida de fulano, com ciclano, tu está cometendo um erro violento. E eu acho que aquilo que tu não quer pra ti, tu não deve desejar pros outros.

Sim, a máxima, então, é essa; o princípio é esse... A máxima do início é essa: não toca pra cima se tu não deseja que toquem pra cima de ti. <Exato.> **Agora, se tocaram pra cima de ti,** <Eu vou me defender.> **as coisas tem que ter algum rumo, né...**

Exato, eu peço pros exus da casa que eles tomem uma atitude, façam alguma coisa. Agora, eu acender vela, eu pagar isso, pagar aquilo, matar galinha, como saem fazendo por aí, eu não faço. Acho um desperdício. **<Claro, pra ir atrás de outros...>** Verdade, acho desperdício. Acho que o mundo espiritual não tem... acho que o mundo espiritual tem coisa mais importante do que ficar se envolvendo em picuinha de gente ignorante, por que isso pra mim é coisa de gente ignorante. Então eu acho que tem tanta coisa bonita pro mundo espiritual fazer, aí eu vou invocar uma entidade pra tocar pra cima de outro? **<Sim, tomar o tempo de uma entidade pra ficar de birrinha...>** De frescurinha, eu não. Acho que respeito é bom, e eles merecem.